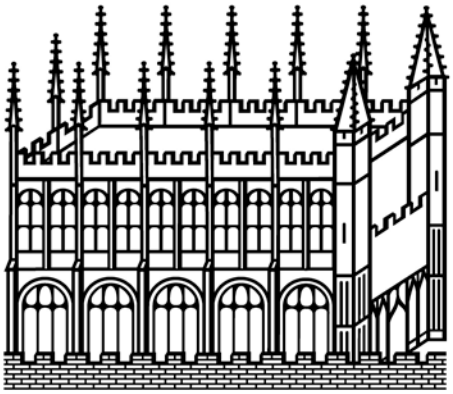


Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

Labyrintho
of
Crord
Nerd

N.º de Registo 4764
Estante
Prateleira 4
N.º de Ordem 13

EX LIBRIS

S. SCHWARZ

464 bis/8 bis 2 - H-45

LABYRINTHO
DE
CRETA,
OPERA,

QUE SE REPRESENTOU
no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Novembro de 1736.

TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
1 MAY 1971
OF OXFORD
LIBRARY

ARGUMENTO.

SUccedendo matarem os Athenienſes em hum torneyo a Androgeo, filho de Minos, Rey de Creta, eſte para vingar a morte do filho, depois de reduzir a Athenas à ſua obediencia, como vencedor lhe impoz hum rigoroſo tributo, de que lhe pagaria todos os annos ſete mancebos, que ſeriaõ ſorteados, por naõ haver excepçaõ na qualidade das peſſoas, de cujo feudo ſe alimentava o Minotauro, que exiſtia no Labyrintho fabricado por Dedalo. Cahio aquelle anno a ſorte ſobre Tezeo, Principe de Athenas, que ſendo para eſſe effeito conduzido a Creta, o intentaraõ com induſtrias libertar Fedra, e Ariadna, filhas do meſmo Minos. Até a ſahida de Creta logrou Ariadna as primeiras eſtimaçõens em Tezeo, ainda que ao depois preferiſſe a Fedra, deixando a Ariadna em huma deſerta Ilha; porém como ſó tratamos neſta Obra dos ſucceſſos de Tezeo em Creta, por eſſa razaõ ſe manifeſta a Tezeo mais amante de Ariadna, que de Fedra.

O motivo, que ſe toma para o entrecho da preſente Obra, he o conſiderar-ſe a Tezeo já devorado pelo Minotauro, e ſendo reputado por morto, manter-ſe eſte engano até o fim, triunfando do furor do Minotauro, do enleyo do Labyrintho, e das iras de Minos.

IN-

INTERLOCUTORES.

Tezeo,	*Principe de Athenas, amante de Ariadna.*
Minos,	*Rey de Creta.*
Lidoro,	*Principe de Epiro, amante de Ariadna.*
Tebandro,	*Principe de Chypre, amante de Fedra.*
Dedalo,	*Barbas.*
Licas,	*Embaixador de Athenas.*
Ariadna, *Fedra*,	*Filhas del Rey Minos.*
Taramella,	*Criada de Ariadna.*
Sanguixuga,	*Velha, criada de Fedra.*
Esfuziote,	*Gracioſo, criado de Tezeo.*
Soldados.	

A Scena ſe figura em Creta.

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Boſque, e Marinha.*
II. *Templo de Venus, e Cupido.*
III. *Camera.*
IV. *Gabinete.*
V. *Salla Regia.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Camera.*
II. *Labyrintho.*
III. *Salla.*
IV. *Gabinete com eſpelho.*
V. *Salla de columnata.*
VI. *Labyrintho.*
VII. *Boſque, e Marinha.*

PARTE I.

SCENA I.

Boſque, e Marinha, e haverá no lado do Theatro huma gruta, e depois de ſe ver no mar huma armada fluctuando com tempeſtade, ſahiraõ por junto da marinha Tezeo, e Eſfuzio-te, tropeçando, e cahindo em terra ſem ver hum ao outro.

Tezeo. VAlha-me o Ceo! *Cahe.*
Eſfuz. Valha-me a terra! *Cahe.*
Tezeo. Haverá, como eu, homem mais infeliz?
Eſfuz. Haverá infeliz mais homem, do que eu?
Tezeo. Pois parece, que conjurados os Deoſes, os fados, e os elementos contra mim, nem nos Deoſes acho piedade, nem nos fados fortuna, nem nos elementos abrigo.
Eſfuz. Pois a pezar dos ventos, das ondas, e Tubarões me vejo ſaõ, e ſalvo, neſta praya.

Tezeo.

Tezeo. Mas ay, infelices companheiros
ſe naufragantes neſſe golfo tiveſtes
criſtalina, mais liquido monumen
minhas lagrimas erijo a voſſas men
para que lea a poſteridade nos Cen
de meus ſuſpiros a voſſa lembrança
meu agradecimento.

Esfuz. Ora bom he contar da tormenta
melhor he eſtar pingando neſta
feito chafariz da praya, do que ſe
te da pipa em vaza barris.

Tezeo. A eſta deſerta praya me conduzi
minhas infelicidades, adonde ate
alivio me falta, a communicaçaõ c
ventes: mas que vejo? Tu naõ es
ziote?

Esfuz. E vós, Senhor, naõ ſois Tezeo

Tezeo. Tal eſtou, que naõ ſey quem
mas dize-me, como indo a pique o
navio te pudeſte ſalvar?

Esfuz. Porque ſempre fiz boas obras.

Tezeo. Já te julgaya morto entre as on

Esfuz. Senhor, a minha fortuna eſtev
achar huma ancora, a que me ag
e ſobre ella vim boyando, até dar
go neſta praya, donde tenho a f
de te ver, pois tambem entendi
a eſtas horas cuberto de limos, e
mujos.

Tezeo. Para que, ſoberanas Deidades, defendeſtes a vida de hum infeliz? Para que propicias me livraſtes deſſe ſalóbre marinho monſtro das aguas, ſe quando me redemis da morte, he ſó para perder a vida?

Esfuz. Eis-aqui o que eu naõ aturo: de ſorte, Senhor, que quando te vias na tempeſtade, tudo eraõ votos, lagrimas, e promeſſas, e agora ingrato contra o Ceo, depois, que te vês em terra firme, accuſas a piedade dos Deoſes, que te livraraõ? Ora, Senhor Tezeo, ponhamo-nos de joelhos, e com a boca na arêa eſcrevamos com a lingua louvores a Bacho, que nos livrou de bebermos agua ſalgada.

Tezeo. Deixa-me, Esfuziote, precipitar-me outra vez neſſas ondas, para que com eſte arrojo emmende o erro dos fados.

Esfuz. Iſſo he fallar.

Tezeo. Pois tu ignoras o meu valor? Naõ ſabes, que ſou Tezeo?

Esfuz. Eu bem ſey, que he o valeroſo Tezeo, Principe de Athenas, cujas façanhudas obras fizeraõ, com que a fama deixaſſe o clarim, para ficar com a boca aberta: item ſey, que he aquelle Tezeo companheiro de Hercules, que tem morto mais

gente,

gente , do que eu piolhos ; porém , *ſalva pace* , ainda me naõ conſta , que algum dia fizeſſes a heroica acçaõ de te lançares ao mar , e morrer affogado.

Tezeo. Pois para que o vejas , e contes ao Mundo , que Tezeo , como valente , e Eſtoico , antes que ignominioſamente perca a vida , procura ſepultar-ſe neſſe monumento de criſtal. *Faz que ſe lança ao mar.*

Esfuz. Tenha maõ , Senhor ; veja que aquillo naõ he criſtal , ſaõ aguas vivas , que mataõ a gente : ora perſuado-me , que na tormenta fizeſte algum voto de morrer affogado.

Tezeo. Deixa-me , Esfuziote , ſer piedoſo eſta vez comigo.

Esfuz. He boa obra pia querer matar-ſe a ſi meſmo !

Tezeo. Para que quero eu viver ?

Esfuz. Para viver ; e he taõ pouco ? Pois em quanto o páo vay , e vem , folgaõ as coſtas.

Tezeo. Ay miſero de mim !

Dent. Dedal. Ay infeliz !

Tezeo. Naõ ouviſte , Esfuziote , huma funeſta voz ?

Esfuz. Eu bem a naõ quizera ter ouvido ; nem ouvidos neſta hora ; ay Senhor , que ſerá iſto ?

Den-

Dentr. Ao boſque, à ſelva.

Dentr. Ariad. Adonde te eſconderás, cerdoſo bruto, do accelerado furor das minhas ſettas.

Tezeo. Venatorias vozes ſaõ as que agora ouvi!

Esfuz. Aqui valerá mais a caça groſſa do que a fina.

Tezeo. Em que Paiz eſtaremos?

Esfuz. Pois ſempre cuidey, que eſtavamos em alguma deſerta praya, em que ſómente reyna o birbigaõ com a ajuda das ameijoadas.

Canta-ſe dentro o ſeguinte Coro.

Chegay, moradores de Creta, chegay,
Offerecey, dedicay
A victima pura de huma alma rendida
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Tezeo. Eſpera: naõ ouves ao longe ſonoras vozes de feſtivos hymnos?

Esfuz. Já que ſuppões, que eu ſou ſurdo, quero tambem imaginar, que es cego: naõ vês deſcer por aquelle monte huma formoſa tropa de balhadeiras?

Tezeo. Que variedade de affectos ao meſmo tempo admiro neſta, que julguey barbara, e toſca montanha! Que te parece iſto?

Esfuz.

Esfuz. Se o noſſo Navio apportaſſe em Creta, para donde levava direito o rumo, diſſera, Senhor, que eſtavamos em o Labyrintho de Creta.

Tezeo. Oh naõ me falles em Creta, que naõ foy pequena fortuna o naõ eſtarmos nella; mas affirmo-te, que naõ poſſo penetrar o motivo de taõ differentes, e diſcordes vozes; pois quando da cavernoſa boca daquelle rochedo ouvi o funeſto ecco, que dizia. . . . .

Dentr. Dedal. Ay miſero de mim! Ay infeliz!

Tezeo. E ao meſmo tempo eſcutar o vago eſtrepito de venatorias vozes, proferindo confuzas. . . . .

Dentr. Ao monte, à ſelva, tó, tó.

Tezeo. E iſto acompanhado da ſonora melodia de acordes acentos articulando alegres.

Canta o Coro.

Chegav, moradores de Creta, chegav
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Esfuz. Senhor, façamos aqui ponto de admiraçaõ, que as Ninfas já ſe vem apropinquando.

Tezeo.

Tezeo. Pois occultemo-nos neſta gruta, ſó por ver iſto no que pára.

Esfuz. Vá feito; mas a meu ver, iſto naõ pára aqui.

Eſcondem-ſe na boca da gruta, e ſahiráõ humas Ninfas dançando ao ſom do Coro, e ſahem Sanguixuga, Taramella, e Fedra, e canta o Coro.

Chegay, moradores de Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Sang. Anda, rapariga, naõ te treſmalhes, e te percas por eſſes montes.

Taram. Ay tia, que já vou muy canſada!

Esfuz. Se quizer deſcançar, e fazer penitencia comigo neſta cova, naõ faça ceremonia, entre cá para dentro.

Taram. Ay minha tia, que me fallaraõ daquella cova! *Vay-ſe.*

Sang. Foge, Taramella, que ſerá algum Satyro ſalvage. *Vay-ſe.*

Esfuz. Senhor, naõ ſabe, que traveſſos olhos ſaõ os daquella boginica!

Tezeo. Attende, e naõ falles.

Sahe Fedra.

Fedra.

Fedra. Naõ ceſſem , Ninfas , os reverentes cultos , que em armonioſos hymnos dedica o noſſo affecto às Deidades de Venus, e Cupido , por ver ſe com a noſſa melodía ſe applaca o ſeu furor.

Tezeo. Viſte mais peregrina formoſura ?
Esfuz. Attenda , e naõ falle.
Fedra. Proſegui o acorde ſacrificio de noſſas vozes , dizendo :

Sahe Tebandro.

Teband. Galharda Fedra , para que te fatigas em ſobir a eſſe elevado Templo de Venus , e Amor , ſe aqui neſte lugar acharás as Deidades , que procuras ?

Fedra. Principe , naõ vos entendo.
Teband. Naõ buſcas a Venus , e Amor ?
Fedra. Eſſe he o meu reverente intento.
Teband. Pois ſe buſcas a Venus , outra mais bella ſe admira em tua formoſura ; e ſe quieres amor , procura-o em meu peito , que nelle o acharás.

Fedra. Naõ he eſſe o amor , a quem eu ſacrifiço.

Teband. Talvez que foſſe bem empregada a victima deſſe affecto nas aras deſte amor , que ſem a impropriedade de cego , tem mais

mais olhos, do que Argos, para admirarte, e mais chammas, que o Veſuvio para abrazarme; admitte, pois. . . . . .

Fedra. Baſta, Tebandro, baſta Principe de Chipre; ſe me julgais Deidade, naõ queirais ſacrilego ultrajar o meu decoro com taõ improprios ſacrificios, que mais offendem, do que applacaõ.

Tezeo. Hirey impedirlhe naõ paſſe a mais o ſeu atrevimento; pois antes de ter amor, já ſinto zelos.

Esfuz. Uy Senhor, voſſa merce he o guarda damas? Deixe à gente fazer o ſeu amor; *quod tibi non vis, alteri non facias.*

Teband. Senhora, ſe atrevido o meu rendimento chegou. . . . .

Fedra. Naõ mais, Principe, naõ mais: mas ay de mim, que já as Ninfas do Coro vaõ muy diſtantes! Vou-me em ſeu ſeguimento. *Vay-ſe.*

Teband. Ay de mim, que Fedra cruel contra o meu amor accelerada ſe auſentou! Porém ſe te apartas, tyranna, por naõ ouvir as minhas vozes, o meſmo vento, que te deu azas para a fuga, te levará os eccos dos meus ſuſpiros.

Canta Tebandro a ſeguinte.

ARIA.

Se foges, tyranna,
De ouvir meus ſuſpiros,
Suſpende os retiros;
Porque de meus eccos
Naõ pódes fugir.
Oh quanto te enganas
No mal, com que abrazas,
Se amor, que tem azas
Te ſabe ſeguir! *Vay-ſe.*

Sahem Tezeo, e Esfuziote da gruta.

Tezeo. Oh quanto me arrependo, Esfuziote, de naõ haver ſahido da gruta, para admirar de mais perto aquella ſoberana belleza, e caſtigar a temeridade daquelle atrevido Faetonte, que intentou dominar as luzes de tanto Sol!

Esfuz. Tudo quanto os Deoſes fazem, he por melhor.

Dentr. A' ſelva, ao boſque.

Dentr. Ariadn. Deoſes, valey-me; quem me ſoccorre!

Tezeo. Daquelle viſinho boſque naõ ouviſte ſentidas, e afflictas vozes de huma mulher?

Esfuz.

Esfuz. Senhor, eu naõ ſey, que nas vozes haja macho, e femea.

Dentr. Ariad. Deoſes, valey-me!

Tezeo. De mulher he a voz, naõ ha duvida; em que me detenho, que naõ vou a ſoccorrella? *Quer irſe.*

Dentr. Dedal. Ay miſero de mim!

Dedal. e *Ariad.* Ay infeliz!

Tezeo. De huma meſma cauſa parece naſcem taõ differentes vozes a qual das duas acodirey primeiro?

Esfuz. Eu, Senhor, aqui naõ tenho voz activa, nem paſſiva.

Dentr. Ariad. Naõ ha quem me ſoccorra?

Tezeo. Sim ha. *Vay-ſe.*

Esfuz. Ah Senhor, eſpere, naõ me deixe aqui ſó em poder deſt'outra voz, que ſou capaz de ficar ſem falla.

Sahe Tezeo com Ariadna deſmayada.

Tezeo. Que eſtranho ſucceſſo! Que venturoſo acaſo! Pois a naõ ſer eu, ſeria eſta infeliz belleza deſpojo da ferocidade de huma féra!

Esfuz. He féra deſgraça! He féra belleza! He féro deſmayo.

Tezeo. Belliſſima Deidade, ceſſe o violento

eclypſe de teus rayos, que os Aſtros dependentes das tuas luzes naõ pódem brilhar, quando desfaleceis.

Ariad. Monſtro feroz, e indomito: mas ay de mim, que vejo!

Tezeo. Socegay, Senhora, que eu naõ ſou a féra, que vos quiz offender.

Esfuz. Nem eu taõ pouco.

Tezeo. Que extaſis vos ſuſpende os alentos? Ainda naõ credes, que ſou quem vos defende, e naõ quem vos offende?

Ariad. Como ignoro o modo de agradecer taõ generoſa acçaõ, que muito me faltem as vozes, e me ſobrem as admirações?

Tezeo. Huma caſualidade naõ he digna de agradecimento; mas já que o deſtino me conciliou a fortuna de ſer eu o ditoſo inſtrumento da voſſa vida, quizera vos compadeceſſeis da minha, que em parociſmos já quaſi falece às mãos de huma doce violencia.

Ariad. Eu vos prometto defender a voſſa vida, já que tanto me encareceis o ſeu perigo; e aſſim dizey-me, qual he o delicto, que vos obriga a viver foragido entre eſſas brenhas? Que gentil preſença! *à p.*

Tezeo. Senhora, ſendo vós a culpada, eu he que ſou o delinquente.

Ariad.

Ariad. Naõ entendo eſſe novo modo de criminar.

Tezeo. Dáy-me licença, que me explique?

Ariad. Dizey.

Esfuz. Eylo-ahi meu amo namorado! Eſtamos bem aviados! *à part.*

Tezeo. Eſſa animada eſféra de belleza, que em atractivos incendios, ſendo luminoſo iman de meu peito, foy luzida remora de meu alvedrio, que perdendo eſte a natureza de livre, ſe conſidera prezo, para augmentar os deſpojos no carro do amor.

Ariad. Que he amor? Eſtais louco? Adverti, que o ignorares quem eu ſou, e o achar-ſe obrigada a minha vida ao voſſo braço, faz com que reprima o caſtigo deſſa temeridade: oh dura ley do decoro; pois me hey de offender do meſmo, que me agrada! *à part.*

Esfuz. Toma lá eſſe piaõ na unha; ainda bem, quanto folgo! *à part.*

Tezeo. Notavel he o voſſo rigor!

Ariad. Mayor he o voſſo atrevimento: oh que eſpirito digno de animar o peito de hum Principe! *à part.*

Tezeo. Já que a voſſa tyrannia he igual à voſſa belleza, permitti ao menos, que vos ame cá dentro em meu peito, para que

os

os fumos da victima naõ eſcureçaõ as luzes da voſſa Divindade.

Ariad. Para iſſo naõ he neceſſario licença minha, que naõ poſſo impedir os effeitos do alvedrio.

Tezeo. Viſto iſſo, poderey, amando comigo, eſperar ſer ditoſo algum dia?

Ariad. Bem podeis eſperar; porém ſem eſperança: valha-me amor, ou naõ me valha, pois me quer precipitar! *à part.*

Tezeo. Deſenganay-me, Senhora; para que ou com a eſperança ſe alente o meu amor, ou acabe a minha vida na deſeſperaçaõ.

Ariad. Naõ ſey o que vos diga: vou-me, antes que a lingua obedeça aos impulſos do coraçaõ. *Quer irſe à part.*

Tezeo. Sem darme reſpoſta, naõ he razaõ, que vos vades; já que abateſtes os voos ao meu amor, deixay ao menos voar a minha eſperança.

Esfuz. Senhor, olha que te deitas a perder no que pedes; pois ſe queres, que voe a tua eſperança, ficarás ſem ella.

Tezeo. Deixa-me, louco: dizey-me, Senhora, ſerey feliz?

Ariad. Eu volo digo.

Canta Ariadna a ſeguinte ARIA.

ARIA.

Douś finos affectos
Neſta alma conſervo:
Hum delles reſervo,
Se he amor, ou piedade,
Dizello naõ ſey.
Porém ſe no extremo
Porfias conſtante,
Affecto de amante
Que ſeja, farey. *Vay-ſe.*

Tezeo. Eſpera, eſquiva Deidade; ſe queres correr mais ligeira, deixa o alvedrio, que me levas, e leva as penas, que me deixaſte.

Esfuz. Entendo, que ſe agora viera outra Ninfa, terceira vez te namoravas?

Tezeo. Ay, Esfuziote, que me ſinto abrazar em vivo fogo.

Esfuz. Pois lança-te agora ao mar, que he boa occaſiaõ; mas dize-me, Senhor, quando viſte a Fedra, naõ querias matar ao Principe de Chipre com zelos della? Pois como taõ depreſſa te queres matar a ti pelo amor deſta Senhora caçadora?

Tezeo. Naõ injuría ao Sol quem, antes de o ver, adorou huma Eſtrella; porém depois de viſto o ſeu reſplendor, ſeria aggravo de ſuas luzes, naõ preferilla s a todos os aſtros. *Esfuz,*

Esfuz. Vês, Senhor? Se eu te deixara lançar ao mar, como querias, naõ tiveras viſto agora tanta formoſura; naõ te arrebataras; naõ te namoraras; naõ te abrazaras, e....

Tezeo. E naõ te matara tambem; pois ſe me naõ impediras lançar-me a eſſas aguas, naõ ſentira agora eſta violenta chamma de amor; e pois tu es a cauſa deſta violencia, ſentirás parte do eſtrago, que me arruina. *Dá-lhe.*

Esfuz. Ay Senhor, para que me dá agora eſſe Esfuziote? Deixe por hora eſſes namoricamentos, lembre-ſe, que o eſpera a devorante goella de hum Minotauro.

Tezeo. Ainda por iſſo duplícas mais a tua culpa, pois com o precipicio do mar eſcuzara ſentir as furias deſtes monſtros de amor, e Minotauro: ay tyranno Esfuziote, que me privaſte do mayor bem, que era o morrer!

Esfuz. Uy Senhor, naõ ſeja eſſa a duvida, ſe ſó por huma cauſa te querias matar, agora que tens duas, toma duas mortes.

Dentr. Dedal. Acabem-ſe já por huma vez tantos pezares; rebente a mina, unica idéa do meu deſafogo.

Esfuz. Ay Senhor, que alli ha mina! Vamonos a ella; ay! Mina temos? Grande fortuna me eſpera. *Ao*

Ao irſe chegando Esfuziote para dentro da gruta, rebenta eſta com eſtrondo, e labareda, e ficará Esfuziote ſubmergido debaixo das ruinas, das quaes ſahirá Dedalo.

Esfuz. Ay quem me acode, que dey à coſta na mina!

Tezeo. Que horrendo eſtampido! Parece que a terra preſaga da minha ruina em eſtragos publíca a minha deſgraça.

Sahe Dedalo.

Dedal. Valha-me o Ceo!

Tezeo. Que foy iſto, Esfuziote? Levanta-te: mas que novo eſpectaculo ſe offerece à minha admiraçaõ! Quem es eſpantoſo aborto deſſa penha?

Dedal. Sou hum miſero infeliz, e taõ deſgraçado, que a terra ſendo mãy commua para todos, a mim de ſi me arroja, como madraſta.

Esfuz. Senhor Tezeo, reſuſcite-me deſta eſpelunca, adonde eſtou enterrado.

Tezeo. Eſperay, naõ vos vades, em quanto vou acodir a eſte pobre criado, que jaz opprimido debaixo da ruina daquella gruta.

Esfuz.

Esfuz. Ande depreſſa, Senhor, que eſtas pedras me naõ edificaõ muito.

Tezeo. Ergue-te, anda; he bem feito para caſtigo da tua ambiçaõ: quem te mandou ir ver a mina?

Esfuz. Porque, taõ fraca he a minha ambiçaõ que tiveſſe pavor de chegar a eſſa mina? Mas ay de mim, que eſtou minado de dores, e tomara alguma contramina, que me ſaraſſe os oſſos!

Tezeo. Homem, quem quer que es, communica-me a cauſa das tuas penas, pois ſegundo o arrojo, que intentaſte, parece naſcida de algum extraordinario motivo.

Dedal. Se ſuppoens extraordinaria a cauſa deſte exceſſo, como poſſo fiar de ti a narraçaõ de meus ſucceſſos, ſem ſaber com quem fallo, pois no ſilencio conſervo a minha vida? E aſſim ſabendo primeito quem tu es, entaõ ſaberás quem eu ſou.

Esfuz. Eſte ſem duvida he aquelle Senhor da voz groſſa, que nos metia medo.

Tezeo. Para que vejas, que a minha curioſidade he ſincéra, quero dizer-te quem ſou, para que da minha peſſoa poſſas inferir, que ſou capaz de ſer inſtrumento da tua felicidade. Depois, que os Athenienſes barbara, e aleivoſamente em hum torneyo ma-

mataraõ ao Principe Androgeo, filho de Minos, Rey de Creta, eſte juſtamente indignado contra os Athenienſes, fazendo huma liga offenſiva com os Principes do Archipelago, ſe lançaraõ ſobre Athenas, para reſuſcitar com o eſtrepito das armas o marcial eſpirito de Androgeo. Tres annos eſteve Athenas cercada, e reduzida à ultima miſeria; até que para ſalvar os proſtrados fragmentos de tantas vidas, que enormes pereciaõ a violencias da fome, e da corrupçaõ, levantando-ſe o povo tumultuariamente, capitularaõ com ElRey Minos, offerecendo-ſe à ſua diſcriçaõ.

Esfuz. Tudo aquillo me contava minha Avó.

Tezeo. O barbaro Rey, vendo que de huma vez naõ podia beber o ſangue dos Athenienſes, impoz o rigoroſo tributo, de que todos os annos pagaſſe Athenas ſette mancebos para alimento de hum monſtro, que chamaõ Minotauro, que dizem habita dentro em hum Labyrintho.

Dedal. Ay de mim!

Tezeo. Que? Suſpiras?

Dedal. Proſegui, que os meus ſuſpiros naõ ſaõ ſem fundamento.

Tezeo. Era pois a fórma deſte tributo ſem excepçaõ de peſſoa alguma por mais ſoberana,

berana, que foſſe; para o que todos em huma urna lançavaõ os ſeus nomes, e por ſorte ſe tiravaõ ſete mancebos, que ſe enviavaõ para Creta a ſerem combuſtivo feudo de Minotauro.

Esfuz. Se iſto naõ eſtivera em letra redonda, haviaõ de dizer, que era mentira.

Tezeo. Eſte anno (ay infeliz!) entre os ſete do tributo fuy eu hum delles, que nem o naſcer filho delRey de Athenas, e ſer o valeroſo Tezeo, bem conhecido no Mundo pelo meu valor, foy baſtante para iſentar-me deſte tributo, para o que, preparada huma armada, vinha-mos para Creta, em cuja viagem os ventos, naõ ſey ſe propicios, ou indignados, depois de ſer ludibrio das ondas, deſpedaçando o noſſo baxel, ſem duvida pereceera, ſe huma taboa delle naõ fora o Delfim de minha vida, que piedoſo me conduzio a eſtas prayas, ſem ſaber aonde eſtou. E pois já te tenho ſatisfeito, fia agora de mim os teus ſuceſſos, para que aches em minha generoſidade o favor, que as tuas miſerias eſtaõ conciliando.

Esfuz. Vejamos agora, o com que ſe deſcarta eſte barbado.

Dedal. Quando eu me conſiderava o mais deſgra-

deſgraçado de todos os homens, acho que ha outros, que naſceraõ com mais infeliz eſtrella.

Tezeo. Explica-te, naõ me tenhas ſuſpenſo.

Esfuz. Vamos, Senhor, diga alguma couſa, ainda que ſeja huma fabula.

Dedal. Eu ſou, generoſo Principe, o infeliz Dedalo, aquelle, que por ſuas extraordinarias maquinas, e ſublimes invençõeſ ſe tem feito conhecido por todo o Mundo.

Tezeo. Baſta que ſois aquelle celebre Dedalo, cujas artificioſas idéas tem merecido os elogios do Orbe? Naõ ſabeis quanto me alegro ver hum homem taõ grande.

Esfuz. Baſta que voſſa merce he o Senhor Dedalo, padre meſtre das minas a pezar do meu corpo? Ay, eſpere; voſſa merce naõ he o pay do Senhor Icaro?

Dedal. Tu conheceſte a Icaro, meu filho?

Esfuz. Eu naõ, Senhor, mas lembra-me de o ver pintado com humas azas, que cahindo em hum rio, ſe foy como hum paſſarinho.

Tezeo. Cal-te, neſcio; proſegui, Dedalo.

Dedal. Proſigo: Vivendo eu na Corte del-Rey Minos de Creta, com a eſtimaçaõ, que mereciaõ as minhas raras idéas, ſuccedeu,

cedeu, que Venus indignada contra o Sol, que em certa occaſiaõ patenteou as ſuas torpezas, naõ podendo vingarſe em ſuas luzes, pedio a ſeu filho Cupido, que contra a Rainha Pazife fulminaſſe o ſeu rigor, fazendo Cupido a inſtancias de Venus, que Pazife ſe namoraſſe de hum Touro.

Esfuz. De hum Touro? Teve muito bom goſto a Senhora Patife.

Dedal. Pazife combatida de taõ torpe, e nefando amor, pedio-me, que lhe deſſe remedio a taõ louco incendio, em que ſe abrazava, fazendo com alguma maquina minha, com que ella pudeſſe lograr o ſeu intento, antes que a ſua cegueira produziſſe olhos, que viſſem publicamente eſta nunca viſta temeridade de Cupido; eu em fim por eſcuſar mayor eſcandalo, me reſolvi a fabricar huma Vaca, com tanto artificio, que a penas ſe diſtinguia das outras viventes; pois no movimento, e aſpecto, parece quiz eſta vez competir a arte com a natureza.

Esfuz. E eſſa Vaca havia de ſer deleite para Pazife.

Dedal. Fabricada aſſim a Vaca, por huma eſcotilha, que nella fiz, ſe introduzio Pazife,

zife, em cuja figura artificioſamente tranſformada foy facil enganar ao Touro, a quem amava; o de mais calla o ſilencio, porque ſenaõ offenda a modeſtia.

Esfuz. Sim, bem entendo; ſim, Senhor; o Touro, e a Vaca, &c.

Dedal. Deſte nefando amor naſceu hum monſtro de duas eſpecies, pois era meyo homem, e meyo Touro, por cuja cauſa o chamaraõ Minotauro.

Esfuz. Deſſes monſtros ha muitos no Mundo.

Tezeo. Ay Dedalo, que tu foſte a occaſiaõ da minha deſgraça!

Dedad. E tambem da minha: ora attende: vendo Minos naquelle monſtro a ſua perpetua infamia, me ordenou, que para morada delle fabricaſſe hum eſtupendo, e grande Palacio, com taõ equivocas entradas, e ſahidas, que quem nelle ſe introduziſſe, naõ pudeſſe atinar com a porta, para ſahir, ficando prezo na ſua meſma liberdade; que por eſte enredado artificio ſe chamou o Labyrintho de Creta.

Tezeo. Segunda vez te conſidero artifice de minhas infelicidades.

Esfuz. Que direy eu, que tenho o corpo eſparramado?

Dedal. Em fim, como naõ ha couſa, que ſe-

naõ

naõ ſaiba, quiz a minha deſventura, que chegaſſe à noticia delRey Minos, que eu tinha cooperado para o naſcimento do Minotauro, por cuja cauſa me mandou encerrar no meſmo Labyrintho, que eu fabriquey, na parte mais inferior delle, adonde a minha induſtria, e deſeſperaçaõ, fez com que minando com ardentes materiaes as entranhas da terra, ſahiſſe deſſa gruta, como viſte.

Tezeo. Viſto iſſo, eſtamos em Creta, e às portas do Labyrintho?

Esfuz. E às portas da morte: Ora o certo he, Senhor, que donde has de ir, naõ has de mentir; por iſſo, tanto que eu puz os narizes em terra, logo me cheirou a Labyrintho.

Tezeo. Ninguem póde iſentarſe da violencia dos fados.

Dedal. Principe, já que neſte boſque de ninguem foſtes viſto, eſcondey-vos neſta meſma mina, até que tenhais occaſiaõ de fugir da morte, que vos eſpera.

Tezeo. Que quer dizer fugir? He acçaõ, que nunca exercitey; que dirá o Mundo, ſe ſe diſſer, que Tezeo fugio da morte, e que o acovardou hum monſtro, quando tantos tenho vencido?

Esfuz.

Esfuz. Naõ tem, que ſe canſar, que eſte Senhor anda morto por ſe matar.

Dedal. Como vos naõ quereis eſconder, e certamente haveis de ir parar ao Labyrintho, eu por acompanhar-vos nelle, me reſolvo a ſer outra vez habitador da ſua confuſaõ, para que ao menos com a minha induſtria poſſais vencer eſſe monſtro, e vingarmo-nos deſſe tyranno Rey, que à voſſa Patria, e a mim tanto offende.

Tezeo. O' Dedalo, eu te prometto, que ſe entro em Athenas triunfante, ſerás em minha Corte premiado, como merece taõ generoſa acçaõ.

Dedal. Pois a Deos, Principe, que lá te eſpero. *Torna a irſe pela gruta.*

Esfuz. A Deos, Senhor Dedalo, voſſa merce faça muito boa jornada.

Tezeo. Adverte, Esfuziote, que ſe revelares o que ouviſte, ſerás caſtigado por ElRey meu pay, pois o braço de hum Rey chega a toda a parte; e ſe fores fiel, e eu tiver a fortuna de vencer eſte monſtro, te prometto hum premio igual à tua lealdade.

Esfuz. Senhor, nem todos os criados haõ de ſer lambareiros; peça a Deos, que me tenha maõ na lingua, que eu da minha

parte farey o que puder, ainda que me cuſte.

Sahe Licas Embaixador.

Licas. Ay Tezeo, que infeliz ventura foy a minha! Pois quando te julguey naufragante neſſas ondas pela tormenta, em que tantos baixeis da noſſa armada pereceraõ, aqui te venho a encontrar, depois de procurarte por toda eſſa marinha, para ſeres alimento do Minotauro: Oh que deſgraça!

Tezeo. Licas amigo, muito me alegro de verte; e pois que em Creta vives com o caracter de Embaixador de Athenas, para fazeres a funeſta entrega dos ſete infelices tributarios do Minotauro; vem a apreſentar-me a eſſe tyranno Rey, para que ſacîe em noſſo ſangue a ſede de ſua impiedade.

Licas. Oh quem naõ tivera tal incumbencia!

Esfuz. Ah Senhor Embaixador, ſaiba Voſſa Senhoria, que eu naõ morri na tormenta.

Licas. Eſtimo a tua fortuna, Esfuziote; vamos Tezeo.

Tezeo. Dizey-me primeiro quem era huma Nin-

Ninfa, que ſeguida de outras em hum feſtivo coro por aqui paſſou, chamada Fedra?

Licas. He huma Infanta, filha mais velha delRey, que com a bella comitiva hiaõ para o Templo de Venus, e Cupido, a quem ſacrificaõ todos os annos, para que ſe applaque o ſeu rigor, fazendo com que ceſſe a infame injuria do Minotauro.

Tezeo. E naõ era mais facil matar o Minotauro, para que ceſſe a ſua affronta?

Licas. Naõ, que eſte monſtro, como conſagrado a Venus, e Cupido, corre por conta deſtas Deidades a ſua conſervaçaõ.

Eſfuz. E diga-me, Senhor Embaixador, quem era huma ſemininfa, chamada Taramella, que tambem hia neſſa turba multa raparigãa, e por final, que quando andava, levantava os pés do chaõ?

Tezeo. Naõ te callarás?

Eſfuz. Uy Senhor, cadaqual pergunta pelo que lhe pertence.

Tezeo. E quem era outra Ninfa, que no exercicio da caça a livrey da ferocidade de huma féra?

Licas. Seria ſem duvida a Infanta Ariadna, filha tambem delRey Minos, que mais

adora a Diana nos boſques, do que a Venus nos templos.

Tezeo. Ay Licas, que eſſa Ariadna . . . . .

Licas. Senhor, vamos; naõ cuides por ora niſſo.

Tezeo. Foy a homicida. . . . . .

Esfuz. Senhor, lembre-ſe da ſua alma, e deixe Ariadna.

Tezeo. Da minha vida primeiro, que o Minotauro . . . . .

Licas. Vamos, Senhor. *Vay-ſe.*

Tezeo. Vamos, Licas: ay Ariadna! *Vay-ſe.*

Esfuz. Ay Minotauro! *Vay-ſe.*

SCE-

SCENA II.

Templo com as Eſtatuas de Venus, e Cupido, e huma pyra ardendo. Sahe Lidoro, e canta-ſe o ſeguinte.

CORO.

Chegay, moradores de Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Lidoro. QUiz anticipar-me neſte Templo de Venus, e Cupido, por ver ſe nelle encontro a bella Ariadna, e moſtrarlhe a ſemrazaõ de ſua tyrannia, e o juſto motivo do meu incendio; pois ſem que me valha o ſer Principe de Epyro, e deixando a minha Corte, por vir a eſta de Creta, ſó a pertender o ſeu ditoſo Hyminêo, com tudo o ſeu rigor ſempre implacavel ſe moſtra às minhas finezas. O' Deidades ſoberanas de Venus, e Amor, em cujas aras arde a victima de meu coraçaõ, fazey que ſeja ditoſo, quem ſabe ſer amante.

Ariad. Que violenta vinha algum dia a eſte Templo de Venus, e Amor! Porém, depois que no boſque vi aquelle . . . . . Mas quem eſtá aqui?

Lidor. Quem ha de ſer, ſenaõ huma ſombra inſeparavel do voſſo Sol, que por influxo deſſe meſmo Aſtro ſe conſidera Clicie de voſſo reſplandor?

Ariad. Bem podéreis, Lidoro, deixar eſſa loucura de voſſo amor; naõ tem baſtado tantos deſenganos, para deſperſuadir-vos, que mais facil ſerá, que o Sol naõ allumie, que a eſcuridade reſplandeça; e que o fogo esfrie, que no meu peito poſſa haver amor, com que correſpondervos?

Lidor. Em fim, Senhora, eſſe he o ultimo deſengano da voſſa tyrannia?

Ariad. Admiro-me, que tenhais eſte deſengano pelo ultimo, quando podéreis fazer eſſe conceito do primeiro.

Lidor. Aſſim premiais as minhas finezas?

Ariad. Para que as obraſtes ſem minha licença, ſabendo, que niſſo me offendieis?

Lidor. Pois para que naõ vos offenda quem ſó vos deſeja agradar, eu me retiro dos voſſos olhos, que ſó por dar-vos eſſe prazer, ſerey cruel para comigo. *Quer irſe.*

Sahe

Sahe o Rey, Fedra, e Tebandro.

Rey. Lidoro, que he iſſo? Quando todos vimos a eſte annual ſacrificio, que em oblaçaõ reverente conſagra o noſſo rendimento nas aras deſſas Deidades de Venus, e Amor, te retiras?

Lidor. Senhor, a procurarte hia, vendo, que tardavas.

Rey. Fedra, Ariadna, naõ ceſſem as voſſas rogativas, para que eſſas Deidades menos indignadas, nos livrem da perpetua infamia deſſe Minotauro, como labéo affrontoſo da noſſa regia eſtirpe; ay Paziſe fragil, ſeja a tua memoria abominavel nos ſeculos futuros!

Teband. Senhor, temo, que eſſa melancolia te acabe a vida; lembra-te, que es El-Rey Minos, para qué com a tua conſtancia toléres os golpes do pezar.

Fedra. Senhor, Voſſa Mageſtade deve buſcar algum meyo efficaz, para que ceſſe a ſua mágoa, e a noſſa affronta.

Lidor. Tudo poderá ter remedio; excepto o meu tormento. *à part.*

Ariad. Senhor, ſe eſtamos neſte Templo de Venus, e Amor, porque naõ conſultas o ſeu Oraculo, para que nos declare, quan-

quando terá fim a vida do Minotauro?

Rey. Ariadna, eſſe conſelho he filho do teu ſubtil engenho; pois attenção, que neſta fórma conſulto o ſeu Oraculo. Venus ſoberana, compadecida a noſſos gemidos, e grata a noſſos votos, declara-nos, quando terá fim a vida do Minotauro, cuja exiſtencia aviva a noſſa ignorancia.

Canta o Oraculo o ſeguinte.

Quando deſſe biforme monſtro horrendo
Vires ſer alimento combuſtivo
Hum vivo morto, e hum morto vivo.

Rey. Enigmatica, e prodigioſa he a repoſta; pois diz, que terá fim a vida do Minotauro, quando lhe ſervir de alimento hum vivo morto, e hum morto vivo. Quem vio mayor confuſaõ?

Lidor. He eſtylo dos Oraculos reſponderem por enigmas.

Fedra. Que prodigio!

Lidor. Ainda em mayor duvida ficamos; pois como poderá ſervir de alimento hum morto vivo, e hum vivo morto?

Todos. Quem ſerá eſte morto vivo?

Dentr. Licas. Tezeo, entra.

Rey.

Rey. Tezeo differaõ alli ; parece miſterio, o que ſeria caſualidade.

Tebaid. Caſualidade he; pois quem poderá ſer morto, e vivo, ao meſmo tempo ?

Sahe Tezeo, Licas, e Esfuziote.

Tezeo. Eu ; eu ſou, ò Rey Minos, o Principe Tezeo, hum dos ſete infelices, que Athenas envia para o feudo do Minotauro.

Licas. Tezeo, Principe de Athenas, foy ſobre quem eſte anno cahio à infeliz ſorte do tributo ; taõ rigoroſo he o eſcrutinio, que nem a ſua regia peſſoa ſe pode iſentar.

Rey. Tudo o que vejo ſaõ prodigios ! Vem, Tezeo, a meus braços.

Tezeo. Senhor, a teus pés ſe offerece, quem já nem he Senhor da ſua vida para dedicarta ; porém eſtes breves inſtante, que o alento ſe me dilata, deſejara diminuillos, para que mais depreſſa ſe ſatisfaça a tua vontade. *Ajoelha.*

Rey. Levantay-vos, eſclarecido Tezeo, que ſuppoſto vos conduziſſe a fortuna a taõ infeliz eſtado, ſereis entre tanto reſpeitado como Principe, e naõ como reo.

Esfuz. He muito boa conſolaçaõ ! Aquillo he

he o meſmo, que engordar para matar.

Ariad. Ay de mim, que Tezeo foy quem me livrou daquella féra no boſque! *à parte.*

Fedra. Oh quem pudera livrar a Tezeo, de taõ funeſta morte, pois a ſua preſença conciliou em meu peito, naõ ſey ſe amor, ou compaixaõ! *à part.*

Tezeo. Principe, ſinto com a minha vida naõ poder remediar a voſſa; porém o voſſo valor ſerá o lenitivo deſſa infelicidade.

Lidor. Tezeo, os que naſcemos Principes iſentos da juriſdicçaõ humana, naõ nos podemos eximir da violencia dos aſtros, que influem rigoroſos; e aſſim naõ he neceſſario lembrar-vos de quem ſois, para infundir alentos ao voſſo eſpirito.

Tezeo. O meu agradecimento, e as voſſas piedades neſta occaſiaõ ſaõ inuteis.

Esfuz. Que eſteja meu amo recebendo em ſua vida os pezames da ſua morte! He boa paxorra!

Tezeo. Esfuziote, aquella naõ he a Ninfa, que eu tive em meus braços deſmayada?

Esfuz. Sim, Senhor, ella he a meſma; e vejaõ o que tem creſcido! Ah Senhor, e tambem a outra he aquelloutra.

Rey. Dizey-me, Embaixador: E todos os ſete mancebos do tributo vem com o Principe Tezeo? *Licas.*

Licas. Como houve, Senhor, huma grande tempeſtade, em que o baixel naufragou, muita parte da gente pereceo, e dos tributarios ſó ſe achaõ ſeis com o Principe.

Rey. Eu naõ hey de receber menos numero, que o de ſete; pois nem ainda todo eſſe ſangue he baſtante, para illidir as manchas de voſſas aleivoſias.

Esfuz. Eſte Rey ſerá amigo de ſarapatel? *à p.*

Tezeo. Senhor, ſendo eu Principe, parece, que valho por dous.

Licas. E quando naõ, aqui eſtá eſte criado, que completará o numero dos ſete.

Esfuz. Irra: Ah Senhor Embaixador, faça-me mercê de ſenaõ meter com as vidas alheas; he boa graça!

Licas. Naõ vês, que ElRey eſtá teimoſo, em que ſejaõ ſete, e naõ ha ſenaõ ſeis; e como tu eſtás aqui, por força has de ſer hum delles?

Esfuz. Senhor Minotauro, requeiro a Voſſa Mageſtade. . . . . .

Tezeo. Adverte, que ElRey chama-ſe Minos, e naõ Minotauro.

Esfuz De Minos a Minotauro pouco vay.

Licas. Senhor, Voſſa Mageſtade ſaiba, que eſte homem he hum tonto.

Esfuz.

Esfuz. Sim , Senhor , ſou taõ tonto , que deſſe monſtro naõ quero ſer comido por concomitancia ; e logo requeiro a Voſſa Mageſtade , que o Minotauro menaõ póde comer.

Rey. Porque ?

Esfuz. Porque he meu inimigo capital.

Rey. Poriſſo meſmo te comerá.

Esfuz. Naõ , Senhor , que quem me quer mal , me naõ póde tragar.

Lidor. O homem he divertido , quero apurallo : homem , o Minotauro naõ ſabe fazer differença de amigos , e inimigos.

Esfuz. Ainda eſſa he peyor ! Pois , Senhor , eu deſengano , que ſe o Minotauro me come , bem lhe póde abrir a cova , que morre ſem falta.

Lidor. Porque ?

Esfuz. Porque ſou hum veneno.

Lidor. Tambem o Minotauro he venenoſo , e hum veneno naõ mata outro veneno.

Esfuz. Para què ſe canſaõ , Senhores ? Saibaõ , que eu para alimento ſou muito indigeſto.

Rey. Seja como for , elles haõ de ſer ſete mancebos os do tributo.

Esfuz. Aque de Voſſa Mageſtade ; Senhor , por força haõ de ſer ſete mancebos ?

Rey. Aſſim foy a capitulaçaõ.

Esfuz.

Esfuz. Pois eu naõ poſſo ſervir para iſſo.
Lidor. Porque naõ?
Esfuz. Porque naõ; porque eu naõ ſou ſete mancebos, ſou hum ſó; e ainda eſſe ſabe Deos o que vay por cá.
Lidor. O Minotauro naõ ha de engolir os ſete mancebos juntos por huma vez, ſenaõ hum a hum.
Esfuz. Uy, Senhor, que tem o Minotauro, que ſe amancebar com a minha vida?
Lidor. Senhor, o criado convem conſervallo, que he galante.
Rey. Andar, cuidaremos niſſo: o Embaixador hoſpéde a Tezeo; Lidoro, vem comigo. *Vay-ſe.*
Lidor. Ainda ſem eſſe preceito iria, ſó por naõ ver a huma ingrata, que tanto tyranniza os meus extremos. *Vay-ſe.*
Fedra. Toda a minha alma occupa a peſſoa de Tezeo: verey ſe acho algum meyo de redimir a ſua vida. *à part. e Vay-ſe.*
Teband. Vamos, coraçaõ, a experimentar novas tyrannias em Fedra. *à part. e Vay-ſe.*
Licas. Tezeo, vem. *Vay-ſe.*
Tezeo. Vay, que eu te ſigo.
Esfuz. Vá-ſe cos diabos Embaixador de huma figa, que eu lha pregarey.
Tezeo. Belliſſima Ariadna, que venturoſa ſeria

ria a minha morte, ſe eu levara a certeza de que ao menos na tua memoria vivia conſervado eſte extremo de meu amor? Lembra-te, bella homicida, naõ de me iſentares da morte, que me eſpera, mas ſim deſte amoroſo tormento, que me affligе.

Ariad. Tezeo, quando no boſque vos conſiderey foraſteiro, reprehendi o voſſo atrevimento, e agora que vos reconheço Principe, eſtranho muito o voſſo delicto; e pois quando me deſtes a vida, prometti defender a voſſa, eſtou prompta a cumprir a minha palavra: ay amor, quem pudera declarar-ſe! *à part.*

Tezeo. Naõ peço recompenſa de huma acçaõ, que ao principio naõ foy executada a voſſo reſpeito, por ſer caſual aquelle arrojo do meu valor, e natural obrigaçaõ de hum generoſo peito: ſó deſejara, que naõ deſprezaſſeis eſte bem naſcido affecto de meu amor.

Ariad. Principe, aceitay por hora a minha recompenſa, que quem vos ampara a vida, talvez que a faça venturoſa.

Eſtiz. Aceita, Senhor, que ao máo pagador, em farellos.

Tezeo. E quem me aſſegura eſſa eſperança?

Ariad.

Ariad. Senaõ vos ſatisfazeis da minha palavra, ſolemnemente o jurarey neſſa immortal pyra de Venus, e Amor.

Tezeo. Pois eu tambem para revalidar o meu voto, neſſa chamma de amor, ſerey Fenix da minha fineza, para que das cinzas dos teus eſtragos renaſçaõ os extremos dos meus ardores.

Cantaõ Ariadna, e Tezeo o ſeguinte.

Tezeo. O' tu candida filha do ſalſo elemento.
Ariad. O' tu cega Deidade, que as almas dominas,
Tezeo. Sabey, que eu amante,
Ariad. Sabey, que eu conſtante, (dios,
Tezeo. Prometto abrazarme de amor nos incen-
Ariad. Prometto guardar do Principe a vida,
Tezeo. Com fé inviolavel,
Ariad. Com voto ſagrado,
Ambos. Da morte, e da vida no ultimo eſtado.

Vaõ-ſe.

Eſfuz. Naõ me póde eſquecer alcovitar-me o Senhor Embaixador, para que eu foſſe paſtinho do Minotauro! Mas pelo ſim, pelo naõ, já que me acho recolhido no ſagrado deſte templo, daqui naõ ſahirey, ainda que me deitem a páos: mas ay, que ahy vem aquella moça chamada Tarameli'a,

ramella, que eu ví no boſque! Eu me eſcondo atrás deſta Eſtatua, para que me naõ veja, e obſervarey o que faz.

Poem-ſe Esfuziote a traz da Eſtatua, e ſahe Taramella com huma vaſſòira na maõ.

Taram. Graças a Cupido, que já todos ſe foraõ, e poderey ſem impecilhos exercitar o voto, que tenho feito de varrer todos os dias eſte Templo de Venus, para que me caſe com hum moço França, deſtes de paſta na cabelleira, e relogio de pendurucalhos!

Esfuz. Ay que Taramella quer que Venus a caſe! E ella o fara! Valha-me agora a induſtria de amor.

Varrendo o Templo Taramella, canta o ſeguinte.

Taram. Ay amor, ſe me dás hum marido,
Vaſſoira vivente do Templo ſerey.

Esfuz. Quero fingir, que ſou Venus.

Canta Esfuziote o ſeguinte em falſete.

Taramella, ſe queres marido
Aqui meſmo no Templo, no Templo o darey.

Taram.

Taram. Ay que Venus me reſponde favoravel à minha petiçaõ! O' minha Deoſa, dizey-me outra vez quem ſerá o meu ditoſo marido?

Canta Esfuziote o ſeguinte Recitado em falſete.

Teu marido ſerá em teu conforto
Hum morto vivo, e hum vivo morto.

Taram. Que galante repoſta! Entendo, que nunca caſarey; pois como póde ſer meu marido hum vivo morto?

Sahe Esfuziote.

Esfuz. Agora eu: Sapientiſſima Taramella, hum naufragante peregrino, combatido das ondas, mareado dos mares, açoitado dos ventos, e enjoado das mareſias, vem hoje a offerecer o traquete do ſeu amor aos joanetes de teus pés, para que dependurado no templo de tua formoſura ſe oſtente troféo da tua galhardia.

Taram. Que galante couſa! Explique-ſe, que eu ainda naõ ſey o que voſſa merce me diſſe.

Esfuz. Saõ effeitos do crepitante incendio,

que o bolcaõ de meu peito tranſpira pelos meatos do idioma.

Taram. Senhor Eſtrangeiro, eu naõ entendo palavra.

Esfuz. Já que naõ entendes de eſtylos creſpos, te fallarey em frazes eſtiradas: Eu, Senhora Taramella, ſou hum Soldado da fortuna, que a venho buſcar mais ditoſa no conjugio de voſſa merce.

Taram. Tire-ſe para lá, naõ venha zombar da gente; ande, vá-ſe, deixe-me acabar de varrer, para que entre o lixo do Templo encontre o marido, que a Deoſa me promette.

Esfuz. Suſpende, galharda Ninfa, eſſa vaſſoira dos ſentidos, eſſa eſcova das almas, eſſe baſculho do coraçaõ, eſſe eſplendor das potencias, e eſſe eſtulinhador dos affectos; pois já por ti me conſidero louco varrido.

Taram. Ay Senhor, naõ me falle niſſo, que eu ſou muito ſizudinha, e huma moça donzella, que eſtou aqui para honra, e caſamento.

Esfuz. Se eſtás aqui para honra, e caſamento, tudo achaſte em mim.

Taram. E de que ſorte?

Esfuz. Eu te digo: ſe eſtás para caſamento, aqui

aqui tens marido, e ſe para honra, honra terás ſe caſares comigo; e naõ digo o mais, pois ſem ſaber ſe me queres, naõ te direy quem ſou.

Taram. Pois ſó ſaberey querer, quando ſouber quem voſſa merce he.

Esfuz. Pois, Taramella, promettes pôr o teu nome na boca?

Taram. Sou taõ callada, que naõ como, por naõ abrir a boca.

Esfuz. Já que es taõ ſecreta, ſaberás, que eu ſou o Principe Tezeo, ſobre quem cahio a ſorte, (ou o azar, para melhor dizer) de ſer alimento do Minotauro: eu para eſcapar deſta comichaõ, me ajuſtey por huma grande ſomma de dinheiro com hum criado meu, chamado Esfuziote, para que diſſeſſe, que era eu, e deſſe a vida por mim, e como o criado me queria bem, naõ foy difficil o morrer por mim.

Taram. E ha homens, que ſe mataõ por dinheiro?

Esfuz. Filha, todos morrem por dinheiro. Em fim trocámos os veſtidos, e os nomes; pois elle morre com o nome de Tezeo, e eu vivo com o de Esfuziote.

Taram. Ay Senhor, Voſſa Alteza, ſendo quem he, quer caſar com huma raſcoa, podendo empregar-ſe em huma Princeza? *Ajoelha.*

Esfuz. Levantay-vos: prometti a Venus em huma tempeſtade, que tive, caſar com a primeira mulher, que viſſe em terra, que foſte tu, ſe acaſo te lembra hum beliſcaõ, que te dey hoje, vindo tu dançando por eſſes boſques.

Taram. Ay, he verdade; baſta, que foy V. Alteza?

Esfuz. Fuy eu, que te quiz marcar com a unha, para a todo o tempo te conhecer; pois que dizes? Eſtá juſto o teu amor, ou ainda pecca em alguma deſconfiança?

Taram. Senhor, tudo eſtá muito bem; mas Venus me diſſe, que havia ſer meu marido hum vivo morto, e Voſſa Alteza naõ he morto vivo.

Esfuz. Iſſo he o que te parece; queres ver como eu ſou eſſe, que te diſſe a Deoſa? Ora attende.

SONETO.

Eu ſou, ò Taramella, o vivo morto,
Que por ti me imagino morto, e vivo;
Mas naõ cuides, que vivo, porque vivo,
Pois ainda que vivo, vivo morto:
Na cova de hum deſdem me enterras morto,
No aceno de hum favor me alentas vivo,
Se me affagas, deſperto como vivo,
Se te agaſtas, esfrio como morto:
Neſta batalha, pois, de morto, e vivo,
Na vida de hum favor me alentas morto,
Na morte de hum deſdem me matas vivo:
Sou em fim, morto vivo, evivo morto,
Se qual Fenix nas cinzas, quando vivo,
Maripoſa nas chammas, quando morto.

Taram. Já ſey, que Voſſa Alteza he o vivo, e morto, que me diſſe a Deoſa; mas como caſa por voto, e naõ por amor, ſerá o ſeu matrimonio mais por força, que por vontade.

Esfuz. Taramella, no amor toda a vontade he forçada; pois quem por ſeu goſto ha de appetecer os ſopapos de Cupido, e os pontapés de Venus, que para adorno do ſeu rigor fazem galla da tyrannia, e gallacé do martyrio?

Taram.

Taram. Para que ſocegue a minha deſconfiancia, e acredite o ſeu amor, meta Voſſa Alteza a maõ naquelle fogo de Amor, no qual ſe experimenta dos amantes a conſtancia; ſe a chamma o naõ abrazar, conhecerey, que me quer bem, e quando naõ, he certo, que quem ſe queima, alhos come, que eſſa he a virtude eſpecial daquelle fogo.

Esfuz. E que tem o amor com os alhos?

Taram. Naõ vê, que o alho deſtroe a virtude do Iman, que he o ſymbolo do amor?

Esfuz. Iſſo he couſa de Poetas; mas ſe queres, que pelo meu amor meta a maõ neſſe fogo, eu o farey, que ſe elle naõ abraza a quem ama, ſeguro eſtou de offender-me o ſeu incendio.

Taram. Ora vá, e naõ trema.

Cantaõ Esfuziote, e Taramella a ſeguinte.

ARIA A DUO.

Taram. Meta a maõ na chamma ardente,
E verey o ſeu amor.
Esfuz. Tu verás como valente
Naõ me abraza o ſeu ardor;

Mas

Mas ay, que me abrazo ; *Mete a naõ.*
Mas ay, que me queimo !

Taram. Aſſopra.
Esfuz. Eu aſſopro.
Taram. Vá-ſe dahi ,
Já ſey me naõ ama.
Esfuz. Se vês, que me inflammo,
Poriſſo te amo. *Esfuz. quando falla em fogo aponta para o ſeu peito , e Taram. para a pyra.*
Ambos. E ſe acaſo inda o duvidas ,
Eſte *fogo* to dirá.
Taram. Já tenho entendido ,
Esfuz. Já tenho alcançado ,
Taram. Que o cego Cupido ,
Esfuz. Que o monſtro vendado , *Na palavra* ahi *aponta Taram. para o peito de Esfuz. e eſte para a pyra.*
Ambos. *Ahi* naõ eſtá.

Sahe Sanguixuga.

Sang. Tambem eſte murro to dirá , deſavergonhada , louca , furada do miollo ; tu aqui cantando ſó hum Duo com hum machacaz ? Ay mofinos ſeſſenta e tres annos !

Taram. Minha tia , naõ ſe agaſte , que mal ſabe o que vay.

Sang. Que vay , nem que vem ? Que fazias ahi dando à taramella com eſſe magano?

Taram. Ay que blaſfemia ! Naõ diga tal , que mal ſabe quem alli eſtá.

Esfuz.

Esfuz. Sempre hey de encontrar com velhas! He bom fadario!

Sang. Pois dize-me, que homem he eſſe?

Taram. He hum homem grande; nós fallarcmos mais devagar.

Sang. Homem grande he beſta de páo, e tu es beſta em carne, que te deixas enganar de ſemelhantes velhacos.

Esfuz. Que he iſſo, Taramella?

Taram. Senhor, he minha tia, que ſe vem pôr aos pés de Voſſa Alteza. Tia, faça o que lhe digo, que naõ ſabe a fortuna, que nos eſpera. *à part.*

Sang. Senhor, Voſſa Alteza dê-me os ſeus pés.

Esfuz. Se vos der os meus pés, ficareis com quatro.

Sang. Senhor, Voſſa Alteza releve a minha deſattençaõ, que eu o naõ conhecia.

Esfuz. Naõ vos culpo o naõ conhecer-me, que nós os Principes naõ temos ſobreſcrito; e ainda que o tivera, como naõ ſabeis ler, naõ podieis ſoletrar no alfabeto de minha peſſoa os caracteres de minha nobreza; levantay-vos; como vos chamais?

Sang. Sanguixuga, meu Senhor.

Esfuz. Sanguixuga? Naõ vos peze, que em certa parte valereis muito.

Sang.

Sang. Iſſo ſaõ favores, que V. Alteza me faz.

Esfuz. Pois ficay-vos embora, e dizey a voſſa ſobrinha, que vos participe o bem, que lhe eſpera: guarday ſegredo, que a vós tambem vos caſarey com o meu Embaixador, para que a voſſa deſcendencia ſaya à luz.

Sang. Ay Senhor, eu já ſou quinquagenaria, e naõ ſey ſe poderey caſar.

Esfuz. A'gora; ainda eſtais capaz de romper humas ſólas; e no caſo que vos ſeja neceſſaria menos idade, eu vos mandarey paſſar huma proviſaõ, para que tenhais ſómente quinze annos. *Vay-ſe.*

Sang. Rapariga, que diabo he iſto? Conta-me, que eſtou confuſa.

Taram. Senhora, aqui naõ he lugar diſſo; vamos para caſa, que lá ſaberá couſas nunca viſtas. *Vaõ-ſe.*

SCENA III.

Camera. Sahe Fedra.

Fedra. DEpois que no templo vi ao Principe Tezeo, naõ ſey, que doce atractivo ſe occulta em ſua peſſoa, que por

por mais, que o deſvie do penſamento, me penetra o coraçaõ! Oh ninguem eſtranhe os precipicios de amor, que do mais iſento peito ſabe triunfar! E poîs me conſidero amante, bem he, que defenda a ſua vida.

Sahe Lidoro.

Lidor. Já que as incriveis finezas de meu extremo lamentaõ os deſprezos de Ariadna, recorrerey ao ultimo artificio de amor, que he abrandar o ſeu deſdém com outro deſdém; para o que me quero declarar amante de Fedra; mas ella aqui eſtá.

Fedra. Lidoro, que profunda triſteza vos penaliza? Por ventura minha irmãa naõ merece jubilos em voſſo coraçaõ?

Lidor. Bem he verdade, Senhora, que quando cheguey a eſta Corte de Creta a pertender eſpoſa na Regia eſtirpe de Minos, voſſo pay, por achar ao Principe de Chipre, pertendendo a voſſa belleza, foy preciſo por naõ deſgoſtar ao Principe no ſeu empenho, ſervir eu a Ariadna; porém como eſte rendimento era mais hypocreſia da politica, que rendimento de hum verdadeiro culto, ſempre ardeo imp ura

victi-

victima, e violento o ſacrificio; porque o meſmo ſuſpiro, que o encendia, era parociſmo, que o aniquilava; e aſſim, galharda Fedra, ſe até aqui viveo opprimida a minha inclinaçaõ a violencias de hum reſpeito, agora que impaciente a minha dor rompe o reverente ſilencio, deſejara, naõ que premiaſſeis a minha fineza, mas ſim que recebeſſeis o tributo de minhas adoraçõeſ.

Fedra. Cuido, Lidoro, que o voſſo amor degenerou em loucura.

Sahe Ariadna ao baſtidor.

Ariad. Verey ſe encontro a Tezeo; mas aqui eſtá Fedra com Lidoro: eſperarey, que ſe vaõ.

Lidor. Só a vós, galharda Fedra, conſagro os finos ardores de meu peito.

Fedra. Ainda que me fora licito acreditar eſſa fineza, como toda a Corte ſabe, que publicamente ſervis a Ariadna, ſeria indecente deſattençaõ correſponder eu a hum amante de minha irmãa.

Ariad. Que ouço! Lidoro pertende a Fedra? Se eu lhe tivera amor, motivo havia para ter zelos.

Lidor.

Lidor. O moſtrar-me algum dia amante de Ariadna pode-ſe emmendar com algum pretexto de razaõ de eſtado, que nos Principes he licito o variar de intentos; pois ſempre ſe doura a deſattençaõ com o intereſſe da Monarquia; mas cuido, que ahi veyo Ariadna; eu me retiro, Senhora, para que vejais, que ſó na voſſa viſta me elevo.

Eſconde-ſe Lidoro junto ao baſtidor, e ſahe Ariadna.

Ariad. Agora verá Lidoro, ſe ſey vingar os meus deſprezos.

Sahe Tebandro ao baſtidor.

Teband. Vou receber de Fedra o ultimo deſengano; mas com Ariadna eſtá; eu me retiro.

Ariad. Como na monarquia do amor o intereſſe ſabe dourar deſattenções, por eſſe motivo me anímo a dizer-te, que como ſey deſdenhas ao Principe Tebandro, e eu tambem por natural antipatía aborreço a Lidoro, que troquemos os amantes, para que na mudança dos ſugeitos mude

de tambem o coraçaõ de affectos.

Lidor. Ah tyranna inimiga, naõ ſem cauſa craõ os teus deſvios!

Teband. Ariadna me favorece, naõ ſerá deſacerto vingar-me de Fedra.

Ariad. Só deſſa ſorte ſerá ditoſo o noſſo hymenêo; Fedra, que dizes?

Fedra. Eu naõ troco a quem adoro por nenhum outro amante; pois vivo taõ ſatisfeita com o meu amor, que naõ acho outro equivalente, que o poſſa recompenſar; ay Tezeo, ſó a ti ſe dirigem os mudos ſuſpiros de meu peito. *à part.*

Teband. Alma, reſpiremos.

Lidor. Quem vira o ſeu amor taõ premiado!

Ariad. Se ſey deſprezas a Tebandro, para que affectas eſſe carinho, ſó para que naõ tenha a fortuna de ver-me querida delle? Olha, que em Lidoro acharás melhores finezas.

Fedra. Porque deſprezas a quem te ſabe amar?

Ariad. Porque naõ ſey amar a quem aborreço.

Lidor. Já me falta o ſofrimento; vou-me, antes que me acabe a deſeſperaçaõ. *Vay-ſe.*

Fedra. Se tu naõ pódes amar a quem aborreces, eu naõ poſſo aborrecer a quem amo.

Canta Fedra a ſeguinte

ARIA.

ARIA.

Querendo a quem amo,
Naõ buſco mais gloria,
Naõ quero outro amor.
No bem, que me inflammo
Conſegue a memoria
Triunfo mayor. *Quer irſe.*

Sahe Tebandro.

Teband. Eſpera, conſtante Fedra; deixa, que rendido ao bello ſimulacro de tua Deidade, conſagre adoraçõeſ quem ſe acha favorecido dos teus agrados.

Fedra. Naõ ſey, que cauſa vos motiva a eſſe rendimento?

Teband. O ver correſpondida a minha fineza.

Fedra. Que quer dizer correſpondida a voſſa fineza? Se eu entendera, que o meu coraçaõ era capaz deſſe ſentimento, o arrancara de meu peito.

Teband. Parece improprio eſſe deſdem à viſta da confiſſaõ, que agora fizeſtes.

Fedra. Quando as vozes ſe encontraõ com os affectos, melhor he crer a eſtes, do que àquellas. *Vay-ſe.*

Sahe

Sahe Lidoro ao baſtidor.

Lidor. Impaciente em nenhuma parte ſocego: mas que vejo! Tebandro com Ariadna? Obſervarey o ſeu intento.

Teband. Quem vio, Ariadna, o ſeu amor em mayor confuſaõ? Já naõ quero amar a huma ingrata, que me offende; e pois ſey, que para o teu agrado prefere à minha fortuna a de Lidoro, quero ſeguir ás luzes de teu eſplendor, já que propicios allumiaõ a eſféra de meu peito, e aſſim . . . . .

Ariad. Muito me offendeis neſſe vil conceito, que de mim formais; pois a ſer poſſivel, que a chamma do amor ardeſſe em meu peito, naõ ſerieis vós a cauſa deſſe incendio; pois naquelle, que me idolatra, ſobraõ motivos para o meu rendimento: ay Tezeo, ſó a tua fineza ſerá premiada. *à part.*

Lidor. Coraçaõ, torna a reviver.

Teband. Pois vós meſma naõ diſſeſtes a Fedra, que na mudança dos ſugeitos mudaria o coraçaõ de affectos?

Ariad. Se vedes agora contrarios eſſes affectos, crede aos olhos, e naõ aos ouvidos.

Teband. Já ſey, que deſenganado, ſó amarey a mi-

a minha morte. Oh louco amor, que neſcio he, quem ſe fia das tuas inconſtancias! *Vay-ſe.*

Sahe Lidoro.

Lidor. Já ſey, Ariadna, que naõ ſou taõ infeliz, como imaginava; e ſuppoſto me conſidere ſem meritos, para alcançar teus ſoberanos favores, a tua piedade, compadecida do meu tormento, já me coroa triunfante dos teus repudios.

Ariad. Lidoro, como enfermais de amante, ſem duvida eſſa idéa ſerá delirio da fantaſia.

Lidor. Parece incompativel eſſe deſvio, e aquella expreſſaõ; pois affirmaſtes, que naquelle, que vos adorava, (que já ſe vê, que ſou eu) ſobravaõ motivos para o voſſo rendimento.

Ariad. Naõ ha duvida, que o meu amor confeſſa rendimentos, e por iſſo como rendido vive priſioneiro de hum deſdém, que he o que ſó triunfa na batalha da voſſa porfia.

Lidor. Ah tyranna, cruel, inimiga, naõ era melhor deixar, que a contingencia da fortuna mudaſſe o teu rigor, e naõ com o deſengano ſepultar a viva conſtancia da minha fé! *Ariad.*

Ariad. Naõ, que a voſſa porfia ſó ſe deſvanece com hum total deſengano.

Lidor. Já que deſenganado morro às violencias deſſe nunca viſto rigor, naõ eſtranheis os delirios da minha magoa nos ultimos periodos da minha vida.

Canta Lidoro a ſeguinte

ARIA.

Já que eu morro, ò fera Hircana,
Sem remedio a teus rigores
Impaciente, louco, amante,
Delirante,
Com gemidos, e clamores,
De ti aos Ceos me hey de queixar.
A minha alma, vaga, errante,
Naõ te aſſuſtes, quando a vires,
Que por mais que te retires,
Te ha de ſempre acompanhar. *Vay-ſe.*

Ariad. Ninguem pertenda violentar a vontade, quando vive ligada às violencias de outro amor; ay Tezeo, que as noſſas vidas ambas ſe conſideraõ tributarias, ſe a tua ao Minotauro, a minha ao amor!

Sahe Eſfuziote com hum papel na maõ, e ajoelha.

Esfuz. Deos vá comigo: Senhora, hum requerente da ſua vida vem hoje a pertender no Tribunal de voſſa piedade a renovaçaõ de mais vidas em hum prazo foreiro à morte, que o querem julgar por devoluto ao Minotauro, que intenta ſer o direito Senhorio deſta vida; e ſe Voſſa Alteza, Senhora, me alcança a ſupervivencia, eu lhe pagarey o foro da conſciencia com o laudemio de mil louvores.

Ariad. Levantay-vos; que he o que quereis?

Esfuz. Eſte murmarial o dirá.

Ariad. Lede-o vós meſmo.

Esfuz. Pois já que eu ſou o pio leitor, ſeja Voſſa Alteza a piedoſa ouvinte.

DECIMA.

Diz hum pobre Esfuziote,
Condemnado a naõ ter vida,
Que certa morte atrevida
Lhe quer pregar hum callóte:
Que pois naõ he D. Quixote
Para acçõeſ deſta relé,
Pede humildemente que,
Antes que morra em taes damnos,
Lhe dem de vida cem annos,
E receberá merce.

Ariad.

Ariad. Supponho que ſois a quem o Embaixador de Athenas offereceo a ElRey meu pay para completares o numero dos ſete do tributo.

Esfuz. Sim, Senhora, eu ſou o proprio, a quem impropriamente o Embaixador, que o diabo o leve, me malſinou a Sua Mageſtade, que Deos guarde.

Ariad. O Embaixador naõ andou bem.

Esfuz. Como havia de andar bem, ſe elle he zambro; pois naõ ſendo eu nenhum dos ſete, ſobre quem cahio a ſorte, como quer deſta ſorte trocar a minha ſorte; pois iſto ſe naõ deve fazer de nenhuma ſorte?

Ariad. E vós a que vieſtes a Creta?

Esfuz. Vim acompanhando ao Principe Tezeo.

Ariad. Sois ſeu criado?

Esfuz. Algo mas, ſou ſeu gentilhomem, e às vezes em caſo de neceſſidade ſirvo de camareiro.

Ariad. Na verdade que ſinto muito a deſgraça de Tezeo.

Esfuz. Mais a ſente elle; porém parece que elle naõ ſente tanto a morte, como outra couſa, que diz tem atraveſſada na garganta como eſpinha de caçaõ.

Ariad. Que couſa póde haver, que ſinta mais, que o morrer?

Esfuz. Segundo o que lhe ouvi dizer hum dia, parece, que hum menino cego, e nú, peſpegoulhe com huma ſetta no coraçaõ, que o partio de nevo a meyo; e eſte golpe, por lhe ter chegado ao vivo, o tem quaſi morto.

Ariad. Pelo que dizes, Tezeo padece o mal de amor.

Esfuz. Naõ, Senhora; eu cuido, que he mal de Ariadna, pois ſempre o ouvi queixar: ay Ariadna, que me mataſte; ay Ariadna, que me fizeſte, e aconteceſte; com que Ariadna he o ſeu mal, e naõ o Amor.

Ariad. Pois dizey a Tezeo, que eſſa Ariadna... *Vay andando.*

Esfuz. O que hey de dizer, Senhora?

Ariad. Mas naõ, naõ lhe digais nada.

Esfuz. Sim, Senhora, eu lhe direy iſſo; porém, Senhora, terá deſpacho o meu memorial?

Ariad. Baſta ſeres criado de Tezeo, para vos apadrinhar.

Esfuz. Ora naõ ſe eſqueça de ſer minha madrinha neſte negocio.

Ariad. Ouves tu, dize a Tezeo, que naõ he elle ſó, o que .... mas naõ, naõ digas

gas nada : louco amor, naõ me precipites. *à part.* *Vay-ſe.*

Esfuz. Que caſta de recado he eſte ? Dize a Tezeo, naõ digas nada a Tezeo ; a mim me mellem ſe o nada deſta Infanta naõ he alguma couſa, e ſe naõ, quem viver, verá.

Sahem Taramella, e Sanguixuga.

Taram. Senhor Tezeo.

Esfuz. Tá, tá, Taramella, naõ me chames Tezeo tanto às claras, que no Paço até as paredes tem ouvidos ; trata-me por Eſfuziote, em ordem a mayor diſfarçe.

Sang. Meu Senhor, eſta rapariga tem o miollo muito leve, por iſſo naõ peza o que diz ; e Voſſa Alteza (perdoe-me) fez muito mal em communicarlhe ſegredo de tanta ſuppoſiçaõ.

Esfuz. Olhe, tia.

Sang. Ay Senhor, eu tia de Voſſa Alteza ! Quem ſou eu para tanta dignidade ?

Esfuz. Naõ poſſo tirarlhe o gráo, que por affinidade lhe pertence.

Sang. Serey o que Voſſa Alteza for ſervido.

Esfuz. Mas, tia, como hia dizendo, naõ pude deixar de communicar a Taramella a minha regia proſapia, que quem ama de véras, naõ ſabe mentir. *Taram.*

Taram. Pois, Senhor, he poſſivel, que eu de criada hey de paſſar a Princeza?

Esfuz. E naõ he peyor paſſar de Princeza a criada? Pois ſabe, que deſſas monſtroſidades ſe achaõ nas hiſtorias; mas com tua licença havemos mudar eſſe nome de Taramella, que naõ he decente para huma Princeza de Athenas, pois taramella he couſa que anda por portas, e naõ por tronos.

Sang. Tudo ſe fará: mas diga-me, Senhor: já Voſſa Alteza diſſe ao Embaixador, que eu havia de caſar com elle?

Esfuz. Sim, ſim, já lho inſinuey, e o Embaixador, vendo que era goſto meu eſte ſanguixugal matrimonio, diſſe, que eſtava prompto; com que em o vendo, falle-lhe na materia.

Sang. Uy Senhor, pois eu, ſendo mulher, hey de fallar primeiro a hum homem em caſar? Appello eu por mim!

Esfuz. Naõ ſe lhe dê diſſo, que o tal Embaixador he meſmo acanhado de ſi; curto dos nós, e vergonhoſo: ao menos naõ ſe livrará o Embaixador do Minotauro deſta velha. *à part*

Taram. Tornando ao noſſo intento, digo, Senhor, que já me tomara ver neſſas limpezas,

pezas, para ver ſe Fedra, e Ariadna ſaõ melhores, do que eu.

Esfuz. E talvez, que entaõ tu as naõ queiras por tuas criadas.

Taram. Eſſa meſma grandeza me faz deſconfiar da ſua palavra.

Sang. Uy tolla, tu chegas a dizer, que deſconfias da palavra de hum Principe? Senhor, releve, que ſaõ raparigas, que cuidaõ que o meſmo ſaõ alhos, que bugalhos.

Esfuz. Já he coſtume nas ſenhoras mulheres cuidarem, que os homens ſempre as enganaõ; pois para que vejas, que mais depreſſa faltará agua no mar, do que amor em meu peito, quero praguejar-me, que he o verdadeiro juramento dos amantes.

Canta Esfuziote a ſeguinte

ARIA.

Se cuidas, menina,
Que eu ſeja perjuro,
Pois olha, eu te juro,
Hum rayo me parta,
Me abraze hum coriſco,
O diabo me leve,
Se eu falſo te for.

Mas

Mas ay, Taramella,
Se es linda, ſe es bella
Terás em meu peito
Seguro o amor. *Vay-ſe,*

Sahe Licas Embaixador.

Licas. Viſte a Tezeo por aqui?
Sang. Ainda agora daqui ſe vay: . . . Naõ he deſpiciendo o meu futuro noivo. *à part.*
Licas. Vou a fallar-lhe, que importa.
Taram. Eſpere, Senhor, que minha tia tem que lhe dizer couſa de importancia: falle, tia.
Sang. Ay rapariga, deixa-me tomar o folgo, que eſtou embaçada.
Licas. Diga depreſſa, que eu naõ tenho muito vagar.
Sang. De ſorte, Senhor, que eu bem ſey, que naõ ſou capaz de ſer ſua criada.
Licas. Que mais?
Sang. Que mais hey de dizer? Voſſa Senhoria naõ me entende já o que quero dizer?
Taram. Ora Senhor, naõ ſeja acanhado, que iſſo he naõ ſer homem.
Licas. Que dizem, que as naõ entendo?
Sang. Naõ ſe faça agora moquenco, já ſabemos que he curto dos nós.
Taram. Naõ disfarce o negocio; naõ ſeja vergonhoſo.

Licas

Licas. Eſtá galante hiſtoria! Que he o que querem de mim?

Sang. O matrimonio.

Licas. Que matrimonio? Que he iſſo?

Sang. Faça-ſe agora de novas.

Licas. Deixem-me, doidas, que diabo querem?

Sang. Taram. O matrimonio.

Licas. Eſtas mulheres eſtaõ loucas; vaõ-ſe já, naõ me perſigaõ. *Vay-ſe.*

Sang. Taram. O matrimonio, Senhor Embaixador, o matrimonio. *Vaõ-ſe.*

SCENA IV.

Gabinete. Sahe Tezeo.

Tezeo. AGora acabo de conhecer, que he o amor mais valente, do que a morte, pois quando por inſtantes me eſpera a furia do Minotauro, vence na minha memoria mais a tyrannia do amor, que o imaginado eſtrago da ſua crueldade: mas ay, ſoberana Ariadna, quanto ſinto, que a cruel Parca corte o vital alento da minha vida, pois quizera eternizar a minha fineza a pezar da meſma morte!

Sahe

Sahe Fedra.

Fedra. Invicto , e ſempre eſclarecido Tezeo , cujo valor , depois de ſer adorado ſuſto do Orbe , paſſou a dominar as furias do Cocito ; commovida a minha piedade de que taõ generoſo alento ſeja infeliz deſpojo deſſa féra , intenta ſalvar a voſſa vida.

Tezeo. Galharda Fedra , ſe eu nas infelicidades ſou taõ venturoſo , devo eſtimar a minha deſgraça.

Sahe Ariadna ao baſtidor.

Ariad. Aqui Fedra , e Tezeo ? Ay de mim , que já o coraçaõ começa a temer !

Fedra. Para triunfardes pois deſſe invencivel monſtro , dar-vos hey huma certa confeiçaõ compoſta de taõ activo veneno , que ao mininio contacto do Minotauro fique proſtrada a ſua furia , ſem que vos poſſa offender o ſeu furor.

Ariad. Aquella fineza he mais que piedade : zelos , naõ vos declareis , que ainda me naõ convem moſtrar-me amante.

Tezeo. Que recompenſa poderey achar em mim , que poſſa ſer igual à voſſa generoſidade ? Eſta vida , Senhora , de cujos alen-

alentos ſois tutelar divindade, vereis que como milagre do agradecimento a dedicarey nas aras da voſſa belleza.

Ariad. Ah falſo amante, naõ te quizera taõ agradecido.

Fedra. Naõ quero outra recompenſa mais, que vos lembreis de naõ ſer ingrato a quem expoem a ſua vida, por redemir a voſſa. *Vay-ſe.*

Tezeo. Quem vira eſte amor em Ariadna, ou a ſua belleza em Fedra!

Sahe Ariadna.

Ariad. Principe, como para a iſençaõ da morte naõ baſta ſó vencer o Minotauro, pois ſempre ficareis prezo no enleyo do Labyrintho, e para que com a fuga completeis eſſa fortuna, quero prevenir o remedio da voſſa liberdade.

Tezeo. Ariadna ſem duvida ſabe o intento de Fedra. *à part.* Senhora, ſe Fedra compaſſiva da minha deſgraça . . . . .

Ariad. Para que me contais, o que eu ſey?

Tezeo. Foy preciſo, que agradecido . . . . .

Ariad. Já ſey, que agradecido vos moſtraſtes à ſua fineza.

Tezeo. Porém, Senhora, nunca o meu amor . . .

Ariad.

Ariad. Naõ tendes, que ſatisfazer-me; naõ ſabeis quanto me agrada ſaber, que ſois agradecido, nem em voſſa peſſoa cabiaõ deſattenções; e para que tambem eu o ſeja na vida, que me déſtes, quero dar-vos a liberdade; para o que atareis na porta do Labyrintho hum fio, que ſendo farol naquelle pelago de confuſões, vos conduzirá à liberdade, e com ella podereis tornar para Athenas voſſa Patria.

Tezeo. Se cuidais que com a liberdade hey de perder-vos dos meus olhos, nunca ſahirey do Labyrintho, que ao menos em Créta naõ vivo deſterrado da voſſa viſta.

Ariad. Pois eu acaſo habito no Labyrintho, para que nelle me poſſais ver?

Tezeo. Se vos naõ encontrar no Labyrintho de Créta, ſempre vos acharey no labyrintho do amor.

Ariad. Muito tendes adiantado o voſſo penſamento; naõ cuideis, que como amante vos proponho a induſtria do fio para a voſſa liberdade; pois ſó o faço obrigada ao juramento, que dey, de ſalvar a voſſa vida, agradecida à que me déſtes.

Tezeo. Pois, Ariadna, ſe o intento de redimir-me he ſó como agradecida, e naõ como amante, proteſto às ſupremas Deidades

dades deſſe ſoberano Empyrêo, que já naõ quero meyos de ſalvar a vida, e a liberdade; pois ſem a certeza da voſſa correſpondencia, nem liberdade, nem vida quero.

Canta Tezeo a ſeguinte

ARIA.

Na magoa, que ſinto,
No mal, que padeço,
A vida aborreço;
Que afflicto, e confuſo,
Mayor labyrintho
Encontro no amor.
Naõ temo eſſe monſtro,
Que horrivel me eſpera;
Só temo eſſa féra
Cruel tyrannia
De tanto rigor. *Vay-ſe.*

Ariad. Eſpera, Tezeo, que ſe o meu rigor te precipita, a minha fineza te livrará. *Vay-ſe.*

SCE-

SCENA V.

Sala Regia. Sahe ElRey.

Rey. AGora ſim, reſpire alegre o meu coraçaõ, pois que hum Principe de Athenas he hoje o tributo do Minotauro: ſinta Athenas a pena de Taliaõ, que ſe aleivoſamente conſpirou contra a vida de meu filho Androgeo, bem he que Creta ſe arme vingativa contra Tezco.

Dentro. Peguem nelle, peguem nelle.

Sahe Esfuziote.

Esfuz. Senhor, Voſſa Mageſtade me valha.

Rey. Que tens, que te ſuccedeo, e de quem foges?

Esfuz. Fujo de Voſſa Mageſtade.

Rey. Se foges de mim, como vens para mim?

Esfuz. Porque fujo de Voſſa Mageſtade juſticeira para Voſſa Mageſtade comiſerante; fujo da juſtiça para refugiarme na miſericordia.

Rey. Que te ſuccedeo?

Esfuz. Que ha de ſer? Deraõ em dizer, que eu

eu era hum dos ſete peccados mortaes, que vinha para o inferno do Labyrintho a ſer comido do diabo do Minotauro, e ſem que me valeſſe o ſagrado de palacio, quizeraõ levar-me à força, *& invito domino*, quando ſey que Voſſa Mageſtade naõ quer que ſe force ninguem.

Rey. Ainda que ſegundo o pacteado com Athenas naõ devera receber menos numero, que o de ſete mancebos; com tudo eſta vez quero diſpenſar na ley para comtigo a inſtancias de minha filha Ariadna, a quem hoje deves a vida.

Esfuz. Naõ ſabe quanto folgo com eſſa noticia; naõ por mim, que naõ temo a morte, por naõ eſtar muito contente da minha vida; ſenaõ por quebrar a caſtanha na boca a muita gente.

Rey. Porém entendaõ os Athenienſes, que para o anno haõ de ſer oito os do tributo.

Esfuz. Sim, Senhor; e ſará Voſſa Mageſtade muito bem; porém Voſſa Mageſtade ſem eſperar para o anno que vem, póde agora meſmo completar o numero dos ſete.

Rey. De que ſorte?

Esfuz. Mandando Voſſa Mageſtade, que o Embaixador ſuppra eſta falta, que como tem

tem grande cabeça, e muita carne no cachaço, terá o monſtro que roer.

Rey. Os Embaixadores pelo direito das gentes gozaõ de inviolavel immunidade.

Esfuz. Pois Senhor, em minha conſciencia acho, que ſó o Embaixador era capaz de deſempenhar aquelle lugar, que pelo ſeu bom modo até com a morte havia de ter bons termos.

Rey. E tu, ſenaõ quizeres ir para Athenas, poderás ficar em Creta ſervindo-me em palacio.

Esfuz. Aceito o favor de Voſſa Mageſtade; e já que em palacio fico, tomara ter algum emprego, que cá ſe me caſaſſe com o genio, que quando a occupaçaõ he forçada, até o palacio he galé.

Rey. Elege tu a occupaçaõ, que queres, igual à tua eſféra.

Esfuz. Como ſou reſpondaõ, quizera ſer repoſteiro.

Tocaõ caixas deſtemperadas.

Rey. Mas que triſte, e confuſo ſom, rompe a vaga raridade dos ventos?

Esfuz. He hum moço, que eſtá aprendendo a tambor.

Sahem

Sahem Lidoro, e Tebandro.

Rey. Lidoro, e Tebandro, que he iſto?

Lidor. He chegada a occaſiaõ de ſer o Principe Tezeo conduzido ao Labyrintho.

Teband. E certamente, que o Principe naõ he meredor de ſemelhante infortunio.

Rey. Naõ vos compadeçais de Tezeo, que al fim he Athenienſe.

Esfuz. Ay pobre Tezeo, tomaras tu ſer Eſfuziote neſta hora.

Sahe Fedra.

Fedra. Como a Tezeo já entreguey o remedio de ſua vida, naõ quero perder os inſtantes de vello. *à part.*

Sahe Ariadna.

Ariad. Como Tezeo já tem o fio, com o qual ſe ha de livrar do Labyrintho, venho ſem ſuſto notar a afflicaõ do ſeu ſentimento.

Sahe Licas, e da porta diz o que ſe ſegue.

Licas. Entre ſó Tezeo, e fiquem os mais eſ-

eſperando até a ultima reſoluçaõ delRey.

Rey. Eſtaõ promptos eſſes infelices, para ſerem conduzidos ao Labyrintho?

Licas. Sim, Senhor, que nunca foy remiſſa a noſſa obediencia.

Sahe Tezeo.

Tezeo. Sinto, ò inclito Rey Minos de Creta, que eſta acçaõ, que parece preciſa ley do tributo, naõ ſeja voluntario feudo do meu affecto, para que mais do que a morte na vida, tenha imperio a vontade na obediencia.

Esfuz. Aquillo he fazer da neceſſidade virtude. *à part.*

Rey. Sempre os Athenienſes foraõ mais loquazes, que fieis; Tezeo, o ſangue de Androgeo em purpureas linguas eſtá pedindo vingança contra as voſſas aleivoſias, e aſſim naõ eſpereis remedio na voſſa deſgraça.

Lidor. Senhor, Voſſa Mageſtade ſe compadeça de Tezeo, que al fim o alenta o regio eſplendor de Principe.

Teband. Adverte, Senhor, que he indigna da Mageſtade a tyrannia, e aſſim perdoa a Tezeo.

Rey.

Rey. Aqui naõ obro como Rey, ſenaõ como Juiz.

Esfuz. Eu bem ſey, que ſe pediſſe a ElRey por Tezeo, que o havia de perdoar, mas naõ quero darlhe eſſa confiança. *à part*

Fedra. Ainda ſendo fingida aquella humildade em Tezeo, he em mim verdadeiro o pezar. *à p.*

Ariad. Parece realidade o ſeu fingimento. *à p.*

Licas. Rey, e Senhor, ſe o motivo deſſe implacavel rigor he o eſparsîdo ſangue de Androgeo, vede, que o naõ reſuſcitais com a morte de Tezeo, e mais quando a clemencia nos Principes he attributo inſeparavel da ſua grandeza; perdoa, Senhor, a Tezeo, que tambem o perdaõ he hum generoſo modo de caſtigar.

Rey. Inutil he o voſſo requerimento.

Tezeo. He definitiva eſſa ſentença?

Rey. E naõ ha mais para onde apellar: ò lá, levay a Tezeo, e a eſſes miſeros companheiros ao Labyrintho, para ſerem deſpojos do Minotauro.

Licas. Pois ſabe, tyranno Rey, que Athenas tomará cruel vingança da tua crueldade, reduzindo a Creta à ultima ruina. *Vay-ſe.*

Rey. A mim com ameaços? Senaõ foras Embaixador, pagarias com a vida eſſe atrevimento.

Esfuz. Era bem feito, que ElRey o mandaſſe eſquartejar. *à part.*

Lidor. O Embaixador fallou com inſolencia.

Teband. Sinto, Senhor, ver ultrajado o teu reſpeito.

Rey. Por iſſo meſmo ſerá Tezeo conduzido ao Labyrintho, para o Minotauro o devorar.

Tezeo. Naõ cuides, tyranno Monarca, que has de ultrajar o meu decoro, por me conſiderares reduzido a eſta miſeria, pois em qualquer eſtado ſempre ſou Tezeo, que ſaberey vingar a minha injuria

Rey. Naõ ſabes, que es meu prizioneiro? Pois como me tratas com tanta ſoberba, ſabendo que te poſſo caſtigar?

Tezeo. E naõ ſabes, que no meu braço conſiſte a tua ruina, e a minha felicidade?

Esfuz. Máo, máo, iſto me vay cheirando a carolo; queira Jupiter que Tezeo naõ faça das ſuas! *à part.*

Ariad. Temo, que Tezeo padeça mayor infortunio. *à part.*

Fedra. Ay de mim, que Tezeo quer deſvanecer o remedio de ſua vida! *à part.*

Lidor. Se atéqui me compadeci de vós, agora crimino a voſſa ſoberba.

Teband. A naõ eſtares taõ perto da morte, eu deſpicaria a deſattenção da Mageſtade.

Rey.

Rey. Baſta que o Minotauro me vingue, levay-o. *Vay-ſe.*

Eſfuz. Eu tambem me vou, antes que me levem por erro. *Vay-ſe.*

Tezeo. Ay Ariadna, que por ti reprimo o furor de meu peito! *à part.*

Canta Tezeo o ſeguinte Recitado, e depois cantaõ as duas Damas, e os dous Principes com Tezeo a Aria.

RECITADO.

Barbaro Rey, eu vou ao Labyrintho,
Mas ſabe, que naõ ſinto
Eſſa tyranna morte, que me eſpera,
Que a ſer poſſivel deſcerey à eſfera
Deſſe ſulfureo, e rapido Cocyto
E do trifauce monſtro a furia incito,
Porque vejaõ, que nada me intimída
Perder a cara vida;
De outro monſtro, (ay amor!) ſó temo a ira,
Que tyranno conſpira
Hum veneno taõ forte,
Que ainda por favor concede a morte;
Pois com doce influencia
Faz ſeja ſympatia o que he violencia;
Eſte monſtro de amor, eſta chimera
Me horroriza, me aſſuſta, e deſeſpera.

ARIA.

ARIA A 5.

Tezeo. Naõ me acovarda a morte,
Porque he vida
Eſte modo de morrer.
Lidor. Como intentas deſſa ſorte
Sem reſpeito
Hum decóro aſſim perder?
Fed. Ariad. Que ardor activo, e forte
Em meu peito
Chega amor hoje a incender!
Teband. Se nem da Parca o golpe
Te intimída,
Nada deves de temer.
Tezeo. A morte naõ temo.
Lid. Teb. A morte naõ temes?
Tezeo. Naõ, porque he vida
Eſte modo de morrer.
Fed. Ariad. A vida deſprezas?
Tezeo. Sim, porque he vida
Eſte modo de morrer.
Todos. Que morte ditoſa! Que doce morrer!
Teband. Seu peito arrogante
Lidor. No brio, que oſtenta,
Fedra. Se a morte o alenta,
Ariad. Se vive na morte,
Tezeo. Quem morre de amante,
Todos. Eterno ha de ſer.

PAR-

PARTE II.

SCENA I.

Camera. Sahe Sanguixuga, e Taramella.

Sang. TAramella, vay-te enſayando para Princeza, toma bem a liçaõ, aprende de Ariadna a ſeveridade, e de Fedra o carinho; que temperar a aſpereza com affagos he a verdadeira maxima do reynar.

Taram. Bofé, tia, que me naõ canſarey com iſſo; porque ſendo Princeza, quer ſeja azeda, quer doce, aſſim me haõ de tragar; porém ſe tal for, que diraõ de mim os murmuradores? Olhem à ranhoſa, ha dous dias mixella, e hoje Senhora de maõ beijada!

Sang. E logo te haõ de deſcoſer a geraçaõ; e ao ſom do villaõ tambem eu hey de vir à bailha, pois naõ faltará quem diga: que ſeja poſſivel, que a ſobrinha de huma criſtalleira nos falle já por vidraças! Hontem em chichelos, e hoje em berlinda!

Taram.

Taram. Olhe, tia, por amor deſſes rayos naõ quero tronos.

Sang. Ay filha, naõ ſe te dê diſſo, que tambem os Reys tem coſtas; tomara eu caſar com o Embaixador, porque ſendo eu Embaixatriz, direy ao mar que ronque, e ao rio que murmure.

Sahem ao baſtidor cada huma pela ſua parte, Ariadna, e Fedra, e cada huma com huma banda na maõ.

Ariad. Amor me deſcubra meyos para o meu intento; mas alli eſtaõ Taramella, e Sanguixuga; tomara, que me naõ viſſem por me naõ obſervarem os paſſos.

Fedra. Que importuno encontro! Sanguixuga, e Taramella ſe me vem com a banda, que levo, poderáõ penetrar o meu deſignio; eſperarey, que ſe vaõ.

Sang. E que dizes tu, cuidarem todos em palacio, que o Principe Tezeo he morto, naõ o ſendo? E na verdade que quando às vezes ouço fallar na morte de Tezeo, naõ poſſo ſoſter o rizo.

Taram. A induſtria toda via naõ foy má.

Ariad. Ay de mim, que já ſe ſabe, que Tezeo he vivo!

Fedra.

Fedra. Ay infeliz, que ſabendo-ſe já, que Tezeo naõ he morto, algum damno experimentarey!

Taram. Porém naõ nos dilatemos mais, que as Infantas pódem procurar por nós.

Sang. Pois, rapariga, naõ te deſcuides de bater o mato; tu bem me entendes. *Vay-ſe*

Vay-ſe Sanguixuga pela parte donde eſtá Fedra, e eſta aſegue, depois que diſſer o ſeguinte.

Fedra. Vou a declarar-me com Sanguixuga para que me guarde ſegredo. *Vay-ſe.*

Sahe Ariadna.

Ariad. Já que Taramella ſabe, que Tezeo eſtá vivo, naõ ha mais remedio, que fazer do ladraõ fiel.

Taram. Que terá Ariadna eſtes dias, que anda ſuſpenſa? *à part.*

Ariad. Taramella, como ſey o muito, que me amas, quero fiar de ti hum particular de meu peito, pois ſó tu pódes remediar o meu mal.

Taram. Eſſe conceito merece a lealdade, com que te ſirvo.

Ariad.

Ariad. Deſde que vi a Tezeo, infeliz Principe de Athenas, communicando-me amor pela viſta o ſeu veneno, foy facil me cegaſſe o ſeu precipicio; e aſſim como amante prevení induſtrias, que o podeſſem livrar do Minotauro.

Taram. Quero fazerme ignorante do caſo. *à p.*

Ariad. E como ElRey vangloriozo de ver vingado o ſangue de Androgeo, meu irmaõ, com a morte de Tezeo, para oſtentaçaõ de ſeu deſaffogo tem preparado hoje hum ſaráo, em que havemos de dançar com os Principes, para o que quero, que tambem Tezeo venha a palacio, pois com o diſfarce da maſcara naõ poderá ſer conhecido; e para que ſó eu o conheça, darlhe-has eſta banda azul para diviſa.

Dá-lhe a banda.

Taram. Ah tyrannos zelos, que me deixais com a alma a huma banda! *à part.*

Ariad. E como tu, pela continuaçaõ, que tens em ir ao Labyrintho comigo, já ſabes os caminhos, vay-te ao centro delle, e leva a banda a Tezeo, para que venha ao ſaráo eſta noite, e ſaberey agradecerte como merece a tua lealdade. *Vay-ſe.*

Taram. Haverá no Mundo mulher mais deſgraçada! Quando eu cuidey, que ſó ſabia,

bia, que Tezeo era vivo, tambem Ariadna o naõ ignora; e de mais a mais namorada delle! Ay como temo, que me tire a fortuna! E ſobre tudo fazer-me alcoviteira do meu meſmo amante! Que farey neſte caſo? Se naõ levo o recado, e a banda, encontro as iras de Ariadna; e ſe a levo, atiço mais o ſeu amor; naõ ſey de que banda me vire; eu bem pudera com a raiva dos zelos romper a banda em fanicos, mas naõ quero ſe naõ cara a cara darlhe com a ſua falſidade nos narizes.

Sahe Fedra com huma banda branca na maõ, e Sanguixuga.

Sang. Vay-te daqui, Taramella, que ao depois temos muito que fallar.

Taram. Tambem eu: vou huma vibora. *à p. Vay-ſ.*

Fedra. Como tenho dito, libertey a Tezeo da morte; e para que venha ao ſaráo eſta noite, levalhe eſta banda branca, *Dá-lhe a banda.* para que ſaiba, que he o alvo de minhas finezas, e por eſta diviſa o poſſa conhecer: bem vês, que te conſtituo ſecretaria de meu peito; eſpero, que naõ deſmereças o conceito, que faço da tua prudencia: Já que o ſabe, ao menos tenha

nha preceito para o naõ dizer. *à p. Vay-ſe*

Sang. E para dizer-me huma couſa, que eu já ſabia, eſteve fazendo mil eſcarcéos, tomando-me duzentos juramentos; porém que farey eu agora deſta banda, pois ſe a levo a Tezeo, dou armas contra minha ſobrinha Taramella? Ay, naõ permitta Deos, que eu ſeja traidora ao meu ſangue, que primeiro eſtaõ parentes, do que dentes.

Sahe Tebandro.

Teband. Sanguixuga, naõ me dirás, porque motivo deſpreza Fedra taõ repetidos extremos do meu amor? Por ventura naõ ſey amar naõ ſó as ſuas perfeiçõeſ, mas ainda os ſeus rigores? Deſengana-me já ſe aquelle deſdém inventa a ſua tyrannia, para apurar a minha fineza, ou para deſenganar a minha conſtancia.

Sang. Senhor Tebandro, naõ ſabe que huma futura noiva ſempre affecta repudios, deſdenha carinhos, inculca crueldades, e atropella finezas, e no cabo eſtaõ deſejando, que já chegue a hora de ſe verem nos braços de ſeu eſpoſo?

Teband. Aquelle deſdém naõ póde ſer apparente,

te, e ſe me naõ dás outra certeza de ſeu amor, hirey ſentir os ſeus deſvios em Chipre; para que lá ſó ſinta a memoria, e naõ aqui todas as potencias.

Sang. Que me dará Voſſa Alteza, ſe lhe der huma certeza do ſeu amor? Mas eu naõ ſou intereſſeira: agora matarey com hum cajado dous coelhos. *à part.*

Teband. Naõ faças ludibrio de hum deſgraçado.

Sang. He taõ verdadeiro o amor de Fedra, que te envia eſta banda, para que entre os maſcaras te poſſa conhecer à noite no faráo. *Dá-lhe a banda.*

Teband. Que dizes? Eu mereço os agrados de Fedra?

Sang. Sabe Deos o que me tem cuſtado polla em termos de dar a conhecer a ſua inclinaçaõ, mas Voſſa Alteza tudo merece.

Teband. Aceita por hora eſta joya, como principio do meu agradecimento.

Saug. Dadivas de Principe naõ ſe rejeitaõ: ora já tenho prenda, que dar ao Embaixador, quando caſarmos; porém Fedra enganada, e o Principe deſvanecido tudo hé hum. *à part. e Vay-ſe.*

Teband. Ainda naõ poſſo acreditar a minha ventura, pois quando a téa ardente do Himenêo

menêo já quaſi ſe extinguia aos aſſopros de hum deſengano, vejo que torna a encender-ſe com os alentos de hum ſuſpiro: oh ditoſo eu, que depois dos pezares, alcanço prazeres!

Canta Tebandro a ſeguinte

ARIA.

O navegante,
Que combatido
De huma tormenta
Logo experimenta
Quieto o vento
Tranquillo o mar.
Como eu, nem tanto
Se alegra, vendo,
Que vay creſcendo
Minha ventura,
E vay ceſſando
De meu gemido
O ſuſpirar.

SCENA II.

Labyrintho. Sahe Tezeo.

Tezeo ESta he a ultima eſtancia deſte intrincado Labyrintho, aonde Dedalo fixou a méta a ſeus artificios; atarey o fio de Ariadna a eſta columna, para que me ſirva de Norte em o pelago de tanto enleyo. Que admiravel edificio! Que variedade de arquitecturas! Que porticos! Que marmores! Que columnas! Aqui toda a confuſaõ alegra, e toda a alegria ſe confunde; pois, equivoco o horror, e a belleza, horroriſa o bello, e deleita o horror, que neſte quadro de luzes, e ſombras, brilhaõ as ſombras, e aſſombraõ as luzes. Porém Dedalo, que ficou de eſperar por mim neſte lugar, ſem duvida arrependido da palavra, ſe quiz aproveitar da mina, que abrio.

Sahe Dedalo da eſcotilha, que eſtará na boca do Theatro.

Dedal. Tezeo, Dedalo naõ falta ao que promette, pois eſcondido te eſperava na boca

ca deſta mina, que vay dar às ribeiras do mar, de donde me viſte ſahir, quando te encontrey.

Tezeo. Vem a meus braços, fiel amigo, e releva-me o errado conceito, que de ti formey: mas quizera ſaber como eſtando eu no centro do Labyrintho, naõ encontro ao Minotauro?

Dedal. Ainda o naõ ſoltariaõ tal vez, porque o tal monſtro vive encerrado em hum funeſto carcere, e quando ha victima humana de ſua tyrannia, o ſoltaõ, para que enfurecido venha por dirigido conducto a eſte lugar, que he o campo da batalha de ſeu furor.

Tezeo. Deſejo, que já eſſe monſtro feroz venha accommeter-me, que a pezar da ſua voracidade, me verás triunfador.

Dedal. Eu eſtou prompto para ajudar-te neſta empreza; e vè ſe queres, que diſcorramos em alguma induſtrioſa maquina, para o venceres, ſem que perigue a tua vida.

Tezeo. Se eu o quizera vencer a meu ſalvo, remedio trago comigo adminiſtrado por huma Deidade, com o qual ſeguramente poſſo triunfar deſſe monſtro; mas naõ intento valer-me de extraordinarios remedios,

dios, quando no meu braço tenho a defeſa da minha vida.

Dedal. Ay, quanto temo, que eſta temeridade ſeja a cauſa de tua ruina!

Tezeo. Naõ temas, que ſempre a fortuna foy companheira da temeridade.

Esfuziote dentro diz o ſeguinte.

Esfuz. Em boa eſtou metido! Ay, que naõ atino com a porta! Vamos por aqui; peyor! Vamos por alli; repeyor! Ay miſero Esfuziote, que eſtás quando nada metido nas profundas do Labyrintho, e a cada paſſo me parece, que encontro o Minotauro!

Tezeo. Alli cuido, que diſſeraõ Minotauro.

Dedal. E paſſos tambem ouvi; ſem duvida já o ſoltariaõ: Tezeo, outra vez te requeiro, te naõ exponhas a taõ evidente perigo; e ſe para o vencer tens o favor deſſa Deidade, (já que te naõ queres valer do meu) naõ pereças como temerario; guarda o teu valor, para mais heroica façanha.

Tezeo. Mais val morrer valente, que viver covarde; retira-te tu, que eu com ſubito furor ſem mais armas, que os meus braços, vencerey eſſa féra.

Sahe Esfuziote.

Esfuz. Vamos por aqui, ſaya o que ſahir.

Eſconde-ſe Dedalo: poem-ſe Tezeo a traz do baſtidor, por donde ſahirá Esfuziote com a cara para o povo; e ao ſahir, Tezeo o inveſte repentinamente, e luta com elle.

Tezeo. Morrerás, ò monſtro, deſpedaçado em meus braços.

Esfuz. Ay de mim, que cahi nas garras do Minotauro! Quem me acode!

Tezeo. Eſte he Esfuziote; ora muy efficaz he huma fantaſia! *à part.*

Esfuz. Ay de mim, que me meteo a garra em cheyo pelo vazio; eu me ſinto molhado, naõ ſey ſe he ſangue, ſuor, ou outra couſa mais inferior.

Larga Tezeo a Esfuziote; e eſte eſtará com as mãos no roſto.

Tezeo. Esfuziote, naõ te aſſuſtes.

Esfuz. Ay, que o Minotauro já me ſabe o nome!

Tezeo. Naõ me reſpondes? Olha para mim.

Esfuz. De burro, que eu tal olhe, quando nem pintado o quero ver.

Tezeo.

Tezeo. Que tens, que ficaſte immovel?

Eſfuz. Eu bem ſey o que tenho: ſó a voz que elle tem me faz amedrentar. *à part.*

Tezeo. Deixa loucuras; dize-me, quem te trouxe ao Labyrintho?

Eſfuz. Os meus peccados veniaes, que agora ſaõ mortaes.

Tezeo. Falla, ſenaõ te deſpedaço aqui.

Eſfuz. Senhor voſſa monſtroſidade naõ me faça perguntas, que eſtou com a lingua pegada ao ceo da boca; deixe-me ir embora em corteſia, antes que o medo deſtempére em alguma deſcorteſia; pois naõ he razaõ, que depois de comer hum Principe, queira encher o ſeu bandulho com a carne dura, e magra pelhancra de hum lacayo.

Tezeo. Quem cuidas tu, que ſou eu?

Eſfuz. Eu bem o ſey.

Tezeo. Pois ſabe, que naõ ſou, quem tu cuidas.

Eſfuz. Pois quem he? Quem he?

Tezeo. Olha, e verás.

Eſfuz. Senhor medo, com licença, deixe-me abrir piſcamente os olhos: a que delRey, que he a alma de Tezeo! Ay que eſtou feito hum tremedario! *Tira a maõ dos olhos.*

Tezeo. Neſcio, que alaridos ſaõ eſſes?

Esfuz. Fantaſma, chiméra, ſombra, illuzaõ, coco, e papaõ, que he o que me queres?

Tezeo. Olha, que ſou Tezeo.

Esfuz. *Tanto fortius*; naõ te chegues a mim, alma vádia, errante, e vagabunda.

Tezeo. Vem cá, naõ fujas.

Sahe Dedalo.

Dedal. Esfuziote, eu aqui eſtou tambem, naõ cuides que Tezeo morreo.

Tezeo. Graças aos Deoſes, que ainda eſtou vivo.

Esfuz. Eu bem ſey, que as almas nunca morrem.

Tezeo. Baſta, que cuidaſte, que eu era morto? Certamente que o teu medo te allucinou.

Esfuz. Eu, Senhor, vendo, que te chegavas para mim, que havia ſuppôr, ſenaõ que eras couſa má; porque couſa boa nunca para mim ſe chegou?

Tezeo. Como te atreveſte a penetrar até o centro do Labyrintho? Naõ cuidey, que tinhas valor para tanto.

Esfuz. Se eu fora liſonjeiro, bem te podia dizer, que quiz vir acompanharte nas tuas penas, para ajudarte a matar o Minotauro;

ro ; porém , Senhor , a minha fraqueza he tal , que me naõ póde deixar mentir, e foy o caſo. Depois que te trouxeraõ para o Labyrintho , como o boy ſolto lambe-ſe todo , naõ me pezou o pé huma onça , e como tal de hum pullo entrey por huma porta , ſahi pela outra , andey , deſandey , corri , deſcorri , para dentro , para fóra , daqui para alli , até que dey comtigo neſte lugar , neſte Labyrintho , neſte diabo , que bem eſcuſado era , que o Senhor Dedalo fabricaſſe eſtes enredos ; mas por donde cada hum pecca , por ahi paga.

Dedal. Já por meu mal me naõ poſſo eximir deſſa cenſura.

Tezeo. Ainda te naõ ſey encarecer a artificioſa maquina deſte portento !

Esfuz. Tambem o filho da puta , que tal fez, merecia as mãos cortadas.

Tezeo. E que novas me dás de Ariadna ? Sente muito a minha auſencia ?

Esfuz. Muito , e com tanto extremo , que eſta noite fazem hum faráo por exequias de tua morte.

Tezeo. Cruel he a ſua condiçaõ ! Pois naõ te fallou em mim ?

Esfuz. Nem fallar niſſo he bom , e mais agora

ra que anda hum rum rum em palacio, que Lidoro caſa com Ariadna.

Tezeo. Ay infeliz, que ſe eu hey de ter vida para ver a Ariadna em poder de Lidoro, naõ reſiſtirey ao Minotauro, que antes quero que a ſua furia me devore, de que os zelos me deſpedaçem!

Esfuz. Pois ainda o Minotauro eſtá vivo?

Tezeo. Ainda; e de ſeu furor me naõ hey de eximir.

Esfuz. Bem aviados eſtamos! O Minotauro vivo, e eu aqui? Pois com licença, que eu me naõ quero minotaurear agora, nem eſperar pela morte aqui a pé quedo, pois eu cuidava, que eſtavas vivo por teres morto ao Minotauro.

Tezeo. Adonde has de ir, que o pódes encontrar; Naõ te acovardes, eſtando comigo.

Esfuz. Por ventura Voſſa Alteza he alguma coura danta, ou ſaya de malhas, que me faça impenetravel aos dentes Minotaurinos? E quando aſſim ſeja, ſe quizermos furtarlhe a volta, e fugir, como nos havemos escafeder daqui fóra, ſe em cada paſſo encontramos mil barafundas, e circunloquios?

Dedal. Mais facil ſerá matar ao Minotauro, que

que atinar com os caminhos intrincados do Labyrintho.

Tezeo. De hum, e outro, me verás victorioſo.

Eſfuz. A mim tambem naõ me cheira.

Tezeo. Para que o ſaibas, attende.

Canta Tezeo a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Nunca piedoſo o Ceo a hum deſgraçado
Negou favores de hum ditoſo auſpicio,
Pois com anticipadas influencias,
Antidotos prevenío a meus pezares,
Dando-me Fedra a induſtria peregrina
Do triunfo do horrendo Minotauro;
Quando Ariadna com ſubtil idéa
O fio me adminiſtra,
Que tecido farol neſtes horrores
Me guia o paſſo em tanto Labyrintho;
Mas ay, bella Ariadna! Se piedoſa
Me dás a liberdade,
Inuteis conſidero os teus favores;
Porque em tanta aſpereza
Mais cativo me tem eſſa belleza.

ARIA.

ARIA.

Vem, ò monſtro, a lacerarme,
Vem, cruel, a devorarme;
Porém naõ offendas
Com furia inhumana
A bella Ariadna,
Que dentro em meu peito
Se oſtenta feliz.
Se morto me vires,
Só quero, que entendas,
Que tu me naõ matas,
Amor iſſo ſim.

Esfuz. Ainda que mo diga cantando, ou chorando, eu vou-me, que naõ quero eſtar aqui hum minuto por amor do Minotauro. *Vay andando.*

Ao ir-ſe Esfuziote, ſahe o Minotauro, e o atropella, e luta com Tezeo.

Esfuz. Mas ay, que elle he comigo! Senhor Minotauro, olhe, que eu naõ ſou dos ſete do tributo: ay, ay, ay.

Tezeo. O' tu vivo ſepulchro de Athenienſes, hoje pagarás com a vida os males, que tens cauſado.

Dedal. Aqui me tens em tua defenſa.

Tezeo.

Tezeo. Retira-te, Dedalo, que eu ſó dominarey o furor deſte monſtro.

Esfuz. Iſſo, iſſo; com elle, e naõ comigo.

Tezeo. Por mais que empenhes a tua furia, hey de triunfar de tua crueldade, apertando-te em meus braços, até que exhales o alento.

Cahe o Minotauro na mina com bramidos.

Dedal. O' ſempre eſclarecido Tezeo, agora vejo, que ainda o teu valor he mayor, que a tua fama.

Esfuz. O' ſempre tremebundo Esfuziote, agora vejo, que o teu pavor ainda he mayor, que o Minotauro.

Tezeo. Releva-me, Fedra, deſpreſar para a morte do Minotauro o piedoſo remedio, que me adminiſtraſte, que ſeria injuria do meu valor buſcar fóra de mim induſtrias para vencer; porém ſempre no meu agradecimento fica recompenſada a tua generoſidade.

Esfuz. Diga-me, Senhor: darſe-ha caſo, que a bichinha naõ ficaſſe bem morta, e que poſſa reſurgir daquella buraca?

Tezeo. Com tal vigor o apertey em meus braços, que nelles expellio o ſeu vital alento.

Esfuz. Quem me dera ter hum abraço deſſes, para dar ao meu amigo Embaixador.

Tezeo.

Tezeo. Esfuziote, já que os aſtros te deſtinaraõ para companheiro de meus infortunios, quero valer-me de ti para outra empreza mayor, que a do Minotauro.

Esfuz. Senhor, ſe eu naõ pude com a menor, como hey de poder com a mayor?

Tezeo. Para comunicar-me com Ariadna, parece, que amor te conduzio a eſte Labyrintho. *Ruido.*

Dedal. Pizadas ouço, parece que vem gente.

Esfuz. Senhor, naõ ſerá licito, que te vejaõ, pois todos te julgaõ morto.

Tezeo. Dizes bem; Dedalo, aonde nos eſconderemos?

Dedal. No concavo deſta diafana columna ha hum pequeno, e limitado gabinete, donde muito apenas cabem duas peſſoas, no qual nos poderemos eſconder.

Tezeo. Pois vamos depreſſa, que o rumor já vem perto.

Esfuz. Eſcondaõ-ſe covardes, que eu ſó reſiſtirey aos Minotauros.

Eſcondem-ſe Dedalo, e Tezeo atraz da columna, que ha no meyo do Labyrintho, e ſahe Taramella com huma banda azul na maõ.

Taram. Quero obedecer a Ariadna, ſó para inveſti-

inveſtigar os meus zelos; mas entre tanto enleyo aonde acharey a Tezeo?

Esfuz. Ay que he Taramella em carne, que me vem buſcar em oſſo de correr, e ſem duvida que a induſtria de fazer-me Principe a tem feito andar numa dobadoura.

Taram. Mas elle ahi eſtá: ah fementido Principe, já vejo, que he certa a tua falſidade.

Esfuz. Taramella, já ſey, que o Labyrintho da tua ſaudade te trouxe por teu pé a eſte, aonde por ti duas vezes me conſidero perdido.

Taram. Para que he liſongeiro? Logo me pareceo, que o ſeu amor era fingido. Se adora a Ariadna, para que me engana? E ſe ella o buſca, para que me perſegue?

Tezeo. Que he o que ouço? *à part.*

Esfuz. Menina, iſſo ſaõ tramoyas de tua tia, por ver ſe nellas eſcorrega o arlequim de meu amor.

Taram. Ainda ſe atreve a negar, que adora a Ariadna?

Esfuz. Eu a Ariadna? Apello eu! He mulher, que nunca me cahio em graça.

Taram. Sim, que Ariadna havia de fazer exceſſos por quem a naõ requeſtaſſe primeiro muito bem.

Esfuz.

Esfuz. Se ella para quererme achou motivos na minha gentilomeza, que culpa tenho eu?

Tezeo. Que enigma ſerá eſte de Esfuziote com eſta moça? *à part.*

Taram. Bem ſey, que ella he huma Princeza, e eu huma criada; mas tenho a conſolaçaõ, que eu o naõ roguey, para que me quizeſſe.

Esfuz. Taramella, naõ venhas a arengar: tanto ſe me dá a mim de Ariadnas, como da lama da rua; tu cuidas, que eu faço caſo de Princezas? He engano, pois mais me regalla huma fregona deſenxovalhada, que os melindres, e filetarias de huma Princeza.

Taram. Nada diſſo me entra cá, pois eu conheço o genio de Ariadna, e ſey, que ſem a requeſtar, lhe naõ havia mandar eſta banda, para com ella ir ao ſaráo, que ſe faz em Palacio eſta noite. *Dá a banda.*

Tezeo. Tomara já ſaber, que banda ſerá eſta de Ariadna! *à part.*

Esfuz. Pois Ariadna manda-me eſta banda? Darſe-ha caſo, que me namore, ſem eu o ſaber?

Taram. Naõ ſe faça de novas; e para que veja, que a mim me naõ engana, vá, vá ao ſaráo; caze com Ariadna, que eu me

me vingarey em pedir juſtiça ao Ceo contra hum falſo enganador: juſtiça! Juſtiça! *Vay-ſe.*

Esfuz. Eſpera, Taramella, naõ feches a porta à minha innocencia.

Sahe Tezeo, e Dedalo.

Tezeo. Larga eſſa banda, inſolente.

Esfuz. Por todas as bandas me vejo combatido: ahi eſtá a banda. *Dá a banda.*

Tezeo. Que dizia de Ariadna eſſa mulher?

Esfuz. Foy galante caſo! Supponho, que entendeo, que eu era Tezeo pelo circunſpecto da minha perſonage, e da parte da Senhora Ariadna deo-me eſta banda, para que com ella foſſe ao ſaráo, que ſe faz eſta noite em palacio.

Tezeo. Aſſim ſerá; porém ſe cuidava, que tu eras Tezeo, como te dava ciumes, e indignada contra ti foy pedindo juſtiça?

Esfuz. Iſſo meſmo eſtava eu para te preguntar agora; darſe-ha caſo, Senhor, que Voſſa Alteza algum dia bichancreaſſe eſta criada?

Tezeo. Eſtás louco? Mas tu para que lhe davas ſatisfaçõeſ?

Esfuz. Porque entendendo, que Voſſa Alte-

za tinha tinha de amor com eſta rabujenta criada, naõ quiz deixaſſes de comer por mal cozinhado; e aſſim lhe fuy reſpondendo a trouxe mouxe.

Tezeo. Naõ te quero apurar mais por ora; e pois eſta he a primeira fortuna, que amor me facilita, vamos, Dedalo, a procurar maſcara, que quero ir ao ſaráo, que com ella de ninguem ſerey conheeido, e ſó de Ariadna pela diviſa deſta banda.

Esfur. Giribanda me parece iſto: oh queira Jupiter, que neſſa dança naõ haja algum contratempo da fortuna.

Tezeo. Vamos, naõ nos dilatemos.

Dedal. Sempre ficarey temendo naõ ſe te quebre o fio, e te percas no Labyrintho.

Tezeo. Quem com favores me alenta, tambem com cautellas me defende deſſe cuidado. *Vay-ſe.*

SCE-

SCENA III.

Sala, e huma cadeira. Sahe Tebandro com maſcara cahida, e Lidoro ſem ella, e depois poem Tebandro a maſcara; e no fim ſe correrá a corrediça do meyo, e apparecerá toda a Sala, em que haverá huma meſa compoſta em fórma de banquete.

Teband. LIdoro, vós ſem maſcara, quando todos já vimos caminhando a eſte lugar do ſaráo?

Licas. Deixa-me, Tebandro, voar nas azas das minhas penas aos incultos deſertos da Lybia, aonde naõ hajaõ memorias deſte infeliz.

Teband. Naõ deſprezeis eſta occaſiaõ, em que as Infantas tambem dançaõ, para que no contacto de tanta neve poſſais mitigar os incendios do voſſo ardor.

Lidor. Naõ quero merecer ao rebuço da maſcara, o que ſem ella naõ alcanço.

Teband. Tambem eu vivia na meſma deſeſperaçaõ; porém Fedra compadecida dos golpes, que a ſetta de amor fulminou em meu

meu coraçaõ, para ligar as feridas me enviou eſta banda.

Lidor. Goza tu, ò Tebandro, eſſa fortuna, pois foſte mais feliz no teu amor; que eu deſenganado, por naõ morrer muitas vezes, irey morrer huma ſó. *Vay-ſe.*

Vaõ ſahindo Ariadna, Fedra, Sanguixuga, e Taramella com maſcarilhas; poem Tebandro a ſua; ſahe ElRey ſem ella, que ſe aſſentará, e em quanto vaõ ſahindo, cantarſe-ha o ſeguinte.

CORO.

Num-a alma inflammada
De amor abrazada
Cruel Labyrintho
Fabríca o Amor.
Porém quem eſpera
O bem de huma féra,
Acertos de hum cego,
De hum monſtro favor?

Rey. He tal o prazer, que tenho de ver vingada a morte de Androgeo com a de Tezeo, que naõ cabendo em meu coraçaõ, o intento publicar neſta exterior alegria.

Fedra.

Fedra. Já alli diviſo a Tezeo pela ſenha da banda branca, deſejara me tiraſſe à dançar. *à part.*

Ariad. Ainda naõ vejo a Tezeo aqui, ſem duvida ſe quebraria o fio no Labyrintho: oh quantos ſuſtos padece quem ama! *à part.*

Sang. Quem pudera conhecer ao Embaixador, que o havia de ſacar a paſſeyo. *à p.*

Taram. Se Tezeo me foſſe amante leal, para bem naõ havia de vir ao ſaráo. *à part.*

Sahe Tezeo com maſcara.

Tezeo. A bom tempo chego: quem pudera conhecer a Ariadna! *à part.*

Ariad. Alli vejo Tezeo; já deſcanſará o meu coraçaõ. *à part.*

Taram. Aquelle da banda azul he Tezeo, que ſem ella o naõ conhecera; e pois taõ galhardamente ſe ſoube disfarçar, certos ſaõ os meus males. *à part.*

Sahe Esfaziote com maſcara muito horrenda.

Esfaz. Só agora que tapo o roſto, he que tenho cara de apparecer; queira Deos me naõ perca nas voltas de Andreza.

Sang. Ay que galante maſcara entrou agora!

Rey. Dê principio ao ſaráo a canora armonia dos inſtrumentos.

Teband. Seja eu o primeiro, que na ordem de amor devo preferir a todos; aquella ſem duvida he Fedra; dançarey com ella.

Fedra. Fortuna foy o conhecer-me Tezeo. *à p*

Teband. Galharda Ninfa, a permittida faculdade deſta occaſiaõ ſeja o indulto deſte atrevimento.

Fedra. Se a occaſiaõ o permitte, naõ póde a vontade deixar de obedecer.

Dançaõ, e cantaõ os dous o ſeguinte.

MINUETE.

Teband. Inda naõ creyo
O bem, que gozo:
Serey ditoſo,
No meu amar?

Fedra. Eſtas a voltas
Saõ da fortuna,
Sorte oportuna
Amor te dá

Teband. Serás amante?

Fedra. Serás conſtante?

Ambos. Eſta conſtancia
Firme ſerá.

Fedra.

Fedra. A' manhãa à noite te eſpero na ſala dos enganos do Labyrintho. *à p. para Teb.*

Teband. Amor, tanta fortuna junta, temo me mate o goſto de poſſuillas. *à part.*

Rey. Quem dançou com Fedra, ſem duvida foy Tebandro, e o fez galhardamente. *à p.*

Faz Ariadna acenos para Tezeo.

Tezeo. Aquella por acenos me diz a tire a dançar; ſem duvida he Ariadna, que me conheceu pela banda: oh que vagaroſos faõ os paſſos de hum acelerado deſejo! Formoſa Ninfa, para que me naõ perca no Labyrintho da dança, permetti, que o norte de voſſas luzes ſeja o indice de meus acertos. *à parte para Ariadna.*

Ariad. Bem he, que aprendais acertos neſte Labyrintho, para que no de amor naõ vos percais. *à parte para Tezeo.*

Dançaõ, e cantaõ os dous o ſeguinte.

MINUETE.

Tezeo. Na pura neve
De teus candores
Os meus ardores
Se ateaõ mais.

Ariad. Se eſſa ventura
Feliz alcanças,
Neſſas mudanças
Temo o meu mal.
Tezeo. Serás amante?
Ariad. Serás conſtante?
Ambos. Eſta conſtancia
Firme ſerá.

Ariad. Na Sala dos enganos eſpera-me à manhãa a eſtas horas. *à parte para Tezeo.*
Tezeo. Ao meu deſejo, e ao teu preceito obedecerey.
Rey. O que dançou agora com Ariadna, ſeria Lidoro; quem me dera ver já concluidas eſtas ditoſas nupcias. *à part.*
Esfuz. Aquella das ancas roliças he Taramella, e ainda que o naõ ſeja, como *imaginatio facit cauſam*, ſupponho, que he ella; e já que he menina do Açafate, dançarey com ella huma giga: Senhora maſcarada, aqui todos ſomos huns, erga o rabete, e vamos dançando.
Taram. Bem condizem as palavras com o geſto; tenho entendido, que em tudo he ridiculo.
Esfuz. Ella he ſem duvida, que agora a conheço melhor pelo falſo metal da voz: ora entiricemonos em fórma dançatriz. ARIA

ARIA A DUO.

Em fórma de Minuete.

Esfuz. Inda que gaſte
Duzentas ſolas,
Mil cabriolas
Por ti farey.
Taram. Ay que bichancro!
Que horrenda cara!
Quem lhe caſcara
Hum cambapé. *Faz Esfuz. que tropeça.*
Esfuz. Dame eſſa maõ,
Para me erguer.
Taram. Va-ſe dahi,
Quem he voſſê?
Esfuz. Sou quem por ti
Mil cabriolas
Juntas farey,
Queres tu ver?
Ora la vay,
Huma, duas, e tres, e quatro, e cinco, e ſeis.
Ambos. Muy boliçoſo *Em pulos.*
Tens eſſe pé!

Rey. Baſta, demos por acabado o ſaráo: olá, preparem-ſe as meſas, pois quero banquetear eſta noite aos Principes.

Taram.

Taram. Vamo-nos, tia, que os Principes querem cear: ah falſo Tezeo, eu me vingarey de ti. *à part. vay-ſe.*

Sang. E que ſe paſſaſſe a noite, ſem haver hum Embaixador, que comigo dançaſſe, para moſtrar minhas habilidades! Paciencia, vamos a codear. *à part. vay-ſe.*

Corre-ſe a corrediça do meyo, apparece huma meſa, e tirão todos as maſcaras, excepto Tezeo, e Tebandro.

Rey. Principes, tiray as maſcaras, que naõ haveis de comer com ellas.

Tezeo. Eſtou perdido, ſe ElRey teima, em que nos deſcubramos, pois já me naõ poſſo retirar, ſem que me veja, e ſe me for à ſua viſta, tal vez que mo naõ conſinta; quem já mais ſe vio em taõ apertado lance! *à part.*

Fedra. Ay de mim, que ſe Tezeo tira a maſcara, ElRey o conhece! Naõ tires a maſcara, que niſſo eſtá a tua vida. *à p. para Teb.*

Teband. A minha vida? Naõ entendo a Fedra. *à part.*

Ariad. Que ſerá de Tezeo, ſe ElRey porfiar em que tire a maſcara? Tezeo, naõ tires a maſcara, que primeiro eſtá a tua conſervaçaõ. *à part, para Tezeo.*

Tezeo.

Tezeo. Bem ſey, mas que hey de fazer?

Rey. Que he iſſo Lidoro? Que he iſſo Tebandro? Naõ tirais as maſcaras? Recuſais o meu convite?

Esfuz. Eu por mim, Senhor, ſem preceito de Voſſa Mageſtade já tirey a maſcarilha, ſe bem que para taes funçõeſ ainda com maſcara maſcára.

Teband. Fedra me diz, que naõ tire a maſcara, e ElRey ordena o contrario, como ha de iſto ſer? *à part.*

Tezeo. Hoje ſerá a minha total ruina. *à part.*

Esfuz. Naõ te diſſe eu, Senhor, que temia neſta dança algum contra tempo? *à p. para Tez.*

Rey. Eſſa deſobediencia he ludibrio do meu decóro; que receyo tendes em vos deſcobrires? Alguma traiçaõ indica eſſe recato, e eſſe rebuço: olá da minha guarda.

Fedra. Ay infeliz Tezeo, eu me vou, antes que os meus olhos vejaõ tal deſgraça; quem nunca te mandara chamar! *à part. e vay-ſe.*

Ariad. Que infelicidade! *à part.*

Esfuz. Eis-aqui os bailes! Couſa de pés ſempre dá na cabeça. *à part*

Tan-

Tanto que ElRey chama a guarda, viraõ dous Soldados, e com elles o Principe Lidoro com maſcara, pela parte donde eſtá Tezeo, e eſte ſe irá logo, e ElRey eſtará virado com as coſtas para elle, e Tebandro tira a maſcara.

Tezeo. Agora neſte tropel, e confuſaõ, me irey. *Vay-ſe.*

Lidor. Naõ pude acabar comigo deixar de vir ao ſaráo, mas cuido, que já venho tarde. *à part.*

Ariad. Já ſe foy Tezeo; já reſpiro com ſocego. *à part.*

Rey. Agora fará o rigor, o que naõ póde o reſpeito.

Teband. Aqui naõ ha mais, que obedecer: Senhor, Voſſa Mageſtade naõ accuſe de remiſſa a minha obediencia, pois eu? eu? *Tira a maſcara.*

Rey. Eſtá bem, Tebandro: e vós Lidoro nem o exemplo de Tebandro, nem o meu preceito he baſtante, para que acabeis de tirar a maſcara? Porém naõ deveis de ſer Lidoro, que a ſer ſerieis mais attento, e neſſa ſuppoſiçaõ: Olá, tiray a maſcara a eſſe homem, para que depois de conhecido, pague com a vida o ſeu atrevimento.

Lidor.

Lidor. Senhor, que diz Voſſa Mageſtade, ſe eu ainda agora entro, ſem que em nenhum tempo foſſe inobediente a teu preceito? *Tira a maſcara.*

Rey. He boa deſculpa eſta, Lidoro, querer contradizer huma ocular evidencia.

Lidor. Hum Principe de Epyro naõ ſabe mentir; e para que me acredites, pergunta-o a eſſes Soldados, que comigo vieraõ.

1. *Sold.* Aſſim he, Senhor, que o Principe Lidoro comnoſco entrou.

Esfuz. Iſſo eſtá muito bem, mas o caldo eſtará de neve. *à part.*

Ariad. Eſtimo, que foſſe Lidoro o culpado. *à part.*

Rey. Lidoro, eu creyo o que me dizeis; porém deixay que creya tambem aos meus olhos, que viraõ hum maſcara dançar com Ariadna, a quem mandey ſe deſcobriſſe, cuja deſobediencia foy tal, que para ſeu caſtigo me obrigou a chamar a eſtes Soldados de minha guarda.

Lidor. Pois, Senhor, eu naõ dancey com Ariadna, que a minha fortuna ſempre adverſa me privou deſſe bem, por naõ querer conſeguir favores no disfarce de quem na realidade me deſpreza, e aſſim peço-te, Senhor, me dês licença para retirar-me à minha

minha Corte, que como ha em palacio quem dance com Ariadna, e ha nella repudios, que me deſenganaõ, baſtante motivo, parece, que abona o meu retiro.

Quer irſe.

Rey. Naõ vos auſenteis, Lidoro, levando hum eſcrupulo taõ indecente ao meu decoro; eu vos prometto averiguar quem foy o que dançou com Ariadna, para o que empenho a minha Real palavra.

Esfuz. Iſſo aſſim ſerá; porém a ſopa *esfriata eſt.*

Ariad. Lidoro, ſe pelos meus deſvios vos auſentais, digo, que tendes razaõ; porém ſempre andaſtes deſcomedido, em dizer, que ha em palacio quem dance comigo, quando naõ póde haver taõ atrevido penſamento, que intentaſſe com o diſſimulo do disfarce aproveitar-ſe do contacto da minha maõ; pois ſó com a permittida faculdade delRey commetterias, com eſſe indulto, eſſe delicto.

Lidor. De taõ ditoſo crime deſejara ſer o culpado.

Esfuz. Senhores, guardem iſſo para ſobre meſa, pois naquella Babilonia de payos naõ faltaõ línguas, para deslindar eſſe novo caſo da conſciencia.

Rey.

Rey. Eu confeſſo, que eſtou perplexo, e ainda naõ poſſo crer, que naõ dançaſtes com Ariadna.

Lidor. Nem ao menos pelo veſtido pudeſtes diſtinguir, ſe me parecia eu com eſſe maſcara, que dançou?

Rey. Como já os annos me vaõ privando da perſpicacia do melhor ſentido, naõ fiz aprehenſaõ no veſtido; diga-o Ariadna, e Tebandro.

Teband. Naõ ha duvida, que o veſtido era differente a eſte de Lidoro.

Ariad. Pois a meu ver nenhuma differença tinha; e para que Lidoro ſenaõ atreva em minha preſença a proferir taõ inauditas offenſas, Voſſa Mageſtade me permitta licença, pois que naõ poſſo caſtigar o ſeu atrevimento, ao menos me retire de ouvir taõ loucas palavras. *Vay-ſe.*

Esfuz. Ora iſto já ſenaõ póde aturar; eu naõ hey de ſer Tantalo, ainda que eſteje no Inferno; valhaõ-me as minhas rapantes habilidades, que com a diſputaſinha em nada reparaõ a eſtas horas.

Eſconde-ſe Esfuziote debaixo da meſa, e de quando em quando deita a maõ em hum prato.

Rey.

Rey. O caſo eſtá duvidoſo.

Esfuz. Por iſſo vou commentando. *Deita a maõ.*

Rey. Lidoro, deſcanſay, que vos prometto averiguar, quem foy, o que dançou com Ariadna; pois a naõ ſeres vós, como dizeis, e naõ vermos retitar-ſe o outro, que ſe ſuppoem, naõ ſey, quem poſſa ſer, ſalvo ſe for o vivo morto, que o Oraculo prediſſe para total extinçaõ do Minotauro. *Vay-ſe.*

Esfuz. Iſſo dizem todos à boca cheya. *Comendo.*

Teband. Vou confuſo, ſem ſaber, porque cauſa me diria Fedra, que me naõ deſcobriſſe. *à part. e vay-ſe.*

Lidor. Quem vio mayor confuſaõ!

Esfuz. Preguntemo a mim, que eu porey iſto em pratos limpos. *à part.*

Lidor. Que enleyo ſerá eſte? Tudo em Creta ſaõ Labyrinthos, e enigmas! Pois affirmar ElRey, que eu dancey com Ariadna, quando vinha para eſſe effeito, e o que mais he, naõ apparecer, nem ſaber-ſe quem com ella dançou, naõ ſey o que preſumo!

Esfuz. O ſupino de preſumo hé preſunto, e eſte que naõ he máo! *à part.*

Lidor. Preſumir em Ariadna, que admitte outro amante, he deſacerto, por naõ haver

ver em Creta, quem a mereça: eu, vacilante no Oceano tempeſtuoſo de tanta confuſaõ, naõ ſey diſcernir o que ſerá iſſo.

Esfuz. He chourico, que ſabe como gaitas. *à part.*

Lidor. Oh nunca caprichára em naõ vir ao bayle, que ſe a tempo chegaſſe, nunca haveria quem tanta fortuna conſeguira! Oh que tormento me penetra o intimo do coraçaõ, pois em tanta duvida naõ poſſo deſcifrar a cauſa de minhas penas!

Esfuz. Na verdade, que iſto he hum bocado, que ſe naõ póde tragar: valha o diabo ao coſinheiro, que deixou o gallo com eſporões.

Repete Lidoro o ſeguinte.

SONETO.

Se eſte mal, que padeço, hey de moſtrallo.
Perifrazis naõ acho a definillo;
Pois quando dentro d'alma ſey ſentillo,
Balbuciente he o gemido a declarallo:
Por mais que intento em vozes deſcifrallo,
Me ſoffoca o pezar ao proferillo,
Pois contém eſte mal hum tal ſigillo,
Que parece he delicto o publicallo:

Se

Se o tormento, que n'alma ſe reſume
Reſide inexplicavel cá no interno
Do peito, donde ſinto hum vivo lume:
Sómente caberá ſeu mal eterno,
Ou na lingua do fogo do ciume,
Ou na boca voraz do meſmo Inferno.

Esfuz. Já que deu o mote, cá vay a g'oſa.
Comendo.

Sahe Taramélla.

Taram. Já que o falſo Tezeo correſponde a Ariadna, pois com a banda, que lhe dey em ſeu nome, veyo ao ſaráo, e com ella dançou com notorio deſprezo de minha peſſoa, que eſpero, que me naõ vingo eſtorvando os intentos do ſeu amor?

Esfuz. Lá vem Taramella, ſe me naõ engano; e como vem comeſinha!

Taram. Senhor Lidoro, taõ ſó por aqui a eſtas horas? Já me naõ pergunta por Ariadna?

Lidor. Já ſe acabou eſſe cuidado, que como Ariadna tem, quem dance com ella, naõ he muito, que encontre mudanças na minha fortuna.

Taram. Tem muita razaõ Voſſa Alteza, e muito mais dançando com quem dançou.

Esfuz. Temos o caldo entornado, que a mo-

ça

ça he capaz, como eu aqui faço, de dar com a lingua nos dentes. *à part.*

Lidor. Pois, Taramella, tu ſabes quem dançou com Ariadna?

Taram. Se guardas ſegredo, eu to direy: zelos, he tempo de derramar já tanto veneno. *à part.*

Esfuz. Vejaõ lá, ſe aſſim como me deu a banda no Labyrintho, ſe a deſſe a Tezeo, que tal ſeria?

Lidor. Dize-mo, Taramella; e para que vejas o meu agradecimento, ahi tens neſta joya o anticipado premio do meu affecto. *Dá a joya.*

Taram. Ay Senhor, para mim naõ ha mais joya, que o ſeu bom modo, e cortezia; que o modo, com que ſe dá, augmenta o valor da dadiva.

Esfuz. Porém ſempre lambendo. *à part.*

Lidor. Dize, naõ tenhas pejo.

Esfuz. Eu cuido, que ella eſtá pejada, pois a vejo em termos de vomitar. *à part.*

Taram. Vigie naõ venha Ariadna, que ſe me acha fallando com Voſſa Alteza ſó por ſó, me matará certamente; pois diz, que nem couſa ſua quer que com Voſſa Alteza falle.

Lidor. Pódes dizer, que ella naõ vem agora.

Taram.

Taram. Poîs, Senhor, ſaberá, que quem dançou com Ariadna . . . . ay Senhor, veja por ſua vida naõ venha ella.

Lidor. Dize, que naõ vem; pois quem foy?

Taram. Foy Tezeo.

Lidor. Tezeo? Que dizes? Como póde ſer, ſe elle morreu no Labyrintho? Vay-te, e deixa-me com eſſas quiméras.

Esfuz. A mulher he capaz de deſenterrar mortos.

Taram. Senhor Lidoro, Tezeo naõ morreo; Ariadna ſe correſponde com elle, e veyo ao baile, e por final . . . . .

Lidor. Eſpera, que ahi vem Ariadna por aquella Salla.

Taram. Ay deſgraçada de mim, ſe aqui me vê! Eſconda-me em algures.

Esfuz. Bem haja Ariadna, que veyo; nunca to pé dôa. *à part.*

Lidor. Em quanto ella paſſa, eſconde-te debaixo daquella meſa, que de outra ſorte naõ pódes ir, ſem que te veja.

Taram. Pois eu me eſcondo, e avize-me, quando ſe vay.

Esfuz. Anda para cá, que eu te perguntarey. *à part.*

Eſconde-ſe Taramella debaixo da meſa, donde eſta Esfuziote, e brigaõ de ſorte, que virá a meſa ao chaõ.

Taram. Ainda eſtou ſem pinga de ſangue no corpo.

Esfuz. Aqui ſe pagaõ ellas, velhaca, embuſteira.

Taram. Ay, que naõ ſey, quem aqui eſtá!

Esfuz. Cal-te, marafona.

Taram. Aque delRey, acuda-me Senhor *Cahe a* Lidoro; acuda-me V. Alteza *Vay-ſe. meſa.*

Esfuz. Antes que te vejaõ, Esfuziote, vay-te esfuziando. *Vay-ſe.*

Lidor. Quem vay ahi? Quem he, Taramella?

Taram. Elle ahi vay, veja ſe eu fallo verdade?

Lidor. Irey em ſeu ſeguimento. *Quer iſſe.*

Sahe Ariadna.

Ariad. Em ſeguimento de quem? Que ſoy iſto, Taramella? Que diſturbio he eſte?

Taram. Vindo levantar a meſa, eſtava hum caõ roendo hum oſſo; oſſo foy elle, que me queria levar a carne da perna por amor do oſſo, que para ambos foy de correr; eu para fúgir, e o caõ para morderme; e com o medo tropecey na meſa, e veyo tudo ao chaõ.

Lidor. Que naõ pudeſſe diſtinguir, quem era o que fugio? Mas quem havia de ſer, ſenaõ quem diſſe Taramella, que talvez por eſſe reſpeito vieſſe Ariadna a eſte lugar, eſtorvando-me o ſeguillo? *à part.*

Ariad. Vay chamar quem levante a meſa: ouves, dirás a Tezeo, que ſe por acaſõ me naõ ouvio no bayle, que o eſpero na Salla dos enganos à manhãa à noite. *à part.*

Taram. Eu vou, Senhora: olhe o negro caõ o ſuſto que me meteo!

Lidor. Cuido, Senhora, que já vindes tarde; mas quem he vivo ſempre apparece.

Ariad. Naõ entendo eſſa nova fraze de fallarme.

Lidor. Naõ ſem cauſa eraõ os teus deſvios, ingrata; pois deſprezando a viva conſtancia, com que te adoro, idolatras a hum morto na apparencia, que vive em teu coraçaõ na realidade.

Ariad. Ay deſgraçada! Que he o que ouço? *à p.*

Lidor. Agora morrerey com mais ſuavidade, conhecendo a cauſa de teus deſvios; mas naõ deſeſperado na incerteza da cauſa de teu deſdém.

Ariad. Como deſattento a meu decóro fabricais em voſſo penſamento eſſes temerarios conceitos, indignos de minha ſoberania!

Lidor.

Lidor. Que offenſa faço em dizer, que amas a Tezeo, e que foy quem comtigo dançou disfarçado? E ſe hum Principe como Tezeo he o teu emprego, em que ſe póde offender o teu decoro?

Ariad. Que mais claro o ha de dizer? Louco Principe, bem ſe vê, que todas as maquinas, que fabrícas, ſaõ fundadas em aerias deſconfianças; pois ainda que Tezeo podeſſe reſuſcitar agora, nem vós, nem èlle, nem ninguem, podia contraſtar a minha iſençaõ: ide-vos, ide-vos, barbaro, temerario, que eſſas fingidas idéas naõ pódem eſcurecer as purezas do Sol.

Lidor. Adverti, que o Sol com ſer puro, naõ deixou de amar a Daphne.

Ariad. Ide-vos, tenho dito.

Lidor, Eu me vou; porém naõ ſey, ſe me tornarás a ver; que os zelos, em que me abrazo, naõ cabendo dentro do coraçaõ, talvez façaõ mayor eſtrago, do que imaginas. *Vay-ſe.*

Ariad. Ay de mim, que Lidoro zeloſo, ſabendo que Tezeo he vivo, o irá communicar a ElRey! Que farey? Amor, influe acertos a meus intentos, para que Tezeo naõ fique opprimido a violencias de hum cego ciume.

Canta Ariadna a ſeguinte

ARIA.

Confuſa, e perdida,
Sem alma, e ſem vida,
Alivio em meus males
Adonde acharey?
Se a infiel tyrannia
De hum cego me guia,
Em tantos enleyos
Que acertos terey? *Vay-ſe.*

SCENA IV.

Gabinete, e eſpelho no fim delle. Sahem Tezeo, e Dedalo.

Dedal. NOtavel foy a traça, com que te ſahiſte do ſaráo! E pois entaõ lograſte eſſa fortuna, naõ he juſto entendas, que ſempre terás os fados propicios.

Tezeo. Nunca me vi em taõ evidente perigo; porém por mayor, que ſeja, nunca deixarey de ver a Ariadna; que hum peito armado de amor, naõ teme as iras de Marte.

Dedal.

Dedal. Eſſas palavras ſaõ effeitos de hum Juvenil ardor ; algum dia reputarás ignorancia , o meſmo , que agora julgas diſcriçaõ ; diga-o eu , quando fabriquey eſte Labyrintho , eſpecialmente eſte gabinete , no qual empenhey com particularidade a minha ſciencia ; porém o que naquelle tempo foy vangloria da idéa , hoje vejo , que foy erro da fantaſia.

Tezeo. Em todos os quartos do Labyrintho admiro tanto artificio , que naõ ſey diſcernir qual he o melhor ; eſte naõ ha duvida , que admira ; mas naõ excede.

Dedal. Se tu , Senhor , ſouberas a virtude , que tem aquelle eſpelho , verias o quanto eſte gabinete he digno de eſtimaçaõ.

Tezeo. Naõ me dilates o goſto de ſabello.

Dedal. Aquelle eſpelho , que alli vês , fica fronteiro àquella janella , da qual , ainda que muito diſtante , ſe vém os jardins de palacio ; e ſem embargo da ſua diſtancia he tal o artificio , com que fabriquey eſſe eſpelho , que aquelle objecto remoto o avizinha tanto aos olhos , que nelle ſe diſtingue a minima flor daquelle jardim : repara , e vê.

Tezeo. Naõ ha duvida : que ameno penſil ! Mas que muito , ſe Ariadna oſtentando-

ſe

ſe Flora deſſe jardim, véſte de purpuras as roſas, e de candores as aſſucenas.

Dedal. Conheces quem he aquelle, que lá vem?

Tezeo. Já vejo, que he Lidoro, e taõ diſtinctamente, como ſe eſtiveſſe aqui comnoſco.

Por detraz do eſpelho apparece Lidoro.

Lidor. Ainda me naõ poſſo capacitar, que Tezeo he vivo, ſó pelo leve informe de Taramella; he neceſſario mayor averiguaçaõ, para que com mais certeza o communique a ElRey em vingança dos meus zelos: bem ſey, que as conjecturas ſaõ efficazes; porque haver quem com Ariadna dançaſſe, ſem que ſe viſſe, quem foy, e logo ſahir hum homem debaixo da meſa com arrebatada fuga; iſto argúe huma quaſi veroſimilidade, de que Tezeo he vivo; porém para condemnar naõ baſtaõ indicios.

Dedal. Muy triſte, e penſativo eſtá Lidoro!

Tezeo. Sem duvida os deſvios de Ariadna ſaõ a cauſa de ſeus pezares.

Dedal. Lá vem Ariadna, vê, que mais queres?

Apparece Ariadna por detraz do eſpelho.

Tezeo.

Tezeo. E como vem galharda! Ay Dedalo, que conſidero naquelle eſpelho as propriedades de Uſtorio; pois na eſféra de ſeus rayos me abrazo Salamandra de ſuas luzes, ſe já naõ he Teleſcopio, em que diviſo a bella grandeza daquelle aſtro.

Ariad. Aqui eſtá Lidoro; quanto temo, que dos ſeus zelos a furia ſinta Tezeo! Quero deſvanecellos, moſtrando-me amante; que nas guerras de amor, vencer com enganos he o melhor ſyſtema. *à part.*

Lidor. Voſſa Alteza, Senhora, taõ ſó por eſte jardim, podendo eſtar acompanhada no Labyrintho?

Ariad. Lidoro, ainda ſe vos naõ deſvaneceo eſſa fantaſia? Pois ſabey, que a ſer poſſivel viver Tezeo, e eu capaz de amar, nunca por Tezeo vos deſprezara.

Tezeo. Quem me dera poder ouvir, o que fallaõ Ariadna, e Lidoro!

Dedal. A tanto naõ póde chegar a ſciencia Optica.

Tezeo. Pois para que me facilitaſte o ver, ſe me havias negar o ouvir?

Lidor. Se até aqui, cruel, me matavas com deſenganos, agora com enganos me queres tyrannizar? Naõ me deſvaneças com poſſiveis carinhos a iſençaõ do teu peito, que

que bem informado eſtou, que adoras a Tezeo vivo, ou ao menos as memorias de Tezeo morto; pois de toda a ſorte ſey, que o amas.

Ariad. Para deſvanecer eſſe errado projecto do teu ciume, quero, violentando a minha natural iſenção, obedecer a teu rogo: vay, Lidoro, dize a ElRey meu pay, que abrevie os noſſos deſpoſorios, para que vejas, que o meu deſvio naõ ſe origina de occultos affectos; perdoa, Tezeo, eſtas fingidas vozes de minha cautella, que todas ſaõ dirigidas à tua liberdade. *à p.*

Tezeo. Que eſtará Ariadna dizendo a Lidoro com tanta efficacia?

Lidor. Beliſſima Ariadna, agora conheço a temeridade de meus ciumes; porém quando naõ foraõ indiſcretos os zelos? E pois com tantos favores premeyas os meus delictos, deixa que, proſtrado, novamente a minha liberdade te ſacrifique.

Poem-ſe Lidoro de joelhos, e Ariadna o levanta.

Tezeo. Que he o que vejo? Ay de mim, Dedalo! Que importa eſtar aqui ocioſo o ouvido, ſe os olhos como teſtemunhas de viſta me informaõ dos meus zelos?

Naõ

Naõ viſte a Lidoro rendido aos pés de Ariadna; e ella com alegres carinhos recebendo a victima de ſuas adoraçõés?

Dedal. Póde ſer, que naõ ſeja de amor o motivo deſſe rendimento, mayormente quando naõ pódes ouvir, o que dizem.

Tezeo. Hum impaciente amante, como Lidoro, que aſſumpto podia ter para as ſuas vozes, ſenaõ expreſſõés de ſeu amor! Ay infeliz, que como Baſiliſco dos zelos a mim meſmo me mato, quando os vejo no diafano daquelle eſpelho!

Lidor. Porém já que o ſuave eſpirito de tua fineza communica novos alentos à minha eſperança, permitte-me algum ſinal externo de tua conſtancia.

Ariad. Creſça o engano; augmente-ſe a induſtria: ſuppoſto que o abono de minha palavra para me acreditares baſtava, com tudo, eſte retrato meu ſerá o fiador, para que creas mais à copia, que ao original. *Dá-lhe o retrato.*

Lidor. Com o favor deſte retrato alentas ao meu coraçaõ de vivas cores.

Tezeo. Que dizes, Dedalo? Póde agora enganar-ſe a viſta? Naõ viſtes dar Ariadna hum retrato ſeu, que no peito trazia, a Lidoro? Que mais clara evidencia de ſua falſida-

falſidade! Ah ingrata! Ah falſa Ariadna! Eſſas eraõ as tua iſenções? Porém ſe és mulher, que muito ſejas mudavel!

Dedal. Oh quem nunca trouxera a Tezeo a eſte lugar!

Lidor. Para que me poſſa vangloriar de ditoſo, ſó falta, que hum favor me concedas.

Ariad. Dize.

Lidor. Attende.

Cantaõ Lidoro, Ariadna, e Tezeo a ſeguinte

ARIA.

Lidor. Se oſtentas no pintado
Conſtante o teu agrado,
Oh peço-te naõ ſeja
Pintado o teu favor.

Ariad. Se o vario deſſas cores
Adoras por favores,
Nas ſombras da pintura
Mitiga o teu ardor.

Tezeo. Falſa, cruel, avára,
Na duvida repara,
Verás neſſe retrato
Copiada a minha dor.

Lidor. Dize, ſerás conſtante?
A mim naõ mo perguntes,
O tempo to dirá.

Tezeo.

Tezeo. Tyranna, eu deſeſpero,
Eu me abrazo, eu enloqueço.
Quem vio tormento igual!
Lidor. A copia, que me anima,
Ariad. A gloria, que me alenta,
Tezeo. A dor, que me atormenta,
Todos. Se intenta eternizar.
Lidor. Mas ay, que eſſa fortuna
Naõ poſſo acreditar!
Ariad. Mas ay, que a tua idéa
Se póde allucinar!
Tezeo. Mas ay, que o meu ciume
Me quer precipitar!
Lidor. Ar. Pois que ouço,
Tezeo. Pois que vejo,
Todos. Que nada no Orbe conſtante ſerá.

Vaõ-ſe Lidoro, e Ariadna.

Dedal. Principe, naõ te entregues todo ao ſentimento, deixa loucuras de amor.

Tezeo. Nada me digas; deixa-me ſeguir a huma inimiga, que na fragrancia daquelle jardim ſe oſtenta Venus daquelle Adonis; porém o meu mavorcio furor em ſanguinolenta metamorfoſi eſcreverá nas folhas das brancas roſas as rubricas de minha vingança. *Quebra o eſpelho.*

Dedal. Que he o que intentas?

Tezeo.

Tezeo. Arrancar aquella traidora dos braços de ſeu amante.

Dedal. Que culpa teve o criſtal, para experimentar o teu rigor, quando nelle ſó por reflexo viſte a cauſa de tuas penas?

Tezeo. Ainda que errey o tiro, ſempre acertey o golpe; porque eſpelho, que ſoy theatro dos meus zelos, he bem que em atomos desfalleça, para que no eſtrago de ſeus criſtaes ſe repreſente melhor a tragedia de meu amor; já que o furor, que me abraza, naõ ſabe liquidar no eſpelho de meus olhos o criſtal de meu pranto.

Dedal. Em hum inſtante deſvaneceſte o trabalho de tantos annos.

Tezeo. Dedalo, guiame à Salla dos enganos, aonde me diſſe Ariadna a eſperaſſe eſta noite; pois já o Delio Planeta em mal diſtintas luzes quaſi toca a diafana méta do ultimo Orizonte.

Dedal. Para que procuras a Ariadna, ſe a viſte ſeguir a Lidoro?

Tezeo. Por iſſo meſmo, para que na Salla dos enganos encontre o ultimo deſengano: Ay Dedalo, que ha no Mundo mais Labyrinthos, do que cuidas!

Dedal. Naõ ſey, que atéqui haja outro, fóra deſte.

Tezeo.

Tezeo. Pois ſabe, que dentro deſte Labyrintho exiſte outro Labyrintho.

Dedal. Naõ entendo.

Tezeo. Para que me entendas, attende, e verás.

SONETO.

Labyrintho mayor, mais intrincado,
Tem amor em meu peito conſtruido,
De quem ſe oſtenta aos golpes do gemido,
Sincel a magoa, artifice o cuidado:
Na memoria ſe vê delineado
O tormento de hum goſto amortecido,
Na confuſaõ da dor o bem perdido
Nunca ſe encontra, ainda quando achado:
A' maquina mental deſta eſtructura
Adornaõ, em funeſtos paralellos,
Lamina o ſuſto, ſombras a pintura;
Columnas ſaõ os miſeros deſvelos
Eſtatua o deſengano ſe affigura,
Fio a eſperança he, monſtros os zelos. *Vay-ſe.*

Dedal, Quem duvída, que amor he o mayor Labyrintho? *Vay-ſe.*

SCE-

SCENA V.

Salla de columnas, que a ſeu tempo cahiraõ, e ficará tudo em outra viſta, e no fim da Salla haverá huma Vaca. Sahe Esfuziote.

Esfuz. AGora que a boca da noite vay engolindo o manjar branco do dia: naõ digo bem; agora, que a lingua do Sol ſe vay encolhendo na boca da noite, a quem o cadeado do ſilencio lhe fura os beiços da eſcuridade, venho ſegunda vez ao Labyrintho, que ſe a primeira vim, porque nella me perdí, agora venho, porque fóra delle me querem deitar a perder: fiay-vos lá em mulheres, que em tendo zelos ſaõ peyores, que caens dammados! Tomara perguntar a Taramella, para que foy dizer a Lidoro pá pé, tudo quanto lhe diſſe, e por hum triz, que me naõ apanha com o rabo na ratoeira: naõ lhe perdoo o máo coſimento, que me cauſou com os ſuſtos; porém para me livrar delles, e della, irey buſcar a Tezeo; que antes quero viver no Labyrintho, que morrer

morrer em palacio; que póde ſer, que ſe lhes meta em cabeça, que eu ſou Tezeo de verdade, e me torçaõ o peſcoço, aſſim como quem naõ quer a couſa; pois çafaõ daqui fóra: oh, eſta ſem duvida he a Vaca, que diſſe Dedalo fabricara para Pazife! Cá eſtá a eſcotilha, por donde a tal Rainha vio os touros de palanque! Mas eu, ſe me naõ engano, aqui vem gente; ſeja quem for, eſcotilha aberta, juſto pecca; eu me eſcondo dentro da Vaquinha feito Rainho, até que paſſe quem quer que he.

Eſconde-ſe Esfuzigte na Vaca, e ſahe Taramella.

Taram. Outro recado temos de Ariadna para Tezeo; he para ver ſe ſe namoraõ a chucha callada! Bem fiz eu em dizello a Lidoro: eſta he a Salla dos enganos para onde hey de dizer a Tezeo, que venha; mas iſto he quaſi noite, para ir ao centro do Labyrintho, e temo que me anoiteça no caminho; o melhor ſerá irme embora, que aſſim como aſſim já naõ tenho mais, que ſaber, que certos ſaõ os touros.

Esfuz-

Esfuz. Mais certa he a vaca : eſta he Taramella ; naõ ſey ſe lhe falle, pois quando a ſua falſidade me eſconde, a ſua belleza me eſcancarea ?

Taram. Ay ! Ainda aqui eſtá eſta negra Vaca ? Naõ ſey como ſe conſente eſte traſte em ſer !

Esfuz. Bom traſte es tu.

Taram. Só de a ver me tremem as carnes.

Esfuz. A rapariga tem tremendas carnaças.

Taram. Oh maldito ſeja Dedalo, que tal fez para occaſiaõ de tanta ruina !

Esfuz. Oh maldita ſejas tu, que taõ lambareira és !

Taram. Ella ſem duvida parece couſa viva.

Esfuz. Ora viva, quem ſe chega.

Taram. Para que mais, até a pelle tem cabellos.

Esfuz. A occaſiaõ pelos cabellos : eſpera, cabelluda Deidade, que hoje o pente de meu carinho te tirará as lendeas de tua deſconfiança. *Sahe da Vaca.*

Taram. Ay ! Quem me acode, que a Vaca ſabe fallar ?

Esfuz. Ha couſa mais eloquente em hum banquete, que huma lingua de vaca ? Mas a tua com tua licença merecia ſal, e pimenta.

Taram.

Taram. Uy! Voſſa Alteza cá eſtá rá Salla dos enganos? Naõ quiz deixar de obedecer a ſeus amores? Fez muito bem, que ella tudo merece.

Esfuz. Quem he eſſa ella, Taramella?

Taram. Já lhe eſquece? He aquella, com quem dançou a noite paſſada.

Esfuz. À noite paſſada dancey comtigo?

Taram. Naõ me queira deſeſperar; eu naõ o vi dançar com Ariadna com a meſma banda azul, que lhe levey ao Labyrintho, e por final que dançou melhor, que ninguem?

Esfuz. A'gora, já eſtou muy pezado; iſto he chaõ, que já foy vinha.

Taram. Logo naõ nega, que dançou com Ariadna?

Esfuz. Naõ, filha, que eu naõ podia dançar bem, ſe naõ comtigo.

Taram. E a banda azul?

Esfuz. Azul he ciumes; quem os tem, anda cego; quem anda cego, naõ vê; e quem naõ vê, naõ póde julgar de cores.

Taram. Ora, Senhor, tenho entendido, que Voſſa Alteza faz zombaria de mim.

Esfuz. Já te diſſe, que me naõ Altezees, que o amor, e a Mageſtade, ſempre ſe aſſentaraõ em iguaes tripecas.

Taram. Senhor, com que eſtamos? Voſſa Alteza póde negar, que eu lhe trouxe huma banda azul ao Labyrintho em nome de Ariadna?

Esfuz. Aſſim foy, que a verdade manda Deos, que ſe diga.

Taram. Póde negar, que agora o acho aqui neſta Salla dos enganos, na qual me diſſe Ariadna a eſperaſſe Voſſa Alteza, por ſe acaſo naõ tiveſſe ouvido bem, o que ella lhe diſſe? He iſto verdade?

Esfuz. Verdade he, que eu eſtou aqui.

Taram. Logo digo eu bem, que namora a Ariadna?

Esfuz. Iſſo he mentira.

Taram. Como póde ſer verdade, e mentira ao meſmo tempo?

Esfuz. Porque neſte tempo tudo ſaõ mentiras, e verdades.

Taram. Se iſſo he conceito, naõ o entendo.

Esfuz. Pois eu era taõ deſcortez, que diſſeſſe conceitos na tua preſença?

Taram. E para mais prova, diga, que fazia debaixo da meſa eſcondido, ſendo hum Principe?

Esfuz. Eſtava para fazer certa prova.

Taram. Prova? De que?

Esfuz. Da tua falſidade, pois foſte taõ linguatriz,

triz, que diſſeſte a Lidoro, que eu eſtava vivo. Dize, tyranna, aſſim deſempenhas a catarata do teu nome? Se és Taramella, porque te naõ fechas? Mas ſe és Taramella devaſſa, por iſſo te abriſte, deſenterrando mortos, para enterrar vivos; que dizes agora?

Taram. Digo, que fiz muito bem; pois já que eu o naõ hey de lograr, naõ quero que me logre tambem; já que eu choro o ſeu deſvio, ſinta Ariadna o que eu padeço; mas diga-me: porventura quando ſe meteu debaixo da meſa, já ſabia o que eu havia de dizer a Lidoro?

Esfuz. Cal-te, tolla mecanica, naõ ſabes, que nós os Principes temos o dom de adivinhar? E para que o vejas, eſſa joya, que trazes no peito, te deu Lidoro, naõ he verdade?

Taram. He verdade, pois que temos?

Esfuz. Temos embargos a iſſo; dize-me, inſolente, liviana, fragil, pois tu aceitas joyas de Lidoro, eſtando para caſar com hum Principe de Athenas?

Taram. Elle naõ ma deu por mal.

Esfuz. Pois eu por mal a tomo; larga eſſa joya, indigna futura Princeza, que joya naõ he decente à minha honra, que ador-

Tira a joya.

ne teu peito falſo diamantes finos ; he boa graça ! Eſtou ardendo ! E quando nada, ſaquey a jova por bom modo. *à part.*

Taram. Com que Voſſa Alteza me leva a joya, ainda em cima de me ſer desleal ?

Esfuz. Olha, filha, aqui ninguem nos ouve ; eu bem ſey, que Lidoro te naõ deu por mal eſſa joya ; mas naõ he brio meu, que tu tragas diches deſſe ſevandija.

Taram. Senhor, eſtava muito bem, ſe Voſſa Alteza naõ annaſſe a Ariadna ?

Esfuz. Olha, permitta Deos, que ſe eu caſar com Ariadna, que berrando vá a minha alma parar aos quintos infernos a fazer filhozes com Plutaõ.

Taram. Quanto mais jura, mais mente.

Esfuz. Que por amor de meu amo perca eu eſta tollãa ! Ora vem cá, minha Taramella, façamos as pazes, tem laſtima deſte amante coraçaõ, que por ti chora pelas barbas abaixo como huma criança ; naõ te compadecem os ſoluços de hum Principe, que aſſoando o monco da magoa no lenço da ingratidaõ, deſtilla o nariz da fineza o eſtylicido do ſofrimento ? Digo alguma couſa ?

Taram. Ay, deixe-me, naõ ſeja importuno antes que lhe perca o reſpeito.

Esfuz.

Esfuz. Perde-o muito embora, que niſſo pouco ſe perde.

Taram. Pois já que me dá licença, ouça com o devido reſpeito.

Canta Taramella a ſeguinte

ARIA.

Que tremulo marres,
Que eſtatico morras,
Que eſtitico mirres,
Que morras, que marres, que mirres,
E a mim que ſe me dá?
Por mais que em teus males
Em ancias te eſtalles
E em prantos te eſtilles,
De balde ſerá.

Quer irſe, e ſahe Sanguixuga.

Sang. Esfuz. Eſpera, aonde vás, Taramella?

Taram. Deixe-me, que vou deſeſperada.

Esfuz. Oh quanto folgo, que vieſſe tua tia!

Sang. He poſſivel, rapariga, que me faças vir tropeçando por eſſes Labyrinthos, vendo que nelle entraſte a eſtas horas? Que loucura foy eſſa?

Taram.

Taram. He vir ſegunda vez verificar os meus zelos, para que com duas teſtemunhas de viſta ſentencee a eſte falſo Principe a perpetuo deſterro de meus carinhos.

Esfuz. Bem folgo eu, Senhora tia, que vieſſe voſſa Sanguixuguiſſe, ſó para ver a inſolencia, com que ſua ſobrinha trata ao ſegundo filho primogenito delRey de Athenas, ſó porque a Infanta ſe afeiçoou de mim; e veja, tia, que culpa tenho eu de ſer querido?

Sang. Senhor, ſe minha ſobrinha lhe naõ tiveſſe amor, naõ teria zelos: que fará ſe ella ſoubeſſe, que Fedra tambem o namora? *à part.*

Esfuz. E foy taõ inſolente, que em vilipendio da minha peſſoa aceitou huma joya do Principe Lidoro.

Sang. Ay Senhor, naõ ſeja ciumento, que em Palacio he eſtylo darem os Princepes joyas às criadas do Paço; olhe, eſta, que aqui vê, ma deu o Principe de Chipre.

Esfuz. Inda mais eſſa temos? Venha, tia, eſſa joya muito depreſſa.

Sang. Ay! A minha joya? Para que?

Esfuz. Para que ſim, ſe naõ *à fortiori* lha vou tirando; arre lá, a tia vindoura de hum Princepe de Athenas ha de trazer joyas

do

do Principe de Chifre ! Iſſo naõ; naõ, Senhora, em quanto eu tiver o olho aberto : já temos duas joyas. *á part.*

Sang. De-me a minha joya, Senhor.

Esfuz. Nada, nada, naõ tem que ſe canſar; que dirá o Embaixador, que he zeloſo como os diabos, ſe lhe vir eſſa joya ? Naõ queira pelo pouco perder muito.

Sang. Eu entendo, que iſſo do Embaixador he palhada, pois ha muito, que o naõ vejo.

Esfuz. Como recuſava o teu matrimonio, mandey-o degradado para a ſua Patria; mas logo virá deitar-ſe a teus pés.

Taram. Tia, naõ gaſtemos tempo; vamos, que he tarde.

Esfuz. Digalhe primeiro, que faça as pazes comigo; e para que naõ cuide, que amo a Ariadna, aqui meſmo neſte lugar quero caſar com ſua ſobrinha; ande, leve o diabo quem naõ quer.

Sang. Av menina, aproveitate da occaſiaõ.

Taram. Ah falſario, naõ cuides, que me has de lograr. *à part.* Pois, Senhor Tezeo, meta-ſe outra vez na Vaca, e eſpere por mim, que eu vou buſcar luzes, para celebrarmos o matrimonio com luminarias : tu verás como me vingo. *à part. e vay-ſe.*

Sang.

Sang. He poſſivel que hey de ver com eſtes olhos esbogalhados a minha ſobrinha Princeza ! Senhor , ſaiba Voſſa Alteza , que por eſta obra pia de amparar huma orfãa ſem mãy , haõ de os Deoſes fazello yitorioſo de ſeus inimigos. *Vay-ſe.*

Esfuz. Eu ſou o noivo , e levo o dote em joyas : com eſta caſta de gente ſou eu gente ; aparelha-te , Esfuziote , que hoje has he ſenhorear a melhor Deidade , que calçou cothurno ; ay , que já eſtou pulando! Ora ſem duvida , que o fazer-me Principe muito me grangea na confeitaria do amor: vamo-nos eſconder na Vaca ; comece a obedecer , quem principia a triunfar.

Mete-ſe Esfuziote na Vaca. Sahe Tezeo , e Dedalo.

Dedal. Eſta he a Salla dos enganos : nella naõ temas perigos , que no mayor , em que eſtiveres , te defenderey com hum certo artificio , que ſó para mim reſervey.

Tezeo. Pois naõ te apartes nunca de mim , em quanto eſpero o ſol de Ariadna , para clarificar a opáca ſombra deſte cáos ; e quando naõ , o Cometa de meus zelos ſerá luzido farol , que me allumie.

Esfuz.

Esfuz. Frito ſeja eu, ſe aquella voz parda naõ he de Tezo azul no ſeu ciume: alguma cancaburrada temos!

Sahe Tebandro.

Teband. Muy valente he o amor, pois deſprezando horrores, e confuſões, me conduz a eſte confuſo abyſmo de enleyos, facilitando-me o caminho a eſta Salla dos enganos hum pratico deſte Labyrintho.

Sahe Ariadna pela parte de Tebandro, e Fedra pela de Tezeo.

Ariad. Naõ diſſe bem, quem affirmou, que o amor carecia de olhos, que a ſer cego, naõ me guiaria a eſta Salla dos enganos, ſó a buſcar o bem, que adoro.

Fedra. Verdade fallou, quem diſſe, que o amor era lince, (*Sahe*) que a naõ ſer, mal me conduziria a eſte pelago de horrores, a procurar a cauſa de meu tormento.

Tezeo. Paſſos ouço; ſem duvida he Ariadna.

Teband. Gente vem; mas quem ha de ſer; ſenaõ Fedra?

Tezeo. Vem, brilhante eſtrella de Venus, a influir;

influir; mas que digo? Tu naõ es a tyranna, que me offendeſte?

Esfuz. Eſtrella de Venus he eſtrella Boeira, aqui deve de haver algum touro, que vem namorar a eſta Vaca.

Teband. Feliz mil vezes eu, que em anticipadas luzes vejo confundir os rayos da Aurora com os reſplandores da Lua.

Esfuz. Se a Lua tem cornos, claro eſtá, que falla com a Vaca metaforicamente.

Fedra. Es tu acaſo aquelle ingrato, que naõ ſabe correſponder à minha fineza? *Para Tez.*

Tezeo. E tu, ſem ſer acaſo, naõ es aquella inimiga, aquella falſa, aquella mudavel, que grata, e carinhoſa te oſtentaſte com Lidoro eſta tarde no jardim? *Para Fed.*

Fedra. Vê, que te enganas.

Ariad. Oh quanto eſtimaras mais neſta occaſiaõ, que eu naõ foſſe eu, ſenaõ minha irmãa, a quem como agradecido ſaberás ſer amante. *Para Tebandro.*

Teband. Tu naõ ſabes, galharda Fedra, que nunca Ariadna me mereceu hum cuidado? *Para Ariadna.*

Ariad. Tezeo cuida, que ſou Fedra; ah cruel, que mal pagas hum conſtante amor! *à part.*

Esfuz. Que diabo de ſuſſurro ouço aqui! Sem duvida iſto he algum viveiro de cuchichos!

Fedra.

Fedra. Naõ ſey, que motivos tenhas, para fabricar eſſe penſamento contra a lealdade, com que te adoro?

Tezeo. Se tu ſouberas o como te vi com Lidoro, tal vez que o naõ negaſſes; porém mal poderáõ as tuas vozes contradizer aos meus olhos?

Fedra. Já ſey, que iſſo he maxima, que inventa a tua falſidade, para que me falte o tempo de dizer-te, que ſó eſtimas os favores de minha irmãa; mas ſe o teu amor naõ fora cego, tal vez que ſouberas avaliar as finezas, que me deves.

Tezeo. Tu bem ſabes, Ariadna, que ſempre foſte primogenita de meu amor, ſem que lograſſe Fedra já mais as prerogativas de querida.

Fedra. Ay de mim, que Tezeo cuida, que ſou Ariadna! Oh ingrato Principe, quem nunca te conhecera! *à part.*

Esfuz. Muito tarda Taramella, eu confeſſo, que já naõ poſſo eſtar embezerrado.

Teband. Já naõ ſey, formoſa Fedra, quando me vereey completamente feliz.

Ariad. Deixa-me, ingrato traidor, que já me falta a paciencia, para ouvir as tuas falſidades.

Teband. Jupiter com ſeus rayos me abraze, ſe algum

algum dia quiz a Ariadna ; pois ſó a ti formoſa Fedra . . . . . .

Ariad. Cal-te , ay de mim , que cada vez me offendes mais !

Fedra. Baſta , que nunca idolatraſte a Fedra ?

Tezeo. Só tu , ingrata Ariadna , a pezar das tuas falſidades ſoubeſte uſurpar toda a liberdade de meu alvedrio.

Fedra. Cal-te , deſagradecido , que já te naõ poſſo eſcutar.

Tezeo. Eu nunca amey a Fedra , tu a Lidoro ſim ; deixa-me , ingrata , naõ te compadeças da minha vida.

Ruido dentro.

Dedal. Tezeo , retira-te , ahi cuido , que eſtá alguem.

Fedra. Retira-te por hum pouco , ingrato , que ſe me naõ engano , alli vem gente.

Tezeo. Será illuſaõ ; mas com tudo por amor de ti me retiro.

Esfuz. Ainda naõ vem eſta maldita Taramella ; pois o verde de minha eſperança ſe vay mudando no amarello da deſeſperaçaõ.

Eſconde-ſe Tezeo , e Dedalo. Sahe Lidoro com eſpada na maõ , e Taramella.

Taram. Senhor Lidoro eſta he a Salla dos enganos ,

ganos, buſque-o na Vaca, que elle lá eſtá eſperando pela Senhora Ariadna.

Lidor. Ah falſa cruel, hoje me vingarey de ti, e deſſe tyrano, que me offende; mas quem eſtá aqui? Ariadna he ſem duvida.

Encontra-ſe com Fedra

Fedra. Quem ha de ſer? Já me deſconheces? He a tua Ariadna..

Lidor. Naõ me enganou Taramella. *à part.*

Teband. Querida Fedra, cuido, que gente veyo.

Ariad. Naõ ſou Fedra, falſo, traidor amante.

Teband. Ay de mim! Quem ſerá?

Lidor. Dize, ingrata Ariadna, ainda naõ achaſte neſta eſcuridade a luz de teus olhos?

Para Fedra.

Dedal. Eſpera, Tezeo; donde vás com eſſa eſpada?

Tezeo. A vingar injurias de meu amor: morra o traidor, que me offende.

Sahe Tezeo com eſpada, briga com Lidoro, e com a confuſaõ ſe trocaõ as Damas, ficando Fedra ao lado de Tebandro, e Ariadna ao de Lidoro.

Lidor. Morra o aleivoſo, que me opprime.

Fedra. Que deſgraça! Ampara-me, Principe.

Ariad.

Ariad. Que infelicidade ! Sempre a teu lado morrerey conſtante.

Dedal. Que confuſaõ !

Teband. Fedra, primeiro eſtá a tua vida; vem comigo.

Esfuz. Neſta arrenegada da confuſaõ ſahio o trunfo de eſpadas; ainda bem, que eſtando o meu Sol em Tauro eſtou metido em hum ſino.

Taam. Ay moſina de mim, que eu tive a culpa diſto ! Irey chamar quem acuda; acudaõ todos, acudaõ a eſtorvar a mayor deſgraça, que já mais ſe vio; acudaõ, acudaõ. *Vay-ſe.*

Tezeo. De balde reſiſtes ao vigoroſo impulſo de meu braço.

Lidor. Por iſſo ſerá mayor o meu triunfo: valente ſois !

Tezeo. Tenho amor, e tenho zelos.

Esfuz. He hum regallo ver touros de palanque.

Teband. Fedra, ſegue-me.

Fedra. Como, ſe eſtou quaſi mortal !

Ariad. Senhor, ampara a minha vida.

Dentro ElRey.

Rey. Cercay todos o Labyrintho, para que ſe inveſtigue a cauſa deſte alboroto.

Dedal. Retiremo-nos, que vem ElRey.

Tezeo.

Tezeo. Dedalo, agora he tempo para que a tua induſtria me valha.

Dedal. Anda comigo, que deſta ſorte nos naõ poderáõ ſeguir. *Retiraõ-ſe.*

Sahe ElRey, e hum criado com luz; e depois que ElRey diz: Suſpendey as armas, *vaõ-ſe Tezeo, e Dedalo, o qual dará huma grande pancada, e cahem as columnas, e fica em viſta de pateo.*

Rey. Suſpendey as armas: mas ay de mim, que a Salla toda vem vindo ſobre mós! Eſtranho ſucceſſo!

Lidor. Iſto he terremoto ſem duvida!

Todos. Deoſes clemencia!

Esfuz. Senhores, que diabo ſerá iſto? Tanta bulha, e algazarra ao redor da Vaca? Sem duvida iſto he algum aſſougue!

Rey. Perplexo, e confuſo, naõ ſey o que pronuncie.

Ariad. Lidoro aqui, e Tebandro? Tezeo ſem duvida ſe retirou, antes que o viſſem: oh quanto eſtimo, que o naõ encontraſſem! *à part.*

Fedra. Adonde eſtará Tezeo? Tal vez ſe auſentou, vendo, que vinha gente. *à part.*

Teband. Com quem brigaria Lidoro, naõ eſtando

tando aqui mais do que eu, e elle? *à part.*

Lidor. Tebandro foy ſem duvida, o com quem briguey. *à part.*

Rey. Ainda naõ eſtou em mim, confuſo entre tanto aſſombro. Lidoro, Tebandro, que foy iſto neſta Salla?

Lidor. Se bem reparo, Senhor, iſto naõ foy terremoto, ſeria algum artificio de Dedalo, que occulto eſtaria aqui; pois outro novo edificio ſe deixa ver, a pezar da artificioſa ruina das columnas.

Rey. Iſſo he ſem duvida; porém como Dedalo ainda vive encerrado no Labyrintho, delle meſmo me poderey informar; mas por ora naõ me importa ſaber iſſo tanto, como a cauſa de voſſos inſultos, inquietando o ſilencio da noite, e o ſagrado deſte Labyrintho com deſafios; e o que mais he, ver eu aqui as Infantas neſte ſitio, e a eſtas horas, e vós, Lidoro, com eſſa eſpada na maõ.

Ariad. Eu, e Fedra, Senhor, vindo-nos advertir, e admirar, como ſempre, eſte Labyrintho, ſuccedeo anoitecer-nos; e perdendo o tino na confuſaõ da noite, e do lugar, começámos a chamar quem nos acodiſſe, e os Principes, tal vez informados das noſſas vozes, e clamores, ſe animaraõ

maraõ a vir libertarnos deſte enleyo; eſta he a cauſa, Senhor, de nos achares aqui, e Voſſa Mageſtade me permitta licença, que a fadiga do ſuſto me obriga, a que me recolha. *Vay-ſe.*

Fedra. Bem fingio Ariadna. *à part.*

Esfuz. Tambem quem quer que he, mente que trezanda.

Teband. Como Voſſa Mageſtade já eſtá informado da verdade, naõ tendo mais que ſaber, naõ tenho eu mais que eſperar; mas ſim a Fedra: ay loúco amor, quando teraõ fim os meus males? *à part. e vay-ſe.*

Lidor. Por cuja cauſa, Senhor, naõ havia vir deſarmado, vindo a eſte lugar: diſfarcemos ainda a falſidade de Ariadna. *à part.*

Rey. Já tenho dito, que quando quizerem vir ao Labyrintho, naõ venhaõ deſacompanhadas; e já que ſe fez inutil o meu preceito, agora inviolavelmente ordeno ſob pena de minhas iras, que nem vós, nem Ariadna, venhaõ mais ao Labyrintho.

Fedra. Senhor, Voſſa Mageſtade . . . . . eu ſe . . . .

Esfuz. Aquella finge, que eſtá turbada.

Rey. Eu evitarey eſtes ſuſtos: e vós, Lidoro, já tendes viſto, que naõ ha em

Creta, quem pudeſſe dançar com Ariadna; e aſſim ſatisfeito o voſſo eſcrupulo, podeis eleger, ou o irvos para Epyro, como querieis, ou caſar com Ariadna, como pertendo, por naõ fazer infructifera a voſſa vinda.

Lidor. Como já ſey quem foy, o que dançou com Ariadna, ſerá juſto, que eleja o irme para Epyro.

Rey. Pois que eſperais, que o naõ dizeis?

Fedra. Que ſerá iſto?

Esfuz. Lá vay Tezeo com os diabos deſta vez.

Rey. Vede, Lidoro, naõ ſeja iſſo delirio de voſſos zelos.

Lidor. Naõ ſaõ delirios, ſaõ realidades, pois me atrevo a moſtrallo neſte meſmo lugar.

Esfuz. Agora iſſo tomara eu ver, pelo buraco deſta eſcotilha.

Rey. Neſte meſmo lugar? Aonde, ſe aqui naõ eſtá ninguem?

Lidor. Dentro daquella Vaca acharás, quem com Ariadna dançou.

Esfuz. Ay que elles comigo! Por aqui anda Taramella.

Fedra. Tomara já ver, quem dançou com Ariadna. *à part.*

Rey. O' lá, inveſtigay eſſa Vaca, que ſegunda vez ſe conſerva para a minha afronta,

ta, já que o meu deſcuido a naõ reduzio em cinzas, para que na minha lembrança ſó ſe conſervaſſe eſta memoria.

Chega hum Soldado a tirar Esfuziote da Vaca.

Lidor. Agora me vingarey de Ariadna. *à part.*

Soldad. Quem ahy eſtá, ſaya para fóra.

Esfuz. Vaca naõ tem ſaya.

Soldad. Vá-ſe ſahindo dahi.

Esfuz. A Vaca he de páo, e naõ póde andar.

Rey. Quebrem eſſa Vaca. *Daõ na Vaca.*

Esfuz. Querem carne de chacina? Eſperem, que eu me patenteo, antes que me metaõ os tampos dentro; pois que he iſto cá! *Sahe.*

Lidor. Que he o que vejo! Eſte he Tezeo, que me diſſe Taramella? *à part.*

Rey. Que he iſſo Lidoro! Eſte criado he o que dancou com Ariadna? Vês, que tudo foy delirio do teu ciume?

Lidor. Naõ ſey o que reſponda: Senhor, já ſey, que o meu ciume me pode allucinar, mas naõ foy ſem fundamento: Eſtou corrido! *à part. e vay-ſe.*

Esfuz. E eu parado: Senhor, ſirvo aqui de alguma couſa, ſenaõ quero buſcar minha vida?

Rey. E tu, Esfuziote, que fazias dentro deſſa Vaca? Dize?

Esfuz. He que eu ſempre fuy muito amigo de yaca.

Rey. Reſponde a propoſito.

Esfuz. Senhor, como ſou Philoſopho natural, metime dentro da Vaca, por ver ſe ſe dava vaca *in rerum natura.*

Rey. Se naõ fallas a verdade, mando-te lançar ao Minotauro.

Esfuz. O Minotauro já me naõ mete medo, para dizer a verdade: ſaberá V. Real Mageſtade, que fuy criado de Tezeo, que o eſcuro Cocyto haja; quando de mim ſe apartou, me pedio de joelhos com lagrymas de quatro em quatro, que fizeſſe en muito por lhe apanhar alguns oſſos ſeus, que ſobejaſſem ao Minotauro, e que os enviaſſe para Athenas para conſolaçaõ de ſeu pay, pois naõ queria, que quem lhe comeu a carne, lhe roeſſe os oſſos; eu por lhe cumprir a ſua ultima vontade, entrey neſte Labyrintho, e cuidando, que a Vaca era carneiro, entrey nella, para ver ſe achava algum oſſo, a tempo que ſe armou huma briga, e veyo Voſſa Mageſtade, e acabou-ſe eſta hiſtoria.

Rey. Por ſeres fiel a teu amo, te perdoo eſte exceſſo; porém te ordeno, que naõ venhas mais ao Labyrintho, aliás te matarey.

Esfuz.

Esfuz. Sim, Senhor, vá Voſſa Mageſtade deſcanſado.

Rey. Folgo, que ficaſſe deſvanecida a preſumpçaõ de Lidoro: vem, Fedra. *Vay-ſe.*

Fedra. Eu te obedeço. *Vay-ſe.*

Esfuz. Iſto já anda muito bolido com enganos, e chiſmes de Taramella; irey aviſar a Tezeo, que ſe çafe daqui para fóra, pois ſe ElRey me aperta mais, eu ſem eſtar bebado, me esborracho, e lá hia quanto Ariadna fiou. *Vay-ſe.*

Lidor. Todos ſe foraõ, ſó comigo ficou o meu cuidado, pois ainda que o que eſtava eſcondido na Vaca, naõ era Tezeo, como me diſſe Taramella, com tudo póde ſer, que a prevençaõ variaſſe o ſucceſſo, pois nem Taramella me havia de enganar, nem podia deſconhecer o ſugeito, que dentro na Vaca ſe eſcondeu. Oh funeſto Labyrintho de amor, aonde até os deſenganos ſaõ confuſões!

Canta Lidoro a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Quem ſerá, juſtos Deoſes,
Eſſe feliz amante, que eſcondido
De Ariadna no Idolo elevado
Victimas ſacrifica?
Quem ſerá (ay de mim!) eſſe gigante
Que a tanto Ceo de amor ſobir pertende!
Que ſuppoſto naõ veja eſſe incentivo
Que meus zelos fabríca,
Com tudo o coraçaõ ſempre preſágo
Naõ ſey que vaticina;
Pois timido, covarde, e penſativo,
Cada objecto, que vejo, he hum ciume,
E até do que naõ vejo, zelos formo;
Que muito ſe eu de mim, em taes deſvelos,
Por amor de Ariadna tenho zelos!

ARIA.

Qual Leoa embravecida,
Que ſe vê deſtituida
Do filhinho tenro, e caro,
Que com furias, e bramidos,
Rompe a terra, e fere o ar.

Aſſim

Aſſim eu em meu gemidos
Bramo, peno, ſinto, e choro,
Vendo (oh Deos!) o que eu adoro
Noutros braços deſcanſar.

SCENA VI.

Labyrintho. Sahe Tezeo.

Tezeo. GRande confuſaõ cauſaria a ſubita ruina das columnas, entre cujo horror pódemos ſahir, ſem ſermos notados de ninguem; porém que importa, que de hum ſuſto me redima, ſe de hum cuidado me naõ ſeparo? Quem ſeria (oh duras penas!) aquelle, que appellidando de ingrata a Ariadna, quiz com inſtrumento de Marte vingar offenſas de amor? Mas quem havia ſer, ſenaõ Lidoro, tyranno uſurpador de minha fortuna.

Sahe Ariadna.

Ariad. Tezeo, o amor, e o medo, ambos me deraõ azas para buſcarte.

Tezeo. Olha, que vens enganada, pois entendo, que buſcas a Lidoro.

Ariad.

Ariad. Deixa por ora eſſas loucuras, e fallemos no que mais importa.

Tezeo. Haverá couſa, que mais importe, que os meus zelos?

Ariad. Que zelos? Que Lidoro? Que delirio he eſſe?

Tezeo. Pregunta-o às flores do jardim, que teſtemunharaõ os reciprocos carinhos, com que atrahiſte a Lidoro, que ao depois na Salla dos enganos, chamando-te ingrata, me intentou matar.

Ariad. Quanto ao jardim, logo verás, que mais te defendo, do que te offendo; e quanto à Salla dos enganos, ha mais que arguir na tua inconſtancia, que na minha firmeza; pois cuidando tu, que eu era Fedra, por quem tal vez eſperavas, me diſſeſte, que nunca Ariadna te mereceu hum ſó cuidado; vê agora ſe achas deſculpa a eſte delicto?

Tezeo. Ariadna, a lingua naõ tem mais vozes, que as que lhe dicta o coraçaõ, adonde ſe conſerva eterno o original de tua belleza, melhor que a tua copia no peito de Lidoro; e aſſim naõ intentes recompenſar huma fingida offenſa com hum aggravo verdadeiro.

Ariad. Para que naõ formes eſſe conceito contra

tra a minha lealdade: ſaberás, que como a Lidoro aborreço a pezar de ſeus extremos, me diſſe hum dia, que a cauſa de meus deſvios era, porque eu te adorava, pois ſabia, que tinhas triunfado do Minotauro: conſidera tu, que ſuſtos eſtes para hum coraçaõ amante; e para que zeloſo o naõ communicaſſe a ElRey, fuy mantendo a ſua eſperança com fingidos carinhos, até que te vieſſe aviſar, para que com a fuga nos iſentaſſemos deſte eminente perigo, que nos eſpera: vê agora ſe póde ſer desleal, quem taõ finamente ſabe ſer amante? Mas como vejo, que ſó Fedra te merece cuidados, já naõ he licito, que eu te acompanhe, mas ſim aviſar-te do perigo, por naõ faltar ao juramento, que dey de defender a tua vida, em remuneraçaõ da que me deſte no boſque. *Quer irſe.*

Tezeo. Eſpera, Ariadna, que naõ he juſto, que ao meſmo tempo, que me deixas agradecido, te auſentes queixoſa: já ſey o extremo do teu amor; naõ te perſuadas, que Fedra, ſendo capaz para a minha veneraçaõ, o poſſa ſer para a minha fineza; tu ſó, belliſſima Ariadna, occupas ditoſamente todo o meu coraçaõ; de ſorte, que

que nelle naõ ha lugar, que poſſa accommodar outro objecto.

Ariad. Mal te poſſo acreditar, quando eſta noite te ouvi differentes expreſſões; deixa-me, ingrato, que eſſes affectos ſó ſaõ para Fedra.

Tezeo. Farás com que deſeſpere na incredulidade de meus extremos.

Cantaõ Tezeo, e Ariadna a ſeguinte

ARIA A DUO.

Tezeo. Tanto te adoro, tanto,
Que em ondas de meu pranto
Fluctûa o meu amor.
Ariad. Tu dizes, que me adoras,
Que gemes, e que choras,
Eu naõ te creyo, naõ.
Tezeo. Pois, cruel, para que me creas,
Rompe o peito, abre eſta alma,
Verás nelle o meu ardor.
Ariad. Na tua alma, e no teu peito,
Que de enganos acharey!
Tezeo. Sómente firmezas,
Ariad. Nenhumas finezas
Ambos. Neſte peito encontrarás.
Tezeo. Oh quem moſtrar pudera!

Ariad.

Ariad. Oh quem te conhecera!
Ambos. Ingrat$^{o}_{a}$, mas tal vez
Que as chammas, que deſprezas
Em cinza acharás. *Quer irſe Ariadna.*

Tezeo. Ariadna, naõ augmentes a minha deſgraça com tua ſemrazaõ.
Ariad. Ay que lá vem Fedra! Conſidera, ingrato, ſe ha motivos para a minha queixa.
Tezeo. Se Fedra vem, naõ ſerá, pois eu....
Ariad. Naõ he agora tempo de ouvir deſculpas; ſó tomara eſconder-me, para que me naõ viſſe.
Tezeo. No concavo deſſa columna ha hum limitado Gabinete, em que apenas cabem duas peſſoas, eſconde-te, já que aſſim o queres.
Ariad. Obſervarey as tuas falſidades. *Eſconde-ſe.*
Tezeo. Qual ſerá o intento de Fedra? Queira amor naõ ſe encontre com o de Ariadna.

Sahe Fedra.

Fedra. Tezeo, parece, que querem os fados ſeja eu ſempre tutelar de tuas infelicidades, a pezar de tuas ingratidões; e porque huma vez empenhada a defender a tua vida naõ era juſto deſiſtiſſe deſte nobre

bre intento; ſabe, que já em Palacio ha claros indicios de que eſtás vivo; e aſſim, antes que ElRey o chegue a ſaber, trata de auſentar-te com a brevidade poſſivel.

Tezeo. Será forçoſo ſeguir o teu conſelho.

Ariad. Naõ ſey, que intenta Fedra com tantos extremos!

Fedra. E pois naõ ignoras, que eu fuy o inſtrumento da tua vida na morte do Minotauro, para que ſe naõ venha a ſaber, que eu dey armas contra eſſe monſtro, e ſinta a indignaçaõ delRey, ſerá forçoſo, que me leves comtigo para Athenas, ſe acaſo o dar-te duas vezes a vida te póde fazer menos ingrato.

Tezeo. Notavel empenho! Que reſponderey a Fedra, ouvindo-me Ariadna! *à part.*

Ariad. E que vieſſe Fedra pôr o ultimo fim à minha deſgraça! *à part.*

Fedra. Naõ me reſpondes? Porém nada me digas, que ſe eu tivera os meritos de Ariadna, tal vez foſſe venturoſa a minha ſupplica.

Tezeo. Naõ crimineis a Ariadna, pois nella nunca encontrey huma ſó piedade, nem creyo que huma lembrança; pois he ſem duvida, que imaginará, que eſtou morto.

Ariad. Bem fez Tezeo em negallo.

Fedra.

Fedra. Como póde ſer, que Ariadna ignore, que tu és vivo, ſe na Salla dos enganos eſta noite, adonde te diſſe me eſperaſſes, eſtando tu comigo! . . . . .

Tezeo. Eſpera, que eſtás enganada, pois naõ indo eu à Salla dos enganos, mal te podia fallar; oh que incentivos para os zelos de Ariadna! *à part.*

Ariad. Por iſſo o traidor me chamava Fedra, cuidando, que fallava com ella.

Fedra. Se huma evidencia intentas contradizer, já naõ tenho mais que te arguir; e aſſim, Tezeo . . . . . .

Sahe Esfuziote.

Esfuz. Senhor, eſconda-me por vida ſua, que ahi vem ElRey, e ſe me vê, certamente me emlabyrintha para ſempre: Ay deſgraçado Esfuziote!

Tezeo. Que dizes? ElRey vem ahi?

Esfuz. Sim, Senhor, ElRey em peſſoa: eſcondamo-nos depreſſa.

Fedra. Ay de mim, ſe ElRey me vê, pois tenho inviolavel preceito para naõ vir ao Labyrintho! Tezeo, eſconde-me, antes que perigue a minha vida.

Ariad. Que notavel deſgraça, ſe ElRey vir a Tezeo! *Tezeo.*

Tezeo. Eſte ſim, que he verdadeiro Labyrintho, em que me vejo; pois naõ ha aonde eſconder a Fedra, ſenaõ aonde eſtá Ariadna! Que faraõ, ſe ſe encontraõ?

Fedra. Tezeo, eſconde-me, e tu tambem, para que ElRey naõ nos veja.

Esfuz. Senhor, eſconda-me a mim ſe quer.

Tezeo. Senhora, o lugar, que ha capaz para eſſe miniſterio, apenas he ſufficiente para occultar huma peſſoa; e aſſim hum de nós ha de ficar expoſto ao perigo delRey nos ver.

Esfuz. Senhor, veja que Dedalo da outra vez diſſe, que alli cabiaõ duas peſſoas; e aſſim eu, e a Senhora Fedra bem cabemos nelle.

Fedra. Pois Tezeo, perigue a minha vida, antes que a tua; que melhor he conſervar a hum morto, que livrar da morte a hum vivo.

Ariad. Oh quanto envejo aquella fineza de Fedra!

Tezeo. Naõ he razaõ, Senhora, que eu por ſalvar a minha vida, exponha a voſſa ao perigo; occultay-vos, que o tropel já vem perto. Perdoe Ariadna, que eſta acçaõ he filha do meu brio, e naõ do meu amor. *à part.*

Fedra.

Fedra. E ſe fores viſto delRey, que ſerá de ti!
Tezeo. O mais que póde fazer, he matar-me; anda, eſconde-te já.
Eſfuz. E eu, Senhor, aonde? he boa graça!

Fedra eſconde-ſe aonde eſtá Ariadna, e ſahe eſta.

Ariad. Pois naõ ha de ſer aſſim, que Tezeo naõ ha de ficar expoſto ao rigor delRey: Tezeo, ſe tu, por ſalvar a Fedra, expões a tua vida; eu por redimir a tua, offereço a minha: anda, eſconde-te aonde eu eſtava, que iſto he ſaber conſervar a tua vida.
Tezeo. Ariadna, eſſe exceſſo tranſcende aos limites da mayor fineza; torna a eſconder-te, ſenaõ por Jupiter ſoberano te juro, que ambos aqui ficaremos.
Eſfuz. Melhor ſerá, que neſſe lugar me eſcondaõ a mim.
Ariad. Primeiro eſtá a tua vida.
Tezeo. A tua eſtá primeiro.
Fedra. Aquella he Ariadna; quem vio mayor confuſaõ? Ah traidor Tezeo!
Tezeo. Occulta-te, Ariadna, que eu buſcarey induſtrias, que me defendaõ.
Eſfuz. Senhor, que diabo he iſto? Naõ ouvem a eſtropiada já neſſa caſa viſinha?

Ariad.

Ariad. Como te naõ queres occultar, quero conſervar a minha vida, para defender a tua.

Eſconde-ſe Ariadna. Sahe ElRey ſem olhar para Tezeo.

Eſtuz. E agora, Senhor Tezeo?

Tezeo. Poem-te atraz de mim, e ſegue os meus movimentos.

Rey. Já parece, que he tempo de perdoar a Dedalo o delicto de fabricar a Vaca para Pazife, pois baſtante caſtigo he a dilatada, e horroroſa prizaõ, em que eſtá, e com o motivo de ſua liberdade poderme há declarar todos os artificios deſte Labyrintho, que muitos ignoro, como o de cahirem as columnas na Salla dos enganos.

Tezeo. Em grande perigo eſtou! valha-me todo o meu valor, e toda a minha induſtria.

Eſtuz. Eu eſtou aqui taõ agarrado como piolho ladro em ſovaco de almocreve.

Vay-ſe ElRey voltando para Tezeo.

Rey. Eu me reſolvo; eu vou a libertar a Dedalo: mas ay de mim! Que he o que vejo? Parece, que ſe me figura naquella entrada ſombra, a imagem de Tezeo! Ay

infe-

Ay infeliz, que os cabellos ſe me eriçaõ!

Tezeo. ElRey ſe aſſuſtou de ver-me; pois o ſeu engano me valha. *à part.*

Esfuz. Ah Senhor, já que me leva ao reboque, naõ haja por ora vento em popa.

Rey. Palida ſombra, vago horror da fantaſia, que pertendes de mim?

Tezeo. Barbaro Rey, eſta, que vês em corporea fórma, he a alma de Tezo, que errante por eſte Labyrintho vem á noticiarte da parte de Plutaõ, ſupremo Juiz do Cocyto, a tua malevolencia, e injuſtiça, com que tyrannamente me uſurpaſte a vida, para que vivas na certeza, que haõ de os Deoſes vingar a minha morte com o eterno ſupplicio, que te eſpera.

Esfuz. Ninguem faz papel de defunto como meu amo! Andar, ſe naõ ſomos duas almas em hum corpo, ao menos ſomos dous corpos em huma alma.

Rey. Naõ me horrorizes mais, funeſto eſpectaculo; já ſey, que fuy cruel para comtigo.

Esfuz. Ay que nos vamos ſubmergindo! Naõ ſerá a primeira vez, que os amos levem comſigo os criados ao Inferno.

Tezeo com paſſos vagaroſos ſe meterá na mina com Esfuziote, de ſorte, que a eſte naõ veja ElRey.

Ariad. Com bella induſtria ſe livrou Tezeo!
Fedra. Notavel idéa por certo!
Rey. Quaſi que naõ tenho alentos para reſpirar; ò lá da minha guarda, acudaõ todos.

Sahem Tebandro, e Soldados.

Teband. Senhor, que te ſuccedeu? Que tens, que taõ palido o teu ſemblante nos informa de algum extraordinario ſucceſſo?
Rey. Naõ ſey, ſe poderey dizer, o que vi, que o ſuſto me privou do uſo de todos os ſentidos.
Teband. Conta-me, Senhor, a cauſa de tanto exceſſo.
Rey. Tebandro, eu vi diſtinctamente neſte lugar huma agigantada, diſforme, e horroroſa viſaõ; que caminhando para mim com paſſos lentos, e vagaroſos, me diſſe com voz irada, e rouca, ſer o eſpirito de Tezeo, que da parte de Plutaõ me vinha notificar, que pela iniuſta morte, que lhe dey, ſe me eſperava hum eterno tormento; e com iſto, abrindo-ſe a terr

terra com eſpantoſo bramido, o ſepultou em ſuas entranhas.

Ariad. Sempre o medo repreſenta mayores os objectos.

Teband. He caſo verdadeiramente notavel! Vem, Senhor, a prevenir algum remedio a eſſe ſuſto.

Rey. Vamos, Tebandro; e vós outros cerray as portas deſte Labyrintho com traveſſas, àlem das guardas, para que fique inhabitavel para ſempre eſte cadafalſo, aonde ouvi a ſentença de minha condemnaçaõ.

Teband. Senhor, e Dedalo, e o Minotauro?

Rey. Morra Dedalo, pereça o Minotauro; pois hum, e outro, foraõ inſtrumentos de meu precipicio. *Vaõ-ſe.*

Sahem da columna Ariad, e Fedra.

Ariad. ElRey (ay deſgraçada!) manda fechar o Labyrintho; como ſahiremos daqui?

Fedra. A que fim, Ariadna, vieſte ao Labyrintho?

Ariad. A repoſta, que tu me havias de dar, ſe eu o meſmo te preguntara, ſervirá para a tua pregunta; mas agora naõ he tempo

de averiguar zelos, quando mayor cauſa nos afflige.

Fedra. Nunca me enganey, que Tezeo amava a Ariadna. *à part.*

Ariad. Que dizes, Fedra, da noſſa deſgraça?

Fedra. Deixa-me, que o coraçaõ dividido a ſentir tantos golpes, naõ ſabe diſtinguir os ſentimentos.

Ariad. Aonde eſtará Tezeo? Tezeo?

Sahem da mina Tezeo, e Esfuziote.

Tezeo. Apenas ſayo de hum perigo, quando logo me vejo em outro mayor!

Esfuz. Naõ ha couſa como ſervir a Princepes, que ainda depois de mortos ampараõ os criados.

Ariad. Naõ cuides, Tezeo, que quero arguirte de tuas falſidades, vendo aqui a Fedra; ſó quero dizer-te, que ElRey mandou fechar o Labyrintho: vê como havemos daqui ſahir, com tal brevidade, que ElRey nos naõ ache menos em Palacio; e quando por mim o naõ faças, faze-o por Fedra, que tanto te merece.

Esfuz. Ainda mais eſſe temos? Em boa me vim eu meter!

Fedra. Naõ te perturbes, Tezeo, nem o meu reſpei-

reſpeito te obrigue a ſer menos extremoſo para com Ariadna, de cuja vida compadecido, vê como has de livralla, que pelo meſmo caminho, que a libertares, me ſalvarey à ſua ſombra, ſó por te naõ merecer algum favor eſpecial.

Tezeo. Que farey em taõ precipitado empenho?

Esfuz. Senhores, Voſſas Altas Potencias deixem por ora couſas, que naõ vaõ, nem vem; cuidemos em materias de vir, e ir daqui para fóra, naõ tanto pelas Senhoras Infantas, quanto por mim, que tenho occupaçaõ no Paço, e naõ ſerá razaõ, que falte às obrigações delRey meu amo.

Ariad. e *Fed.* Que dizes, Tezeo?

Esfuz. Senhor, diga alguma couſa, pois já ſenaõ póde livrar das ballas deſta Infantaria.

Tezeo. Senhoras, naõ vos afflijais, que tudo terá remedio. Dedalo, Dedalo, pódes ſobir ſem ſuſto.

Sahe Dedalo da mina.

Dedal. Que me ordenas? Mas que vejo! Aqui voſſas Altezas?

Ariad. Dedalo, ſabe, que tambem viemos a ſer companheiras na tua deſgraça.

Fe-

Fedra. Quem te diſſera, que para noſſo eſtrago fabricavas eſte Labyrintho!

Dedal. Saõ altas diſpoſiçõeſ dos Deoſes, que ſenaõ podem evitar.

Tezeo. Dedalo, por ſucceſſos de amor, e fortuna, ſe achaõ aqui hoje as Infantas; o Labyrintho por ordem delRey eſtá fechado, vê por onde havemos de ſahir?

Dedal. Por aquella mina, que vay ter às ribeiras do mar, como ſabes, pois naõ ha outro caminho.

Tezeo. Bem advertiſte.

Dedal. Oh quanto me peza haver fabricado eſte Labyrintho!

Eſfuz. O certo he, que eſte Labyrintho, em que eſtamos, naõ o fabricou o Senhor Dedalo.

Ariad. Pois quem foy?

Eſfuz. Foy o amor, que he mayor architecto, que quantos Dedalos ha no Mundo; e ſe o querem ſaber, demme attençaõ a eſte Soneto.

SO-

SONETO.

Ser Labyrintho amor, ninguem duvida,
Que eſte rapaz cruel, cego frecheiro,
Fabricou, como quiz, meſtre pedreiro,
Dentro de huma alma hum beco ſem ſahida:
O magano tomou bem a medida;
Valha-te o diabo amor, que es marralheiro,
Pois por dar cos narizes num ſedeiro
No alfuje de hum rigor lança huma vida!
Anda neſte palacio, o mais diffuſo,
O triſte coraçaõ num corropio,
Porque todo o querer he parafuſo:
E por mais que da idéa arda o pavio,
Em torcicolos mil ſe vê confuſo,
Pois ſempre no melhor ſe quebra o ſio.

Ariad. Na tua toſca fraze diſſeſte verdades puras.

Esfuz. Que me faça bom proveito.

Tezeo. E pois eſtá determinado o fugirmos pela mina, e para nos tranſportarmos para Athenas, ſerá preciſo, que vá Esfuziote logo com joyas a fretar huma náo, e que junto à mina tenha eſcaleres promptos para o embarque, ſem que declare às peſſoas, que haõ de ir nella, e te eſperamos na boca da meſma mina, ao dares ſenha,

ſenha, que ſerá eſta: *Venhaõ Senhores*: e já que até o preſente tens ſido fiel, eſpero, que com eſta acçaõ coroes a tua fidelidade.

Esfuz. Eſtá muito bem, mas ſaibamos por onde hey de ir eu?

Tezeo. Por aquella mina, que vay dar ao mar.

Esfuz. Qual mina? Aquella aonde cahio ſemivivo o Senhor Minotauro? De burro, que eu tal vá!

Tezeo. Tu bem viſte, que o Minotauro cahio morto, e já naõ pódes ter medo, pois Dedalo, eu, e tu, eſtivemos agora neſta mina.

Esfuz. Eu com o medo naõ ſey aonde me meti, e era eu capaz naquella hora de meter-me pelo fundo de huma agulha, que taõ pequeno me reduzio o pavor; com que, Senhor, eu naõ vou pela mina, que o meſmo ſerá lembrar-me no caminho o Minotauro, que ficar tolhido ſem poder dar hum paſſo.

Dedal. O' Esfuziote, parece mal dizer hum homem, que tem medo.

Esfuz. Pois os homens ſaõ os que tem medo, que quanto os animaes, eſſes inveſtem como brutos.

Fedra. Pois como ha de ſer, que cada vez

ſe

ſe difficulta mais a noſſa liberdade?

Dedal. Eu darey o remedio: como Esfuziote recuſa ir pela mina, irá pelo ar com humas azas, que lhe hey de pôr, e com ellas voará taõ ſeguro, como qualquer ave.

Tezeo. Agora naõ tens deſculpa; que dizes, Esfuziote?

Esfuz. Iſſo tem que cuidar: vamos, que entendo, que para iſto de voar naõ ſerey deſazado; venha, Senhor Dedalo. *Vay-ſe.*

Dedal. Tu verás o meu artificio. *Vay-ſe.*

Fedra. Tezeo, eſpero de ti, que em Athenas ſaibas agradecer as finezas, que me deves. *à part. vay-ſe.*

Tezeo. Tu verás a minha conſtancia. *à parte. para Fedra.*

Ariad. Em fim me levas a mim, e a Fedra? Já ſey, que vou experimentar, ingrato, as tuas inconſtancias. *Vay-ſe.*

Tezeo. Naõ temas variedades no meu amor; oh Deoſes ſoberanos, ſe for ingrato a Fedra naõ me crimineis; pois naõ podendo ſer eſpoſo de ambas, e a ambas devendo iguaes finezas, razaõ ſerá, que fique iſenta a vontade para preferir a Ariadna. *Vay-ſe.*

SCE-

SCENA VII.

Boſque, e marinha, como no principio, e a meſma gruta, mas desfeita; e dizem dentro o ſeguinte.

Dentr. Rey. BUſquemos todos as Infantas, naõ fique penha, ou tronco, por mais inculto, que o noſſo cuidado naõ inveſtigue.

Dentr. Lid. Ariadna, aonde te eſcondem os teus deſvios?

Dentr. Teb. Querida Fedra, quem te aparta dos meus olhos?

Dentr. Todos. Buſquemos as Infantas, que naõ appareceni.

Sahem Sanguixuga, e Taramella.

Sang. Ay deſgraçada, que Fedra amolou as palanganas!

Taram. Que ſerá de voſſa merce, minha tia?

Sang. Que ſerá de ti, minha ſobrinha?

Ambas. Que ſerá de nós?

Taram. E o peyor he, que o Senhor Tezeo entendo fugiria com Ariadna, e irá caſar com ella: ah cruel Tezeo, que me deixaſte burlada!

Sang.

Sang. Antes cuido, qui irá caſar com Fedra, que por mim em certa occaſiaõ lhe mandou huma banda.

Taram. Ou caſe com huma, ou com outra, eu fiquey chuchando no dedo.

Sang. E eu ſem Embaixador por meus peccados!

Taram. E ſobre naõ caſar comigo, levarme a joya, que me deu Lidoro, que nella tinha o meu dote!

Sang. E a mim a joya, que me deu Tebandro!

Taram. Oh Principe de huma balla, os diabos te levem.

Sang. Oh Principe de huma figa, má rayos te partaõ.

Taram. Eu ſem Ariadna, e ſem joya!

Sang. Eu ſem joya, e ſem Fedra!

Ambas. Que ſerá de mim?

Vay-ſe Sanguixuga; e apparece Esfuziote com as azas voando.

Esfuz. Nenhum alcoviteiro ſe vio até o preſente em mayores alturas! Iſto he, que he ſobir de hum pullo! Agora nada me dá cuidado com ter tantas penas, pois nunca me vi taõ deſempennado, como ago-

agora, que me vejo com azas: eu em minha conſciencia, ſe quizer, daqui poſſo mijar no Mundo.

Taram. Cada vez, que cuido naquelle inſolente, naõ ſey como naõ deſeſpero.

Esfuz. Ora olhemos agora cá para baixo: muito grande he o Mundo! Ay que lá eſtá Taramella feita mulher do Mundo! Pois eu quero debicar hum pouco com ella: trás. *Chegando-ſe ao ouvido de Taram.*

Taram. Ay! Que bizouro me anda pelos ouvidos?

Esfuz. Trás, trís.

Taram. Xó daqui, maldito bizouro.

Esfuz. A Deos Taramella, trás.

Taram. Quem me falla ao ouvido, ſe aqui naõ eſtá ninguem?

Esfuz. Taramella, Tezeo querte muito, mas he aqui para trás.

Taram. Quem he, que me falla? Iſto he encanto.

Esfuz. Amor, que tem azas, he o que falla.

Taram. Aonde eſtás?

Esfuz. Aqui atrás.

Taram. Que he o que vejo? Naõ és tu, fingido ingrato Tezeo, a quem ſem duvida os Deoſes, por caſtigo da tua falſidade, em ave te converteraõ? Anda cá para baixo,

baixo, que eu te abaterey os voos.

Esfuz. A quem naõ atrahiraõ aquelles doces reclamos? *Deſce.* Ay Taramella, que já preza a minha liberdade no viſgo dos teus olhos, deixo por elles o Ceo de Venus, em que me vi, pela eſféra de tua belleza, em que me abrazo.

Taram. Agora, que cahio no laço, naõ me eſcapará. *à part.*

Esfuz. Vês, tyranna, que as tuas falſidades me fazem aerio?

Taram. Quem deu eſſas azas a Voſſa Alteza?

Esfuz. Das penas, que me dás, naſceraõ as azas, que me vês.

Taram. Bem ſey, que penas lhe cauſo, e ſó Ariadna lhe dá glorias.

Esfuz. Naõ queiras, traidora, com eſſe fingimento encobrir o engano de me mandares meter na Vaca, para tomar degoladouros na eſpada de Lidoro, a quem duas vezes mixiriqueira intentaſte entregar-me; vay-te, que já comtigo naõ quero nada, pois para fugir de ti, já tenho azas.

Taram. Quem me dera, que vieſſe alguem, para o agarrar, e entregallo a ElRey; porém eu o deterey com carinhos. *à part.* Meu Senhor, meu eſpoſo, meu bem, meu, meu .... *Esfuz.*

Esfuz. Calte, calte Taramella, que eſtás taramellando?

Taram. Eu..... porque foy o meu amor..... porque os zelos.... mas eu prometto....

Esfuz. Nada, nada, naõ admitto lograçõeſ; já ſou paſſaro çafaro, que naõ cayo com eſſa facilidade.

Taram. Olhe, verá que nunca mais, nunca mais.

Canta Esfuziote a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Deixa-me, fucinhuda Taramella,
Que eu naõ quero cahir neſſa eſparrella:
Tu falſa, tu cruel, tu aleivoſa,
Com fucinho de gata langanhoſa,
Querias em taes penas
Que ficaſſe ſem filho ElRey de Athenas?
Pois hum chuço amollado, que te paſſe,
Huma faca flamenga, que te eſpiche,
E huma bomba de fogo, que te eſguiche.

ARIA.

Naõ ha couſa como ver
Huma deſtas prefumida,

Muy

Muy lambida, e deslambida,
Com mil chularias,
Com caras de monos,
Com unhas de arpias,
Chupando-me o ſangue,
Roendo-me os oſſos,
Deixando-me em pelle,
E depois de chuchado, ruido, e lambido,
Me prega hum gataſio:
Iſto he amor? Arrelá!
Hey de amarte? Iſſo naõ.

Sahe Sanguixuga.

Sang. Ay rapariga, que quanto mais buſcaõ as Infantas, menos ſe achaõ.

Taram. Tia, agora he tempo de recuperarmos as noſſas joyas; ajudeme a pegar neſte traidor: venhaõ, Senhores.

Pegaõ em Eſfuzíote, e lhe tiraõ as azas.

Eſfuz. Deſſa me rio eu, pois tenho azas *ad volandum.*

Taram. Arranquemos-lhe as azas, para que naõ fuja.

Sang. Agora pagará tudo junto: venhaõ todos.

Eſfuz. Naõ me agarres, Sanguixuga; olha, que deito ſangue.

Taram

Taram. Venhaõ, Senhores.
Esfuz. Calte, tolla, naõ digas taõ alto: venhaõ Senhores.
Dentr. Tez. Alli diſſe Esfuziote, venhaõ Senhores, vamos ſahindo.

Sahem ElRey, e Tebandro por huma parte, e pela gruta iraõ ſahindo diante Dedalo, Fedra, e Ariadna, que ficará com as coſtas na gruta.

Rey. Teb. Que he iſto aqui?
Tarám. Eis-aqui quem te póde dar conta das Infantas.
Ariad. Ay de mim, que Esfuziote nos entregou! *à part.*
Fedra. Fujamos outra vez.
Dedal. Oh que deſgraça!
Esfuz. Deſta ninguem ſe livra. *à part.*
Rey. Traidoras, aleivoſas, viboras mal naſcidas, como atropellando a minha authoridade, e o voſſo decoro deſta ſorte..... Porém a minha vingança ſuprirá as minhas vozes. *Vay para ambas.*
Fed. Ariad. Naõ ha quem me ampare?
Tebánd. Senhor, Voſſa Mageſtade advirta.
Tezeo. Anda, Ariadna, deſviate da boca da mina; deixa-me ſahir.
Ariad. Eſpera hum pouco.

Rey.

Rey. E tu, aleivoſo Dedalo, como te atreves a ver a face do Sol, e a minha, quando a tua inſolencia . . . . *Tambores dentro.*

Dentro. Arma, arma; guerra, guerra.

Sahe Lidoro.

Lidor. Senhor, eſtamos perdidos, pois de improviſo nos vemos cercados de huma poderoſa armada de Athenas, e já muita parte dos Soldados tem deſembarcado.

Rey. Pois vamos a reſiſtirlhes: ay de mim, quantos golpes penetraõ eſte afflicto coraçaõ!

Eſfuz. Quanto folgo!

Dentr. Lic. Naõ fique pedra ſobre pedra, que naõ proſtrem as noſſas armas.

Lidor. Senhor, he já quaſi impoſſivel a defenſa, pois os eſquadrões tudo vem desbaratando.

Tezeo. Que he o que ouço! Deſvia-te Ariadna.

Ariad. Eſpera, naõ te ſobreſaltes.

Teband. Vamos, Senhor, que o meu valor ſaberá caſtigar aos Athenienſes.

Ao querer entrar, ſahem Licas, e Soldados, e tocaõ tambores.

Licas. Dá-te à prizaõ, barbaro Rey, pois já te naõ pódes livrar de noſſo furor.

Rey. Oh tyranna ſorte! Para iſto me dilataſte a vida, ſupremo Jove?

Licas. Para que vejas, tyranno Rey, que Athenas ſabe vingar a morte de ſeu Principe Tezeo, já que cruel, ſem attenderes a ſeu regio ſangue, o fizeſte reo da mais afrontoſa morte, em cuja vingança, deſtruido o teu Reyno, ſerás com toda a tua familia levado para Athenas, a ſeres deſpojo de noſſas armas.

Teb. Lid. Que deſgraça?

Ariad. Fed. Que deſventura!

Esfuz. Que requias folganças!

Rey. Oh quem tivera a Tezeo vivo! Mas em vaõ ſaõ os meus deſejos.

Taram. Senhor, naõ ſe amofine, que Tezeo eſtá vivo, que he eſte, que aqui eſtá diſfarçado em Esfuziote.

Sang. Sim, Senhor, eu, e minha ſobrinha ſó ſabiamos eſte ſegredo,

Rey. Deixay-me, tontas.

Esfuz. Calem-ſe, cavalgaduras.

Licas. Anda, Minos.

Sahe Tezeo.

Tezeo. Eſpera, Licas, que ainda ſou vivo, pela piedade de huns generoſos affectos, que conſtantes me redimiraõ, livrando-me do Labyrintho, e matando o Minotauro, ceſſando a ruina da noſſa Patria na extinçaõ deſſe monſtro.

Licas. Deixa-me, Senhor, proſtrarme a teus pés: que feliz nova para ElRey teu pay, que já te julgava morto aos impulſos deſſa féra!

Lid. Teb. Que extraordinaria maravilha!

Rey. Tezeo, a teus pés rendido te peço perdaõ da inhumanidade, que uſey comtigo; e pois das tuas armas me vejo hoje priſioneiro, peço-te, te compadeças de huma deſgraçada velhice.

Esfuz. Vejaõ como deſandou a roda; e o que vay de moer a ſer moido, pois Minos de author veyo a ſer reo!

Fed. Ariad. E ſe acaſo, Senhor, as noſſas lagrimas tem algum valimento na tua piedade, por ellas perdoa a noſſo pay.

Tezeo. Senhoras, baſta Minos ſer voſſo progenitor, para que naõ ſó lhe reſtitua a liberdade, mas tambem o Reyno; e para completar a minha, e a ſua fortuna, Ariadna ha de ſer hoje minha eſpoſa, em premio das finezas, que lhe devo, e por

naõ faltar ao juramento, que lhe dey.

Ariad. Ditoſo amor, que de tantos impoſſiveis ſe vê já triunfante!

Fedra. Infeliz eu, que malogrey tantas finezas! *à part.*

Rey. Venturoſa bonança depois de tanta tormenta! E agora em Tezeo, que reputado por morto matou o Minotauro, ſe verifica o Oraculo de Venus, pois Tezeo foy o vivo morto na extinçaõ do Minotauro.

Lidor. Ah cruel Ariadna, que para ver a tua falſidade ſuſtentaſte de enganos a minha eſperança! Logra tu eſſe Himinêo, que eu irey ſentir a minha ſorte infeliz.

Teband. Senhor, neſta occaſiaõ he juſto, que os favores de Fedra premeem as minhas firmezas.

Rey. Fedra, reconhece a Tebandro por teu eſpoſo.

Fedra. Naõ poſſo reſiſtir ao teu imperio: obedeçamos ao fados. *à part.*

Licas. Oh quanto eſtimo eſta concordia!

Tezeo. E tu, Dedalo, vem comigo para Athenas a receber o premio de tua lealdade.

Dedal. Naõ quero mais premio, que a tua felicidade.

Sang. E que ficaſſe eu lograda ſem joyas, e ſem Embaixador! *Taram.*

Taram. Baſta, Esfuziote, que me enganaſte, dizendo-me que eras Tezeo, para que tantas vezes enganaſſe a Lidoro?

Esfuz. Naõ ſe perdeu mais, que o feitio; porém poſſo affirmar-te, que te naõ enganey; pois quem duvída, que quando eu era menino, era infante? Porém ſe ſó he Principe, quem faz acçõeſ generoſas, eu quero fazer huma eſtupenda, que he caſar comtigo; porque em ſua caſa cada hum he Rey, e ſenhor de ſeus narizes; venha a maõ, Taramella, com licença dos Senhores.

Taram. Do mal o menos, vá feito.

Rey. Repitaõ todos os vivas deſta ſoberana gloria.

Tezeo. Eſperay, que primeiro Lidoro me ha de dar hum retrato de Ariadna, que fingidamente lhe deu.

Lidor. Razaõ tendes; tomay-o, que naõ he bem, que conſerve a verdadeira copia de hum falſo original. *Dá a retrato.*

Tezeo. Agora ſim, publiquem todos o mayor triunfo, de Cupido, confeſſando, que ſó o amor he o verdadeiro Labyrintho.

Esfuz. Vá de feſta, e folía, celebrando-ſe eſte deſpoſorio com armonioſas vozes.

CORO.

Num-a alma inflammada
De amor abrazada
Cruel Labyrintho
Fabríca o amor.
Porém quem eſpera
O beni de huma féra,
Acertos de hum cego,
De hum monſtro favor :

FIM.

GUERRAS DO ALECRIM, E MANGERONA,

OPERA JOCOSERIA,

QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Liſboa, no Carneval de 1737.

IN-

INTERLOCUTORES.

D. Gilvaz.
D. Fuas.
D. Tiburcio.
D. Lanſerote, *Velho.*
D. Cloris. } *Sobrinhas de D. Lanſ.*
D. Nize. }
Sevadilha, *Gracioſa, Criada.*
Fagundes, *Velha, Criada.*
Simicupio, *Gracioſo, Criado de D. Gilvaz.*

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Prado, com caſaria no fim.*
II. *Camera.*
III. *Praça.*
IV. *Gabinete.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Praça.*
II. *Salla.*
III. *Camera.*
IV. *Praça.*
V. *Camera.*
VI. *Jardim.*
VII. *Salla.*

PARTE I.

SCENA I.

Prado, com caſaria no fim. Sahem D. Cloris, D. Nize, e Sevadilha com os roſtos cubertos; e D. Fuas, D. Gil, e Simicupio, ſeguindoas.

D. G. DIana deſtes boſques, ceſſem os accelerados deſvios deſſe rigor, pois quando remora me ſuſpendeis, ſois iman, que me attrahis. *Para D. Clor.*

D. F. Flora deſtes prados, ſuſpendey a fatigada porfia de voſſo deſdem, que eſſa diſcorde fuga, com que me deſenganais, he armonioſa attracçaõ de meus carinhos; pois nos paſſos deſſes retiros fórma compaſſos o meu amor. *Para D. Nize.*

Simic. E tu, que vens atraz, ſerás a Syringa deſtas brenhas; e para o ſeres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atraz, pois a pezar dos eſguichos de teu rigor, hey de ſer conglutinado raboleva das tuas coſtas. *Para Sevad.*

D. *Clor.* Cavalhero, ſe he que o ſois, peçovos, me

me naõ ſigaſs, que mal ſabeis o perigo, a que me expoem a voſſa porfia. *Para D. G.*

D. G. Galhardo impoſſivel, em cujas nubladas eſféras ardem occultos dous Soes, e ſe abraza patente hum coraçaõ, permitti, que eſta vez ſeja fineza a deſobediencia; porque ſeria aggravo de voſſos reflexos, negarlhe o inteiro culto na viſualidade deſſe eſplendor; porque aſſim, formoſa Ninfa, ou hey de vervos, ou ſeguirvos, porque conheça, já que naõ o Sol deſſe Oriente, ao menos o oriente deſſe Sol.

D. Clor. Que ſerá de mim, ſe eſte homem me ſeguir? *à part.*

D. Niz. Já parece teima eſſa porfia: vede, Senhor, que ſe me ſeguis, que impoſſibilitais o meyo, para verme outra vez.

D. F. Para que ſaõ, belliſſimo encanto, eſſes avaros melindres do repudio? Se já comecey a querervos, como poſſo deixar de ſeguirvos? Pois até naõ ſaber, ou quem ſois, ou aonde habitais, ſerey eterno gyraſol de voſſas luzes.

Sevad. Ora baſta já de porfia, ſenaõ vou revirando. *Para Simicupio.*

Simic. Tem maõ, Sargeta encantadora, que com embiocadas denguiſſes, feita papaõ das alinas, encobres olho, e meyo, para mata-

matares gente de meyo olho ; ſaõ eſcuſados eſſes eſconderelos , pois pela unha deſſe mélindre conheço o leaõ deſſa cara.

D. Clor. Iſſo já parece teima.

D. G. Iſto he querervos.

D. Niz. Iſſo he porfia.

D. F. He adorarvos.

Sevad. Iſſo he empurraçaõ.

Simic. A'gora , iſto he bichancrear , pouco mais , ou menos.

D. G. Senhoras , para que nos canſamos ? Ainda que pareça groſſaria naõ obedecer , entendey , que a noſſa curioſidade , e amor, naõ permittirá , que vos auſenteis , ſem ao menos com a certeza de vos tornarmos a ver , dandonos tambem o ſeguro de onde morais , para que poſſa o noſſo amor multiplicar os votos na peregrinaçaõ deſſes animados templos da formoſura.

D. F. Eis-alli , Senhora , o que queremos.

Sevad. Em termos , ſem tirar , nem pôr.

D. Clor. Pois , Senhor , ſe ſó por iſſo eſperais , baſtará , que eſſe criado nos ſiga ; porque de outra ſorte deſtruís o meſmo , que edificais.

D. G. E admittireis a minha fineza ?

D. Clor. Sendo verdadeira , porque naõ ?

D. F. Admittireis os repetidos ſacrificios de meu amor ?

D. Niz.

D. Niz. Sim, ſe for amor conſtante.

D.G. e *D.F.* Quem eſſa dita me abona?

D.Niz. Eſte ramo de Mangerona. *Para D. F.*

D. F. Na minha alma o diſporey, para que ſempre em virentes pompas ſe oſtente troféo da Primavera.

D. G. Mereça eu igual favor para ſegurança da voſſa palavra.

D.Clor. Eſte ramo de Alecrim, que tem as raizes no meu coraçaõ, ſeja o fiador, que me abone.

D. G. Por unico na minha eſtimaçaõ ſerá eſte Alecrim o Fenix das plantas, que abrazando-ſe nos incendios de meu peito, ſe eternizará no ſeu meſmo ardor.

Simic. Iſſo he bom, ſegurar o barco; mas a tacita hypotheca naõ me cheira muito, digaõ o que quizerém os Jardineiros.

D.Clor. Cada huma de nós eſtima tanto qualquer deſſas plantas, que mais facil ſerá perder a vida, do que ellas percaõ o credito de verdadeiras.

Simic. Ay! Baſta, baſta, já aqui naõ eſtá quem fallou: voſſas merces perdoem, que eu naõ ſabia, que eraõ do rancho do Alecrim, e Mangerona: reſta-me tambem, que tu coſinheiraſinha vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda,

prenda, pois tambem me quero ſegurar.

Sevad. Eis-ahi tem eſſe malmequer; que eſte he o meu rancho; eſtime-o bem, naõ o deixe murchar.

Simic. Ditoſo ſeria eu, ſe o teu malmequer ſe murchaſſe.

D.Clor. Pois, Senhor, como eſtais ſatisfeito, deſejarey eſtimaſſeis eſſe ramo, naõ tanto como prenda minha, mas por ſer de Alecrim.

D.Niz. O meſmo vos recomendo da Mangerona.

D.Clor. Advertindo, que aquelle, que mais extremos fizer a noſſo reſpeito, coroará de triunfos a Mangerona, ou Alecrim, para que ſe veja qual deſtas duas plantas tem mais poderoſos influxos para vencer impoſſiveis.

D.Niz. Deſejara, que triunfaſſe a Mangerona. *Vay-ſe.*

D.Clor. E eu o Alecrim. *Vay-ſe.*

Sevad. Cuidado no malmequer. *Vay-ſe.*

Simic. Cuidado no bemmequer.

D. G. O' Simicupio, vay ſeguindo-as, para ſabermos aonde moraõ; anda, naõ as percas de viſta.

Simic. Ellas já la vaõ a perder de viſta; mas eu pelo faro as encontrarey, que ſou lindo

do

do perdigueiro para eſtas caçadas. *Vay-ſe.*

D. F. Quem ſeraõ, amigo D. Gilvaz, eſſas duas mulheres?

D. G. Eſſa pregunta naõ tem repoſta, pois bem viſtes o cuidado, com que vendaraõ o roſto, para ferir os corações como Cupido; mas pelo bom tratamento, e aceyo, indicaõ ſer gente abaſtada.

D. F. Oxalá, que aſſim fora; porque em tal caſo, admittindo os meus carinhos, poderey com a ſortuna de eſpoſo ſer meeiro no cabedal.

D. G. Ay, amigo D. Fuas, que direy eu, que ando pingando, pois já naõ morro de fome, por naõ ter ſobre que cahir morro?

D. F. Ellas foraõ atordidas com palanfrorios.

D. G. Já que do mais ſomos famintos, ao menos ſejamos fartos de palavras.

Sahe Simicupio

Simic. Já fica aſſinalada na carta de marear toda a Coſta de Leſte, ao Eſte, com ſeus cachopos, e baixios.

D. G. Aonde moraõ?

Simic. Saõ as noſſas viſinhas, ſobrinhas de D. Lanſerote, aquelle mineiro velho, que veyo das minas o anno paſſado.

D. F.

D. F. Baſta que ſaõ eſſas ? Por iſſo ellas cobriraõ o roſto.

Simic. Iſſo tem ellas, que naõ ſaõ deſcaradas; antes ſaõ taõ ſizudas, que nunca encararaõ para ninguem.

D. G. Huma dellas ſey eu, que ſe chama D. Cloris.

Simic. E a outra D. Nize, iſſo ſabia eu ha muito tempo.

D. F. E como ſaberey eu, qual dellas he a da Mangerona,

Simic. Iſſo he facil, em ſabendo-ſe qual he a do Alecrim, logo ſe ſabe qual he a da Mangerona.

D. F. Grande ſubtileza! Vamos D. Gil.

Simic. Já que ſe vaõ, advirtaõ de caminho, que ſegundo as noticias, que tenho, bem pódem deſiſtir da empreza; porque o velho he taõ cioſo das ſobrinhas, como do dinheiro; a caſa he hum recolhimento; as portas de bronze; as janellas de encerado; as freſtas ſaõ oculos de ver ao longe, que nem ao perto ſe vem; as trapeiras ſaõ zimborios taõ altos, que nem as nuvens lhe paſſaõ por alto; as paredes do jardim ſaõ meſtras, e as chaves das portas diſcipulas, porque ainda naõ ſabem abrir; mas ſó hum bem ha, e he, que

tendo tudo taõ forte, ſó o telhado he de vidro; com que, Senhores meus, outro officio, contentem-ſe com cheirar a ſuá Mangerona, e o ſeu Alecrim; que amor, que entra pelo nariz, naõ he bem que chegue ao coraçaõ.

D. G. Simicupio, naõ temo impoſſiveis, tendo da minha parte a tua induſtria, que eſpero de ti apures toda a força de teu engenho para os combates deſſa muralha.

Simic. Ah Senhor D. Gilvaz, o meu Ariete já ſe acha muy canſado com tanto valvém; pois nem todo o artificio de minhas maquinas póde abrir brecha neſſa diamantina bolſa, que taõ cerrada ſe difficulta aos meus merecimentos.

D. G. Simicupio amigo, tem animo, que ſe montamos a burra de D. Lanſerote, ſaltaremos de contentes.

Simic. Tal he a minha deſgraça, e ſua miſeria; que ainda com eſſa burra me dará dous couces.

D. G. D. Fuas, ficaivos embora, que me vou armar de eſperanças, para que nos combates de amor triunfe o Alecrim.

D. F. D. Gil, vamos a forro, e a partido, pois que Simicupio he taõ déſtro na materia.

D. G.

D. G. Por ora naõ póde ainda ſer; deixay-me primeiro tentar o váo, que vós tambem navegareis no mar de Cupido.

D. F. Iſſo naõ merece a noſſa amiſade.

D. G. Se vós ſois do rancho da Mangerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, ſeguindo eu a parcialidade do Alecrim; e como nas guerras deſtas plantas havemos os dous ſer contrarios, mal poderey ſoccorrervos; e aſſim, ficay-vos embora, D. Fuas, e viva o Alecrim. *Vay-ſe.*

Simic. E viva o malmequer. *Vay-ſe.*

D. F. Vivirá a Mangerona a pezar do mais intenſivo ardor de oppoſtos Planetas.

Sahe Fagundes com manto, e capello.

Fag. He bom ſumiço! Adonde eſtaráõ eſtas meninas, que ha mais de quatro horas, que foraõ à Miſſa, e ainda naõ ha fumo dellas? Meu Senhor, voſſa mercê acaſo veria por aqui duas mulheres com huma criada?

D. F. Que ſinaes tinhaõ?

Fag. Tinha huma dellas huns ſinaes pretos no roſto, e a outra huns ſinaes de bexigas.

D. F. E que mais?

Fag. Huma dellas tem os olhos verdes, cor

de pimentaõ, que naõ eſtá maduro, e a outra olhos pardos, como raiz de Oliveira; huma tem cova na barba, e a outra barba na cova; huma tem a eſpinhela cahida, e a outra hum leiſenſo num braço.

D. F. Com eſſes ſinaes, nunca vi mulher neſta vida.

Fag. Meu Senhor, huma dellas trazia hum ramo de Alecrim no peito, e a outra de Mangerona.

D. F. Vi muito bem, que ſaõ as ſobrinhas de D. Lanſerote.

Fag. Eſſas meſmas ſaõ: ora diga-me, aonde as vio?

D. F. Promette voſſa merce fazerme quanto lhe eu pedir?

Fag. Ay, que couſa me pedirá voſſa merce, que lhe naõ faça, dizendo-me adonde eſtaõ as minhas meninas?

D. F. Pois deſcanſe, que ellas aqui eſtiveraõ, e agora foraõ para caſa.

Fag. Ay, boas novas tenha.

D. F. Ora pois em alviçaras deſſa boa nova quero me diga, como ſe chama.

Fag. Eu? Ambroſia Fagundes para ſervir a voſſa merce.

D. F. Digo como ſe chama, a que trazia a Mangerona no peito?

Fag.

Fag. Chama-ſe D. Nize.

D. F. Pois, Senhora Ambroſia Fagundes, ſaiba, que eu adoro taõ exceſſivamente a D. Nize, que em premio do meu extremo me franqueou eſte ramo de Mangerona.

Fag. He verdade, que pelo cheiro o conheço, que he o meſmo.

D. F. E como me dizem os impoſſiveis, que ha de a poder communicar, quizera deverlhe a galantaria de ſer minha proctetora neſta amoroſa pertençaõ; e fie de mim, que o premio ha de ſer igual ao meu deſejo.

Fag. Meu Senhor, difficil empreza toma voſſa merce; porque àlem da exceſſiva cautella do tio, que niſſo naõ ſe falla, huma dellas eſtá para caſar com hum primo, que hoje ſe eſpera de fóra da terra, e a outra qualquer día vay a ſer freira; com que, meu Senhor, deſengane-ſe, que alli naõ ha que arranhar.

D. F. E qual dellas he a que caſa?

Fag. Ainda ſenaõ ſabe; porque o noivo vem à eſcolha daquella, que lhe mais agradar.

D. F. Como o vencer impoſſiveis he proprio de hum verdadeiro amante, nós havemos intentar eſta empreza, ſaya o que ſahir;

que

que a diligencia he mãy de boa ventura; favoreça-me voſſa merce, Senhora Fagundes, com o ſeu voto, que eu terey bom deſpacho no tribunal de Cupido; tenho dinheiro, e reſoluçaõ, e tendo a voſſa merce da minha parte, certo tenho o triunfo da Mangerona.

Fag. Pois por mim naõ ſe deſmanche a feſta, que eu naõ ſou deſmancha prazeres: eſta noite o eſpero debaixo da janella da coſinha; ſabe aonde he?

D. F. Bem ſey.

Fag. Pois eſpere-me ahi, que eu lhe direy o que ha na materia.

D. F. Deixe-me beijarlhe os pés, ò inſigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

Fag. Ay! Levante-ſe, Senhor, naõ me beije os pés, que os tenho agora muy ſuados, e hum tanto fétidos; deſcanſe, Senhor, que D. Nize ha de ſer ſua a pezar das cautellas do tio, e das caricias do noivo.

D. F Se tal conſigo, naõ tenho mais, que deſejar.

Canta

Canta D. Fuas a ſeguinte

ARIA.

Se chego a vencer
de Nize o rigor,
De goſto morrer
Voſſê me verá.
Porém ſe hum favor
Alenta o viver,
Quem morre de amor
Mais vida terá. *Vay-ſe.*

Fag. Eſtes homens, tanto que ſaõ amantes, logo ſaõ muſicos; e eu neſte entendo terey boa melgueira, e mais eu que ſou abelha meſtra, que hey de chupar o mel da Mangerona, e do Alecrim.

SCENA II.

Camera. Sahem D. Nize, D. Cloris, e Sevadilha.

Sevad. AY, Senhora, que ainda naõ creyo, que eſtamos em caſa, pois ſe vimos mais tarde, naõ nos acha o Senhor velho! *D. Clor.*

D. Clor. Em boa nos metemos!

D. Niz. Nunca tal nos ſuccedeo: que te parece, D. Cloris, a porfia daquelles homens em nos querer conhecer?

Sevad. Sim, Senhora, como ſe nós foſſe-mos ſuas conhecidas.

D. Clor. E a facilidade, com que ſe namoraõ logo eſtes homens, he o que mais me admira!

Sevad. Pois o maldito do criado, que tanto ſe meteo comigo, como piolho por coſtura!

D. Clor. Que te veyo dizendo?

Sevad. Mil deſpropoſitos miſturados com varias finezas eſfarrapadas.

Sahe Fagundes com manto apanhado no braço.

Fag. Ainda eſſes Alecrins, e Mangeronas haõ de dar nos narizes a muita gente.

D. Niz. Que diz, Fagundes?

Fag. Digo, que bem eſcuſados eraõ eſtes ſuſtos; ora digaõ-me, Senhoras, ſe ſeu tio vieſſe, e as naõ achaſſe em caſa, que ſeria de mim?

D. Clor. Naõ fallemos niſſo, que ainda eſtou a tremer.

Fag. Apoſtemos, que iſſo foraõ conſelhos deſta Senhora, que aqui eſtá?

Sevad.

Sevad. Apello eu, que teſtemunho! Olhe o diabo da mulher, parece, que me tem tomado à ſua conta!

Fag. Coitada, como ſe deſconjura!

Sevad. Ainda por amor della me hey de hir deſta caſa.

Sahe D. Lanſerote.

D. L. Fagundes, depreſſa vá deitar mais hum ovo nos eſpinafres, que ahi vem meu ſobrinho D. Tiburcio, já que ſou taõ deſgraçado, que por mais meya hora naõ chega depois de jantar.

Fag. Eu vou, meu Senhor; mas cuido, que o noivo a eſtas horas comerá novilho. *Vay-ſe.*

D. L. Agora, minhas ſobrinhas, he chegado o voſſo eſpoſo, naõ tenho, que encomendar-vos o modo, com que o haveis de tratar.

D. Clor. Já vem tarde. *à part.*

D. Niz. Veremos a cara a eſte noivo. *à part.*

Sevad. Pois dizem, que he hum galante lapuz. *à part.*

Sahe D. *Tiburcio com botas veſtido ridiculamente.*

D. L. Amado ſobrinho, dá-me os braços: he poſſi-

poſſivel, que vejo a hum filho de meu irmaõ!

D. T. Sim, Senhor; mas primeiro mande voſſa merce ter cuidado naquellas choiriças, que vem no alforje, naõ as dizime o Arrieiro, que tem em cada maõ cinco aguias rapantes.

D. L. Iſſo me parece bem, ſeres poupado; eu vou a iſſo. *Vay-ſe.*

D. Clor. Que te parece, Nize, a diſcriçaõ do noivo?

D. Niz. Muito bom principio leva.

Sevad. Parece, que o ſeu genio mais ſe caſa com o alforje. *à part.*

D. T. As primas naõ ſaõ más; porém a moça me toa mais. *à part.*

Sahe D. Lanſerote.

D. L. Socegay, ſobrinho, que já tudo eſtá arrecadado.

D. T. Agora ſim; amado tio meu, por cujos humanos aqueductos circula em nacarados licores o ſangue de meu progenitor, permitti, que os meus ſequioſos labios calculem eſſes pés, dedo por dedo.

D. L. Levantay-vos; ſois diſcreto, meu ſobrinho:

brinho: pois voſſo pay era hum pedaço d'aſno, Deos lhe perdoe.

D. T. Naõ eſtá mais na minha maõ, em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

D. L. Fallay a voſſas primas, e minhas ſobrinhas, D. Nize, e D. Cloris.

D. T. Eu vou a iſſo.

SONETO.

Primas, que na guitarra da conſtancia
Taõ iguaes retinís no contraponto,
Que naõ ha contraprima neſſe ponto,
Nem nos porpontos noto diſſonancia:
Oh falſas naõ ſejais neſta jactancia;
Pois quando attento os numeros vos conto,
Neſſa belleza armonica remonto
Ao plectro da Phebina conſonancia:
Já que primas me ſois, ſede terceiras
De meu amor, por mais que vos agaſte
Ouvir de hum cavalete as frioleiras;
Se encordoais de ouvirme, ò primas, baſte
De dar à eſcaravelha em taes aſneiras,
Que em fim iſto de amor he hum lindo traſte.

D. L. Tambem ſois Poeta, meu ſobrinho?

D. T. Tambem temos noſſo entuziaſmo, Senhor,

nhor tio ; iſto cá he vea capilar , e natural.

D. L. Oh quanto me peza , que ſejais Poeta, pois por força haveis de ſer pobre.

D. T. A'gora , Senhor , eu ſou hum rico Poeta ; pois , primas , que dizeis da minha eloquencia ? Naõ me reſpondeis ?

D.Clor. Os Anjos lhe reſpondaõ.

D.Niz. Ahi naõ ha mais que dizer.

D. T. Ah Senhor tio , eſta rapariga he cá da obrigaçaõ de caſa ?

D. L. He moça da almofada.

D. T. Naõ he mal eſtreada ; e que olhos que tem ! Benza-te Deos !

Sevad. Quer Deos , que trago hum corninho por amor do quebranto.

D. L. Eu cuido , ſobrinho , que mais vos agrada a criada , do que a noiva.

D. T. Tudo , o que he deſta caſa , me agrada muito.

D. L. Agora vamos ao intento : ſabereis , minhas ſobrinhas , que voſſo primo D. Tiburcio , filho de meu irmaõ D. Trifonio, e de Dona Pantalioa Reboldan , o qual tambem era irmaõ de voſſo pay , e meu irmaõ D. Blianís , vem a eleger huma de vós outras para eſpoſa , pela mercê , que me faz ; que a ſer poſſivel caſar com ambas ,

bas o fizera ſem ceremonia, que para mais he o ſeu primor.

D. T. Por certo que ſim; e naõ ſó com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, deſejo meter no coraçaõ tudo o que for deſta caſa.

D. L. Eu o creyo, meu ſobrinho: niſſo ſahis a voſſo pay.

D. Clor. Naõ vi mayor aſno! *à part.*

D. Niz. Nem eu mayor ſimplez! *à part.*

Diz dentro Simicupio.

Simic. Quem merca o Alecrim?

D. Clor. O' Sevadilha, chama a eſſe homem do Alecrim; anda depreſſa.

Sevad. Entrou no fadario! *à part.*

D. L. Sobrinho, naõ eſtranheis eſte exceſſo de minha ſobrinha; porque haveis de ſaber, que ha neſta terra dous ranchos, hum do Alecrim, outro da Mangerona, e fazem taes exceſſos por eſtas duas plantas, que ſe mataráõ humas às outras.

D. T. E voſſa merce conſente, que minhas primas ſigaõ eſſas parcialidades?

D. L. Naõ vedes, que he móda, e como naõ cuſta dinheiro, bem ſe póde permitir?

D. T. Bem ſey, que iſſo ſaõ verduras da mocidade, mas com tudo naõ approvo.

D. L.

D. L. E a razaõ!

D. T. Naõ ſey.

D.Clor. Voſſa merce como vem com os abuſos do monte, por iſſo eſtranha os eſtylos da Corte.

D.Niz. Callay-vos, mana, que elle ha de ſer o mayor apaixonado, que ha de ter o Alecrim, e a Mangerona.

D. T. Se eu enlouquecer, naõ duvido.

Sahe Simicupio com hum molho de Alecrim ao hombro.

Simic. Quem quer o Alecrim!

D.Clor. Anda para cá: tem maõ, naõ o ponhas no chaõ.

Simic. Pois aonde o hey de pôr?

D.Clor. Aqui no meu colo; ay, no chaõ o meu Alecrim? Iſſo naõ.

Simic. Pois naõ ſó o ponha no colo, mas no peſcoço.

D.Clor. A quanto he o mólho.

Simic. A real e meyo, por ſer para voſſa merce.

D.Clor. Poem ahi cincoenta mólhos.

Simic. Pelo que vejo, eſta he D. Cloris. *à part.* Eis-ahi tem todos os mólhos, reparta lá com a Senhora, que ſupponho tambem quererá o ſeu raminho.

D.Niz.

D.Niz. Ay, tira-te para lá, homem, com eſſe máo cheiro.

Simic. Já ſey, que eſta he a da Mangerona de D. Fuas. *à part.*

D. T. Bem haja minha prima, que naõ he deſtas invençõeſ,

D. L. Porque he da Mangerona, por iſſo aborrece o Alecrim.

D. T. Reſta-me, que voſſa merce tambem tenha algum rancho.

D. L. Olhay vós, naõ deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

Simic. Ora demos principio à tramoya. *à part.* Ay Senhores, quem me acode!

D. L. Que tens, homem?

Simic. Ay, ay, confiſſaõ.

Cahe Simicupio eſtrabuxando, fingindo hum accidente.

D.Clor. Coitado do homem! Que tens? Que te deu?

D.Niz. Taõ venenoſo he o teu Alecrim, que mata a quem o traz?

D. L. Olá, tragaõ agua.

Sahe Fagunde, e Sevadilha com huma quarta.

Sevad. Ay, Senhores, que iſto he accidente de gota coral!

Simic.

Simic. O coral de teus labios, que accidentes naõ fará? *à part.*

D. L. A unha de graõ beſta he boa para iſto.

D. T. Puxem-lhe pelos dedos, que tambem he bom remedio.

D. Lanſerote. D. Tiburcio, e Sevadilha, e Fagundes pegaõ em Simicupio, e eſte com o eſtrabuxamento fará cahir a todos.

D. L. Moſtra cá o dedo.

Simic. Agradeço o anel. *à part.*

D. T. E a força, que tem o ſalvaje!

Sevad. Eu naõ poſſo com elle.

Simic. Lá vay o dedo polegar cos diabos! Eu eſtou capaz de tomar a mim, antes, que me deixem deſpedaçado.

D. L. Borrifa-o, Fagundes.

Fag. Ora deixem-no comigo. *Borrifa-o.*

Simic. Pó diabo! E o que fedem os borrifos da velha! A maldita parece, que tem a poſtema no foge

D. Niz. Naõ ſe canſem, que elle naõ torna a ſi taõ cedo.

Simic. Eſſa he a verdade.

Fag. Mas pelo ſim pelo naõ, eu lhe vazo eſta quarta; que quando Deos quer, agua fria he méſinha.

Simic.

Simic. Valha-te o diabo, que me deitaſte agua na fervura! Eu naõ tenho mais remedio, que aquietarme, ſenaõ virá como remedio algum páo ſanto ſobre mim. *à part.*

Fag. Senhores, elle eſtá mais ſocegado depois da gua; venhaõ jantar, que a meſa eſtá poſta.

D. L. Vay buſcar o meu capote, e cobre-o, que eſtá tremendo o miſeravel.

Simic. He maravilha, que hum miſeravel cubra outro. *à part.*

D. T. Aquillo ſaõ convulſões, mas bom he cobrillo por amor do ar.

Sahe Fagundes com hum capote.

Fag. Eis-ahi o capote; ſe elle o babar, babado ficará.

Simic. Anda, tolla, que naõ me babo. *à part.*

D. L. Tu, Sevadilha, tem ſentido neſte homem, em quanto jantamos: vinde, Sobrinho. *Vay-ſe.*

D. T. Vamos, que tenho huma fome horrenda. *Vay-ſe.*

D. Nic. He galante figura o tal meu primo! *Vay-ſe.*

D. Clor. Fagundes, agazalha eſſe alecrim.

Fag. Tanto me importa; ſe fora Mangerona, ainda, ainda. *Vay-ſe.*

Sevad. Só iſto me faltava, ficar eu guardando a eſte defunto!

Simic. Vejamos quem he eſta Sevadilha, que ficou por minha enfermeira; ay, que ſupponho, que he a menina do malmequer, que lá traz hum no cabello! Vamo-nos erguendo, por ver ſe nos quer bem.

Vay-ſe erguendo.

Sevad. Deite-ſe, deite-ſe; ay, que o homem tem freneſis! Acudaõ cá.

Simic. Calte, Sevadilha, naõ perturbes eſta primeira occaſiaõ de meu amor.

Sevad. Deixe-ſe eſtar cuberto.

Simic. Bem ſey, que o calafrio de meu amor he taõ grande, que ſe póde cobrir diante delRey; mas confeſſo-te, que já naõ poſſo aturar o gravamen deſte capote.

Sevad. Ay, que o homem eſtá louco, e furioſo!

Simic. A furia, com que te auſentas, me faz enlouquecer; naõ fujas, Sevadilha, que eu ſou aquelle ſugeito do malmequer, e taõ ſugeito aos teus imperios, que ſou hum criado de voſſa merce.

Sevad. Eu te arrenego, maldito homem! Tu es o deſta manhãa?

Simic. Cuidavas, que naõ havia ſaber buſcar modo para verte?

Sevad.

Sevad. Queres, que vá chamar a D. Cloris, ou D. Nize?

Simic. Logo irás chamar a D. Cloris; mas primeiro attende à chamma de meu amor; que ſe o fogo tem linguas, e as paredes tem ouvidos, bem póde a dura parede de teu rigor eſcutar a lavareda, em que me abraſo: muita couſinha te podera eu dizer; porém a occaſiaõ naõ he para iſſo.

Sevad. Nem eu eſtou para eſſoutro.

Simic. Eu o diſſera, que o teu malmequer naõ he para menos!

Sevad. Nem a tua peſſoa he para mais.

Simic. Pois iſſo he deveras? Olha, q̃ deſconfio.

Sevad. Bem aviada eſtou eu! Bom amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte annos de deſprezos, como ha muitos que aturaõ, levando com as janellas nos narizes, dormindo pelas eſcadas, aturando calmas, ſofrendo geadas, apurando-ſe em Romances, dando deſcantes, feitos eſtatuas de amor no templo de Venus, e com tudo eſtaõ muy contentes da ſua vida; e aſſim para que me buſcas?

Simic. Para que me deſenganes, ſe me queres, ou naõ.

Sevad. Pregunta-o ao malmequer, que elle to dirá.

Simic. Se eu o tivera aqui, fizera eſſa experiencia.

Sevad. E aonde eſtá, o que eu te dey?

Simic. Lá o tenho empapelado, que cuido que o ar mo leva.

Sevad. Aſſim te leve o diabo.

Simic. Levará, que he muito capaz diſſo: pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

Sevad. Apanha aquelle malmequer, que eſtá junto àquella porta, e pergunta-lho, que elle to dirá.

Simic. Pois acaſo nas folhas do malmequer eſtaõ eſcritos os teus amores, ou os teus deſdens?

Sevad. Da meſma ſorte que a buena dicha na palma da maõ.

Simic. Eu vou apanhar o dito malmequer. *Vay-ſe.*

Sevad. Quem me dera, que ficaſſe em malmequer para o fazer andar à pratica!

Sahe Simicupio com hum malmequer.

Simic. Eis-aqui o malmequer; ora vamos a iſſo; que ſe ha flores, que ſaõ deſengano da vida, eſta o ſerá de amor; Sevadilha, toma ſentido, veſſe fica no benmequer.

Sevad.

Sevad. Iſto he como huma ſorte.

Simic. Queira Deos naõ ſe converta o malmequer em azar; tem ſentido, Sevadilha: amor, ſe ſahe a couſa como eu quero, eu te prometto hum arco de pipa, e huma venda nos Romolares em que ganhes muito dinheiro.

Canta Simicupio a ſeguinte

ARIA.

Oraculo de amor
Propicio me reſponde
Nas ancias deſte ardor
Bem me queres, mal me queres
Bem me queres, mal me queres,
Mal me queres, diſſe a flor;
Ay de mim, que me quer mal
Teu ingrato malmequer!
Acabou-ſe o meu cuidado,
Que mais tenho, que eſperar!
Voume agora a regalar
Levar boa vida, comer, e beber.

Sahe Dona Cloris.

D.Clor. Oh quanto folgo, que já eſtejas bom!

Sevad.

Simic. E taõ bom, que parece que nunca tive nada.

D.Clor. Com que ſaraſte?

Simic. Com o meſmo mal; porque tambem ha males, que vem por bem.

D.Clor. Que dizes, que te naõ entendo? Eſtás louco?

Simic. Meu amo ainda o eſtá mais, do que eu, deſde que te vio aſſim por mayor, eſta manhãa; e aſſim para ſignificar-te a tremendiſſima efficacia de ſeu amor, aqui me manda a teus pés, minto aos teus atomos, para que com os disfarces do Alecrim poſſa merecer os teus agrados.

D.Clor. Sevadilha, poem-te a eſpreitar naõ venha alguem.

Sevad. Sim, Senhora: arrelá com o ardil do homem! *Vay-ſe.*

D.Clor. E quem he eſſe teu amo, que tanto me adora?

Simic. He o Senhor D. Gilvaz cavalheiro de taõ lindas prendas, como *verbi gratia*, Londres, e Pariz.

D.Clor. Que officio tem?

Simic. Ha de ter hum de defuntos, quando morrer.

D.Clor. E em quanto vivo, em que ſe occupa?

Simic. Em morrer por voſſa merce.

D.Clor.

D.Clor. Falla a propoſito.

Simic. Senhora, meu amo naõ neceſſita de officios para manter os ſeus eſtados, porque tem varias propriedades comſigo muito boas; àlem diſſo tem huma quinta na ſemana, que fica entre a quarta, e a feſta, taõ grande, que he neceſſario vinte e quatro horas, para ſe correr toda.

D.Clor. Quanto fará toda de renda?

Simic. Naõ ſe póde ſaber ao certo; ſey, que tem varias rendas em Flandes, e outras em Peniche, e eſtas bem groſſas; tambem tem hum foro de fidalgo, e hum juro de nobreza.

D.Clor. Baſta, que he fidalgo?

Simic. Como as eſtrellas, que as vê ao meyo dia, e a eſſas horas naõ vê outra couſa; e certamente lhe poſſo dizer, que he taõ antiga a ſua deſcendencia, que diz muita gente, que deſcende de Adaõ.

D.Clor. Se iſſo he aſſim, tal vez, que me incline a querello para meu eſpoſo.

Simic. Venha a repoſta, Senhora, que meu amo eſtá eſperando com lingua de palmo.

D.Clor. Pois ouve, o que lhe has de dizer.

Can-

Canta D. Cloris a ſeguinte

ARIA.

Dirás ao meu bem,
Que naõ deſconfie,
Que adore, que eſpere,
Que naõ deſeſpere,
Que à ſua firmeza
Conſtante ſerey.
Que firme eu tambem
A tanta fineza
Amante conſtante
Extremos farey. *Vay-ſe.*

Simic. Vencido eſtá o negocio; mas o capote do velho cá naõ ha de ficar por vida de Simicupio; que ſe a occaſiaõ faz o ladraõ, hey de ſello por naõ perder a occaſiaõ. *Vay-ſe com o capote.*

Sahe Sevadilha.

Sevad. Eſperá, homem, donde levas o capote? E foy-ſe como hum ceſto roſto! Ay moſina deſgraçada, que ha de ſer de mim, ſe meu amo naõ achar o ſeu rico capote?

Saha

Sahe D. Lanſerote.

D. L. Já ſarou o homem, Sevadilha?
Sevad. Sim Senhor.
D. L. Já ſe foy?
Sevad. Sim Senhor.
D. L. Guardaſte o capote?
Sevad. Ahi he ella. *à part.*
D. L. Naõ ouves? Guardaſte o capote?
Sevad. Qual capote?
D. L. O meu.
Sevad. Qual meu?
D. L. O meu de Çaragoça.
Sevad. Ah ſim, o capote do homem do Alecrim?
D. L. Qual homem?
Sevad. O do accidente.
D. L. Tu zombas?
Sevad. Zombaria fóra, o homem levou o capote.
D. L. O meu capote?
Sevad. Eu naõ ſey, ſe elle era de voſſa merce; o que ſey he, que o homem do Alecrim levou hum capote, com que eſtava cuberto.
D. L. E como o levou?
Sevad. Nos hombros.
D. L. O meu capote furtado?

Sevad.

Sevad. Pois nunca ſe vio furtar hum capote!
D. L. Naõ, bribantona, que era hum capote aquelle, que nunca ninguem o furtou: oh dia infeliz, dia aziago, dia indigno de que o Sol te viſite com os ſeus rayos!
Sevad. Santa Barbara!
D. L. Tu, deſcuidada, has de pôr para alli o meu capote, ou do corpo to hey de tirar.
Sevad. Como mo ha de tirar do corpo, ſe eu o naõ tenho?
D. L. Deſta ſorte.

Cantaõ D. Lanſerote, e Sevadilha a ſeguinte

ARIA A DUO.

D. L. Moça tonta, deſcuidada,
Sevad. Ha mulher mais deſgraçada
Neſte Mundo? Naõ, naõ ha.
D. L. Senaõ dás o meu copote,
Tua capa hey de raſgar.
Sevad. Naõ me raſgue a minha capa.
D. L. Dá-me, moça, o meu capote
Sevad. Minha capa.
D. L. Meu capote.
Ambos. Trata logo de o pagar.
D. L. Meu capote aſſim furtado!

Sevad.

Sevad. Meu adorno aſſim raſgado!
Ambos. Que deſgraça!
D. L. Contra a moça
Sevad. Contra o velho
Ambos. A juſtiça hey de chamar:
Meu capote donde eſtá? *Vaõ-ſe.*

SCENA III.

Praça: no fim haverá huma janella. Sahe D. Gil embuçado.

D. G. DIſſe a Simicupio, que aqui o eſperava; mas tarda tanto, que entendo o apanharaõ na empreza; mas ſe ſerá aquelle, que alli vem? Naõ he Simicupio, que elle naõ tem capote; quem ſerá?

Sahe Simicupio embuçado com hum capote.

Simic. La eſtá hum vulto embuçado no meyo do caminho; queira Deos naõ me cheguem ao vulto; naõ fey ſe torne para traz, mas peyor he moſtrar cobardia; eu faço das tripas coraçaõ; vou chegando, mas ſempre de longe.

D.G.

D. G. Elle ſe vem chegando, e eu confeſſo, que naõ eſtou todo trigo.

Simic. Eſte homem naõ eſtá aqui para bom fim; eu finjo-me valente: afaſte-ſe lá, deixe-me paſſar, aliás o paſſarey.

D. G. Voſſa merce póde paſſar.

Simic. Ay, que he D. Gil! Pois agora farey, com que me tenha por valeroſo: quem eſtá ahi? Falle, quando naõ deſpeça-ſe deſta vida, que o mando para a outra.

D. G. Primeiro perderá a ſua, quem me intenta reconhecer.

Simic. Tenha maõ, Senhor D. Gilvaz, que ſou Simicupio.

D. G. Senaõ fallas, talvez que a graça te fahiſſe cara.

Simic. Igual voſſa merce, que ſe o naõ conheço pela voz, ſem duvida, Senhor D. Gilvaz, lhe prego com o ſeu nome na cara.

D. G. Deixemos iſſo, dá-me novas de Dona Cloris; dize, podeſte darlhe o recado?

Simic. Naõ ſabe, que ſou o Ceſar dos alcoviteiros? Fuy, vi, e venci.

D. G. Dá-me hum abraço, meu Simicupio.

Simic. Naõ quero abraços, venhaõ as alviceras, ſenaõ emudeci como Oraculo.

D. G. Em caſa tas darey: conta-me primeiro, que fazia Dona Cloris?

Simic.

Simic. Iſſo ſaõ contos largos, eſtava toda rodeada de brazeiros de Alecrim, com hum grande mólho delle no peito; cheirando a Rainha de Hungria, maſcando Alecrim, como quem maſca tabaco de fumo; e como acabava de jantar, vinha palitando com hum palito de Alecrim; e finalmente, Senhor, com o Alecrim anda toda taõ verde, como ſe tivera tiricia.

D. G. E do mais, que paſſaſte?

Simic. Iſſo he para mais devagar, baſta que ſaiba por ora, que apenas lancey o anzol no mar da ſimplicidade de Dona Cloris, picando logo na minhoca do engano ficou engaſgalhada com o engodo de mil patranhas, que lhe encaixey à maõ tente.

D. G. Incriveis ſaõ as tuas habilidades: e que capote he eſſe?

Simic. Eſte he o deſpojo de meu triunfo; joguey com o velho os centos, e ganhey-lhe eſte capote; e ſe voſſa merce ſoubera a virtude, que elle tem, paſmaria.

D. G. Que virtude tem?

Simic. He hum grande remedio para ſarar accidentes de gota coral.

D. G. Conta-me iſſo.

Sahe D. Fuas embuçado.

Simic. Fallemos de manſo, que ahi vem hum homem.

D. F. Eſta he a janella da coſinha de Dona Nize; que a pezar da eſcuridade da noite, a conhece o meu inſtincto pelos effluvios odoriferos, que exhala a Pancaya daquella Fenix.

D. G. Simicupio, hum homem ao pé da janella de Dona Cloris? Iſto naõ me cheira bem.

Simic. Como lhe ha de cheirar bem, ſe iſto aquí he hum monturo?

Apparece Fagundes à janella.

Fag. Cé, he voſſa merce meſmo?

D. F. Sou eu meſmo, e naõ outro, que impaciente eſpero novas de meu bem.

D. G. Naõ ouviſte aquillo, Simicupio?

Simic. Aquillo he, que naõ cheira bem, Senhor D. Gilvaz.

Fag. Naõ baſta que voſſa merce diga, que he meſmo neceſſario a ſenha, e a contraſenha.

D. G. Pois attenda.

Can-

Canta D. Fuas o ſeguinte

MINUETE.

Já que a fortuna.
Hoje me abona,
A Mangerona
Quero exaltar.
No ſeu triunfo
Que a fama entoa
Palma, e coroa
Ha de levar.
Ha de por certo
Que a ſua rama
Na voz da fama
Sempre andará.

D. G. Eſte he D. Fuas, pela ſenha da Mangerona; que te parece, Simicupio, o quanto tem adiantado o ſeu amor?

Simic. *Quidquid ſit*, o primeiro milho he dos paſſaros, o ſegundo he cá para os melros.

Fag. Suba por eſſa eſcada. *Lança a eſcada.*

D. F. Segure bem. *Sobe.*

Simic. Senhor D. Gil, agora he tempo de ſobir tambem, pois eſtamos em era de atrepar; não perca a occaſiaõ.

D. G. Vem tu tambem. *Sobe.*

Simic.

I

Simic. Eu tambem vou a render à eſcala viſta eſſe caſtello de Cupido.

Fag. Tenha maõ, Senhor, que he o que quer?

D. G. Mangerona.

Fag. Voſſa merce, fidalgo, quem procura?

Simic. Tambem Mangerona em lugar de Sevadilha, que tudo faz bom tabaco.

Fag. Iſto cá eſtá por eſtanque, naõ entra quem quer.

Simic. Senaõ entra quem quer, entrará quem naõ quer.

Fag. Vá-ſe dahi, que naõ conheço Framengos à meya noite.

Simic. Tem maõ, naõ me empurres.

Fag. Naõ ha de entrar.

Simic. O' mulher, naõ me precipites, que ſou capaz de te eſcallar.

Fag. Vá-ſe cos diabos, ſeja quem for.

Empurra a eſcada, e cahe com Simicupio.

Simic. Ay, que me derreaſte, bruxa infernal! Tu me pagarás o ſimicupio, que me fizeſte tomar: eſtes ſaõ os oſſos do officio; mas para que tudo naõ ſejaõ oſſos, vamos levando eſta eſcada, que ſempre valerá alguma couſa; ao menos ſenaõ morri da quéda, vou para caſa em huma eſcada.

Vay-ſe Simicupio, e leva a eſcada.

SCE-

SCENA IV.

Gabinete. Sahe Fagundes trazendo pela maõ a D. Fuas, e de traz virá D. Gil embuçado.

Fag. Pize de manſinho, que o velho eſtá dormindo; que ſe acorda, ſerá para nos enforcar.

D. F. Recontou a Dona Nize os extremos, com que a idolatro?

Fag. Naõ me ficou nada no tinteiro; mett Senhor, neſſa materia tenho tanta elegancia, que ſou outra Marca Tulia Cicerona.

D. F. Ay Fagundes, ſe caſará Dona Nize com o primo! Mas quem eſtá aqui atraz de nós?

D. G. Naõ quero darme a conhecer a D. Fuas, por ver ſe com os zelos deſiſte da empreza, para que ſó triunfe o Alecrim. *à part.*

D. F. Cavalhero, vós daqui naõ haveis de paſſar, ou ambos ficaremos aqui mortos, ſem dizerme primeiro, o que buſcais neſta caſa?

D. G. O meſmo, que vós buſcais.

D. F. O que eu buſco, naõ vos póde pertencer.

D. G. Nem o que me pertence, podeis vós buſcar.

Fag. Senhores meus, accommodem-ſe, que póde acordar o Senhor D. Lanſerote, e e o damno ſerá de todos.

D. F. Queres que me calle à viſta dos meus zelos?

Sahe D. Nize.

D. Niz. Que ruido he eſte, Fagundes?

D. F. Sinto, Senhora Dona Nize, que a primeira vez, que me facilitais eſta fortuna, me hoſpedeis com zelos.

D. Niz. Naõ ſey, que motivo haja para os haver.

D. F. Eſte Senhor embuçado, que aqui me vem ſeguindo, e diz, que procura o meſmo, que eu buſco.

D. Niz. Sabe elle por ventura, o que vós procurais?

D. F. Elle, que diz que ſim, certo he, que o ſabe.

D. Niz. Senhor, vós acaſo vindes aqui a meu reſpeito? *Para D. Gil.*

D. G. Nada hey de reſponder. *à part.*

D. F. Quem calla conſente: naõ averiguemos mais, Senhora Dona Nize, ſó ſinto, que a ſuas Mangerona admitta enxertos de outras planta.

D. Niz. Eſſe he o pago, que me dais, de admit-

tir

tir a voſſa correſpondencia, de obrar eſte exceſſo a voſſo reſpeito, e de me expor a eſte perigo por voſſa cauſa?

D.F. Melhor fora deſenganar-me, que eſſa era a melhor fineza, que vos podia merecer.

D.Niz. Pois eu digo-vos, que eſtou innocente, que naõ conheço eſte homem; e me parece, que baſtava dizello, para me acreditares.

D.F. E baſtava ver eu o contrario, para naõ acreditar eſſas deſculpas.

D.Niz. Pois viſto iſſo, fiquemos como dantes.

D.F. De que ſorte?

D.Niz. Deſta ſorte.

Canta D. Nize a ſeguinte

ARIA.

Supponha, Senhor,
Que nunca me vio,
E que he o ſeu amor
Aſſim como a flor,
Que apenas naſceo,
E logo murchou.
Pois tanto me dá
De ſeu pertender,

Que firme ſupponho
Seria algum ſonho,
Que pouco durou. *Vay-ſe.*

D. F. Nize cruel, iſſo ainda he mayor tirannia; eſcuta-me. *Vay-ſe.*

Fag. Vá lá darlhe ſatisfações, que ella he bonita para eſſas graças: e voſſa merce Senhor rebuçado, a que fim quiz profanar o ſagrado deſta caſa?

D. G. A ver o bem, que adoro.

Fag. Voſſa merce eſtá zombando? Aqui naõ ha quem poſſa ſer amante de voſſa merce; pois bem ve o recato, e honra deſta caſa.

D. G. Eu bem vejo o recato, e honra deſta caſa; que? Aquillo deſſobir hum homem por huma janella, e hirſe para dentro atraz de huma mulher, naõ he nada?

Fag. Aquelle homem he primo carnal da Senhora D. Nize.

D. G. Pois eu tambem quero ſer muito conjunto da Senhora D. Cloris: ora faça-me o favor de a hir chamar.

Fag. Que diz? A Senhora D. Cloris? Olha tu lá D. Cloris naõ te enganes; fim, a outra, que anda cuberta de cilicios, jejuando a paõ, e agua; tira dahi o ſentido, meu Senhor. *D. G.*

D. G. Se a naõ fores chamar, a hirey eu buſcar.

Fag. Ay Senhor, voſſa merce tem alguma legiaõ de diabos no corpo? E que remedio tenho, ſenaõ chamalla, antes que o homem faça alguma aſneira, que elle tem cara de arremeter. *Vay-ſe.*

D. G. Venha logo, que eu naõ poſſo eſperar muito tempo: a velha queria corretaje: baſta, que lha dê D. Fuas.

Sahe D. Cloris.

D. Clor. Senhor, voſſa merce, que pertende com tantos exceſſos? A quem procura?

D. G. Eu, Senhora D. Cloris, ſou D. Gilvaz, aquelle impaciente amante, que atropellando impoſſiveis vem, qual Salamandra de amor, a abrazarſe nas chammas do ſeu Alecrim, como victima da meſma chamma.

D. Clor. Senhor D. Gilvaz, como entendo o ſeu amor ſó ſe encaminha ao licito fim de ſer meu eſpoſo, por iſſo lhe facilito os meus agrados, mas naõ taõ francamente, que primeiro naõ haja de experimentar no criſol da conſtancia os rayos de ſeu amor.

D. G. Muy pouco conceito ſazeis da voſſa belleza; pois ſe antes de admirar eſſa formoſura

moſura em occultas ſympathias ſoubeſtes attrahir todos os meus affectos, como depois de admirar o mayor portento de perfeiçaõ, poderia haver em mim outro cuidado mais, que o de adorarvos com taõ immovel conſtancia, que primeiro ſe moveráõ as eſtrellas fixas, que ſejaõ errantes as minhas adoraçõeſ?

D.Clor. Iſſo he deveras, Senhor D. Gil?

D. G. Se eu morro deveras, como hey de fallar zombando?

SONETO.

Tanto te quero, ò Clori, tanto, tanto;
E tenho neſte tanto tanto tento,
Que em cuidar, que te perco, me eſpavento,
E em cuidar, que me deixas, me ataranto:
Senaõ ſabes (ay Clori!) o quanto o quanto
Te idolatra rendido o penſamento,
Digaõ-to os meus ſuſpiros cento a cento,
Soletra-o nos meus olhos pranto a pranto.
Oh quem pudera agora encarecerte
Os exquiſitos modos de adorarte
Que amor ſoube inventar para quererte!
Ouve, Clori, mas naõ, que hey de affuſtarte;
Porque he tal o meu incendio, que ao dizerte
Ficarás no perigo de abrazarte.

D.Clor.

D.Clor. Senhor D. Gil, as ſuas finezas por encarecidas perdem a eſtimaçaõ de verdadeiras; que quem tem a lingua taõ ſolta para os encarecimentos, terá preza a vontade para os extremos.

D. G. Como ha de haver experiencias na minha conſtancia, ſeraõ os ſuceſſos de minhas finezas os chroniſtas de meu amor.

Canta D. Gil a ſeguinte

ARIA.

Viſte, ò Clori, a flor gigante,
Que procura firme, amante,
Seguir ſempre a luz do Sol:
Deſſa ſorte, ſem deſmayos,
Sol, que gyra, ſaõ teus rayos,
E meu peito gyraſol.
Mas ay, Clori, que a luz pura
De teus rayos mais ſe apura
De meu peito no criſol.

D.Clor. Ceſſa, meu bem de encarecer-me o teu amor; jà ſey ſaõ verdadeiras as tuas expreſſoens: oh ſe eu tivera a fortuna, que eſſas vozes as naõ levaſſe o vento, para augmentar com ellas a força de ſua inconſtancia! *Sevad.*

Sahe Sevadilha.

Sevad. He bem feito ! He bem empregado !
D.Clor. O que , Sevadilha ?
Sevad. O Senhor , que eſtá acordado.
D.Clor. Naõ póde ſer a eſtas horas ; naõ te creyo , que es huma medroſa.
Sevad. Fallo verdade , e naõ minto.

Canta Sevadilha a ſeguinte

AR I A.

Senhora , que o velho ,
Se quer levantar !
Mofina de mim ,
Que ouvi eſcarrar ,
Fallar , e toſſir !
Senhor , vá-ſe embora, *Para D.Gil.*
Vá ja para fóra ,
Senaõ o papaõ
Nos ha de engolir.

Fag. Uy Senhores , iſto he couſa de brinco ? O Senhor ſeu tio eſtá com tamanho olho aberto , que parece hum leaõ , que eſtá dormindo ; deite fóra eſſe homem , e venha-ſe agazalhar , que já vem amanhecendo.

D.Clor.

D.Clor. Pois deitem fóra a D. Gil: meu bem, eſtimarey, que as ſuas obras correſpondaõ às ſuas palavras. *Vay-ſe.*

Sahe D. *Niz.* *e* D. *Fuas.*

D.Niz. Fagundes, encaminha a D. Fuas, que meu tio eſtá acordado.

D. F. Ainda o embuçado aqui eſtá? He para ver! Ah cruel! *à part.*

D.Niz. Anda, Fagundes.

Fag. Senhora, que naõ ha eſcada, para deſcerem.

D.Niz. E aquella por donde ſobio, aonde eſtá?

Fag. Empurrey-a com hum homem, que tambem queria ſobir.

D. G. Devia ſer Simicupio. *à part.*

D. F. Pois como ha de ſer?

Sevad. Naõ ha mais, remedio que ſaltar pela janella.

Fag. Mas vejaõ, naõ cayaõ no alfuje.

D. G. Em boa eſtou metido! *à part.*

D. F. Donde eſtá a chave da porta?

Sevad. A chave tem guardas, e eſtá agazalhada no traveſſeiro do velho, por naõ dormir n'uma porta.

Dentr. D. L. Fagundes, venha abrir eſta janella, que já vem amanhecendo.

Fag.

Fag. Eis-aqui voſſas mercês o que quizeraõ!
Dentr. D. L. Fagundes, que faz, que naõ vem?
Fag. Eſtou enxotando o gato da viſinha; çape gato; Senhores, eſcondaõ-ſe aonde for.
D.Niz. Ay, que deſgraça!
Dentr. D. L. Sevadilha que he iſſo lá?
Dentr. Sevad. He o gato da viſinha: çape gato.
Dentr. Simic. Abraõ a porta, que ſe queima a caſa: fogo, fgogo.
Fag. Ay, que ha fogo na caſa! Saõ Marçal.
D.Niz. Eu eſtou morta!
D.Clor. Ay, que ſe queima a caſa, que deſgraça! *Sahe.*
D. F. Pevor he eſta!
D. G. Ha horas minuadas!
Dentr. Simic. Abraõ a porta, que ha fogo, fogo.
Sevad. Moſina de mim, que lá vaõ os meus tarecos!
Dentr. Simic. Naõ ouvem? Pois la vay a porta pela porta fóra.

Sahe Simicupio com huma quarta às coſtas, e ao meſmo tempo ſahe D. Lanſerote em fralda de camiza, e D. Tiburcio embrulhado em hum lançol, com huma candeya de garavato na maõ.

Simic. Fogo, fogo.
Fag. Adonde he, meu Senhor.

D. T. Que he iſto cá !
D. L. Fogo aonde, ſe eu naõ vejo fumo !
Simic. Como ha de ver o fumo, ſe o fumo faz naõ ver ?
D. T. Aqui me cheira a Alecrim queimado.
D. L. Dizes bem : Cloris, accendeſte algum Alecrim ?
D. Clor. Eu, Senhor, naõ . . . . . foy . . . . . porque ſempre . . . . .
D. L. Calte, que eu porey o Alecrim com dono ; ha mais mofino homem ! Lá vay o ſuor de tantos annos.
Simic. Com elle podia voſſa merce apagar eſte fogo.
D. G. Eſtou admirado de ver a traça de Simicupio ! *à part.*
D. T. Senhores, acudamos a iſto, que ſe acaba a torcida.
D. L. Vede, ſobrinho, ainda aſſim naõ ſe entorne o azeite.
D. Niz. Ay os meus craveiros de Mangerona !
D. Clor. Ay os meus olhos de Alecrim !
Fag. Ay a minha canaſtra !
Sevad. Ay os meus tarequinhos !
D. L. Ay a minha burra !
D. T. Ay o meu alforje !
Simic. Ay com tanto ay ! Senhores, aonde he o fogo ?

D. L.

D. L. Vejaõ voſſas mercês bem por eſſas caſas aonde ſerá.

Simic. Entremos, Senhores, antes que ſe atee o incendio.

D. G. e *D. F.* Vamos.

Entraõ Simicupio, D. Fuas, e D. Gil, e logo tornaõ a ſahir.

D. L. Vereis vós, trampoſinho, que fim leva o Alecrim.

D. Clor. O Alecrim naõ tem fim, que nunca murcha.

Sahem os tres.

D. G. Naõ ſe aſſuſtem, que naõ he nada.

D. F. Já ſe apagou Deos louvado.

D. L. Aonde foy?

Simic. Foy no almofariz, que eſtava ao pé da iſca.

Sevad. Pois eu naõ fuy, o que petiſquey.

Fag. Pois eu nem no ferrolho.

Simic. Pois eu ainda eſtou em jejum.

D. L. Ora, meus Senhores, voſſas mercês me vivaõ muitos annos pela honra, que me fizeraõ.

D. G. Sempre buſcarey occaſiões de ſervir a eſta caſa.

Vay-ſe.

D. F.

D. F. E eu naõ menos. *Vay-ſe.*
Simic. Agradeça-nos a boa vontade naõ mais.
Fag. Senaõ houveſſem boas almas, já o mundo eſtava acabado.
D. Clor. Eu eſtou paſmada do ſucceſſo! *à prat.*
D. Niz. E eu naõ eſtou em mim! *à part.*
D. T. Ora com licença, meus Senhores, que me vou pôr em freſco. *à part.*
D. L. Eu todavia ainda naõ eſtou ſocegado; vio voſſa merce bem na chaminé?
Simic. Para que voſſa merce deſcanſe de todo, vazarey eſta quarta nos narizes daquella velha, que ſaõ duas chaminés.
Fag. Ay que me enſopou! Senhor, que mal lhe fiz?
Simic. He dar-lhe a molhadura de certa obra.
D. L. Que fez voſſa merce?
Simic. Deixe, Senhor; iſto he para que ſe lembre, e tenha cuidado no fogo, que facilmente ſe póde atear por hum accidente.
Fag. Vou mudar de camiſa. *Vay-ſe.*
D. Niz. Tomara aproveitar os cacos para a minha Mangerona.
D. L. Eſta advertencia merece eſta moça, que he huma deſcuidada, que por ſeus deſmazellos me deixou furtar hum capote.

Can-

Cantaõ D. Lanſerote, Sevadilha, Simicupio, D. Cloris, e D. Nize a ſeguinte

ARIA A 5.

D. L. Tu moça, tu tonta
Sentido no fogo,
Senaõ tu verás.
Sevad. Debalde he o ſeu rogo,
Que fogo ſem fumo
Naõ he bom ſinal.
Simic. Que linda pilhaje
Num fogo ſalvaje,
Que lambe voraz.
D. Clor. Naõ ſente, quem ama.
D. Niz. Naõ temo eſſa chamma.
Ambas. Que he fogo de amor.
D. L. Cuidado no fogo.
Sevad. Debalde he o ſeu rogo.
D. L. e Sev. Que fogo ſem fumo
Naõ he bom ſinal.
D. L. Sentido, cuidado,
Simic. Que fogo ſalvaje
Todos excepto D. L. Que he fogo de amor
Todos. Cuidado, pois, cuidado,
Que algum furor vendado
Fulmina tanto ardor.

Fim da primeira parte.

PARTE II.

SCENA I.

Praça. Sahe D. Gil, e Simicupio.

D. G. AInda naõ ſey cabalmente applaudir a tua induſtria, ò inſigne Simicupio.

Simic. Nem applaudir, nem agradecer, Senhor D. Gilvaz.

D. G. As tuas idéas ſaõ taõ impoſſiveis de applaudir, como de agradecer; pois todo o premio he diminuto, e todo o louvor limitado.

Simic. Viſto iſſo, eu meſmo tenho a culpa de naõ ſer premiado; porque ſe eu naõ ſervira taõ bem, eſtaria mais bem ſervido. Senhor meu, eu nunca fuy amigo de palanfrorios; mais obras, e menos palavras; eu quero, que me ajuſte a minha conta.

D. G. Para que?

Simic. Para porme no olho da rua, que ſercy mais bem viſto.

D. G. Simicupio, nem ſempre o diabo ha de eſtar atrás da porta.

Simic.

Simic. Sim, porque entrará para dentro de caſa.

D. G. Calte, que ſe conſigo a Dona Cloris com ſeu dote, e arras, eu te prometto, que andes n'uma boléa.

Simic. Senhor, naõ me ande com a cabeça à roda com eſſas promeſſas; era melhor, que os premios andaſſem a rodo.

Sahe Fagundes.

Fag. Lá deixo a D. Fuas metido n'uma caixa, para o introduzir com Dona Nize em caſa ſem ſuſtos, como da outra vez; tomara achar hum homem, que ma carregaſſe.

D. G. Lá vem a velha, criada de Dona Cloris.

Simic. Retire-ſe voſſa merce, e deixe-me com ella.

D. G. Pois eu aqui te eſpero. *Vay-ſe.*

Fag. O' filho, por vida voſſa quereis levar-me huma caixa?

Simic. Com que achou-me voſſa merce com hombros de mariola?

Fag. Pois perdoe-me, que cuidey, que era homem de ganhar.

Simic. Todos neſta vida ſomos homens de ganhar; porém o modo he, que deſautoriza.

Fag.

Fag. Iſto naõ erá mais, que levar huma caixa às coſtas.

Simic. Pois ſe naõ he mais, do que iſſo, entendo, que naõ eſtará mal à minha peſſoa.

Fag. Qual mal? Antes lhe eſtará muito bem.

Simic. Mas advirta, que iſto em mim naõ he officio; he huma méra curioſidade.

Fag. Ora Deos lhe dê ſaude; olhe, ella peza pouco; e vem aqui para caſa de D. Lanſerote.

Simic. E de quem he a caixa?

Fag. He minha, que a que eu tinha, toda ſe desfaz em caruncho.

Simic. Pois eſta naõ ſe livrará da traça, que intento uſar com ella. *à part.* Vamos, Senhora. *Vay-ſe.*

Fag. Ande, meu filho. *Vay-ſe.*

Sahe D. Gil.

D. G. Aonde hirá Simicupio com a velha! O maldito naõ perde occaſiaõ: com ſemelhante jardineiro naõ murchará o Alecrim de Dona Cloris; porém elle lá vem com huma caixa às coſtas.

Sahe Simicupio com huma caixa às coſtas; e logo a poem no chaõ.

Simic. Dezencontrey-me da velha, que andará tonta por mim.

D. G. Que he iſto, Simicupio?

Simic. Naõ lhe importe, vá-ſe enrolando, que ſe ha de meter aqui dentro, e hey de levar eſſe corpinho a caſa de Dona Cloris.

D. G. Iſſo he quiméra; como poſſo eu caber ahi?

Simic. Iſſo naõ me importa a mim; abata as preſumpçõeſ, que logo caberá em toda a parte.

D. G. E como havemos abrilla, que eſtá fechada?

Simic. Naõ ſabe, que a irmãa gazúa ſempre me acompanha? Eu a abro. *abre.*

D. G. Eſta tramoya he muy arriſcada: que tem dentro?

Simic. Eu vejo huns trapos eſtendidos: ande ande, que nos importa a nós.

D. G. Ora vamos a iſſo: ay Cloris, quanto me cuſtas!

Mete-ſe D. Gil na caixa, e a fecha Simicupio, e logo a poem às coſtas, e dentro tambem virá D. Fuas.

Simic. Naõ ha de ſer má eſta encaixaçaõ; arre o que peza a criança!

D. F.

D. F. Ay, que me eſmagaõ os narizes!
D. G. Quem eſtá aqui? Eſpera, vejamos, o que he.
Simic. O que for lá ſe achará.
D. G. Eſpera, que iſto he traiçaõ.
D. F. Homem dos diabos, naõ me esborrache.
D. G. Aque delRey, naõ ha quem me acuda!
Simic. Calle-ſe, tamanhaõ, que para boa caſa vay. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Salla. Sahe D. Tiburcio, e Sevadilha.

D. T. SEvadilha, agora, que eſtamos ſós, quero-te pedir hum conſelho.
Sevad. Se voſſa merce acha, que lhos poſſo dar, proponha, que eu reſolverey.
D. T. Tu bem ſabes, que eu vim para caſar com huma deſtas duas primas minhas: ambas ſaõ bellas, ao que entendo; ſó me reſta ſaber as manhas de cada huma, para que eſcolha do mal o menos.
Sevad. Senhor, ambas ſaõ muy baſtantes moças, a Senhora Dona Cloris he muy perfeita, ſabe fazer os ovos moles muito bem;

bem; a Senhora Dona Nize tem melhor juizo; muito aſſento, quando naõ eſtá de levante; grande capacidade; e tanto, que ſendo taõ rapariga, já lhe naſceo o dente do ſizo; porém na condiçaõ he huma vibora aſanhada.

D. T. Naõ ſey, Sevadilha, o que faça neſte caſo.

Sevad. Naõ caſar com nenhuma

D. T. Pois eu vim cá por beſta de páo?

Sevad. Eu digo, o que entendo em minha conſciencia.

D. T. Oh ſe pudera eu caſar comtigo, Sevadilha, porque ſó tu me cahiſte em graça!

Sevad. Ay, que graça! Diga-me iſſo outra vez.

D. T. Naõ zombo, que naõ eſtá fóra de fazer eu huma parvoiſſe.

Sevad. Naõ ſerá a primeira.

D. T. Queres tu, que fujamos? Olha, que eſtou com minhas tentações de te fazer dona de minha caſa.

Sevad. Diga-me deſſas, que goſto diſſo.

D. T. Sevadilha, naõ perca eſta fortuna.

Sevad. Quem he a fortuna?

D. T. Sou eu, que te quero.

Sevad. Se he fortuna, ſerá inconſtante.

D. T. Ay, que a moça me falla por equivocos! Es diſcreta.

Sevad.

Sevad. Ora vá-ſe com a fortuna.

Sahe Simicupio com a caixa às coſtas.

Simic. Quem toma conta deſte arcaz?
D. T. Quem a manda?
Simic. Huma mulher já de dias grandes, porque era baſtantemente velha.
D. T. A mim me mellem, ſe iſto naõ he já alguma preparaçaõ para o caſamento.
Simic. Voſſa merce parece, que adevinha, pois para caſamento he, ſegundo ouvi dizer a hum terceiro.
D. T. Sabes, o que virá ahi dentro?
Simic. Cuido, que he hum veſtido.
D. T. E que tal?
Simic. Bello na verdade, bordado com huns vivos brancos, e de cores taõ vivas, que eſtaõ ſaltando.
D. T. He de mulher, ou de homem?
Simic. Tudo o que aqui vem he para mulher.
D. T. Cuidey, que era para mim.
Sevad. Aquelle he Simicupio; elle que carrega a caixa, naõ he ſem cauſa. *à part.*
Simic. Sevadilha lá me eſtá deitando huns olhos, que ſe vaõ os meus traz delles. *à part.*
D. T. Já te pagaraõ?
Simic. Naõ Senhor; mas eu eſperarey pela velha.

D. T. Pois, Sevadilha, em que ficamos? Ajuſtemos o negocio?

Sevad. He boa eſta, ouvindo-me Simicupio! *à p.*

D. T. Olha, Sevadilha, eu te quero tanto, que fecharey os olhos a tudo, ſó por caſar comtigo.

Simic. Tome-ſe lá, o que eſtavaõ ajuſtando os dous! Eu lho eſtorvarey. *à part*

D. T. Que dizes, rapariga?

Simic. Ah Senhor, pague-me o carreto da caixa.

D. T. Eſpera, que logo vem a velha.

Simic. Sim pois a moça logo vay. *à part.*

D. T. Tu aindá es menina, naõ ſabes, o que te convem.

Sevad. Eu naõ neceſſito de tutores.

D. T. Ollra, que eu ſou Morgado na minha terra, e terás tantos, e quantos.

Simic. Senhor, pagueme o carreto da caixa, que naõ poſſo eſperar.

D. T. Logo, eſpera: ora, Sevadilha, iſſo ha de ſer, dá-me hum abraço.

Simic. Venha o carreto da caixa; he boa eſſa!

Sevad. He boa teima!

D. T. Pois dá-me ao menos eſſe malmequer por prenda tua.

Simic. Ora venha já eſſe carreto, ſenaõ tudo vay cos diabos.

D. T.

D. T. Eſpera homem, ouve mulher.
Sevad. Vá-ſe dahi, mal creado, aleivoſo, maligno, he o que me faltava!

Canta Sevadilha a ſeguinte

ARIA.

Que hum tonto jarreta,
Que hum neſcio pateta,
Me falle em amor,
Ou he para rir,
Ou para chorar.
Naõ cuide em amores,
Que neſſes ardores,
Se póde fregir,
Se póde abrazar. *Vay-ſe.*

Simic. Regalou-me eſta Aria: vou dizer a Sevadilha, diga a Dona Cloris, que alli eſtá meu amo, e finjo, que me vou: Senhor, a Deos: eu virey n'outra occaſiaõ. *Vay-ſe.*
D. T. Vay-te, bebado, que com o teu cavreto me eſtorvaſte baſtantemente.

Sahe D. *Lanſerote com hum caſtiçal, e vela aceza, e a porá em cima da caixa, donde ao depois ſe aſſentaráõ.*

D. L.

D. L. Sobrinho, vós bem ſabeis, que hum hoſpede, paſſados os tres dias logo fede, como cavallo morto; iſto naõ he dizer, que fedeis, mas vos affirmo, que me naõ cheira bem eſſa voſſa irreſoluçaõ, vendo que indeciſo ainda naõ elegeſtes qual de voſſas primas ha de ſer voſſa conſorte.

D. T. Senhor, as perfeições de cada huma ſaõ taõ peregrinas, que vacilla a vontade na eleiçaõ dos ſugeitos; pois quando me vejo entre Cloris, e Nize, me parece, que eſtou entre Scyla, e Caribdis.

D. L. Pois, Sobrinho, reſolver, reſolver, logo, e já.

D. T. Pois, Senhor, ſe a hum enforcado ſe daõ tres dias, eu que no caſar noto a meſma propriedade, pois bem ſe enforca, quem mal ſe caſa, peço tres dias tambem para me reſolver.

D. L. Tres dias perentorios conçedo; e para que naõ hajaõ duvidas no dote, aſſentay-vos, e ſabereis o que haveis de levar. *Aſſentaõ-ſe.*

D. T. Iſſo he ſanto, e bom, para que naõ ſeja a noiva de contado, e o dote de promettido.

D. L. Eu, meu ſobrinho, ſuppoſto tenha corrido muito mundo, com tudo me acho alcançado.

D. T.

D. T. Iſſo he bonito!

D. L. Primeiramente cada huma de minhas ſobrinhas tem muito boa limpeza.

D. T. Sim, Senhor, ſaõ muito aſſeadas, niſſo naõ ha duvida.

D. L. A'lem diſſo: eſtay attento, meu ſobrinho, naõ deis ſalabancos com a caixa, que iſſo he manha de beſtas. *Bole a caixa.*

D. T. Eu eſtou com os cinco ſentidos bem quietos.

D. L. Como digo, ſabereis, que todo o meu cabedal anda ſobre as ondas do mar: naõ eſtareis quieto? *Bole a caixa.*

D. T. Naõ ſou eu por vida minha.

D. L. Naõ vedes a caixa a ſaltar?

D. T. He verdade; ſerá de contente.

Cahe a caixa com os dous.

D. L. Iſto agora he mais comprido.

D. T. E iſto he mais eſtirado.

D. L. Ay, quem me acode com huma luz!

Sahem Dona Cloris, Dona Nize, Fagundes, e Sevadilha com luz.

Todos. Que ſucedeo?

D. T. O mayor caſo, que viraõ as idades.

D. L. Eu, que na mayor idade vi o mayor caſo.

D.Niz. Pois que foy?
D.Clor. Que ſuccedeo, Senhores?
Sevad. Que he iſto?
Fag. Que foy? Que ſuccedeo? Que he iſto?
D. T. Eſta caixa.
D. L. Eſta arca.
D. T. Que em torcicolos.
D. L. Que em bamboleyos.
D. T. Com pulos.
D. L. Com ſaltos.
D. T. Deitou-me no chaõ.
D. L. No chaõ me eſtendeo.
D.Niz. He raro caſo!
D.Clor. He caſo raro!
Sevad. He, naõ ha duvida: ay, que ella torna a bolir! Fujamos, Senhores.
Fag. Valha-te o diabo, D. Fuas, que taõ inquieto es! *à part.*
D. L. Eſta caixa tem algum encanto, abramo-la.
D. T. Diz bem; abra-ſe a caixa.
D.Niz. Ay de mim, que ſerá de D.Fuas! *à part.*
D.Clor. Que ſerá de D. Gil! *à part.*
D. T. Vá o tampo dentro.
Sevad. Tenhaõ maõ, que póde vir dentro algum diamante, que nos mate aqui a todos.
Fag. Ay ſanto breve da marca!
D.Niz. Senhor, ſe ſe abre a caixa, deſmayamos todos aqui.

D. L.

D. L. Vamo-nos, que a prudencia he melhor, que o valor. *Vay-ſe.*

D. T. Pois ſó naõ quero ſer valente.

Vay-ſe, e leva a luz.

Sevad. Ay! Naõ ſey, que pés me haõ de levar? Ande, Senhora.

D. Clor. Fazes bem em disfarçar até ao depois. *Vay-ſe.*

Fag. A caixa parece, que tocou a recolher.

D. Niz. E naõ foy o peyor o ficarmos às eſcuras, que aſſim teráõ todos medo de vir aqui: ora abre a caixa, e dize a D. Fuas, que ſaya.

Fag. Ay a caixa eſtá aberta! Seria com os ſalabancos: ſaya, meu Senhor, e perdoe o diſcommodo.

Abre a caixa, e ſahe D. Gil.

D. G. O' tu nocturna deidade, que no caliginoſo boſque deſtas ſombras brilhas carbunculo da formoſura, aqui tens ſegunda vez no Theatro de tua belleza repreſentante a minha conſtancia na Tragicomedia de meu amor.

Fag. Senhora, quem às eſcuras he taõ diſcreto, que fará às claras?

D. Niz. Já vou acreditando, meu bem, as tuas finezas; porém . . . .

Sahe D. Fuas da caixa.

D. F. Porém o teu engano, falſa, inimiga, ſegunda vez ſe repete para meu deſengano, e tua afronta.

D.Niz. Que he iſto, Fagundes? Que tramoyas ſaõ eſtas?

Fag. Eu eſtou beſta, pois ſó a D. Fuas meti na caixa!

D.Niz. Pois como ha aqui outro, fóra D. Fuas?

Fag. Eu naõ, em minha conſciencia, que naõ he má.

D. F. Senhora D. Nize, para que ſaõ eſſes fingimentos? Peleije agora com Fagundes, para ſe moſtrar innocente.

D. G. Eſta he Dona Nize; eu me recolho ao veſtuario, até que venha Dona Cloris.

Mete-ſe D. Gil na caixa.

D.Niz. Já diſſe, Senhor D. Fuas, que a minha conſtancia vive iſenta deſſas calumnias.

D. F. A que delRey, Senhora, quereis, que dê com a cabeça por eſſas paredes? He poſſivel, que ainda intentais negar o que taõ repetidas vezes tenho experimentado?

D.Niz. Senhor; he pouca fortuna de minha firmeza encontrar ſempre com accidentes de falſidade.

Fag.

Fag. Senhor D. Fuas, naõ cuide voſſa merce que ſomos cá nenhumas mulheres de cacaracá: mas alli vem gente.

D. Niz. Recolha-ſe outra vez, que eu em tanto aqui me retiro; anda, Fagundes. *Vay-ſe.*

Fag. Senhor, nós já tornamos. *Vay-ſe.*

D. F. Mais à minha conſervaçaõ, que ao teu reſpeito, obedeço.

Eſconde-ſe D. Fuas na caixa, e ſahe D. Cloris.

D. Clor. Que ſe expozeſſe D. Gil ao perigo, de vir em huma caixa a meu reſpeito! Ora o certo he, que naõ ha mais extremoſo amante; porém os fumos de Alecrim tem a meſma virtude, que o incenſo nos pombos, que os faz tornar ao pombal: mas adonde eſtará aqui a caixa? Eſta ſupponho que he; já meu bem pódes ſahir ſem ſuſto.

Sahe D. Fuas da caixa.

D. F. Sim, tyranna, pois já me naõ aſſuſtaõ as tuas falſidades.

D. Clor. Que falſidades? Que dizes? Enloqueceſte, ou ignoras com quem fallas?

D. F. Comtigo fallo, que com outro amante

duas

duas vezes infiel te encontrou a minha infelicidade.

D.Clor. Cuido, que naõ ſaõ tantos os encontros, que temos tido.

D. G. Aquella voz he de Dona Cloris: eſtou ardendo com zelos! *à part.*

D. F. Já eſtou deſenganado da tua falſidade; Já ſey, que eſt'outro amante, que vive encerrado neſſa caixa, he o que ſó merece os teus agrados.

D. G. E como que o merece; pois ſó elle he digno deſſe favor; e a quem o impedir, lhe meterey eſta eſpada até as guarniçõcs. *Vay-ſe.*

D. F. Vês, ingrata, ſe he certa a minha ſuſpeita?

D.Clor. Eu eſtou confuſa, e naõ ſey a quem ſatisfaça!

D. G. Ainda continúa, inſolente? Naõ ſabe que eſta Dama he couſa minha?

D. F. Já agora por capricho, a pezar das ſuas aleivoſias, hey de dar a vida por mi dama.

D Clor. Senhores, que deſgraça!

D. G. Senaõ eſtivera às eſcuras, tu ſerias o alvo de minhas iras.

D. F. Pois ſenaõ fora a eſcuridade, eu te fizera ver o meu brio; mas ainda aſſim, eu vou dando, dê donde der.

D.Clor.

D.Clor. Senhores, dem demanſo, naõ o ouça meu tio.

Cantaõ D. Fuas, D. Gil, e Dona Cloris a ſeguinte

ARIA A 3.

D. G. Seriaõ fora por naõ ſey que,
Te matara meſmo aqui.
D. F. Senaõ fora o velho alli,
Te fizera hum naõ ſey que.
D.Clor. De manſinho, pouca bulha,
Calte gralha, calte grulha,
Porque o velho ha de acordar.
D. G. Pois aqui muy manſamente
Matarey eſte inſolente.
D. F. Tambem eu pela callada
Meterey a minha eſpada.
D.Clor. De vagar, naõ dem de rijo,
Porque o velho ha de acordar.
Todos. Quem pudera em tanta luta
Sua dor deſabafar!
D.F. D.G. Senaõ grito neſte caſo,
Sou capaz de rebentar.
D.Clor. Mais que eſtallem, e arrebentem,
Naõ ſe ha de aqui fallar.
Todos. Naõ ſe póde iſto aturar! *Vaõ-ſe.*

Sahe

Sahe Simicupio pela maõ de Sevadilha.

Simic. Donde me levas, Sevadilha?
Sevad. Ande, naõ me faça perguntas.
Simic. Naõ ha huma candeya neſta caſa, que ſe me meta na maõ, que eſtou morrendo por te ver?
Sevad. Melhor fineza he amar por fé.
Simic. Como, ſe eu naõ dou fé de ti?
Sevad. Ande, que o amor ſe pinta cego.
Simic. Muito vay do vivo ao pintado.
Sevad. Aſſim eſtamos mais à noſſa vontade.
Simic. Andar, ſupponho, que tenho o meu amor na Noroega: mas ainda aſſim iſto de eſtar às eſcuras, naõ he grande couſa para hum homem dizer a ſua Dama quatro hyperboles, pois ſenaõ vejo, como poderey dizerte, que es eſtatua de alabaſtro ſobre plintos de jaſpe, neve vivente, e racional ſorvete, mas ſó carapinhada, pois negra te confidero neſta Ethiopia: oh negregada occaſiaõ, em què por falta de huma candeya naõ ſahe à luz a tua formoſura!
Sevad. Pois o fogo de teu amor naõ baſta para allumiar eſta caſa?
Simic. Se a luz exceſſiva faz cegar, tambem a minha chamma por exceſſiva naõ allumia;

mia ; mas com tudo iſto naõ nos metamos no eſcuro ; fallemos claro : como eſtamos nós daquillo, que chamamos amor?

Sevad. E como eſtamos nós do malmequer, que eſſe he o ponto ?

Simic. Cada vez eſtá mais viçoſo com a copioſa inundaçaõ de meu pranto.

Sevad. E teu amo com o Alecrim ?

Simic. Iſſo ſaõ contos largos, o homem anda doido ; tudo quanto vê , lhe parece que he Alecrim ; eſt'outro dia eſtava teimoſo , em que havia de cear ſellada de Alecrim , mais que o levaſſe o diabo : olha , para contarte as loucuras , que faz, aſſentomo-nos , que iſto ſenaõ póde levar de pé.

Aſſenta-ſe Simicupio na caixa , que eſtará com o tampo levantado , e cahe dentro da caixa , que ſe fechará com a dita quéda.

Simic. Mas ay Sevadilha , que cahi n'um poço ſem fundo !

Sevad. Aonde eſtás , Simicupio ?

Simic. Naõ ſey aonde eſtou ; ſó ſey , que eſtou aqui.

Sevad. Aonde he aqui ?

Simic. He aqui.

Sevad. Aqui aonde?

Simic. He boa pregunta! Eu ſey cá donde ſaõ os aquis na caſa alheya? Sey, que eſtou aqui n'um fole como criança, que naſce implicada, mas ſem ventura.

Sevad. Pois ſahe dahi, e anda para aqui.

Simic. Iſſo he, ſe eu ſoubera ir daqui para ahi.

Sevad. Quem te impede?

Simic. Eſtou entupido.

Sevad. Dá dous eſpirros.

Simic. Falta-me a Sevadilha, que a naõ acho, por mais que ando ao cheiro della: ora filha, tira-me daqui, tu naõ ouves?

Sevad. Eu bem ouço; porém naõ vejo aonde eſtás.

Simic. Buſca-me fóra de mim, porque naõ eſtou dentro em mim, metido neſta ſepultura, donde ſó campa por infeliz a minha deſventura.

Sevad. Calte, Simicupio, que ahi vem gente com luzes; a Deos até logo. *Vay-ſe.*

Simic. Eſtou no mais apertado lance, que ninguem ſe vio!

Sahe D. Lanſerote com huma luz, e D. Tiburcio.

D. L. Apuremos eſte encanto: ſobrinho, nós havemos ver, o que ſe encerra neſta caixa,

xa, ainda que o cabello ſe arripie.

D. T. Se for couſa deſta vida, ficará ſem ella, e ſe for da outra, a mandarey para o outro mundo.

D. L. Pois ſobrinho; abri eſſa caixa com intrepido valor.

D. T. Abra voſſa merce; que he mais velho, e em tudo tem o primeiro lugar.

D. L. Deixay cumprimentos, que a occaſiaõ naõ he para ceremonias.

D. T. Por nenhum modo; naõ tem que ſe cançar, que lhe naõ quéro tirar a gloria deſta empreza.

D. L. O magano contralogrou-me; pois eu confeſſo, que eſtou tremendo de medo. *à p.*

D. T. Queria arrumarme o gigante? He bem eſperto. *à part.*

D. L. Ora pois, hey de hir eu, ou haveis de hir vós?

D. T. Vá, naõ haja cumprimentos, que eu ſou de caſa.

D. L. Naõ ha mais remedio, que hir eu em corpo, e alma, a ver eſta alma ſem corpo, ou eſte corpo ſem alma: Deos vá comigo, Anjo do minha guarda, e todo o Flos Santorum me defenda.

D. T. Ande tio, naõ tenha medo, que eu eſtou aqui.

D. L. Pois ſenaõ fora iſſo, já eu deitava a correr. *à part.*

Simic. Ay! Que ſem duvida eſtou na caixa, em que trouxe a D. Gil, e ſegundo o que aqui ouço dizer, me intentaõ reconhecer, eu lhes tocarey a caixa.

Chega-ſe D. Lanſerote à caixa, e tanto que a abre, deita Simicupio a cabeça de fóra, e dá hum aſſopro na véla.

D. L. O' tu quem quer que es, que eſtás neſta caixa: mas ay, que me apagaraõ a véla com hum aſſopro!

D. T. Aſſopra!

Simic. Muy fraca era aquella luz, pois de hum aſſopro a derribey.

D. L. Sobrinho, vós eſtais ahi?

D. T. Como ſenaõ eſtivera.

D. L. Quem ſeria o cruel, que taõ aleivoſamente matou huma innocente luz a aſſopros frios?

Simic. Deos lhe perdoe, que era huma luz a todas as luzes boa; mas eu quero çafarme daqui, e temo marrar de narizes com alguem, mas que remedio?

D. L. Agora vos chegais para mim, cobarde Sobrinho? Hide, que por voſſa culpa

naõ

naõ acabey de deſencantar eſte encanto.

D. T. Veja voſſa merce como chama cobarde?

D. L. Calay-vos, abobora, que degenerais de quem ſois.

D. T. A nim abobora:

Simic. Agora he boa occaſiaõ de hirme; porque ainda que encontre com algum, cuidaraõ que ſaõ murros, lá vay o primeiro. *Dá.*

D. L. O' mal enſinado, pondes mãos violentas em voſſo tio?

Simic. Eu abrirey caminho deſta ſorte, dando atroxe moxe. *Dá.*

D. T. He boa eſſa, Senhor tio, aſſim ſe dá n'um barbado?

D. L. Calay-vos, maganaõ, que naõ haveis de caſar; mas ay, que me deſtes huma bofetada com a maõ aberta! A que delRey ſobre eſte magano de meu ſobrinho! *Vay-ſe.*

D. T. A que delRey ſobre eſte caduco de meu tio! *Vay-ſe.*

Simic. A que delRey que já me deixaraõ! *Vay-ſe.*

SCE-

SCENA III.

Camera. Sahe D. Gil, e D. Nize.

D. G. SEnhora Dona Nize, ſe acaſo em voſſa piedade póde achar amparo hum deſgraçado, peço-vos, que me occulteis; pois já a rubicunda Aurora em riſonhas vozes nos aviſa da chegada do Sol, aſſim a voſſa Mangerona ſe veja coroada de louro no Capitolio do amor.

D. Niz. Já o Alecrim pede favores à Mangerona?

D. G. Se Dona Cloris naõ apparece, que quereis que faça?

D. Niz. Pois eſcondey-vos neſſa alcova, em quanto a vou chamar.

Eſconde-ſe D. Gil, e ſahe D. Fuas.

D. F. Aonde vás, tyranna? Procuras acaſo o teu amante? Oh murcha ſeja a tua Mangerona, que como planta venenoſa me tem morto.

D. Niz. Homem do demonio, ou quem quer que es, que em negra hora te vi, e amey, que deſconfianças ſaõ eſſas? Que amante he

he eſſe, com quem me andas aqui apurando a paciencia, e ſem que, nem para que, deſcompondo a minha Mangerona?

D. F. Pois quem era aquelle, que ſahio de caixa a dizerte mil colloquios?

D.Niz. Que ſey eu quem era; ſalvo foſſe ..... mas retirate, que ahi vem gente.

D. F. Eſcondermehey adonde for.

Quer eſconder-ſe donde eſtá D. Fuas.

D.Niz. Naõ te eſcondas ahi; ay de mim, que ſe D. Fuas vê a D. Gil, fará o ſeu ciume verdadeiro! *à part.*

D. F. Naõ queres, que me eſconda ahi? Agora por iſſo meſmo.

D.Niz. Tem maõ, adverte.....

D. F. Qual adverte? Tens ahi acaſo eſcondido o teu amante?

D.Niz. Naõ, D. Fuas, porque ſó tu....

D. F. Que he iſſo? Mudas de cor?

D.Niz. Se a cor he accidente, eſtou para deſmayar, vendo a ſemrazaõ, com que me criminas.

Sahe D. Cloris.

D.Clor. Nize, que alarido he eſſe? Queres, que venha o tio, e ache aqui eſte eſtafermo?

D.Niz. Saõ loucuras de hum zeloſo ſem cauſa.

D. F.

D. F. Saõ zelos de huma cauſa ſem loucura; e ſenaõ diga-me, Senhora Dona Cloris, por vida do Senhor ſeu Alecrim, naõ he para ter zelos ver repetidas vezes a hum ſugeito procurar a D. Nize com taõ repetidos extremos, que huma couſa he vello, e outra dizello; e ſupponho o tem agora eſcondido naquella alcova de donde me deſvia para eſconderme?

D.Clor. Iſſo verey eu, que tambem me importa eſſa averiguaçaõ.

D.Niz. Cloris, naõ te canſes, que naõ has de ver quem ahi eſtá: eſtou perdida! *à part.*

D. F. He para que veja, Senhora, a razaõ, que tenho: ah tyranna!

D.Clor. Já agora por capricho hey de ver quem ahi eſtá; voſſa merce he, Senhor D. Gilvaz? Que he iſſo? Quer enxertar o meu Alecrim com a Mangerona de Dona Nize.

D. G. Ha caſo ſemelhante!

D. F. Falſo, traidor amigo, como ſabendo, que eu pertendo a D. Nize, te expoens a embaraçar o meu emprego?

D. G. D. Cloris, D. Fuas, para que ſaõ eſſes extremos, quando a Senhora D. Nize nem a vós vos offende, nem a mim me correſponde?

D. F. Ninguem ſe eſconde ſem delito.

D.Clor.

D.Clor. Ninguem ſe occulta ſem motivo.

D.Niz. Ora agora naõ quero dar ſatisfaçõcs, nem a huma louca, nem a hum temerario: he muita verdade; eſcondi a D. Gil, porque lhe quero bem; pois que temos?

D. F. Que iſto ſofra a minha paciencia! Ah ingrata!

D.Clor. Que iſto tolerem os meus zelos! Ah falſo amante!

D. G. A Senhora D. Nize eſtá zombando, e aquillo nella he galantaria.

D.Niz. Naõ he ſenaõ realidade, e tenho dito. *Vay-ſe.*

D. F. Naõ ſe vio mais deſcarado rigor! Eſpera, cruel, e verás com teus olhos os ultrajes, que faço à tua Mangerona. *Vay-ſe.*

D.Clor. Senhor D. Gil, venha depreſſa o meu Alecrim.

D. G. O teu Alecrim he inſeparavel de meu peito.

D.Clor. Deixemos graças, que eu naõ zombo.

D. G. Pois entendes, que D. Nize falla deveras?

D.Clor. Quer fallaſſe deveras, quer naõ, venha, venha o meu Alecrim.

D. G. De que ſorte queres, que te ſatisfaça? ignoras acaſo as firmezas de meu amor?

Canta D. Gil a ſeguinte

ARIA.

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando eſpira nos incendios
Solicita o meſmo ardor.
Tal, ò Clori, me imagino
Pois parece, que o deſtino
Quer, por mais que tu me mates,
Que apeteça o teu rigor.

Sahe Simicupio, e Sevadilha.

Simic. Senhor D. Gilvaz, nunca Simicupio ſe vio em calças mais pardas.

D. G. Porque?

Sevad. Porque o velho já ahi vem caminhando como huma centopeya.

D. Clor. Anda, D. Gil, para dentro, até que haja occaſiaõ para ſahirem.

D. G. Vás ainda com eſcrupulos na minha conſtancia?

D. Clor. Cá dentro apuraremos eſſas finezas. *Vay-ſe.*

D. G. O' Simicupio, vê como havemos ſahir daqui, que bem ſabes, que tenho de eſcrever hoje para o correyo. *Vay-ſe.*

Simic.

Simic. Tomara, que o fizeſſem em poſtas, e o levaſſe barzubú às vinte.

Sevad. E ſe lhes naõ dizemos, que vinha o velho, ainda ſenaõ hiaõ.

Simic. E hia-ſe a hiſtoria, ſem nós fazermos noſſo papel de Alfazema por cauſa do Alecrim.

Sevad. Naõ me dirás, Simicupio, em que ha de parar toda eſta barafunda?

Simic. Em algum caſamento, iſſo já ſe ſabe; tomara eu tambem, que me diſſeſſes, em que havemos nós parar?

Sevad. Em correr, que ſe paramos aqui, talvez que nos envidem o reſto.

Simic. Naõ embaralhes o ſentido, em que te fallo: ay Sevadilha, que naõ ſó me chegaſte ao coraçaõ, mas tambem aos narizes! E aſſim naõ ponhas por eſtanque os teus favores: antes affavel, dá-me alguma amoſtrinha de tua inclinaçaõ.

Sevad. Quem te meteo eſſes fumos na cabeça!

Simic. O dó, que tenho de te ver taõ matadora.

Sevad. Vaite dahi, que tenho nojo de chegar-me a ti.

Simic. Eu naõ te mereço, que me deſcomponhas o carinho, com que te trato: ay Sevadilha, que ſinto aſſarme nos eſpetos quen-

quentes de teus olhos, aonde os repetidos eſpirros de meu incendio . . . . .

Sevad. Se me diſſeras iſſo em dous dedos de papel, ainda te crera.

Simic. Naõ ſó em dous dedos, mas em toda a maõ da ſolfa, donde verás de teu Simicupio as finas clauſulas de ſuas ſimicopadas.

Canta Simicupio, eſpirrando no fim de cada verſo, a ſeguinte

ARIA.

Naõ poſſo, ò Sevadî . . . . .
Dizerte, o que padê . . . .
Que o meu amor travê . . . .
Chegando-me aos narî . . . .
N'um moto continuo me faz eſpirrar.
Mas ſe he tafullaria
Eſte vicio de quererte,
Toda inteira hey de ſorverte,
Por mais que me veja morrer, e eſtallar.
Vay-ſe.

Sevad. Ora Deos o ajude com tanto eſpirrar.

Sahe D. Lanſerote, e D. Tiburcio.

D. L. Baſta, ſobrinho, que naõ foſtes vós, o que me derreaſtes? *D. T.*

D. T. Pois acha voſſa merce, què havia pôr as mãos violentas nas reverendas barbas de voſſa merce? Igual eu me podia com mais razaõ queixar de voſſa merce, que me fez em eſtilhas.

D. L. Eu, ſobrinho? Iſſo he engano; eu havia erguer a maõ para vós, quando ſó as devo levantar ao Ceo, para darlhe graças, por darme para huma de minha ſobrinhas hum noivo taõ gentil-homem?

D. T. Naõ vay a dar quebranto.

Sevad. E elle, que he muy bello. *à part.*

D. T. Pois ſe nenhum de nós reciprocamente deu hum no outro, quem ſeria?

D. L. Eu tambem naõ poſſo atinar; o que ſey he, que a caixa para nós foy de guerra.

Sevad. E para o noivo de tartaruga do Alentejo. *à part.*

D. L. Sevadilha, anda cá, naõ o negues: quem andará neſta caſa, ha hum par de noites, que ſinto grande reboliço?

Sevad. Senhor, eu tenho para mim, que eſta caſa às eſcuras he aſſombrada.

D. L. Tens viſto alguma couſa?

Sevad. Ay Senhor, tenho viſto tantas couſas, que naõ me atrevo a dizellas.

D. L. Dize, rapariga.

Sevad.

Sevad. Só em cuidar no que vi, eſtou para me deſmayar.

D. L. Era couſa do outro mundo?

Sevad. Qual do outro mundo, ſe eu a vi neſte?

D. L. Era fantaſma?

Sevad. O que he fantaſma?

D. L. He huma couſa branca, que poem os olhos em alvo.

Sevad. Senhor, eu naõ ſey o que he; ſey ſómente, que vi ſahir de huma caixa huma couſa como furacaõ de vento, que me deu muita pancada.

D. L. Vedes, ſobrinho? He o meſmo, que nos ſuccede em carne.

D. T. Na carne aliás.

D. L. Aqui naõ ha outro remedio mais, que çafares logo, e já, e levares voſſa mulher com voſco, que eu ponho eſcritos nas caſas, e mudo-me às carreiras.

D. T. Iſſo he o verdadeiro.

D. L. Sevadilha, vay chamar as raparigas, que venhaõ cá depreſſa.

Sevad. Genro, e ſogro naõ os vi mais beſtas! *à part. e vay-ſe.*

D. T. Para que manda voſſa merce chamar a minhas primas taõ depreſſa?

D. L. Logo vereis.

Sa-

Sahem Dona Cloris, e D. Nize.

Ambas. Que nos ordenas, Senhor?

D. L. Sobrinho, ellas ahi eſtaõ, eſcolhey huma das duas para voſſa eſpoſa.

D. Clor. Eu fiz voto de ſer freira, e aſſim naõ poſſo caſar.

D. L. Pois caſe D. Nize.

D. Niz. Eu menos, que quero ſer donzella.

D. L. Iſſo já naõ póde ſer, que dey a minha palavra, que val mais que tudo.

D. T. Eu já me reſolvera a aturar a riſpida condiçaõ de Dona Nize, mas ſem receber o dote, naõ me recebo.

D. L. Anday, que ſois hum impolitico; algum homem, que tem brio, falla em dote?

D. T. E algum homem, que quer dote, attenta em brio?

Sahem D. *Fuas*, *D. Gil*, *e Simicupio veſtidos de mulher com mantos.*

Simic. Senhor eſta induſtria nos valha, que para ſahir, ſempre foy boa huma ſaya.

D. G. Quem ſerve a Cupido, naõ he muito que ſe afemine. *à part.*

D. F. Até niſto moſtra o amor, que he cobarde. *à part.*

D. L.

D. L. Que mulheres ſaõ eſſas, que ſahem da noſſa alcova?

D. Clor. Eſtou tremendo naõ ſe deſcubra a tramoya. *à part.*

Simic. Senhor D. Tiburcio, as mulheres honradas, como eu, ſenaõ trataõ deſta ſorte.

D. T. Senhora, voſſa merce vem enganada.

D. L. Que he iſto, ſobrinho?

D. T. Eu o naõ ſey em minha conſciencia.

D. L. Senhoras, como entraſtes neſta caſa?

Simic. Eſte ſenhor Sobrinho de voſſa merce merecia, que lhe deſſem duas facadas, pois ſem alma, nem conſciencia, depois de o introduzir na minha caſa, para caſar com huma de minhas filhas, que voſſa merce aqui vê; teve taes ardis, que enganou a ambas, e de ambas triunfou; e para mais penas ſentir, eſta madrugada nos mandou vieſſe-mos a eſta caſa, que diſſe era ſua, e no cabo ſey, que naõ he, e eſtá para caſar com huma ſobrinha de voſſa merce: ah traidor, ladraõ, naõ ſey como te naõ eſgadanho, e te arranco eſſas goellas.

D. L. He notavel caſo! Sobrinho dezalmado, que he o que fizeſtes?

D. T. Senhor, eu eſtou tollo de ver mentir eſta mulher!

D. G.

D. G. Ah falſo D. Tiburcio, o Ceo me vingue de tuas falſidades.

D. F. Ainda nega o magano! Tal eſtou, que lhe arrancara eſſas barbas.

Simic. Deixay, filhas, deixay, que ainda nó Ceo ha rayos, e no Inferno a caldeira de Pero Botelho para caſtigo de velhacos; vamos, meninas. *Vaõ-ſe.*

D. Clor. Já eſtamos livres deſte ſuſto. *à part.*

D. Niz. O criado val hum milhaõ. *à part.*

D. L. Senhor ſobrinho, voſſa merce a tem feito como os ſeus narizes; baſta, que voſſa merce he uſeiro, e viſeiro à enganar moças!

D. T. Senhor, eu naõ conheço taes mulheres.

D. L. Senaõ tendes outra deſculpa, eſſa naõ me ſatisfaz, e agora vejo, que por iſſo dilataveis o caſar com voſſas primas, fingindo irreſoluções, e regateando o dote.

D. T. Senhor, permitta Deos, que ſe eu....

D. L. Naõ jureis falſo; dizey-me, e tiveſtes atrevimento de meteres mulheres em caſa, ſem attenção ao decóro de voſſas primas?

D. T. Primas do meu coraçaõ, eu eſtou para enlouquecer, pois eſtou taõ innocente....

D. Clor. Calle-ſe, tenha juizo; baſta, que com eſſe feitio nos queria lograr!

D.Niz. He o Senhor ſizudo, que naõ approvaya os ranchos do Alecrim, e Mangerona!

D. T. Ora baſta, que diga eu, que naõ conheço taes mulheres.

D.Clor. Calle-ſe, tonto.

D.Niz. Calle-ſe, ſimplez.

D.Clor. Basbaque.

D.Niz. Inſolente.

Ambas. Que? Agora caſar? Aqui para traz. *Vaõ-ſe.*

D. T. Senhor tio, deme attençaõ, ſenaõ deſeſperarey.

Canta D. Lanſerote a ſeguinte

ARIA.

Eis-aqui: eu eſtou perdido,
Gaſto feito, noiva prompta,
Porta aberta, e caſa tonta;
Ah ſobrinho! Mas que digo?
Empreſtay-me a voſſa eſpada,
Que me quero degollar.
Oh prudencia deſgraçada,
Pois naõ faço huma fallada
Por ninguem me ouvir gritar.

D. T. Que iſto a mim me ſucceda? Naõ ha homem mais infeliz!

SCE-

SCENA IV.

Praça. Sahem D. Gil, e Simicupio.

D. G. HUma, e muitas vezes te conſidero, Simicupio, prodigioſo artifice de meu amor, pois com as tuas máquinas vás erigindo o retorcido thalamo, que ha de ſer throno do mais ditoſo Himenêo.

Simic. Já diſſe a voſſa merce, que mais obras, e menos palavras: Simicupio, Senhor, já ſe acha muy canſado, tomara, que me apoſentaſſe com meyo ſoldo, que eſte officio de alcofa he muy perigoſo; que ſuppoſto tenha azas para fugir, tambem as azas tem penas para ſentir.

D. G. Simicupio, já o peyor he paſſado: acabemos de deitar eſta náo ao mar, que entaõ teremos enchentes.

Simic. E no cabo de tantas enchentes tudo nada.

D. G. Anda, naõ deſmayes, que hoje havemos moſtrar ao Mundo os triunfos do Alecrim.

Simic. E a Mangerona todavia naõ menos viçoſa com o borrifos de Fagundes.

D. G. Mas a galantaria he, que todas as ſuas idéas redundaõ em noſſo proveito.

Simic. Ahi he que eſtá a filagrana do jogo, Fagundes a ſemear, e nós a colher.

Sahe Sevadilha com mantilha.

D. G. Aquella, que lá vem, naõ he Sevadilha?

Simic. Pelo cheiro aſſim me parece.

D. G. Que novidade he eſſa, Sevadilha? Tu ſó por aqui?

Sevad. Que ha de ſer? A mayor deſgraça do Mundo.

D. G. Que? Morreo o velho?

Sevad. Iſſo entaõ ſeria fortuna.

D. G. Pois que foy?

Sevad. Foy, que D. Tiburcio com a pena de ſe ver accommetido de tres mulheres, como voſſa merce ſabe, à viſta das noivas, e do ſogro, tomou tal paixaõ, que lhe eu eſta noite huma colica, e eſtá quaſi hindo-ſe por hum fio; e aſſim eu por huma parte, Fagundes, e o galego por ambas, vamos a chamar o Medico: a Deos, que me naõ poſſo deter.

D. G. Eſpera.

Sevad. Naõ poſſo, que D. Tiburcio eſtá morrendo por inſtantes.

Simic.

Simic. Naõ te canſes, que já o achas morto: ande cá, tenha feiçaõ, e faça paleſtra com os amigos.

D. G. Que faz Dona Cloris?

Sevad. Naõ me detenha, a Deos.

Simic. Dize-me primeiro, que tal te pareci em trages de mulher?

Sevad. Naõ eſtou para iſſo, deixe-me ir, que eſtou depreſſa.

Simic. Ha tal preſſa! Como ſe eſtivera alguem para morrer?

Sevad. Naõ vê, que vou acodir a eſta grande neceſſidade.

Simic. Vaite, filha; vaite, naõ te ſofras.

Sevad. Bem puderas tu pouparme eſſas paſſadas, e ir chamar hum Medico às carreiras.

Simic. Vay deſcanſada, que eu chamarey o Medico.

D. G. Sim com muito goſto.

Sevad. Ora faça-me eſſe favor, e a Deos. *Vay-ſe.*

D. G. Anda depreſſa, vay chamar o Medico.

Simic. Que Medico? Cuide n'outra couſa.

D. G. Iſſo he zombaria? Naõ permitta Deos, que o homem morra por noſſa omiſſaõ.

Simic. Vamos, que eu, e voſſa merce havemos ſer os Medicos na enfermidade de D. Tiburcio.

D. G.

D. G. Eſtás louco? Pois nós ſabemos Medicina?

Simic. Aſſim como ha Filoſofia natural, porque naõ haverá natural Medicina?

D. G. E ſe o doente morrer por falta de remedio?

Simic. Mais depreſſa morrerá por muitos remedios

D. G. E que lhe havemos applicar?

Simic. Tudo o que naõ for veneno; porque o que naõ mata, engorda.

D. G. Iſſo he temeridade.

Simic. Vamos, Senhor, e Deos ſobre tudo,

Sahe D. Fuas.

D. F. Eſpera, traidor D. Gil.

Simic. Ay, que iſto he alguma eſpera!

D. G. Que me quereis, D. Fuas?

D. F. Que metais a maõ a eſſa eſpada.

D. G. Para que?

Simic. He boa pergunta! Para que ſerá? He para fazer alfeloa magana.

D. F. Vereis, que ſabe o meu valor caſtigar offenſas de hum amigo desleal; pois ſabendo vós, que Dona Nize era o idolo da minha veneraçaõ, chegaſtes a profanar o meu culto com os ſacrilegos votos de voſſos

voſſos ſacrificios, á quem ſuaviſaraõ os odoriferos halitos da Mangerona.

Simic. Ahi cos diabos!

D. F. E aſſim metey a maõ a eſſa eſpada, para que ſe conſerve Dona Nize, ou ſegura no templo de meu peito, ou no de voſſo coraçaó.

Simic. Senhor, aqui naõ he lugar de deſafios, vamos para val de cavalinhos a jogar os couces.

D. G. D. Fuas, eſtais louco? Vede, que ſem cauſa he a voſſa queixa.

D. F. Naõ quero ſatisfações, vamos puxando.

Simic. Eſte homem vem puxado.

D. G. Pois para que vejais, que o ſatisfazervos naõ he temer-vos.....

Sahe Fagundes com mantilha.

Fag. Cé, ah Senhor D. Fuas, huma palavrinha depreſſa, que importa.

D. F. Aquella he Fagundes, que me quererá? Eſperay, D. Gil, em quanto fallo a eſta mulher.

Simic. Senhor, naõ conſinto, ou fallar, ou brigar.

D. G. Deixay mulheres, e brigay, que eſtou prompto a ſatisfazer-vos por eſte modo.

Fag.

Fag. Senhor, venhà já depreſſa.
Simic. Já vay, que quer aqui primeiro meter a eſpada pelo olho a hum amigo.
Fag. Ande, ſenaõ voume.
D. F. Eſpera, que eu vou.
D. G. Briguemos, D. Fuas.
Simic. Vamos a iſſo, antes que ſe acabe a colera.
D. F. D. Gil, ſe tendes brio, eſperay; que eu venho já. *Vay para Fag.*
Simic. Ora vá de ſeu vagar, que eſta pendencia naõ he de ceremonia: Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos, que brigar com loucos he ſer mais louco. *Vay-ſe.*
D. G. Tomo o teu conſelho. *Vay-ſe.*
Fag. Sim Senhor, a caſa eſtá revolta; D. Tiburcio nos articulos da morte, e quaſi moribundo; o velho banzando, e tudo banzeiro; e à viſta diſto póde voſſa merce introduzir-ſe em caſa o mais depreſſa, que puder, em alguma fórma, que inventar a ſua induſtria, e a Deos.
D. F. Ouça cá.
Fag. Naõ poſſo, que vou à botica.
D. F. Pois eſſa ingrata de Dona Nize ainda...
Fag. Naõ eſtou para ouvir nada.
D. F. Eſpere; tome lá eſſes vintens pelo trabalho.

Fag.

Fag. Moſtre cá depreſſa.

D. F. Ora diga-me, pois Dona Nize.....

Fag. N'outra occaſiaõ fallaremos, venha iſſo depreſſa.

D. F. Tome lá: mas diga-me, em quanto tiro a bolſa; eſſa falſa, eſſa cruel.....

Fag. Ay, moſtre cá, naõ me detenha.

D. F. Eſpere, que tenho o boldrié por cima da algibeira.

Fag. Pois Senhor, ſe a ſua bolſa eſtá aferrolhada, a minha lingua eſtá ferrugenta. *Vay-ſe.*

D. F. Muito intereſſeira he eſta velha! Mas adonde eſtá D. Gil? D. Gil? Foy-ſe o cobarde; mas à fé de quem ſou, que as naõ ha de perder comigo; e tu, ingrata Nize, hoje hirey a verte disfarçado; que à viſta das tuas falſidades he juſto, que me reviſta naõ ſó de outro habito, mas tambem de outro affecto.

Canta D. Fuas a ſeguinte

ARIA.

De hum amigo, e de huma ingrata
Offendido, e ultrajado?
Quem me dera ver vingado!
Oh naõ ſey como ainda cabe
No meu peito tanta dor?
Mas ſim cabe, porque as penas
Nos eſtragos repartidas
Pelas bocas das feridas
Sahirá com mais vigor. *Vay-ſe.*

SCENA V.

Camera. Haverá huma cama, e nella eſtará D. Tibuncio deitado, aſſiſtido de D. Lanſerote, Dona Cloris, D. Nize, e Sevadilha.

D. L. O Que tarda eſte Medico!
Sevad. Naõ póde tardar muito; pois me diſſe, que já vinha.
D. L. Como eſtais agora, meu ſobrinho?
D. T. Depois que arrotey, acho-me mais aliviado.

D. Niz.

D.*Niz.* Vazo máo naõ quebra. *à part.*
D.Clor. Se fora couſa boa, naõ havia de eſcapar. *à part.*
D. L. Naõ ſabeis quanto folgo com a voſſa melhora, pois me eſtava dando cuidado o enterro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos ſeguro, que havia ſer luzido; vós o verieis.
D. T. Outro tanto deſejo eu fazer a v. m.

Sahe D. Gil, e Simicupio veſtidos de Medico.

Simic. Deo gratias.
D. L. Entrem, meus Senhores Doutores.
D. G. Em boa me meteo Simicupio! Eu naõ ſey, o que hey de dizer. *à part.*
Simic. Qual de voſſas merces he aqui o doente?
D. L. He eſte, que aqui eſtá de cama.
Simic. Logo me pareceo pelos ſintomas.
Sevad. Senhora, que ſaõ Simicupio, e D. Gil. *Para Dona Cloris.*
D.Clor. Bem os vejo: Nize, que te parece?
D.*Niz.* Que faz melhor effeito o teu Alecrim, que a minha Mangerona.

Sahe D. Fuas, e Fagundes.

Fag. Entre Senhor Doutor, aqui vem eſte Se-

Senhor, que tambem ſe entende muito bem.

D. F. Neſte inſtante chego de fóra da terra, quando logo me chamou eſta mulher, que vieſſe ver a hum enfermo.

D. L. Já era eſcuzado; porém entre, e ſente-ſe.

D. Clor. Nize, D. Fuas compete nas finezas com D. Gil.

D. Niz. Naõ me peza.

D. F. Aquelles ſaõ D. Gil, e Simicupio; eſtou ardendo *à part.*

Simic. Ah Senhor, naõ vês a D. Fuas tambem como gente *Para D. Gil.*

D. G. Já ſey.

D. T. Ay minha barriga, que morro! Acuda-me, Senhor Doutor.

Simic. Agora vou a iſſo: ora diga-me, que lhe doe?

D. T. Tenho na barriga humas dores muy finas.

Simic. Logo as engroſſaremos: e tem o ventre tumido, inchado, e pullulante?

D. T. Alguma couſa.

Simic. Voſſa merce he caſada, ou ſolteira?

D. T. Porque, Senhor Doutor?

Simic. Porque os ſinaes ſaõ de prenhe.

D. L. Naõ Senhor, que meu ſobrinho he macho.

Simic.

Simic. Dianteiro, ou trazeiro?

D. L. Uy Senhor Doutor! Digo, que meu ſobrinho he varaõ.

Simic. De aço, ou de ferro?

D. L. He homem, naõ me entende?

Simic. Ora acabe com iſſo: eis-aqui como por falta de informaçaõ morrem os doentes, pois ſe eu naõ eſpeculara iſſo com miudeza, entendendo que era macho, lhe applicava huns cravos, e ſe foſſe varaõ, humas limas; e como já ſey, que he homem, logo veremos o que ſe lhe ha de fazer.

D. L. Eis-aqui como goſto de ver os Medicos aſſim eſpeculativos.

Simic. Pois o mais he aſneira: diga-me mais, ceou demaſiadamente a noite paſſada?

D. T. Tanto como a futura; porque deſde que ſe me acabaraõ as chouriças, que trouxe no alforge, me tem meu tio poſto a paõ, e laranja.

D. L. Aquillo ſaõ delirios, Senhor Doutor.

Simic. Aſſim deve ſer por força, ainda que naõ queira, pois conforme ao aforiſmo *Cùm barriga dolet, cætera membra dolent.*

D. T. Naõ ſaõ delirios, Senhor Doutor, que eu eſtou em meu juizo perfeito.

Simic. Peyor, pois quem diz, que tem juizo, naõ o tem.

D. L.

D. L. Senhor Doutor, o homem eſtá alluci-
nado, depois que huma fantaſma, que
ſahio de huma caixa, o deſancou; e ſo-
bre iſſo a grande pena, que tem tomado
de humas moças, que aqui introduzio em
caſa, enganando-as, de cuja inſolencia ſe
me veyo aqui a mãy queixar, que era
mulher de bem, ao que parecia.

Simic. Ella he muito criada de voſſa merce.

D. T. Deixemos iſſo; o caſo he, que a mi-
nha barriga naõ eſtá boa.

Simic. Cale-ſe, que ainda ha de ter huma boa
barrigada: deite a lingua fóra.

D. T. Ei-la aqui.

Simic. Deite mais, mais.

D. T. Naõ ha mais.

Simic. Eſſa baſtará: he forte linguado! Tem
muy boa ponta de lingua! Vejaõ voſſas
merces, Senhores Doutores.

D. G. A lingua he de prata.

D. F. Humida eſtá baſtantemente.

Simic. Venha o pulſo: eſtá intermitente, lan-
guido, e convulſivo: ò menina tomou as
aguas?

Sevad. Ainda naõ veyo o aguadeiro.

Simic. Pregunto ſe o doente fêz a mija?

D. T. Neſta caſa naõ ha ourinol.

Simic. Pois tome-as, ainda que ſeja n'uma fri-
gideira

gideira em todo o caſo, *quia per orinis optime cognoſcitur morbus.*

D. L. Ah Senhores, grande Medico!

D. Niz. E D. Fuas como eſtá melancolico!

Para D. Cloris.

D. Clor. Eſtará cuidando na receita.

Simic. Ora Senhores, capitulemos a queixa. Eſte Fidalgo (ſe he que o he, que iſto naõ pertence à Medicina) teve huma colorica procedida de paixões internas; porque o eſpirito agitado da repreſentaçaõ fantaſmal, e da inveſtida feminil, retrahindo-ſe o ſangue aos vaſos linfaticos, deixando exhauridas as matrizes ſanguinarias, fez huma revoluçaõ no inteſtino recto; e como a materia craſſa, e viſcoſa, que havia nutrir o ſucco pancreatico, pela ſua turgencia ſe achaſſe deſtituida do vigor, por falta do appetite famelico, degenerou em liquidos: eſtes pela ſua virtude acre, e mordaz, velicando, e pungindo as tunicas, e membranas do ventriculo, exaltaraõ-ſe os ſaes fixos, e volateis, por virtude do acido alcalino, de ſorte, que fez com que o Senhor andaſſe com as calças na maõ toda eſta noite: *in calſis andatur, qui ventre evacuatur*, diſſe Galeno.

D. L.

D. L. Eu naõ lhe entendi palavra.

D. T. Eu morro, ſem ſaber de que.

Simic. Conhecida a queixa, votem o remedio, que eu, como mais antigo, votarey em ultimo lugar.

D. G. Eu ſou de parecer, que o ſangrem.

D. F. Eu, que o purguem.

Simic. Senhores meus, a grande queixa, grande remedio; o mais efficazhe, que tome humas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retroceſſo debaixo para cima.

D. T. Como he iſſo de bichas nas meninas dos olhos?

Simic. He hum remedio topico; naõ ſe aſuſte, que naõ he nada.

D. T. Voſſa merce me quer cegar?

Simic. Calle-ſe ahi; quantas meninas tomaõ bichas, e maſs naõ cegaõ.

D. L. Callay-vos, ſobrinho, que elle Medico he, e bem o entende.

D. T. Por vida de D. Tiburcio, que primeiro ha de levar o diabo ao Medico, e a receita, que eu em tal conſinta. *Ergue-ſe.*

Simic. Deite-ſe, deite-ſe; o homem eſtá maniaco, e furioſo.

D. L. Aquietay-vos, ſois alguma criança?

D. Niz. Ora Senhores Doutores, já que voſſas mer-

merces aqui ſe achaõ, bem he, que os informemos, eu, e minha irmãa, de varias queixas, que padecemos.

Simic. Inda mais eſſa? Ora digaõ.

D.Clor. Senhor, o noſſo achaque he taõ ſemelhante, que com huma ſó receita ſe pódem curar ambos os males.

D.Niz. Naõ ha duvida, que o meu achaque he o meſmo em carne, que o de minha irmãa.

Simic. Achaque em carne pertence à Cirurgia.

D.Clor. Que como dormimos ambas, ſe nos communicou o meſmo achaque; e aſſim, Senhor, padecemos humas ancias no coraçaõ, humas melancolias n'alma, huma inquietaçaõ nos ſentidos, huma traveſſura nas potencias; e finalmente, Senhor Doutor, he tal eſte mal, que ſe ſente, ſem ſe ſentir; que doe, ſem doer; que abraza, ſem queimar; que alegra entriſtecendo, e entriſtece alegrando.

Simic. Baſta, já ſey, iſſo he mal Cupidiſta.

D. L. O que he mal Cupidiſta, que nunca tal ouvi?

Simic. He hum mal da moda.

D.Niz. Que remedio nos daõ voſſas merces.

D. F. Eu diſſera, que o oleo de Mangerona era excellente remedio.

D. G. O verdadeiro para eſſa queixa ſaõ as fumaças do Alecrim.

D. F. Úy Senhor Doutor, a Mangerona he hum excellente remedio.

D. G. Nada chega ao Alecrim, cujas excellentes virtudes ſaõ tantas, que para numerallas naõ acha numero o algariſmo; e naõ faltou quem diſcretamente lhe chamaſſe planta bemdita.

D. F. Se entrarmos a eſpecular virtudes, as da Mangerona ſaõ mais, que as da erva ſanta.

S mic. Daqui a polla no altar naõ vay nada.

D. F. A Mangerona he planta de Venus, de cujos ramos ſe corôa Cupido, e para o mal Cupidiſta naõ póde haver melhor remedio, que huma planta de Venus; pois ſe notarmos a perfeiçaõ, com que a natureza a reveſtio daquellas mimoſas folhinhas, para que todo o anno ſejaõ geroglifico da immortalidade, aquelle ſuaviſſimo aroma, de cuja fragrancia he hidropico o olfato, ella he a delicia de Flora, o mimo de Abril, e a eſmeralda no annel da primavera.

Simic. He verdete; naõ ha duvida.

D. Niz. Eſtou taõ contente! *à part.*

D. G. O Alecrim, Senhor, pela ſua excellencia he titular na republica das plantas, cujas

jas flores, depois de ſerem bella imitaçaõ dos ceruleos globos, ſaõ a doçura do Mundo nos melifluos oſculos das abelhas.

Simic. Toda via a materia he de *apicibus*.

D. G. Elle he a coroa dos jardins; o lenço vegetavel das lagrimas da Aurora; nas chammas he Fenix; nas aguas Rainha; e finalmente he o antidoto univerſal de todos os males, e a mais ſegura taboa da vida, quando no mar das queixas aſſopraõ os ventos inficionados; e para prova deſte ſyſtema repetirey traduzido em Portuguez hum Epigramma do Proto-Medico Avicena, Poeta Arabico.

SONETO.

Hum dia para Siquis quiz amor
Huma grinalda bella fabricar,
E por mais que buſcou, naõ pode achar
Flor do ſeu goſto entre tanta flor.
Deſprezou do jaſmim o ſeu candor,
E a roſa naõ quiz por ſe eſpinhar,
Ao gyraſol moſtrou naõ ſe inclinar,
E ao jacintho deixou na ſua dor.
Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o Alecrim,
Hum verde ramo pertendeo colher;

Tu ſó me agradas, diſſe pois, em fim
Por ti deſprezo, ſó por te querer,
Jacintho, gyraſol, roſa, e jaſmim.

D.Clor. Viva o Senhor Doutor, eu quero as fumaças do Alecrim.

D. T. E morra o Senhor doente: ay minha barriga!

D. F. Se verſos pódem ſervir de textos, eſcute huns de hum Antegoniſta deſſe Author a favor da Mangerona pelos meſmos conſoantes.

SONETO.

Para vencer as flores quiz amor
Settas de Mangerona fabricar,
Foy diſcreta eleiçaõ, pois ſoube achar
Quem ſoubeſſe vencer a toda a flor:
O jaſmim deſmayou no ſeu candor,
A roſa começou-ſe a eſpinhar,
No gyraſol foy culto o inclinar,
Ays o jacintho deu de inveja, e dor.
Entre as vencidas flores póde ver
Retirarſe fugido o Alecrim,
Que amor para vingar-ſe o quiz colher;
Cantou das flores o triunfo, emfim,
Nem os deſpojos quiz, por naõ querer
Jacintho, gyraſol, roſa, e jaſmim.

D.Niz.

D.Niz. Viva o Senhor Doutor, eu quero o remedio da Mangerona.

D. L. Naõ cuidey, que a Mangerona, e Alecrim tinhaõ taes virtudes; vejamos agora, o que diz o Senhor Doutor?

D. T. Que tenho eu com iſſo? Senhores, voſſas merces me vieraõ curar a mim, ou às raparigas? Ay minhas barrigas!

Simic. Callado eſtive ouvindo a eſtes Senhores da Eſcola moderna, encarecendo a Mangerona, e Alecrim; naõ ha duvida que *pro utraque parte* ha muy nervoſos argumentos, em que os Doutores Alecriniſtas, e Mangeroniſtas ſe fundaõ; e tratando Dioſcorides do Mangeroniſmo, e Alecriniſmo, aſſenta de pedra, e cal, que para o mal Cupidiſta ſaõ remedios inanes; porque tratando Ovidio do remedio *amoris*, naõ achou outro mais genuino contra o mal Cupidiſta, que o Malmequer, por virtude ſympatica, magnetica, diaforetica, e dioretica, com a qual *curatur amorem*: repetirey as palavras do meſmo Ovidio.

SO-

SONETO.

Eſſa, que em cacos velhos ſe produz
Mangerona miſerrima ſem flor,
Eſſe pobre Alecrim, que em ſeu ardor
Todo ſe abraza por ſahir a luz:
Ainda que ſe vejaõ hoje a fluz
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido, que ellas o bollo haõ de repor,
Senaõ negro ſeja eu como hum lapuz:
O Malmequer, Senhores, iſſo ſim,
Que he flor, que deſengana, ſem fazer
No verde da eſperança amor ſem fim;
Deixem correr o tempo; e quem viver
Verá, que a Mangerona, e o Alecrim,
As plantas beijaráõ do Malmequer.

Sevad. Viva, e reviva o Senhor Doutor, e já que he taõ bom Medico, peço-lhe me cure de humas dores taõ grandes, que parecem feitiços.

Simic. Dá cá as pulſeiras: ah perra, que agora te agarrey! Tu eſtás maraſmodica, e impiamatica; ah Senhor, logo, logo, antes que ſe perpetue huma febre podre, he neceſſario, que eſta rapariga tome huns Simicupios.

Sevad. Simicupios eu? He couſa, que abomino.

Simic.

Simic. Eu deſencarrego a minha conſciencia, e naõ ſou mais obrigado.

D. L. Elle naõ tem querer, ha de fazer o que voſſa merce mandar.

Fag. Eu tambem ſou de carne, tenho annos, e tenho achaques.

Simic. Pois cure-ſe primeiro dos annos, logo ſe curará dos achaques.

Fag. Naõ Senhor, que eſte achaque naõ he annual, he diario.

Simic. Se fora nocturno, naõ era máo: pois que achaque he o ſeu, Senhora velha?

Fag. Que ha de ſer? He eſta madre, que me perſegue.

Simic. Uy, voſſê com eſſes annos ainda tem madre? E o que ſerá de velha a ſenhora ſua madre! Filha, iſſo naõ he madre he avó.

Fag. Talvez que por iſſo taõ rabujenta me perſiga; e que lhe farey, Senhor Doutor?

Simic. A huma madre velha, que ſe lhe ha de fazer? Andar, ponha-lha oculos, e muletas, e deixe-a andar.

D. L. Iſto aqui he hum Hoſpital, graças a Deos: ſó eu neſta caſa ſou ſaõ como hum pero, a pezar de duas fontes, e huma funda.

Simic. Oh ditoſo homem, que vives ſem males!

D. T.

D. T. Senhores, o meu mal devia ſer contagioſo; porque depois da minha doença todos adoeceraõ; ay minha barriga!

D. L. Pois em que ficamos?

Simic. Senhor meu, fallando em termos, o doente ſangre-ſe no pé; voſſa merce na bolſa; às ſenhoras ſuas ſobrinhas tres banhos; à moça Simicupios; e a velha lancem-na às ondas, que eſtá damnada.

Fag. Ay que galante couſa!

D. Clor. Eu naõ quero mais remedio, que o Alecrim.

D. Niz. E eu os da Mangerona.

Simic. Naõ ſeja eſſa a duvida, ainda que naõ ſou deſſe voto, com tudo cada hum he Senhor da ſua vida, e ſe póde curar como quizer; lá vay a receita.

Canta Simicupio a ſeguinte

ARIA.

Si in medicinis
Te viſitamus,
Non aſniamus,
Sed de Alecrinis,
Et Mangeronis
Recipe quantum
Satis *aná*.

Cre-

Credite mihi,
Qui ſum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.

D. L. Eſperem, Senhores, voſſas merces perdoem, lá repartaõ eſſa ninharia entre todos, que eu naõ eſtou aparelhado ſenaõ para hum.

Simic. Venha embora, que ſó eſte he o verdadeiro ſimptoma da Medicina. *Vay-ſe.*

D. G. Ay Cloris, que quando o mal he de amor, ſó o morrer he remedio! *Vay-ſe.*

D. F. Finjo, que me vou, por ver ſe poſſo apurar a falſidade de Dona Nize. *Vay-ſe.*

D. T. Mande-me cerrar eſte miombo, que vou entrando em hum ſuor copioſo, abafem-me bem,

D. L. Aqui ſervia o meu capote: paciencia! vamo-nos, e deixemo-lo ſuar, ninguem lhe falle à maó. *Vay-ſe.*

D. Clor. Vamos, Nize, a moralizar os extremos deſtes amantes. *Vay-ſe.*

D. Niz. Tanto me importa, vamos a regar os noſſos craveiros. *Vay-ſe.*

Fag. O diabo de Simicupio temo, que me meta em hum chichello com ſeus ardís. *Vay-ſe.*

Sevad.

Sevad. He para ver, ſe o meu Malmequer tambem entra em reſtea? *Vay-ſe.*

Sahe D. Fuas.

D. F. Já todos ſe foraõ; quem me dera encontrar a eſta tyranna, cruel, falſa, inimiga.

Sahe Fagundes.

Fag. D. Tiburbio fica a ſuar como hum cavallo: mas ay! Quem eſtá aqui?

D. F. Sou eu, Senhora Fagundes, naõ ſe aſſuſte.

Fag. Senhor, que temeridade he eſta? Voſſa merce naõ vê, que ainda he luzquefuſque? Como ſem deixar anoitecer penetra eſtas paredes, aonde até o Sol entra às furtadellas?

D. F. Naõ reparey, que ainda era dia; pois no abyſmo de meu ciume ſempre eſtou às eſcuras. Aonde eſtá eſta cruel Dona Nize?

Fag. Eſtará no jardim.

D. F. Pois vamos lá, e de caminho quero me vá dizendo de meterme na caixa a mim, e a D. Gil.

Fag. Vamos, que eu lhe contarey o que foy; ande por aqui com pés de lãa; ay Senhor D. Fuas quanto me deve!

SCE-

SCENA VI.

Viſta de quintal, em que haveraõ alguns alegretes; e huma capoeira, e vem D. Gil, e Simicupio deſcendo por huma corda.

D. G. SImicupio, deixa-me deſcer eu primeiro, para que ſe naõ quebre a corda com o pezo de ambos. *Deſce.*

Simic. Agarre-ſe bem à corda, deixe-ſe eſcorregar.

D. G. Ora já cá eſtou; mas eu naõ paro aqui, até encontrar com Dona Cloris. *Vay-ſe.*

Sahe D. Lanſerote.

D. L. Eſte quintal he o meu divertimento, e encanto; hum homem aqui aſſentado, e tomando o freſco, naõ ha mayor regalo.

Simic. Agora já poderey deſcer afoitamente.

D. L. Que he iſto, que cahe ſobre mim? quem me acode!

Ao deſcer Simicupio cahe ſobre D. Lanſerote.

Simic. Naõ he nada, eſcarranchey-me no velho cuidando era poyal; eſtou bem aviado! *à part.*

D. L.

D. L. Mas que vejo? Aque delRey, ladrões!
Simic. Naõ o diſſe eu?
D. L. Ladraõ, velhacaõ, tu deſcendo por huma corda os altos muros de meu quintal? Pois com eſſa meſma corda te atarey de pés, e mãos, até que amanheça, para entregarte à juſtiça.
Simic. He bem feito, já que eu meſmo dey a corda, para me enforcar.
D. L. Dá cá os braços.
Simic. Já eſtá meu amigo? Querme abraçar?
D. L. Anda cá, ladraõ, moſtra cá os pulſos.
Simic. Naõ tenho febre.
D. L. Anda, que atado has de ficar.
Simic. Senhor, por ſua vida, que me naõ ate; baſta o enleyo, em que me vejo.
D. L. Dize, a que vieſte a eſte quintal?
Simic. Ora Senhor, até-me muito embora, mas naõ me aperte por iſſo.
D. L. Por iſſo he, que eu te aperto; has de confeſſar a que vieſte.
Simic. Eu eſtou atado, naõ ſey, o que lhe reſponda. *à part.*
D. L. Qual foy o fim, que aqui te trouxe?
Simic. A dar fim à minha vida, por dar principio à minha morte por meyos deſta corda, que falſa me entregou nas mãos de voſſa merce.

D. L.

D. L. Vieſte roubarme, naõ he verdade?

Simic. Sim Senhor, mas foy a roubarlhe as attenções.

D. L. Anda, ladraõſinho, para a capoeira donde ficarás atado.

Simic. Para onde, Senhor?

D. L. Para a capoeira, até que venha o Sol a ſer teſtemunha do teu latrocinio.

Simic. Pois voſſa merce quer encapoeirarme? Graças a Deos, que naõ ſou cá nenhuma gallinha, mas ſabe porque falla? Porque me acha atado, quando naõ haviamos jogar as criſtas.

D. L. Anda, ladraõ, que aqui ficarás até amanhecer. *Vay-ſe.*

Simic. Ora criado Senhor Simicupio: já ſabemos, que iſto he meyo caminho andado para a forca; mas he bem feito, que iſto a mim me ſucceda; que tinha eu cá com D. Gil? Pois para que elle foſſe gallo, me vejo eu feito gallinha, ſe bem que já podia ſer frango pelo esfrangalho; o magano eſtará a eſtas horas entre glorias, e eu entre penas; elle voando na esfera de amor, e eu de aza cahida na gema dos ovos.

Sahe

Sahe Fagundes.

Fag. Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a ſellada de rabos para cearmos; já temperey as gaitas para o gallego; já aſſey o fricaſſé; já cozi hum guardanapo; agora me falta deſtar os arenques de molho, para ficar com as mãos lavadas: ora ſou huma tonta, eſquecia-me o melhor, que he matar huma galinha para o doente, e mais trazia a faca na maõ para iſſo.

Simic. Eu o eſtava dizendo; grande deſgraça he ſer hum homem galinha, pois até de huma mulher tem medo.

Fag. Mas confeſſo, que naõ ſou para ver ſangue, que logo deſmayo; porém eu fecho os olhos, e meto a faca, que alguma ficará eſpichada.

Simic. Oh mulher! Deos te tire iſſo do penſamento.

Fag. Qual! Eu ſou muito melindroſa, e fuzilanima; naõ tenho valor para matar huma formiga; ora lá vay a Deos, e á ventura.

Simic. Sem fallencia eu morro de morte gallinhal: naõ ha mais remedio, que fallar à velha; mas ſe lhe fallo, he capaz de acordar

dar o caõ do velho, que eſtá dormindo, e encerrarme em parte mais apertada: naõ ſey o que faça; pois tal eſtou, que ſe a velha me mata, naõ tenho no corpo pinga de ſangue para deitar.

Fag. Para que he cançar, eu naõ ſou ſanguinolenta.

Sahe Sevadilha.

Sevad. Fagundes, o Senhor eſtá deſeſperado por voſſê; que faz ahi?

Fag. Já que vieſte, matarás huma galinha, que eu naõ me atrevo. *Vay-ſe.*

Simic. Lá vem a Sevadilha: ora o certo he, que donde a galinha tem os ovos, ahi ſe lhe vaõ os olhos.

Sevad. Aborrece-me gente melindroſa; vejaõ agora, que dó póde haver de matar hum animal? Veraõ como eu faço iſto brincando.

Simic. Naõ ſaõ bons brincos eſſes, Sevadilha; mas ſe tu já me tens morto, para que me queres tornar a matar?

Sevad. Ay que eſtamos em tempo, que fallaõ os animaes! Eſte pela voz he Simicupio.

Simic. Eu ſou, que te fallo de papo; he o teu Simicupio, que eſtá feito ſimigallo.

Sevad.

Sevad. Quem te meteu ahi?
Simic. O velho, por eu ſer metediſſo.
Sevad. Pois como foy?
Simic. Já me naõ lembra, que eu tenho memoria de gallo.
Sevad. Anda cá para fóra.
Simic. Naõ poſſo, ſem tu me enxotares daqui.
Sevad. Como naõ pódes, ſe eu ſey, que muito póde o gallo no ſeu poleiro?
Simic. Iſſo ſeria, ſe o velho me naõ deſazara.
Sevad. Naõ ſabes o bem, que me pareces neſſa capoeira! Eſtás guapo! Eſtás França!
Simic. Sim, eſtou França, porque eſtou feito gallo.
Sevad. Pois dáme das tuas pennas para hum regallo.
Simic. Pois tu te regallas com as minhas penas?
Sevad. Naõ, mas folgo de verte feito alma em pena.
Simic. Que fará, ſe ſouberas, que eſtou todo coberto de penas vivas? Ora anda, Sevadilha, tira-me de mais penas.

Can-

Cantaõ Simicupio, e Sevadilha a ſeguinte

ARIA A DUO.

Sevad. Meu franguinho
Tupetudo,
Como he galantinho!
Que lindo, que eſtá!
Simic. Minha bella
Malfazeja,
Cahi na eſparrella,
Liberta-me já.
Sevad. Coitada da pila,
Pila, pila, pila,
Que te haõ de pilar.
Simic. Acode-me, filha,
Que eſtou há meya hora
A cacarejar.
Ambos. Que triſte cantar
He o cacarejar!
Sevad. Mas naõ te agaſtes,
Que eu vou-te a ſoltar.
Simic. Vem já, que naõ poſſo
Mais tempo penar.
Ambos. Que he pena, que he magoa,
Que huma ave de pena
Naõ poſſa voar.

Simic. Anda, deita-me pela porta fóra, ainda que ſeja aos coices. *Vay-ſe.*

Sevad. Ora vamos. *Vay-ſe.*

Sahe D. Fuas.

D. F. Para eſte quintal, ou jardim, ou o que for, me diſſe Fagundes viera Dona Nize a regar a Sua Mangerona; mas em quanto elle naõ vem, me eſconderey atrás deſte canteiro de Alecrim, pois da Mangerona naõ quero auxilios, para encobrirme dos argentados eſplendores da Lua, que taõ clara ſe oſtenta eſta noite, talvez aviſando-me na clara inconſtancia de ſeus rayos a variedade de Dona Nize.

Eſconde-ſe da banda do Alecrim.

Sahe D. Gil.

D. G. Grande temeridade foy a minha, pois ſem aviſar a Dona Cloris, me expuz a penetrar os quartos deſta caſa, com o perigo de me encontrar D. Lanſerote; mas ſem duvida Cloris virá a eſte ſeu jardim a namorar o ſeu Alecrim; e aſſim eſcondido nas ſombras deſtas plantas..... mas ay que he Mangerona! Perdoa, Cloris,

ris, que eſta acçaõ foy hum acaſo; e naõ eleiçaõ. *Eſconde-ſe da banda da Mangerona.*

Sahem Dona Nize, e Dona Cloris cada huma pela ſua parte com aguadores na maõ, regando, e cantando o ſeguinte

D.Niz. Sois no ceo de Flora,
Mangerona bella,
Naõ ſó verde eſtrella,
Mas luzida flor.
D.Clor. Alecrim florido,
Que de Abril na eſféra
Sois na primavera
Fragante primor.
Ambas. Eſta pura neve,
Que tributa Flora,
Saõ rizos da Aurora;
E lagrimas de amor.

RECITADO.

D.Niz. Mas que vejo? (Ay de mim!) Quem ar-(rogante,
Da Mangerona uſurpa o ſer fragante?
D. G. Quem, ò Nize, eſcondido amante eſpera
O Sol, que adoro neſta verde esfera? *Sahe.*
D. F. Pois traidor, como aſſim tyranno intentas,
Roubarme a Nize, que meu peito adora? *Sahe.*

E tu falſa inimiga; mas ay triſte,
Que mal a tanta pena a dor reſiſte!

D.Clor. E tu falſo D. Gil, que em torpe inſulto
Buſcas a Mangerona amante oculto,
Deixa-me, fementido . . . .

D. G. Attende, ò Clori,
Que ſem cauſa fulmina os teus rigores,
Quando em puros ardores
Nas chammas do Alecrim feliz me abraſo.

D.Niz. Sem motivo, D. Fuas, me criminas,
porque eu firme . . . . . .

D. G. E eu conſtante . . . . . .

D. G. D.Niz. Fiel te adoro, e te buſco amante.

ARIA A 4.

D. Gil. Attende, ò Clori, attende,
Verdades, de quem ſabe
Ser firme em te adorar.

D.Clor. Suſpende, infiel, ſuſpende
Injurias, de quem ſabe
Já mais te acreditar.

D. Fuas. Nize ingrata, infiel amigo,
Ceſſe a barbara indecencia,
Que a evidencia
Naõ ſe póde equivocar.

D.G. e *D.Niz.* Pois tu ſó querida prenda,

D.F. e *D.Clor.* Já naõ creyo os teus enganos,
D.G. e *D.Niz.* Nas purezas de meu peito
Felizmente vivirás,
D.F. e *D.Clor.* Nos rigores de meu peito
Teu caſtigo encontrarás.
Todos. Mas, ò cego amor tyranno,
Como poſſo em tanto damno
Teu eſtrago idolatrar?

Sahe Fagundes.

Fag. Já acabaraõ de cantar? Pois agora entrem a chorar.
D.Clor. Porque, Fagundes?
Fag. Porque o Senhor ſeu tio diz, que logo vem ao quintal, affirmando, que ha ladrões em caſa; e diz, que ſenaõ ha de deitar eſta noite, ainda que faça roſa divina.
D. G. Aonde eſtará Simicupio?
Fag. Naõ apparece; Senhores, eſcondaõ-ſe, e naõ digaõ ao depois, que duro foy, e mal ſe cozeu.
D.Niz. Metaõ-ſe neſta capoeira entre tanto.
D. G. E que remedio, já que Simicupio naõ apparece?
D. F. A neceſſidade ſabe unir, a quem ſe deſeja ſeparar: Nize cruel, eu me eſcondo

do na capoeira, que ſó o lugar das penas he o centro de hum amante infeliz.

Mete-ſe na capoeira.

D. G. Quem ſerve a Cupido, às vezes he leaõ, às vezes gallinha. *Mete-ſe.*

Fag. Ah Senhores naõ me eſmaguem os ovos de huma gallinha, que ahi eſtá de choco.

Sahe D. Tiburcio, e Sevadilha.

Sevad. Senhor, naõ me perſiga: olhem o diabo do homem!

D. T. Ahi no quintal te quero: mas aqui eſtá Cloris, e Nize, remediarey o negocio; eſta moça faz zombaria de mim; deixame tu caſar, que eu te porey a caminho.

D. Clor. Que he iſſo, primo? Como eſtando doente, e taõ perigoſo, vem a eſtas horas ao ſereno?

D. T. Que ha de ſer, ſe voſſes naõ ſabem enſinar eſta rapariga, pois nada lhe digo, que naõ faça as aveſſas? De ſorte, que me fez veſtir, e ſahir atrás della, como deſeſperado das perrices, que me faz.

D. Nix. Tu naõ queres, Sevadilha, ſenaõ ſer deſcortez a meu primo?

Fag. Voſſas merces naõ querem crer, que ſe ha de fazer deſta moça a peſte, fome, e guerra. *Sevad.*

Sevad. Para que eſtamos com arcas encoiradas ? O Senhor D. Tiburcio anda-me ao ſucario, e naõ me deixa huma hora, nem inſtante.

D. T. Calte, mentiroſa.

Fag. Iſſo tem ella, que levanta hum teſtemunho, como quem levanta huma palha.

D.Clor. Naõ nos importa eſſa averiguaçaõ, ſó digo Senhor D. Tiburcio, que parece muito mal eſtar voſſa merce aqui com noſco a eſtas horas, e que póde vir meu tio, e acharnos com voſſa merce; que ſuppoſto ſeja primo, e com tentações de noivo, ſempre o recato, e decencia ſe deve conſervar; e aſſim lhe pedimos em corteſia ſe vá para o ſeu quarto.

Sevad. Ande, vá deſpejando o beco.

D. T. Nem eu quizera, que meu tio me achaſſe aqui por nenhum modo; mas coitado de mim, que elle lá vem! Tomara, que me naõ viſſe.

Sevad. Pois eſconda-ſe neſſa capoeira.

D. T. Dizes bem.

D.Clor. Eſtás louca, Sevadilha ? Meu primo ha de ſe lá meter n'uma capoeira ? Iſſo naõ.

D. T. Naõ importa, que para conſervar o ſeu recato

recato me meterey na parte mais immunda. *Entra na capoeira.*

D.Niz. Eſtamos perdidas, que lá ſe encontra com os dous! Que fizeſte, maldita?

Sevad. Eu bem ſey o que fiz: veraõ, que peça lhe prego.

D. G. Eſte deve ſer Simicupio; es tu Simicupio?

D. T. Qual Simicupio? Sou huma Simibala, para elle: quem eſtá aqui? O' Sevadilha, abre-me a porta, que eu quero ſahir, corra a agua por onde correr.

Sevad. Calle-ſe, que ahi vem o velho.

D. F. Que tal me ſucceda!

D. G. Eſtou tremendo!

D.Niz. e *D.Clor.* Eſtamos perdidas!

Sahe D. Lanſerote com huma luz na maõ, e Simicupio veſtido de Miniſtro com vara na maõ.

Simic. Naõ ſe aſſuſtem, minhas Senhoras, que iſto naõ he mais, que huma diligencia.

D. L. Voſſa merce poupeme o trabalho de o hir procurar de manhãa para lhe entregar hum ladraõ, que tenho prezo naquella capoeira.

Simic. A iſſo meſmo venho, que já tive, quem diſſo me avizaſſe.

D. Niz.

D.Niz. Que ſerá iſto? *à part.*
D.Clor. Saõ infortunios meus. *à part.*
Fag. Démos com o pé na peya. *à part.*
Sevad. Folgo por amor de D. Tiburcio. *à part.*
Simic. Hoje todos haõ de mamar o chaſco, que a ninguem me hey de dar a conhecer. Ora, meu Senhor, como foy eſte caſo?
D. L. Supponha voſſa merce, que acabada huma junta de Medicos, que vieraõ aſſiſtir a meu ſobrinho, ſendo já quaſi noite, eſtando eu aſſentado junto daquella Mangerona, que naõ me deixará mentir, veyo deſcendo hum homem por huma corda, e cuidando, que eu era poyal, me poz o pé no cachaço.
Simic. Iſſo foy o meſmo, que porlhe o pé no peſcoço: naõ ha mayor deſaforo!
D. L. Aſſuſtey-me, naõ ha duvida, quando me vi daquella ſorte opprimido; mas tornando a mim, fuy ſobre elle, e conhecendo, que era ladraõ, o prendi neſſa capoeira, donde a perſpicaz deligencia de voſſa merce ſaberá melhor obrar, do que eu fallar.
Simic. E como conheceu voſſa merce, que era ladraõ?
D. L. Pela cara, que era a mais horrenda, que meus olhos viraõ. *Simic.*

Simic. Eſtou já deſenganado, que ſou feyo. *à p.*

D. L. Ande voſſa merce, e verá.

Simic. Ah ſô ladraõ, ſaya cá para fóra.

D. F. Voſſa merce vem enganado, porque eu (*Sahe* ha mayor deſgraça!) ſou hum homem bem naſcido.

Simic. He D. Fuas; quem me dera ver a D. Gil, que he o que cá me traz. *à part.*

D. L. Senhor, eſte naõ he o ladraõ, que eu encerrey.

Simic. Já ſe vê, que eſte naõ he taõ feyo, como voſſa merce diz; vejamos ſe eſtá lá mais algum? Oh cá eſtá mais outro; *venite ad cam para fóram*: ay que he D. Gil! Já eſtou deſcançado. *à part.*

D. L. Tambem naõ he eſte o ladraõ, que eu aqui encerrey.

D. G. Claro eſtá, que naõ ſou eu, pois eu graças a Deos naõ neceſſito de furtar.

D. L. E que faziaõ voſſas merces aqui, ſenaõ eraõ ladrões?

Simic. Eſſa inquiriçaõ me pertence a mim, que ſou juiz privativo deſta cauſa; e voſſa merce, meu amo, naõ ſe coſtume a mentir aos Miniſtros de vara groſſa, dizendo-me, que o ladraõ era feyo, e horrendo, quando vemos, que eſtes Senhores ſaõ muy bem eſtreados.

D. L.

D. L. Senhor Juiz, por vida minha, que era o mais feyo homem, que vi em meus dias.

Simic. Calle-ſe, naõ minta, que o hey de mandar carregar de ferros.

D. L. Ora Senhor, torne voſſa merce a ver a capoeira, que aſſim como achou dous, que eu naõ meti, talvez, que ache o que eu encerrey.

Simic. Já naõ tenho mais, que buſcar.

D. L. Faça-me eſſe goſto, que póde lá eſtar ainda mais algum.

Sevad. Iſſo, que ſe perde? Veja, Senhor Doutor.

Simic. Bem ſey, que vou debalde, mas eu vou: mas naõ entre voſſa merce, que me naõ quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadrilheiro.

D. L. Eu vou, que quero agora apurar eſte enigma: ay, que elle aqui eſtá! Naõ o diſſe eu?

Simic. Traga-o cá para fóra.

D. L. Ey-lo aqui: mas que vejo! Naõ ſois vós, meu ſobrinho?

D. T. Eu ſou por meus peccados.

D. L. Eu eſtou beſta em beſta.

Simic. Eſte ſim, que he o ladraõ, que tem horrendiſſima cara; todos tres venhaõ comigo.

D.Niz. Ay D. Fuas, que eſtou ſem alma! *à part.*
D.Clor. Ay D. Gil, que eſtou ſem vida!
D. L. Senhor, advirta, que eſte he meu ſobrinho.
Simic. Por ſer ſeu ſobrinho, naõ póde ſer ladraõ?
D. L. Senhor, elle mal podia deſcer pela corda, pois eſtava doente de cama.
Simic. Pois acaſo elle dorme na capoeira?
D. L. Naõ, Senhor.
Simic. Senaõ dorme, que fazia nella feito *ſocius criminis* deſtes dous machacazes?
D. L. Sobrinho, a que vieſtes à capoeira?
D. T. Eu Senhor eſtando.....
Simic. Chiton, naõ me uſurpe a juriſdicçaõ; já diſſe, que eſtas averiguações ſó a mim me pertencem, vamos andando *ad cagarronem.*
D. L. Naõ importa; ide ſobrinho, que Deos he grande.
D. T. A minha innocencia me livrará.
D. L. Como he a ſua graça, meu Senhor?
Simic. O Bacharel *Petrus in cunctis*, Juiz de fóra daqui com alçada na vara até o ar.
D. L. Pois Senhor Bacharel *Petrus in cunctis*, ſaiba voſſa merce de caminho, que tambem me furtaraõ hum capote de Çaragoça em muito bom uſo.
Simic. Capote de Çaragoça he caſo de devaſſa:

ſa : notificados voſſas merces todos para que em amanhecendo venhaõ jurar à minha caſa ſobre eſte furto.

D. L. E aonde mora voſſa merce?

Simic. Junto a hum D. Gilvás, que mora...;

D. L. Já ſey, eu preguntarey.

Simic. Pois lá eſtará, quem lhe reſponda.

D. G. Ay, que he Simicupio! Agora reparo, já eſtou ſem ſuſto. *à part.*

Simic. Vamos: amanhãa todos à minha caſa ſobpena de prizaõ. *Vay-ſe.*

D. F. Ay Nize, que as tuas falſidades me pozeraõ neſte eſtado! *à part. e vay-ſe.*

D. T. Tio, trate logo de ſoltarme. *Vay-ſe.*

D. G. Quem naõ deve, naõ teme. *Vay-ſe.*

D. L. Que mal ſocegarey eſta noite, indo prezo meu ſobrinho, e naõ aparecer o ladraõ, que eu prendi; naõ ha homem mais deſgraçado! *Vay-ſe.*

D. Niz. Tal eſtou de ſentimento, que até me faltaõ as lagrimas para o alivio. *Vay-ſe.*

Fag. Eis-aqui os Alecrins, e Mangeronas; couſas de ervas he para beſtas. *Vay-ſe.*

Sevad. E de que eſcapou Simicupio! Tambem alguma alma boa rezou por elle. *Vay-ſ.*

D. Clor. Ay D. Gil, que a tua deſgraça ſerá a cauſa de minha morte! *Vay-ſe.*

SCE-

SCENA VII.

Salla, em que haverá hum bofete, tinteiro, papel, penna, e cadeiras; e ſahem D. Gil, e Simicupio veſtido ainda de Juiz.

D. G. NAõ te perdoo o ſuſto, que me fizeſte levar.

Simic. Nem eu o chaſco da capoeira, que me fez ſofrer.

D. G. E agora, que determinas com eſſa devaſſa, que queres tirar?

Simic. Logo verá.

D. F. E porque naõ ſoltas a D. Fuas, e a D. Tiburcio, que eſtaõ fechados naquelle quarto eſcuro?

Simic. Naõ poderey tambem ter meus ſegredos, ſem que ninguem o ſaiba? O certo he, que como os trouxemos às eſcuras, entendem fixamente, que eſtaõ em rigoroſa prizaõ; mas ahi vem gente, e voſſa merce faça vezes de Eſcrivaõ.

D. G. Ahi parou huma ſege: ſe ſeraõ ellas!

Simic. Lá eſtá quem as ha de encaminhar; *ſedete*, que ahi vem ſobindo a primeira teſtemunha.

Sahe

Sahe D. Lanſerote.

D. L. Senhor, aqui eſtamos todos a ordem de voſſa merce.

Simic. Venhaõ entrando hum a hum.

D. L. Pois, Senhor, lembre-ſe do meu capote.

Simic. Eu já tenho tomado iſſo a mim; vá deſcanſado, que eu puxarey bem pela juſtiça, e farey quanto ella der de ſi.

D. L. Naõ tenho mais, que dizer. *Vay-ſe.*

D. G. Homem, tu me tens atonito com as tuas induſtrias!

Simic. Bem he, que as reconheças; ah Senhor, eſteja de meyo perfil, para que o naõ conheça Dona Nize, que lá vem.

Sahe Dona Nize.

D. Niz. Venho morta: nunca em tal me vi!

Simic. Huma vez he a primeira; ſente-ſe minha Senhora, deſabafe-ſe, ſupponha, que eſtá em ſua caſa.

D. Niz. Ay Senhor, naõ ſey, que reſpeito infunde a cara de hum Juiz, que faz titubear o mais valente coraçaõ!

Simic. E mais eu, que pareço hum Papiniano aſanhado! Diga o ſeu nome; vá lá eſcrevendo, Senhor Eſcrivaõ.

D. Niz.

D.Niz. Chamo-me D. Nize Sylvia Rufina Fabia Lizarda Laura Anarda, e . . . . .

Simic. Baſta, Senhora; e póde voſſa merce com todos eſſes nomes?

D.Niz. Ainda faltaõ quatorze.

Simic. Viſto iſſo he voſſa merce a mulher mais nomeada, que ha no Mundo; que idade tem?

D.Niz. Quinze annos eſcaſſos.

Simic. Liberal andou a natureza; em taõ poucos annos tanta perfeiçaõ! E do cuſtume?

D.Niz. Naõ entendo.

Simic. Ponha lá, que do cuſtume jejua: ſabe quem furtou aquelle capote ao Senhor ſeu tio?

D.Niz. Preſumo, que foy hum criado de D. Gil, que entrou diſfarçado a vender Alecrim.

Simic. Tenho largas noticias deſſe criado, e me dizem, que he ardiloſo *quantum ſatis.*

D.Niz. Iſſo he paſmar!

Simic. E ſabe, ſe aquelles homens da capoeira ſeriaõ ladrões?

D.Niz. Naõ, Senhor, porque hum era D. Gil, e outro D. Fuas, que ambos . . . . .

Simic. Diga, naõ ſe faça rubicunda.

D.Niz. Senhor, os ditos homens vieraõ por cauſa de amor; e como veyo meu tio, ſe eſconderaõ na capoeira.

Simic.

Simic. Rapaziadas ; ora ande , vá-ſe ahi para dentro , e naõ faça outra : ſeja ſizuda , e virtuoſa , que aſſim manda o direito , *honeſtè vivere.*

D. Niz. A' obediencia de voſſa merce. *Vay-ſe.*

D. G. Homem , acabemos com iſſo , venha Dona Cloris , por quem eſtou ſuſpirando.

Sahe Fagundes.

Fag. Muito bons dias , meu Senhor.

Simic. Chegue-ſe para cá ; olhe para mim , voſſa merce a meu ver tem cara de teſtemunha falſa , ou eu me enganarey.

Fag. Serey o que voſſa merce quizer.

Simic. Como ſe chama ?

Fag. Ambroſia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

Simic. Iſſo ſaõ nomes , ou alcunhas ?

Fag. Será o que voſſa merce for ſervido.

Simic. Caſada , ou ſolteira ?

Fag. Nem caſada , nem ſolteira , aſſim , aſſim.

Simic. Aſſim como ?

Fag. He que tenho o marido no Braſil ha quarenta e ſete annos.

Simic. De que annos caſou ?

Fag. De quarenta juſtos , que os fuy fazer à porta da Igreja.

Simic. Que annos tem?
Fag. Vinte e cinco bem puxados.
Simic. Naõ he nada, caſou de quarenta, tem o marido no Braſil ha quarenta e ſete annos, e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-ſe dahi bebada, falſaria, que a hey de amarrar a huma eſcada, e deitalla por eſſa janella fóra.
Fag. Eu naõ ſey contar, ſenaõ pelos dedos: ouça voſſa merce, que eu quero dar a minha quartada.
Simic. A quartada dey eu; ande, naõ cuide, que ſe ha de lavar com huma bochecha d'agua; vá-ſe para dentro.
Fag. Eu vou rebolindo. *Vay-ſe.*
D. G. Acaba já com iſſo.

Sahe Sevadilha.

Sevad. Sou criada de voſſa merce.
Simic. Ay, que já a juſtiça começa a abrir os olhos para ver a Sevadilha! Eu encoſto a vara, que eſtou varado; menina, como he o ſeu nome?
Sevad. Sevadilha ſem mais nada.
Simic. Que annos tem?
Sevad. Sete muy fanados.
Simic. Só ſete? Naõ ſois má cartinha para hum

hum ſete levar: caſada, ou ſolteira?

Sevad. Eſtou para caſar com hum criado daqui do ſeu viſinho D. Gil, que ainda que feyo, he muy carinhoſo.

Simic. Eſſe foy o que furtou o capote a ſeu amo?

Sevad. Eſſe meſmo.

Simic. Logo he ladraõ?

Sevad. He o vicio, que tem, que ſenaõ fora iſſo, era hum moço perfeito.

Simic. Ay Sevadilha, que eſſe ladraõ.....

Sevad. Que tem, meu Senhor?

Simic. Nada, nada: e por hum triz, que naõ deponho a Judicatura, e perco o juizo: aſſina-te aqui em branco, que eu eſtou pelo que diſſeres.

Sevad. Eu naõ ſey eſcrever.

Simic. Porém ſabes muita letra: vay-te ahi para dentro; a rapariga me poz a ver jurar teſtemunhas.

Sevad. Eu já vi huma cara, que ſe parecia com a deſte Juiz. *Vay-ſe.*

Simic. Entre quem falta.

D. G. Reſta Dona Cloris; Simicupio, perdoa que hey de fallarlhe.

Simic. Faça o que lhe digo, e naõ tenha graças comigo.

D. G. Como eſtás inchado!

Simic. Se queres ver o villaõ, metelhe a vara na maõ.

Sahe Dona Cloris.

D.Clor. Senhor Juiz, logo declaro, que eu de furtos naõ ſey nada, e ſó que D. Gil foy hum dos da capoeira, e eſtá innocente, porque.....

D. G. Porque foy preciſo obedecerte, querida Cloris. *Levanta-ſe.*

D.Clor. Que vejo! D. Gil! Cobre alentos o meu coraçaõ.

D. G. Naõ te admires dos ſucceſſos de meu amor, que os influxos do teu Alecrim ſabem triunfar dos mayores impoſſiveis.

Simic. Aliás, que hum *Simicopio* ſabe fazer poſſiveis as mayores difficuldades; ahi tem, Senhor D. Gilvás, o ſeu bem de portas a dentro: tenho cumprido a minha palavra, e ſenaõ eſtá bem ſervido, buſque quem o faça melhor.

D.Clor. Huma vez, que me vejo em tua caſa, naõ porey mais em contingencias a minha fortuna.

Simic. Iſſo meſmo; quem diſſe caſa, caſa.

Sahe D. Lanſerote.

D. L. Que he iſto, Senhor Doutor? As teſtemunhas vem, e naõ tornaõ?

Simic. Já eſtá concluida, e ſentenciada a devaſſa.

D. L. Quem ſaõ os culpados?

Simic. As Senhoras ſuas ſobrinhas, que ſaõ humas finas ladras.

D. L. Minhas ſobrinhas ladras? De que ſorte?

Simic. Deſta ſorte; vamos ſahindo cá para fora:

Vay Simicupio trazendo a todos para fóra, e diz o ſeguinte.

Porque viſtos eſtes ſucceſſos, conſta, que a Senhora Dona Nize furtou o coraçaõ do Senhor D. Fuas, e a Senhora Dona Cloris o de D. Gil; e aſſim he de razaõ, que lho reſtituaõ, caſando com elles; porque no matrimonio ſe entregaõ os corações com as vontades.

D. F. Em cumprimento da ſentença, eu a executo pela minha parte igualmente alegre, e admirado deſta rara invectiva de Simicupio.

D. Niz. He de juſtiça eſta acçaõ: que alegria!

D. G. Dona Cloris, dame o coraçaõ, que me tens na maõ, que te peço.

Simic. Iſſo he fallar com o coraçaõ nas mãos, Senho-

Senhora Dona Cloris, caſe-ſe, mas naõ ſe arrependa.

D.Clor. Senhor D. Gil, o meu coraçaõ lhe entrego, em recompenſa do que lhe roubey, ſe acaſo he furto, o que ſe dá por vontade.

Simic. D. Tiburcio tenha paciencia, e pague as cuſtas de permeyo com o Senhor D. Lanſerote, já que foraõ taõ basbaques, que ſe deixaraõ enganar de mim Simicucupio; tantos de tal mez, &c.

D. T. Senhor tio, ſeja-lhe para bem, que aqui já naõ ha para onde appellar.

D. L. Nem eu me poſſo aggravar, quando o matrimonio he o ditoſo fim deſtes exceſſos.

Sevad. Quem caſa a tantos, porque ſenaõ caſa a ſi?

Simic. Naõ me falles em remoques; já ſey, Sevadilha, que queres caſar comigo; e pois a ſentença paſſou em couſa julgada, demos as mãos, e a boa vontade.

Sevad. Oh diſcreta maõ, que eſcreveo tal ſentença!

Fag. E que ha de ſer de mim, Simicupio, que neſte negocio tambem dey minha penada?

Sevad. Em vindo a frota, virá teu marido.

D. G.

D. G. E pois te conſegui, galharda Cloris, publique a fama os vivas do Alecrim, que triunfou de tantos impoſſiveis.

D. F. Tende maõ, que naõ he juſto, que roubeis à Mangerona a parte, que lhe toca no applauſo, que merece; pois à ſombra de ſuas folhas conſeguiſtes muita parte da dita, que poſſuis.

Fag. Iſſo he verdade, ſenaõ diga-o a eſcada, e a caixa.

D. T. Foy boa caixa.

D. G. Que importa, que a Mangerona abriſſe os caminhos aos favores, ſe o Alecrim ſerenava as tempeſtades na tormenta dos enleyos?

Simic. E ſenaõ diga-o tambem o fogo ſalvaje, a Medicina, a Miniſtriſſe, e a mãy de duas filhas.

D. T. Pois que vay, Senhor tio? He bico, ou cabeça?

D. L. Paciencia por força.

D. Clor. Naõ ſe póde negar, que venceo o meu Alecrim, pois elle tocou a méta, pondo fim a noſſos deſejos.

D. Niz. A Mangerona ſó merece applauſos, porque deu principio a eſſe fim.

Simic. Entaõ, viſto iſſo, venceo o Malmequer, pois elle foy o meyo entre o principio

cipio da Mangerona, e o fim do Alecrim.

Sevad. Pois viva o Malmequer.

D. G. Tenho dito, venceo o Alecrim.

D. T. Se a efficacia das razões naõ baſta a convencervos, eſta eſpada fará confeſſar o triunfo da Mangerona.

Simic Deixe eſtar a folha, que as da Manrona naõ ſaõ o Alcoraõ de Mafoma, para que ſe defendaõ à ponta da eſpada; e pois eſtou feito Juiz, pela authoridade, que tenho, declaro, que ambas as plantas veneraõ o pleito, pois cada huma fez quanto pode; e para que ſe acabem eſſas guerras do Alecrim, e Mangerona, mando, que os dous ranchos façaõ as pazes, e ſe ponha perpetuo ſilencio neſta materia; ſobpena de ſerem aſſumptos de minuetes, e andarem por boca de Poetas, que he peyor que pelas bocas do Mundo.

Toáos. Pois viva o Alecrim, e viva a Mangerona.

Simic. E viva todo o bicho vivo.

D. L. Vivamos todos, meu ſobrinho.

D. T. Eſſa he a verdade.

Simic. E como naõ ha triunfo ſem acclamaçaõ; em quanto o Coro naõ principia a feſtejar eſte applauſo, coroemos eſta obra, com as ramas da Mangerona, e Alecrim.

CO-

CORO.

D.Niz. e *D.F.* Viva a Mangerona
Perpetua no durar.
D.Clor. e *D.G.* Viva o Alecrim
Feliz no florecer.
Todos. Viva a Mangerona
Viva o Alecrim,
Pois que hum ſoube vencer,
E a outra triunfar.
D.Niz. e *D.F.* No templo de Cupido,
Troféo de amor ſerá.
D.Clor. e *D.F.* Nas aras da fineza
Em chammas arderá.
Todos. Viva a Mangerona,
Viva o Alecrim,
Pois que hum ſoube vencer,
E a outra triunfar.

FIM.

AS VARIEDADES
DE
PROTEO,
OPERA,
QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Mayo de 1737.

ARGUMENTO.

SEndo Polibio cabeça de huma parcialidade, que em Egypto ſe fulminou, ſobre a depoſiçaõ de hum Monarcha daquella Coroa; prevalecendo o poder contrario, foy preciſo a Polibio retirarſe com huma filha unica chamada Cyrene, e chegando a Beocia, por caminhar mais occulto, deixou em huma ruſtica Aldea daquelle Paiz a Cyrene, até que achaſſe ſeguro porto a ſua errante fortuna. Chegando a Flegra, Cidade do Archipelago, foy recebido delRey Ponto, com diſtinçaõ nas eſtimações; mandando-o outra vez a Beocia, para Conductor da filha daquelle Monarcha, tambem chamada Cyrene, para Eſpoſa de Nereo ſeu filho. Em Beocia ſoube Polibio ſer fallecida de pouco aquella Princeza, por cujo motivo, incitado Polibio da ambiçaõ de ver coroada ſua filha, diſſimulando a embaixada, a conduzio a Flegra para eſpoſa de Nereo, affirmando ſer a filha delRey de Beocia.

No meſmo tempo chegou Dorida, ou Doris, filha delRey de Egnido, para eſpoſa de Proteo, tambem filho delRey Ponto; porém inflammado Proteo exceſſivamente na formoſura de Cyrene, valendo-ſe das variedades da ſua fórma (privilegio, que lhe concederaõ os Deoſes) intentou

tentou com extremos perſuadirlhe o ſeu amor, que impedindollhe Polibio na brevidade, que intentava do Hyminêo de ſua filha, Proteo o quiz matar, cujo golpe caſualmente recebeo Cyrene, procurando impedillo; e ſendo achado o punhal na maõ de Polibio, foy condemnado ao ſacrificio de Aſtréa; e para moſtrar a ſua innocencia, e evitar a victima da ſua vida, foy preciſo a Cyrene declarar, que Polibio era ſeu pay. Vendo Nerêo o engano, levado da altivez do ſeu genio, repudiou a Cyrene, a quem recebeo Proteo, eſtimando como fortuna o meſmo engano; ficando Dorida para eſpoſa de Nerêo, e ambos ſatisfeitos na mudança das eſpoſas.

Servem de Epiſodio a eſta Obra as Variedades, e transformações de Proteo, para conſeguir os favores de Cyrene.

INTERLOCUTORES.

Cyrene, *Reputada Princeza de Beocia, deſtinada para eſpoſa de Nereo.*

Dorida, *Princeza de Egnido, deſtinada eſpoſa de Proteo.*

Proteo. } *Filhos delRey Ponto.*
Nereo. }

Ponto, *Monarcha de todo o Archipelago.*

Poliбio, *Pay encuberto de Cyrene.*

Mareſia, *Criada de Dorida.*

Caranguejo, *Criado de Proteo.*

A Scena ſe repreſenta em Flegra.

SCE-

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Selva, e mar, com ponte.*
II. *Gabinete.*
III. *Boſque, e montanha.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Salla.*
II. *Gabinete.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Jardim.*
II. *Salla.*
III. *Templo de Aſtréa.*

ACTO

ACTO I.

SCENA I.

Porto de mar, em que haverá huma ponte, adonde chegarão eſcaleres para o deſembarque de Dorida, que o fará pela ponte acompanhada de Proteo, e nella eſtará Ponto, Caranguejo, e mais criados; e antes diſto apparecerá huma Náo à vela: e ao meſmo tempo paſſará hum coche pelo Proſcenio do Theatro, que ſerá de Selvà, e nelle virá Cyrene, e Polibio, e recolhendo-ſe, ſahirão os meſmos: tudo ſe executará em quanto ſe toca a Sinfonia, e cantão alternadamente os Córos.

CORO.

1. *Coro.* EM hora ditoſa
Venha Cyrene,
2. *Coro.* Em hora feſtiva
Dorida venha.
1. *Coro.* A ſer de Nereo,

2. Coro. A ſer de Proteo,
Ambos. Eſpoſa feliz.
1. Coro. Os Prados com flores,
2. Coro. Com perlas os mares,
Ambos. Os Sceptros eſmaltem
De eterno matiz.

Rey. Huma, e muitas vezes repitaõ as Nayades dos boſques, e as Ninfas do mar o ſuave Melibeo de alternados vivas, para que ſe eternizem os applauſos no mar, e na terra, ao meſmo tempo, que ſe multiplicaõ as felicidades em ambos os elementos. Em hora feſtiva, e ditoſa, tornem a repetir, que ſejaõ bem vindas à minha Corte de Flegra as illuſtres Princezas de Egnido, e Beocia, para que nas regias nupcias de meus filhos Proteo, e Nereo, ſe perpetue a Simidea eſtirpe das maritimas Deidades.

Cyren. Já que a ſorte me deſtinou, ò excelſo Ponto Monarca do Archipelago, às fortunas de eſpoſa de Nereo, com a gloria de filha tua, naõ envejo o throno de Juno, nem os dominios de Thetis.

Nereo. Nem eu, ó Cyrene, com eſſa belleza, o Solio de Jove, e o liquido Imperio de Neptuno.

Rey.

Rey. Cyrene, quando em hum ſó dia ſe encontraõ tantas felicidades, ſejaõ mudos interpretes de meu alvoroço os internos jubilos do coraçaõ; e tu, ſoberana Dorida, vem a meus braços, em quanto nos de Proteo te naõ enlaça amor no mais ditoſo Hyminêo.

Dorid. Os vinculos, com que amor me enlaça em Proteo, primeiro ſeraõ cadeas de minha eſcravidaõ, que voluntaria offereço a Voſſa Mageſtade, a quem já reſpeito como pay, e venero como Senhor.

Proteo. Ay de mim, que ſó eu na mayor ventura ſou o mais infeliz! *à part.*

Rey. Proteo, ſem duvida, que o prazer deſte dia ſe faz inexplicavel nas tuas vozes, notando no teu ſilencio a tua ſuſpenſaõ.

Proteo. Pois com effeito Dorida vem deſtinada para eſpoſa minha, e Cyrene para meu irmaõ Nerêo!

Rey. Eſſa pregunta parece ocioſa, pois antes do tranſporte das Princezas já eſtava deſtinada Cyrene para Nereo, e Dorida para eſpoſa tua.

Proteo. Naõ tem remedio o meu tormento. *à p.* Poderia ſer, Senhor, que mudaſſes o primeiro intento, achando, que as riquezas de Egnido ſeriaõ mais convenientes a

Nereo, como mais moço; e que a mim me ſobrava o pequeno patrimonio de Beocia; que a minha vontade naõ ſe rege por outro imperio, que o de teu preceito.

Carang. A Deos minhas encomendas: Proteo, naõ he nada, ora eſcutemos. *à part.*

Nereo. Enganas-te, Proteo, na ambiçaõ, que me ſuppoens nas riquezas de Egnido, pois eſtimo tanto a Cyrene Princeza de Beocia, que a julgo inſeparavel do ſeu eſtado; que o regio ſangue de ſeus progenitores a faz digna de mayor Imperio, e a mim me inhabilita para outro deſejo; e tanto que a ſer menos regia, e mais opulento o ſeu eſtado, a naõ recebera eſpoſa.

Polibio. Que ouço? Grande arrojo foy o meu! *à p.*

Carang. Proteo toda via parece, que deſeja alborcar a noiva; pois eu naõ trocarey huma couſinha, que lá vejo, nem por quantas Princezas tem a Berberia. *à part.*

Rey. Principes, a ſorte eſtá lançada: Cyrene he de Nereo, Dorida de Proteo; e Polibio, que conduzio a Cyrene, venha comigo a receber as eſtimações, que ſe devem à ſua peſſoa: e pois toda a Corte impaciente nos eſpera com feſtivos applauſos, naõ dilatemos a noſſa entrada. *Vay-ſe.*

Nereo.

Nereo. Vamos, formoſa Cyrene. *Vay-ſe.*
Cyren. Polibio, naõ te apartes de mim hum inſtante. *Vay-ſe.*
Polibio. Os Deoſes proſperem os meus intentos. *Vay-ſe.*
Proteo. Vamos, Dorida, vamos: oh quem pudera trocar a ſorte, ſe he ſorte, a que me acompanha! *à parte, e vay-ſe.*
Dorid. O coraçaõ preſágo naõ ſey, que me vaticina. *à parte, e vay-ſe.*
Mareſ. Vou cambaleando, pois me parece, que ainda eſtou no navio. *Quer irſe.*
Carang. Eſpere, menina; donde ſe vay meter entre a barafunda das carroças? Deixe-ſe eſtar, que em vazando a maré, ſe embarcará na ſua carruaje.
Mareſ. A mim me faraõ lugar em toda a parte.
Carang. Naõ vê a encangalhaçaõ, que lá vay? Vá, mas veja, que ha de ſuar bem para ſe meter na ſua eſtufa.
Mareſ. Parece, que aſſim he: ora voſſa merce viva mil annos pela advertencia.
Carang. Como poderey viver annos mil, ſe encontro mil mortes em cada olhadura de voſſa merce?
Mareſ. Taõ máos olhos tenho eu, que dém quebranto?

Carang.

Carang. Naõ ſaõ máos, pelo que ſaõ em voſſa merce; mas ſim pelo que ſinto em mim.
Mareſ. Pois que ſente?
Carang. Sinto-me muy aquebrantado.
Mareſ. Nunca ví dar quebranto em couſa má.
Carang. Se as almas ſaõ couſa má, bem má couſa ſou eu; naõ pelo que tenho de deſalmado, mas porque toda a alma deſſa formoſura a tenho transferida em mim amante Pythagorico de tua belleza.
Mareſ. Inſolente, deſcomedido, que fraze he eſſa de fallar-me?
Carang. Naõ ſey frazear melhor; e ſe cada hum enterra ſeu pay, como póde, eu reſuſcito o meu amor, como ſey.
Mareſ. Para que ſe lhe deſvaneça eſſa tentaçaõ, ſaiba logo em continente, que tenho feito a Diana hum voto ſolemne de perpetua caſtidade.
Carang. Naõ por meu voto.
Mareſ. E aſſim eſpero, que eſta ſeja a ultima vez, que tal couſa ouça; porque o meu voto naõ he couſa de brinco.
Carang. E quem votou miſſo?
Mareſ. A minha devoçaõ.
Carang. Pois antes queres ſer caſta, que caſtiça?
Mareſ. Hey de ſer ſolteira, para que em mim ſe acabe a minha geraçaõ.

Carang.

Carang. Vejaõ lá de que caſta he ella? Pois eu te armarey huma trempe, que tu te verás em ſayas pardas: Ora diga, e naõ póde annullar eſſe voto?

Mareſ. Eſtá revalidado com trezentos juramentos.

Carang. Pois, filha, ſenaõ desfazes eſſe voto, terás todos a froxo para te ſacrificarem.

Tocaõ os inſtrumentos do Coro.

Mareſ. Como he iſſo?

Carang. Naõ he tempo agora de o ſaberes, pois a comittiva já ſe vay pondo em marcha.

Mareſ. Dize mais duas palavras; como he iſſo do ſacrificio?

Carang. Tu o ſaberás, anda depreſſa para o teu carrinho, que em Palacio to direy. *Vay-ſe.*

Canta o Coro.

SCENA II.

Gabinete. Sahem Proteo, e Caranguejo.

Proteo. DEixa-me, naõ me perſigas, que naõ ha mayor tormento para hum infeliz, que a privaçaõ do retiro.

Carang. Senhor Proteo, que manía he eſſa?

Ao

Ao meſmo tempo, que te vez propinquſo a caſar, te vejo proximo a enlouquecer? Naõ eſperavas com alvoroços a Dorida Princeza de Egnido? Naõ dizias muitas vezes lamentando nas coſtas do mar: (ſe he que o mar tem coſtas) vem querida Dorida, e ſe por falta de aguas encalhou o teu navio, as dos meus olhos te traraõ ao reboque? Naõ andavas fazendo Sonetos a huma auſencia, e cantando minuetes a huma ſaudade? Pois como agora depois de poſſuir o que deſejavas, parece que naõ deſejas o que poſſues?

Proteo. Tudo iſſo aſſim he; porém às vezes ha incidentes taõ fortes, que deſtroem o mais firme penſamento.

Carang. Por ventura, ou por deſgraça, naõ he Dorida muito bella, e ſenhora de hum Reyno?

Proteo. Aſſim he.

Carang. Pois que mais deſejas? Ó certo he, que dá Deos nozes, a quem naõ tem dentes.

Proteo. Sabes tu, o que he amor?

Carang. Oxalá que o naõ ſoubera tanto! Amor, ainda que mal preguntei, nos homens he o meſmo, que querer bem; nas beſtas muares mormo; e nos outros animaes appetite.

Proteo.

Proteo. Pois como queres que naõ enlouqueça, ſe eu tenho amor?

Carang. Para que ſaõ eſſes terremotos, quando eſtás quaſi propinquo a ter em teus braços a Senhora Dorida?

Proteo. Ay, ſe ſouberas que..... mas naõ; ſepulte-ſe comigo a cauſa do meu tormento.

Carang. Se he por iſſo, diga-mo, que em mim ficará ſepultado eſſe ſegredo.

Proteo. Bem ſey, que naõ deſmereces a eſtimaçaõ, que de ti faço; porém.....

Carang. Porém que? Com que eſtamos? Queres que to diga?

Proteo. Naõ, naõ me prives da gloria de o pronunciar.

Carang. Iſſo he gloria do ceo da boca.

Proteo. Cyrene he a cauſa do meu tormento.

Carang. Naõ o diſſe eu? Oh como he certo o ditado da gallinha da minha viſinha!

Proteo. Confeſſo-te, que tal foy a violencia, com que me arrebatou a ſua em tudo peregrina belleza, que naõ tive acordo para deſmentir a inclinaçaõ: viſte aquella perfeiçaõ, que immortalizando-ſe nas ſuas galhardias ſe fez adorar como Deidade? Viſte aquelles olhos, que ſe adoptaraõ aſtros para adornar a esfera da ſua formoſura?

ſura ? Viſte aquella neve , que derretida de melhor eſtrella , ſoube congelar os corações ! Viſte aquelle ondeado epilogo de luzes , em cujos annéis preza a memoria naõ ſe lembra de outra igual maravilha ? Viſte.....

Carang. Eſpere , Senhor , com quem falla ? Iſſo he comigo ?

Proteo. Sim , porque vejas ſe tem deſculpa a minha loucura.

Carang. Agora vejo , que iſſo he loucura refinada ; eu por ventura vi nada diſſo , que dizes ? Eu vi aſtros , eſtrellas , Deidades , nem luzes ? Eu vi mais , que huma mulher ; ou huma Princeza , que tudo he mulher , formoſa ſim , porém naõ agora lá couſa do ſete eſtrello ?

Proteo. Calte , neſcio , que o teu genio groſſeiro naõ ſabe diſtinguir perfeições.

Carang. Eu cá no meu amor ſigo outra filoſofia mais natural ; a formoſura cá para mim ha de ſer clara , palpavel , que todos a entendaõ , como as paſtoras do tempo antigo.

Proteo. Oh quanto envejo a fortuna de Nereo , e quanto temo , que eſte incendio , em que me abraſo , conſuma ſacrilegamente os ſacrificios de ambos os Hymineos !

Carang.

Carang. E que determinas com eſſa deſordenada inclinaçaõ?

Proteo. Deixar a Dorida, e pertender a Cyrene a pezar de todos os impoſſiveis.

Carang. E Nereo teu irmaõ, que dirá neſſe caſo?

Proteo. Perdoe Nereo, que eu naõ poſſo reger a violencia de minha inclinaçaõ; Numen ſuperior parece, que a domina.

Carang. Em quanto a Nereo, já naõ he a duvida; porém Cyrene como ha de correſponderte, ſe he noiva, e Princeza? E o fallarlhe em amor ſerá crime de leza mageſtade.

Proteo. Tudo vence o tempo.

Carang. E ſe faltar o tempo?

Proteo. Naõ faltaraõ os extremos, pois ſou Proteo, que me ſaberey transformar em varias fórmas, para poſſuir os favores de Cyrene.

Carang. Senaõ fora Cyrene Princeza, te diſſera, que te transformaſſes ſempre em ouro, que he a melhor fórma para attrahir.

Proteo. E naõ ſerá deſacerto participarte a meſma virtude de transformar, pelo que póde ſucceder.

Carang. Eu, Senhor?

Proteo. Sim, tu.

Carang.

Carang. Se eu ſou capaz diſſo, já me começo a transformar na tua vontade, e me verás naõ ſó transformado, mas formado na faculdade amatoria; e ainda que ſou Caranguejo, farey muito, que ande para diante o teu amor. *Vay-ſe.*

Sahe Cyrene, e eſtará Proteo voltado com as coſtas para ella.

Cyren. Princepe?
Proteo. Que ordenas, ò Princeza,
Cyren. Cuidey, que era Nereo.
Proteo. Já ſey, que naõ ha mayor iufelicidade, que ſer Proteo.
Cyren. Porque?
Proteo. Porque ſendo Nereo, tivera a fortuna de merecerte eſſe cuidado.
Cyren. Nereo, em quanto Nereo, naõ merece mais, que Proteo, em quanto Proteo; a qualidade de eſpoſo, que eſtá para conſeguir, he que fórma a differença de Nereo a Proteo.
Proteo. Eſſa qualidade, ò Cyrene, he a que mais qualifica a minha deſventura.
Cyren. Se a formoſura de Dorida naõ pudeſſe fazer ditoſo ao mais deſgraçado, poderia queixarſe de infeliz a tua ſorte; mas como

mo na ſua belleza eſtaõ vinculadas as fortunas, mal pódes appetecer as de Nereo por inferiores.

Proteo. Mas com tudo a ſer poſſivel, que os Aſtros mudaſſem de aſpecto, e que os Planetas, que influiraõ no meu oroſcopo, pudeſſem commutar os ſeus influxos entre mim, e Nereo, eu fora mais ditoſo naõ ſendo Proteo, do que o meſmo Nereo com a dita, que goza.

Cyren. Enigmas parecem as tuas palavras.

Proteo. Se Nereo ſoubera, Senhora . . . .

Sahe Dorida.

Dorid. Oh quanto te agradeço, Cyrene, que divirtas as melancolias de Proteo; mas cuido, que ſerá eſtylo em Flegra receberem-ſe as eſpoſas com pompa funebre.

Proteo. Sempre as cauſas intenſas produzem effeitos contrarios; pois aſſim como ha lagrimas de goſto, porque naõ haverá triſteza, que ſeja alegria?

Dorid. Nem ſempre ſaõ continuos eſſes ſinaes no exceſſivo affecto.

Cyren. Dorida, porque o naõ ſerá o affecto, ſe o amor for exceſſivo?

Dorid. Porque affecto, que naõ ſabe mudar de

de affecto, he affectada demonſtraçaõ da vontade. Ptoteo, bem ſey que as tuas prendas mereciaõ mais bella Princeza, e mais digna eſpoſa; a tua triſteza me perſuade o deſgoſto de noſſo Hyminêo; e porque naõ perigue a realidade na conjectura, deſengana-me (que ainda he tempo) ſe acaſo eu motivo os teus pezares!

Proteo. Tu, Dorida, tu és a cauſa de minhas penas.

Dorid. Infeliz fuy; porém.....

Proteo. Naõ te aſſuſte eſta expreſſaõ, que como na gloria do amor ha ſombras de inferno, que muito me entriſteça o meſmo, que me alegra! Pois quando comtigo vejo a gloria, que me eleva, vejo tambem em ti o abyſmo, que me penaliza.

Cyren. Que bem expreſſado extremo!

Dorid. Que mal fingida fineza!

Proteo. Que mal entendido affecto! *à part.*

Canta Proteo a ſeguinte

ARIA.

Em ti meſma conſidero
De meus males o motivo,

Por

Por ti morro, por ti vivo,
Tu me matas, tu me alentas,
Pois comtigo eſtá meu mal,
E comtigo eſtá meu bem.
Deixa, pois, que triſte viva,
Quem alegre buſca a morte,
E verás, que deſſa ſorte
Eſta vida me horroriſa,
E eſta morte me convem. *Vay-ſe.*

Dorid. Que te parece, Cyrene, eſte novo modo de querer?

Cyren. He que o ſeu amor naõ he vulgar.

Dorid. Achas acaſo em Nereo ſemelhantes expreſſões?

Cyren. Ainda naõ houve occaſiaõ para a experiencia.

Sahe Caranguejo.

Carang. Se eu deſta me ſayo bem, tenho muito que contar: lá eſtaõ as duas Princezas, Cyrenes, e Doridas, eu darey o recado de ſorte, que Cyrene me entenda, e Dorida fique em jejum: finjo-me patéta, e mentecapto: ainda que me matem naõ hey de caſar.

Cyren. Que homem he eſte?

Dorid.

Dorid. Será algum tonto, com quem os Principes ſe divertem.

Carang. Tenho dito: contra minha vontade naõ ſe canſem.

Dorid. Naõ ſey, que graça achaõ neſtes tontos? Vay-te daqui.

Cyren. Deixa-o, que góſto de o ouvir.

Carang. He boa teima! Digo que naõ quero caſar: irra! A' força me querem encaixar huma mulher a queima roupa!

Cyren. Que tens, tonto?

Carang. Digo, que naõ quero, vá-ſe a noiva para a ſua terra.

Dorid. Que noiva?

Carang. Tu, cruel, vay-te com Satanás.

Dorid. Arrebatado no ſeu frenesí imagina, que falla com alguem.

Cyren. No caſar he a ſua teima.

Carang. Ay adorado impoſſivel, que ſó tu me regalas eſta alma!

Cyren. Com quem fallas?

Carang. Comtigo, comtigo hey de morrer a pés juntos; eſpera, naõ fujas, que dos braços de teu amante te arrancarey. *Vay-ſe.*

Dorid. As palavras deſte louco, naõ ſey, que ecco formaraõ na idéa, que me penetraraõ o coraçaõ.

Cyren. Naõ faças caſo de hum ſimplez.

Dorid.

Dorid. Se o coraçaõ naõ eſtivera ferido com as triſtezas de Proteo, deſprezara aquellas vagas loucuras; porém às vezes ſaõ preſagios as caſualidades; pois temo.....

Cyren. Que temes?

Dorid. Ay Cyrene, que os temores naõ ſe ſabem tanto explicar como ſentir!

Canta Dorida a ſeguinte

ARIA.

Naõ tenhas por delirios
Meus temores;
Que em amores
Em duvida he melhor
Temer, que confiar.
Oh credula naõ ſejas
De amor no cego engano;
Que em tal damno
Dos males, o peyor
Devemos eſperar. *Vay-ſe.*

Cyren. A' viſta daquellas expreſſões de Proteo venho a entender, que naõ ſaõ ſem fundamento os temores de Dorida; nem verdadeira a ſimplicidade do criado: oh cego amor, que de abſurdos vás fulminando, e que de horrores vás produzindo!

Sahe Polibio.

Polib. Filha Cyrene, naõ ſey ſe me peza do engano, que tenho fabricado, trazendote para eſpoſa de Nereo, em lugar de outra Cyrene, verdadeira Princeza de Beocia, querendo-me aproveitar do ſeu obito, e do teu nome ſemelhante ao della; pois já com as eſtimaçõés de verdadeira Princeza ſe me difficulta o verte as vezes, que o meu paternal amor deſeja.

Cyren. Pay, e Senhor, ſenaõ houvera outro mal que temer, eſſe com facilidade ſe podia remediar.

Polib. Pois que receas, levando taõ bom principio a noſſa induſtria?

Cyren. Temo, que ſe chegue, a deſcobrir, que a verdadeira Cyrene, Princeza de Beocia, he falecida, e que tu es meu pay, e eu intruza Princeza; e póde ſer, que ſe converta em luto toda eſta pompa feſtiva, e nupcial apparato.

Polib. As emprezas difficultoſas naõ ſe intentaõ ſem perigo, e ſem ſuſtos naõ ſe adquire huma Coroa: bem ſey exponho a minha vida pela tua elevaçaõ; porém conſiderando a brevidade, com que ſe ha de effeituar eſte Hyminêo, e que quando

ſe

ſe deſcubra o engano, te acharás Senhora do alvedrio de Nereo prezo nos laços de tua formoſura, e eſtimando como fortuna o ſeu engano, terá ditoſo fim o noſſo premeditado intento.

Cyren. Oh queiraõ os Deoſes proſperallo!

Sahe Nereo.

Nereo. Cyrene, como ſey eſtimas o exercicio da caça, por te dar eſſe alivio, tem ElRey meu pay determinado divertirte em huma caçada real, donde vejas a deſtreza, e valor dos noſſos monteiros.

Cyren. Impulſos ſaõ da benignidade delRey, a quem agradeço, e a voſſa Alteza o cuidado de meu divertimento.

Nereo. A taõ alta Princeza todo o exceſſo he devido.

Polib. Parece, Senhor, que apoſtaraõ os fados a fazerte ditoſo, unindo na eſpoſa, que poſſues, a ultima perfeiçaõ da formoſura.

Nereo. Polibio, huma formoſura naõ faz ditoſo a hum Principe: os illuſtres Heroes, de quem deſcende Cyrene, a fazem digna de minha veneraçaõ: a belleza he vulgar atractivo de hum animo plebeo: a regia

aſcendencia he digna eſtimaçaõ de hum Principe: a formoſura caduca com o tempo: a nobreza ſe immortaliza na poſteridade; e aſſim, Polibio, pódes entender, que a ſer Cyrene menos regia, abandonara o thalamo, e deſprezara a formoſura, naõ ſendo adornada da Mageſtade. *Vay-ſe.*

Cyren. E que dizes agora, Senhor? Eſtimará Nereo com a fortuna de poſſuír a minha belleza o ſeu engano? Vês cahida por terra a baſe, aonde erigias as tuas maquinas? Ay de mim, Senhor, quanto melhor me fora viver occulta, como eſtava, nas ruſticas aldeas de Beocia, que verme quaſi propinqua a cahir da eminencia de hum throno no abyſmo de tua ambiçaõ!

Polib. Naõ me affligas com eſſa ponderaçaõ: porém naõ foy pequena fortuna, poder no anticipado deſengano de Nereo buſcar o remedio deſte imminente damno; e no em tanto procura deſvanecerlhe com porfiados carinhos a violencia de ſua inclinaçaõ.

Can-

Canta Polibio a Seguinte

ARIA.

Na onda repetida
Do Zefiro impellida
Tal vez a dura penha
Amante naõ deſdenha
Seu liquido criſtal.
Se pois a clara eſpuma
Trofeo de hum monte alcança,
Bem póde haver mundança
Na inſtancia dos carinhos
Do genio ſeu fatal. *Vay-ſe.*

Sahe Mareſia.

Mareſ. Dorida te eſpera, Senhora, para irem à montaria.

Cyren. Eu vou: oh louca ambiçaõ a quantos precipitas! *Vay-ſe.*

Mareſ. Tomara, que Caranguejo me acabaſſe de explicar aquella arenga do Sacrificio, que lhe naõ pude perceber com a bulha das cantarollas; porém ſe tal hé, antes hey de dar hum olho ao demo, que huma maõ ao amor.

Sa-

Sahe Caranguejo.

Carang. Eu aſſim como tollo dey a entender a Cyrene o intento de Proteo, e ella a meu ver me naõ deixaria de entender, que tem olhos de grande tubercula.

Mareſ. Senhor Caranguejo.

Carang. Senhora Mareſia minha Senhora.

Mareſ. Ha muito, que nos naõ vemos.

Carang. Que ha de ſer? Eſta occupaçaõ de Sota-Miniſtro de Venus naõ me deixa huma hora livre para ter o meu regabofe.

Mareſ. Bom officio deve elle ſer.

Carang. Bom he; mas para o meu genio naõ he muito couſa; eſta tarde ſacrificámos quatro moças, como quatro torres, por naõ quererem caſar; e confeſſo-te, que quando levantey a machadinha para deſcarregar o golpe, que me fugio o ſangue do corpo.

Mareſ. Ay de mim, coitada! Diga-me, Senhor Caranguejo.

Carang. O que, Senhora Caranguejola?

Mareſ. Eſſa ley ſe cumpre tanto à riſca, que todas, que naõ caſaõ, morrem?

Carang. Uy, como dous, e tres ſaõ nove; ſaiba, (ſe he que o naõ ſabe) que toda aquella mulher, que ſe moſtra eſquiva, e deſ-

e deſdenhoſa, como v. g. aquellas que tudo me fede, ſe naõ abrandar a condiçaõ ha de ſer ſacrificio de Venus, como Deoſa dos amores.

Mareſ. Naõ ha ley mais barbara do que eſſa querer violentar a vontade!

Carang. Bem ſe póde caſar ſem vontade, pois quantos ſe caſaõ contra vontade?

Mareſ. Caſamento ſem vontade naõ he caſamento.

Carang. A'gora naõ; olha, a vontade he couſa que ſe naõ vê, e vendo hum homem a noiva, naõ lhe abre o coraçaõ para lhe ver a vontade, pois baſta ſaber, que tem as tres potencias de alma, memoria, entendimento, e vontade: porque iſſo de caſar ſempre vay na fé dos padrinhos.

Mareſ. E quem ſeria o magano, que tal ley inventou?

Carang. Calte, naõ ſejas blasfemia; olha, que foy Apollo em deſpique do rigor de Daphne.

Mareſ. Bem haja ella; o meſmo fizera eu; por força? Iſſo naõ, ainda que ſeja hum Sol; e além diſſo tenho feito voto de caſtidade a Diana, que me impoſſibilita o caſar, e hey de cumprillo, mais que me matem.

Carang. Por mim faze o que quizeres, que iſto naõ he mais que inſinuar; que ſuppoſto naõ ſejas minha proxima, pois do teu carinho vivo apartado, com tudo es criada de Dorida, e tenho dó dos teus poucos annos: coitadinha; que laſtima tenho de tí! Naõ olhes para mim, que cada vez, que te vejo, ſe me parte o coraçaõ.

Mareſ. Naõ te compadeças de mim.

Carang. Naõ póde ſer, que ſou muy mavioſo; em apertando os olhos logo choro.

Mareſ. Iſſo vay de ter bom coraçaõ.

Carang. Antes vay de ter bons olhos, que a mim nunca me chorou o coraçaõ no corpo, como as crianças na barriga.

Mareſ. Pois, Senhor Caranguejo, Mareſia naõ ha de deſcer da burra, ainda que a leve o diabo.

Carang. Pois eu montarey a cavallo, e irey dar parte à juſtiça; e ſómente por deſcargo de minha conſciencia te torno a lembrar a rigoroſa, ſevera, e fulminante ley de Apollo, a qual de cabo a rabo he a ſeguinte *per formalia verba, ibi.*

DE-

DECIMA.

Toda a mulher, que naõ for
Inclinada ao matrimonio,
Ha de levalla o demonio,
Se a naõ levar o amor:
Trate logo de depôr
Seu tyranno deſdenhar;
Porém ſe naõ abrandar
Seu rigor, deve eſcolher
Ou caſar, por naõ morrer,
Ou morrer, por naõ caſar. *Vay-ſe.*

Mareſ. Ha entaladura ſemelhante! Naõ ſey o que hey de fazer neſte caſo! Se caſo, he matarme; ſe naõ caſo, he morrer: oh que apertado caſo! Pois ſe tudo he morrer, eſcolherey a morte, que me for mais ſuave.

Canta Mareſia a ſeguinte

ARIA.

Naõ ha quem me diga
Por eſta Cidade
Se devo caſar,
Se naõ, ou ſe ſim:

Porém que verdade
Me pódem dizer,
Se eu hey de morrer
Aſſim como aſſim? *Vay-ſe.*

SCENA III.

Boſque. Haverá hum Monte matizado de flores, e ao ſom de huma Sinfonia de trompas hirão ſahindo varios monteiros com inſtrumentos venatorios, e ſe verão cruzar o Theatro varios animaes ſylveſtres, e ſahirão encontrados Cyrene, e Nereo.

Nereo. CYrene, naõ te empenhes tanto no ſeguimento deſſas féras, nem por hum divertimento aventures a tua vida: eſpera, e verás, que appreſento nas aras de tua formoſura o mais feroz javalí, que occultaõ eſtes boſques.

Cyren. Naõ, Principe; ſuſpende o exceſſo de teu valor, que temo em ti a tragedia de Adonis.

Nereo. Tendo a ventura de morrer nos braços deſſa melhor Venus, ambicioſo buſcarey a morte. *Cyren.*

Cyren. Se me comparas a Venus, já ſey ſerá fingida eſſa fineza.

Nereo. Fingida, porque!

Cyren. Porque a formoſura per ſi naõ te póde obrigar a nenhum exceſſo, naõ ſendo animada do Regio ſangue.

Nereo. Aſſim he; mas quando à Mageſtade ſe une a belleza, ſaõ mais venerados os Idolos da formoſura: mais formoſa, ao que parece, he a Lua, mas por ſer taõ baixa a ſua eſféra naõ merece tantos elogios de bella, como a minima eſtrella, pelo elevado ſolio, em que ſe oſtenta galharda maravilha dos Ceos.

Cyren. Viſto iſſo, a naõ ſer eu Princeza, naõ ſeria objecto de teu amor?

Nereo. Naõ ſupponhas hum impoſſivel, quando alcanço a fortuna de poſſuirte Princeza, e formoſa.

Cyren. Pois adverte, (já que me appellidas de Venus) que como Deidade eſtimarey mais os cultos, de formoſa, que os tributos de Princeza.

Nereo. Para mim naõ ha mais formoſura, que a nobreza, e amando-te como Princeza, te adoro como bella.

Cyren. Deſſa ſorte impoſſibilitas o Hyminêo, que deſejas; e para o conſeguires, has de ima-

imaginar-me ſem qualidade de Princeza, aliás . . . . .

Nereo. Que?

Sahe ElRey.

Rey. Que te afflige, Cyrene?

Cyren. Achar, Senhor, hum eſpoſo, que me adora por politica, mas naõ por affecto. *Quer irſe.*

Rey. Eſpera.

Sahe huma féra correndo.

Cyren. Mal poderey, até naõ vingar neſta féra as offenſas de outra. *Vay-ſe.*

Rey. Que foy iſto, Nereo?

Nereo. Senhor, permitte-me, que evite em Cyrene algum perigo no ſeguimento daquella féra. *Vay-ſe.*

Rey. Eſta condiçaõ de Nereo auſtéra, elevada, e ſoberba, ſem duvida motivou em Cyrene algum deſgoſto; naõ he aſſim Proteo, cujo genio mais docil he o attractivo dos coraçõnes: feliz Dorida ſerá com tal eſpoſo; mas ella alli vem.

Sahe Dorida.

Rey. Dorida, eſtimarey aches alivio no divertimento da caça. *Dorid*

Dorid. Antes me penaliza, por naõ achar a féra, que buſco.

Rey. Se eſconderia talvez temeroſa do teu valor.

Dorid. Antes pudera eu eſconderme temeroſa de ſua ferocidade.

Rey. Se a temes, como a buſcas?

Dorid. Para deſenganarme da qualidade de ſua eſpecie, pois tendo-a viſto varias vezes, naõ ſey diſtinguir a ſua natureza.

Rey. Declara-me eſſe enigma; ou dize-me aonde habita eſſa féra?

Dorid. Em Palacio.

Rey. Em Palacio que féra póde haver como eſſa que dizes?

Dorid. Quem? Proteo.

Rey. Proteo? Como? Declarate-te, naõ me tenhas confuſo.

Dorid. Proteo, Senhor, cujo genio indomito nem a politica o perſuade a ſer mais attento, nem a razaõ de eſpoſo o obriga a ſer mais amante.

Rey. Proteo? Naõ me perſuado.

Dorid. Vês por ventura aqui a Proteo, ao menos para liſongearme com as aſſiſtencias de eſpoſo? Ao meſmo tempo, que Nereo ſeguindo a Cyrene, adora os ſeus veſtigios.

Rey.

Rey. Naõ imagines em Proteo menos attençaõ à tua peſſoa; a caſualidade de ſeu deſvio neſta occaſiaõ naõ ſeja argumento de ſeu deſamor: ah ſe ſouberas a ſuave indole de Proteo, verias, que naõ cabem em ſeu peito as ferocidades, que lhe imaginas!

Dorid. Ah ſe ſouberas, que ainda lhe naõ mereci hum ſó agrado!

Rey. A naõ ſerem taõ dignas de fé as tuas palavras, as duvidara por incriveis. Proteo, ou mudou a natureza, ou perdeo o juizo; porém, antes que ſe accumulem novos incentivos à queixa, na brevidade do Hyminêo remediarey as deſordens da mocidade. *à part.*

Sahe Mareſia.

Mareſ. Senhores, que huma féra muy féra vem correndo atrás de mim! Ay que ella alli vem! Acudaõ-me todos.

Rey. Seguilla ſerá forçoſo: Dorida, retirate, que cedo darey providencia a teu ſentimento. *Vay-ſe.*

Dorid. Segue-me tu, que os inſtantes, que aqui me dilato ſem Proteo, ſaõ continuadas offenſas do meu decoro. *Vay-ſe.*

Mareſ. Tomara-me já daqui cem legoas!

Ao querer irſe Mareſia, lhe ſahe ao encontro Caranguejo transformado em porco montez.

Carang. Naõ ſerá facil.
Mareſ. Ay de mim, que porco taõ porco!
Carang. Queira amor, que a faça limpa.
Mareſ. Ay, que o porco me inveſte! Vayte daqui, naõ me emporcalhes.
Carang. Naõ fujas, que eu ſou o mais aceado porcalhaõ, que tem o Mundo.
Mareſ. Nem alentos tenho para fugir: Senhor porco montez, por vida de ſeus bacorinhos, que naõ ſuje o ſeu dente com o meu ſangue.
Carang. Attende primeiro a eſta amante porcaria, ſenaõ fico entendendo, que te naõ paſſa da garganta eſta alporca.

Inveſte, e cahe Mareſia deſmayada. e torna Caranguejo na ſua fórma.

Mareſ. Ay de mim! Quem me acode, que morri!
Carang. Ora eu a fiz como os meus narizes! Deſmayou-ſe Mareſia, ſem dizer aqui eſtou; ò Mareſia, ò rapariga, deſacidenta-te, deſmorre-te, olha que ſou eu Caranguejo, que em eſquálida fórma quiz co-

comer a bolota de tua formoſura ; mas ay de mim , que ella já eſtá fria ! Se eſtará morta ? Mas naõ , que ella meſma he huma neve ; porém ella naõ reſpira , morta eſtá ; mas naõ , que importa , que naõ reſpire , ſe ella he o meu alento ? Mas ay , que agora me deſengano , que eſtá morta de todo , que já me fede o ſeu deſdem ! Anda cá para os meus braços , que te quero receber à hora da morte. (*Toma-a nos braços.*) Oh nunca tornes em ti cadaverica Deidade , pois ſendo tu a defunta , eu ſou o que tenho o jazigo quando te tenho !

Mareſ. Ay de mim !

Carang. Meus peccados , que ſe vay acabando o prazo , que amor me concedeo !

Mareſ. Ay Caranguejo , que foy iſto ?

Carang. Foy iſto meſmo.

Mareſ. Aonde eſtá o porco ?

Carang. Aqui torce a porca o rabo.

Mareſ. Ora dize , aonde eſtá o porco , que me queria engolir ?

Carang. Ainda naõ eſtá fóra de te papar.

Mareſ. Mataſte-o ?

Carang. Morto eſtá elle há bem tempo.

Mareſ. E agora donde eſtou eu ?

Carang. Nos meus braços.

Mareſ.

Mareſ. Nos teus braços? Ay de mim deſgraçada mulher! Naõ ſey ſe quebrey o voto, que fiz a Diana!

Carang. Taõ vidrento he o teu voto, que com hum abraço ſe quebre?

Mareſ. Sou muy eſcrupuloſa neſſa materia: dize, Caranguejo, por tua vida, achas, que quebrey o voto, eſtando em teus braços?

Carang. Naõ eſtou bem certo; deita-te outra vez nos meus braços, para ver com mais circunſpecçaõ ſe quebraſte o voto.

Mareſ. Deſgraçada de mim! Eu nos braços de hum homem! Que me fará Diana, ſe o ſouber?

Carang. E quem lho ha de dizer? Eu por mim livre eſtás.

Mareſ. Antes o javali me emporcalhara, que verme em teus braços.

Carang. Para que tanto rigor?

Mareſ. Por naõ querer, que Diana me mate.

Carang. Pois porque fugias da féra?

Mareſ. Por naõ perder a vida.

Carang. Pois tolla, ſe fugias por querer viver, porque naõ fóges da morte, que te eſpera no ſacrificio de Venus, pela rebeldia do teu deſdem?

Mareſ. Porque aſſim como es de ſegredo, pa-

ra naõ dizeres a Diana, que eſtive em teus braços, tambem o ſerás para naõ contares a Venus, que ſou deſdenhoſa.

Carang. A Diana poderey ſer desleal, mas naõ a Venus, que ſou ſeu ſacerdotiſo; e aſſim, Mareſia, deixa-te deſſas loucuras; trata de buſcar marido, naõ queiras experimentar o rigoroſo golpe do ſacrificio.

Mareſ. Pois tu, que es o verdugo, naõ has de ter dó de me matar?

Carang. Dó terey, mas ha de ſer depois da tua morte; Mareſia, naõ zombemos, olha, que ſe te naõ reſolves, que eu meſmo hey de ſer o belegiim, que te leve às aras de Venus.

Mareſ. Que tens tu, que eu morra?

Carang. Porque quem te aviſa, bem te quer.

Canta Caranguejo a ſeguinte

ARIA.

Quando vires o duro cutello
Na tua garganta luzente vibrar,
Me dirás: baſta, baſta, eu me caſo;
Porém ſem remedio, que entaõ grogotó.

Buſca

Buſca amante o ditoſo conjugio,
E dize a Diana, que vá bugiar,
E antes te aperte o nó do Hyminêo,
Do que na garganta te aperte outro nó.
Vay-ſe.

Mareſ. Oh deſgraçada Mareſia! Para iſto vim eu cá acompanhando a Dorida? Naõ me fora melhor ſer no mar alimento de hum tubaraõ, que ſer em terra deſpojo de Caranguejo? Oh voto, quem nunca te fizera! Mas que digo? Ainda que morra, naõ hey de caſar. *Vay-ſe.*

Sahe Cyrene.

Cyren. Que loucura ſerá eſta, com que andaõ eſtes criados, pois antes querem a morte do que caſar? Porém para a fatiga da caſa parece, que eſte virente monte, a quem a Aurora bordou de perolas, e Abril de flores, me eſtá perſuadindo com vegetantes linguas, que nelle deſcance, em quanto naõ chega a comitiva.

Senta-ſe, e reclina-ſe no monte.

Oh delicioſa habitaçaõ dos boſques, dito-

ſa quem logra a tranquilidade de tua delicia, donde mais ſegura vive a innocencia nas pelles dos paſtores, que nas purpuras dos Principes!

Vay-ſe inſenſivelmente desfazendo o monte, em que eſtava Proteo transformado, em cujos braços fica Cyrene reclinada como de antes, ſem ver a Proteo.

Aqui as ſettas do amor, tendo mais por onde voar, naõ ferem com tanta violencia.

Proteo. Te enganas, Cyrene, pois até eſte monte ſe ſente abrazar em amoroſas chammas.

Cyren. Quem he, o que me reſponde? *Levantaõ-ſe.*

Proteo. Quem eternamente fora monte, a naõ ficar em duvida, ſe as penas ſabem amar.

Cyren. Proteo, que arrojo he eſte? Mas adonde eſtá o monte, adonde me recliney?

Proteo. Naõ te admire, que deſappareça hum monte de flores, quando em ſeu lugar eſtás vendo hum veſuvio de fogo, donde ſe fraguaõ, naõ as armas de Marte, mas ſim as ſettas de Cupidó.

Cyren. Ainda naõ poſſo comprehender o teu inſulto. *Proteo.*

Proteo. Qual he o amor, que naõ tem por azas o atrevimento? Se amor ſe contivera ſó na extenſaõ de ſeus limites, naõ ſeria exceſſivo; remontar-ſe à eſféra do Empyreo he timbre de ſeu poder; e aſſim naõ me crimines, Cyrene, que violando as leys do decóro, da politica, e do ſangue, rompa o meu amor neſtes exceſſos, que o ſobrenatural affecto, que em ti me arrebata, póde deſculpar o meu arrojo, e contraſtar a tua iſençaõ.

Cyren. Louco Principe, que intentas com teus extremos?

Proteo. Amar-te.

Cyren. Para que, ſe ſabes, que naõ poſſo correſponder-te?

Proteo. Para quererte naõ neceſſito da tua correſpondencia; que ſeria menos pura a chamma de meu amor, ſe para arder neceſſitaſſe de teus favores.

Cyren. Pois ſe amas independente, para que me buſcas amante?

Proteo. Para que naõ ignores o meu ſacrificio.

Cyren. E que importava deixar de o ſaber?

Proteo. Seria uſurpar-te a gloria deſſe triunfo, occultando-te o deſpojo da vitoria.

Cyren. Viſto iſſo, como eſtás ſatisfeito, fica-te embora.

Proteo.

Proteo. Eſpera.
Cyren. Que mais queres, ſe ſatisfeito eſtás?
Proteo. Que te lembres de meu amor.
Cyren. Para que, ſenaõ hey de premiar-te?
Proteo. Por naõ ſer preciſo tornar-te a ſignificar o quanto te adoro.
Cyren. Por evitar eſta occaſiaõ, ſó por iſſo me lembrarey.
Proteo. Adverte, que ſe te diſſe, que naõ eſperava favores, naõ he juſto, que experimente deſprezos.
Cyren. Naõ ſey, que meyo haja entre amar, e aborrecer.
Proteo. Huma inclinaçaõ, que nem he amor, nem deixa de o ſer.
Cyren. Mas poderá ſer amor.
Proteo. Se o for, ſerá benignidade tua, mas naõ que eu o eſpere.
Cyren. Oh, que ſe eſta chamma ardeſſe em Nereo, ſem ſuſtos conſeguiria a coroa!

Canta Proteo o Recitado, que ſe ſegue, e depois cantaõ os dous a Aria a duo.

RECITADO.

Belliſſimo prodigio, amado encanto,
Se te eu diſſera o quanto

Fina-

Finamente te adoro,
Julgaras fabuloſa a realidade,
Com que me abrazo amante
Maripoſa de amor neſſes teus olhos,
Que animadas eſtrellas
Nortes luzidos ſaõ de hum peregrino,
Que em votivos ardores
Offerece lacrimoſo em teus altares
Dous liquidos incendios em dous mares.

ARIA A DUO.

Proteo. Se acaſo te eſqueceres
Das lagrimas, que choro,
A fé, com que te adoro,
Lembrarte ſaberà
Cyren. Naõ cabe na memoria
Teu louco deſvario,
Pois de teu pranto o rio
Do Averno ſó ſerá.
Proteo. Ah, lembra-te de mim,
Que terno te adorey.
Cyren. Eſquece-te de mim,
Que tua naõ ſerey.
Proteo. Mal poderey eſquecerme,
Cyren. Mal poderey lembrar-me,
Ambos. De taõ violento ardor.
Proteo. Porque tanta impiedade

Cyrene infiel, porque?
Cyren. Porque faltar naõ devo
De eſpoſa à ſacra fé.
Ambos. Oh falte o meu alento,
Mas naõ o meu amor.

Fim do primeiro Acto.

ACTO.

ACTO II.

SCENA I.

Salla. Sahe ElRey, e Polibio.

Rey. JA que as Princezas vivem eſtimuladas das deſattenções de Nereo, e Proteo, abreviar as nupcias ſerá o unico remedio, para que ceſſe o ſeu eſtimulo. Polibio, tenho determinado, que hoje ſe conclua o regio Hymineo de meus filhos: eſpero da tua diligencia, que no exterior apparato conheçaõ as Princezas a eſtimaçaõ, que dellas faço.

Polib. A teus pés proſtrado, Senhor, te rendo as graças por taõ grande mercê, pois tambem me competem as glorias deſte dia.

Rey. A ti, porque?

Polib. Por ter a fortuna de ver coroada a Cyrene, já que tive a dita de ſer ſeu conductor.

Rey. Com iſto ſe atalharáõ as deſordens dos Principes; que a dilaçaõ às vezes he cauſa de grandes ruînas.

Polib. Acertos ſaõ da tua prudencia: na brevidade conſiſte a minha fortuna. *à p. Vay-ſe.*

Sahe

Sahe Dorida.

Dorid. Voſſa Mageſtade, Senhor, me permitta a licença de embarcar-me para Egnido na armada, que me trouxe infauſtamente a Flegra, porque ſenaõ augmente mayor injuria a minha peſſoa; pois quem antes de ſer eſpoſo me deſeſtima, que poſſo eſperar depois, quando as faculdades de marido ignorarem totalmente os eſtylos do carinho?

Rey. Dorida, a eſſa deſconfiança brevemente ſatisfarey; e adverte, que Proteo he meu filho, e naõ faltará às obrigações de ſeu ſangue.

Sahe Cyrene.

Cyren. Senhor, como no Principe Nereo naõ buſco honras, nem eſtados, pois eſtes, e aquellas me deu a fortuna, e a natureza, ainda que feudataria a teu vaſto imperio; e como na doce uniaõ de Hyminêo deve ſó reger a vontade as leys do amor, e naõ as da razaõ de eſtado, e em Nereo tudo ſaõ politicas no ſeu amor; digo, Senhor, que quero irme para Beocia, por naõ ſofrer o meu genio, que haja de ſe amar em mim, ou a poſterida-

de,

de, ou a aſcendencia, ficando vacilante na divizaõ do culto a independencia do amor.

Rey. Rigoroſos Deoſes, como aſſim ides trocando em pezares as minhas bem fundadas eſperanças? Princezas, eſſas deſconfianças ſaõ demaſiados eſcrupulos de huma fantaſia indiſcreta. Em Dorida a queixa he mais bem fundada; mas em ti, Cyrene, he ſem fundamento o eſtimulo; pois naõ poſſo comprehender eſſa metafizica de amor. Em fim, Senhoras, porque naõ ſuſpeite o Mundo neſſes regreſſos mayor cauſa, do que eſſa, hoje ſe completará eſſe Hyminêo, e entaõ vereis deſvanecidos os voſſos temores.

Dorida, e Cyrene com o lenço nos olhos.

Dorid. Já naõ ha tempo de eſperar eſſe deſengano; e quando naõ me permittas licença, nas correntes de meu pranto navegarey para Egnido.

Cyren. E eu voarey para Beocia nas azas de minhas penas.

Rey. Haverá quem poſſa reſiſtir a tantos martyrios!

Canta ElRey a ſeguinte

ARIA.

Refrea o prantº, Dorida,
Cyrene, naõ lamentes,
Naõ mais, naõ me atormentes,
Que póde ſer que troques
As magoas em prazer.
Deſterra o medo panico, *Para Cyren.*
Alenta no receyo, *Para Dorid.*
Alenta, pois, que creyo,
Que contra o meu imperio
O mal naõ tem poder. *Vay-ſe.*

Cyren. E que deſgraça foy a noſſa, Dorida, ou para melhor dizer a minha, pois tenho hum eſpoſo, que adora mais os meus progenitores, do que a mim; porque tudo he encarecerme a minha aſcendencia, amando mais o paſſado, do que o preſente!

Dorid. Pois eu, Cyrene, em nenhum tempo ſou amada; vê tu qual he mayor infelicidade?

Cyren. Em Proteo ſerá reſpeito eſſe deſvio; pois me conſta he extremoſo amante.

Dorid. Sabes mais, do que eu.

Sa-

Sahem Caranguejo, e Mareſia, cada hum por ſua parte, ſem verem as Princezas, como fallando ſó comſigo.

Mareſ. Por mais que me matem, naõ hey de caſar.

Carang. Naõ hey de caſar, ainda que me matem.

Dorid. Ha loucura ſemelhante! O peyor he que eſta criada eſtá com o meſmo delirio! Mareſia, que tens? Comunicou-te eſſe ſimplez a tua loucura?

Carang. Aqui ſe deſcobre a patranha. *à part.*

Mareſ. Minha Senhora, quero embarcarme para a minha terra; porque neſta, ou hey de morrer, ou hey de caſar; e eu nem quero caſar, nem morrer.

Dorid. Ainda mais eſſa pena tenho, que ſentir, vendo-te neſſe eſtado! Eſtá tambem louca confirmada! Que te parece, Cyrene?

Cyren. Será força de aſtro, que influa neſte emisferio.

Mareſ. Senhora, eu me quero embarcar por naõ morrer.

Dorid. Ha caſo igual?

Carang. Senhoras, digaõ-lhe que ſim, que ſe lhe contradizem, he capaz de ſe matar.

Mareſ.

Mareſ. De ſorte que eu fiz voto de caſtidade a Diana; e aſſim . . . . .

Carang. Sim, ſim, o que tu quizeres.

Mareſ. Naõ me deixarás, Caranguejo?

Carang. Muy doidinha eſtás! Vay-te dahi; naõ vês, que eſtás diante das peſſoas Reaes?

Mareſ. Pois eu aqui naõ hey de dar a oſſada, iſſo naõ. *Vay-ſe.*

Cyren. E a ti louco, quem te ha de reprehender?

Carang. Eu louco? He muy boa caſta de louco eſte! Louco ſeria eu, ſe por amor de meu irmaõ me caſaſſe contra vontade: iſſo naõ; ainda que meu pay me lançaſſe a maldiçaõ com a maõ direita.

Dorid. Calte, neſcio, que te aborreço.

Cyren. Muito ſe declara o fingido ſemplez. *à p.* Quem he teu amo?

Carang. Eu ſou huma virgula delRey Ponto, e quando eſtamos juntos fazemos Ponto, e virgula.

Dorid. Cyrene, diverte-te com o louco, que eu vou ſentir meus males. *Vay-ſe.*

Cyren. Anda cá, fingido; cuidas, que naõ penetro as tuas ſimuladas frazes?

Carang. Iſſo meſmo he o que eu queria.

Cyren. Quem taõ atrevidamente te induſtriou?

Carang. Hum louco de amor.

Cyren.

Cyren. Quem he eſſe louco?

Carang. He cá huma creatura, que por mais que lhe diſſe, Senhor Proteo, veja que a Senhora Cyrene, que aſſim ſe falla em auſencia, he eſpoſa de ſeu irmaõ Nereo, e que naõ póde caſar com ella; porque ainda que queiraõ os contrahentes, haõ de haver grandes impedimentos: mas elle, afferrando os dentes, bateu o pé na caſa, e pondo a maõ no peito diſſe: ou Cyrene ha de ſer minha, ou eu naõ hey de ſer eu.

Cyren. Com que Proteo, concebeo taõ attrevido penſamento?

Carang. Naõ Senhora, naõ foy Proteo, foy cá huma creatura.

Cyren. Adverte que a naõ querer fazer publica eſſa temeridade, experimentarias o caſtigo de teu arrojo. Vay-te daqui inſolente, antes que a colera domine a prudencia.

Carang. Tudo iſſo lhe diſſe eu; parece que advinhava, pois lhe diſſe: olhe creatura, que a Senhora Cyrene ſe ha de enfadar: vay a creatura, e dizme: Bom remedio, quando vires, que ſe agaſta, dize, que eſtás louco: com que, Senhora, naõ faça caſo, do que diz hum louco; e aſſim tor-

tornando ao meu lucido intervallo, digo, que naõ hey de caſar, ainda que me matem. *Vay-ſe.*

Cyren. Quem ſe vio em mayor enleyo! Mas já que a ambiçaõ de meu pay fabricou eſte engano, porque naõ quizeſtes, injuſtos fados, que vieſſe deſtinada eſpoſa de Proteo, no qual a cegueira de ſeu amor naõ diſtinguiria qualidades para amar, como em Nereo, que . . . .

Sahe Nereo.

Nereo. Venturoſo Nereo, que ouvio pronunciar o ſeu nome neſſe vivo Oraculo de Venus!

Cyren. Ay de mim! Se me ouviria? Naõ ouviſte mais, que o teu nome?

Nereo. Eſſa foy a ultima clauſula, que te ouvi.

Cyren. Bem eſtou. *à p.* Pois ſenaõ ouviſte mais, ouve agora, o que naõ ouviſte.

Sahe Proteo ao baſtidor.

Proteo. Buſcando venho o prodigio, que adoro; mas com Nereo eſtá; ay infeliz!

Nereo. Naõ dilates o venturoſo diſcurſo de quem foy aſſumpto à minha felicidade.

Cyren.

Cyren. Dizia, pois: que ſeja poſſivel, que naõ encontre em Nereo hum verdadeiro amor, que deslustre o luzido da ſua chamma com os fumos da politica! Que ame em mim mais o ſangue do que as veas! Que venere o pincel, e naõ eſtime a copia! Oh que indigno amor! Iſto dizia, Nereo; e ſe queres deſtruir eſte conceito, muda o ſyſtema do teu amor.

Nereo. Eſſa diviſaõ, que intentas fazer da formoſura, e da qualidade, he impraticavel na minha idéa; e ſenaõ dize-me: ſeria decente, que para eſpoſa minha eſcolheſſe outro ſujeito, menos que huma Princeza?

Cyren. Ay de mim! *à part.*

Nereo. Reſponde.

Cyren. Aſſim he.

Nereo. Reſponde-me mais: ſeria licito, que inflammado em huma vulgar formoſura, abateſſe o eſplendor da Mageſtade, antepondo o meu ardor ao meu decoro? Como ſe conſervaria a nobreza, ſe ſó o amor foſſe o director dos Hymineos? Em fim, Cyrene, naõ imagines, que deſeſtimo a tua formoſura, por eſtimar a tua grandeza; que quando as adoro unidas, naõ ſey diſtinguir a cauſa de meu amor.

Proteo. Que ouça iſto, e que viva!

Cyren. O amor, Nereo, deve ſer diſtincto, e naõ indifferente; que quanto mayor he a cauſa, donde ſe origina, tanto mais efficaz he o ſeu effeito: a qualidade póde infundir veneraçõeſ, mas naõ amor; a formoſura he aquelle vinculo mais forte, que prende a vontade; e como ſó a chamma do amor ha de arder na ſacra tea de Hymineo, faltando-te a occaſiaõ deſſe amor, naõ ſerá luzido o teu Hymineo.

Proteo. Notavel capricho de Cyrene!

Nereo. Enſina-me a fazer eſſa differença, para ſaber no que erra o meu amor.

Cyren. Has de imaginarme, naõ Princeza, porém huma particular formoſura, a quem ſó como amante tributes adoraçõeſ.

Nereo. E para que he eſſa differença?

Cyren. Porque ſe algum dia perturbarem os fados eſta proſperidade, que gozamos; arruinado o throno, quebrado o ſceptro, e murcho o laurel, naõ me deſeſtimes; porque já naõ ſou Princeza.

Nereo. Quando tal aconteça, contentarme-hey, com que tenhas ſido Princeza; e porque te naõ canſes com mais explicaçõeſ de amor, eſte he o ultimo deſengano, que te dou.

Can-

Canta Nereo a Aria, que ſe ſegue, e o ſeguinte

RECITADO.

Deixa, Cyrene, deixa eſſe exquiſito
Novo modo de amar, que em meus ardores
Naõ diſtingo outro modo de quererte
Neſte extremo de amarte,
Mais que hum puro adorarte,
Com taõ cega violencia,
Que confundo em meu peito o requiſito,
Que em enigmas propoens a meus ſentidos,
Pois que eſſa formoſura me perſuade
Que belleza naõ ha ſem Mageſtade.

ARIA.

Se em Mayo oſtenta a roſa
Os timbres de formoſa,
Naõ deve à formoſura
As glorias de Princeza,
Que a Purpura, que veſte,
Lhe deu a inveſtidura
De bella Imperatriz.
Pois ſó, ſe na belleza
Amor ſe vinculára,
Que cedo ſe acabara
Do tempo nos eſtragos
A pompa dos Abrís. *Vay-ſe.*

Sahe Proteo.

Proteo. Acaſo, belliſſima Cyrene, vive ainda na tua memoria aquelle efficaz extremo de meu amor?

Cyren. Naõ me lembres tanto, que às vezes o muito lembrar faz eſquecer.

Proteo. Pois nem queres, que te lembre a minha conſtancia?

Cyren. Para que, ſe me naõ eſquece? Que mais queres?

Proteo. Nada mais; eu me retiro. *Quer irſe.*

Cyren. Ouves? Naõ tornes mais a lembrarme. *Faz que ſe vay.*

Proteo. Adverte, que te naõ has de eſquecer.

Cyren. De que?

Proteo. Que deſejara, ſe poſſivel foſſe, naõ ſeres quem es.

Cyren. Para que?

Proteo. Para amarte independente da tua grandeza, pois baſtava para fazerme feliz, poſſuir a tua belleza em qualquer eſtado da fortuna.

Cyren. Que ouço? Apurarey a ſua fineza. *à p.* Naõ vês, que naõ eſtaria bem ao teu caracter menos eſpoſa, que huma Princeza?

Proteo. Em hum Principe ſem amor aſſim he; mas quando ſe ſente abrazar o coraçaõ na formo-

formoſura, rompem-ſe as leys da politica, e ſe promulgaõ as de Cupido.

Cyren. Pois a naõ ſer eu quem ſou, me adoraras com o meſmo extremo?

Proteo. Eu naõ adoro em ti mais, que a belleza, de cujo peregrino imperio ambicioſo dera, pelo conſeguir, quanto poſſuo: ainda he pouco, dera a liberdade: nada encareço, dera a meſma vida, ſe tudo já naõ tivera conſagrado em os tyrannos altares de teu rigor.

Cyren. Como ſabes ſer impoſſivel deixar de ſer quem ſou, por iſſo affectas eſſa fineza.

Proteo. O' Cyrene, pelos Deoſes do imperio do mar, e do abyſmo te juro, que as expreſſões, que me ouves, naõ ſaõ fantaſticas, ſe naõ verdadeiros effeitos de meu amor.

Cyren. Baſta, Principe, que iſſo he mais, que lembrarme o teu querer.

Proteo. He lembrarte com as circunſtancias, com que te adoro

Cyren. Mas já ſabes, que ſem a eſperança do premio.

Proteo. Baſta-me naõ viver ignorado na tua idéa, por naõ haver premio, que correſponda a meu amor, nem merecimento, que contraſte a tua iſençaõ.

SO-

SONETO.

Naõ intento ſavores merecerte,
Cyrene, quando chego a idolatrarte,
Que excedendo os limites ſó de amarte,
Nunca os principios toco de quererte:
Com razaõ poderias offenderte,
Se ambicioſo chegara a deſejarte,
Que para ſer mais fino no adorarte,
Sem premio o ſacrificio hey de encenderte:
Amar, naõ he querer, que impura ardera
A chamma de Cupido, ſe eſperara
Fructos, adonde tudo he Primavera;
E ſe acaſo, ò Cyrene, imaginara,
Que na tua belleza premio houvera,
Pelo premio a belleza deſprezara. *Vay-ſe.*

Cyren. Se direy a Proteo quem ſou, para eſtabelecer melhor a minha fortuna? Mas como, ſe Dorida, e Nereo embaraçaõ a minha proſperidade? Em Nereo vacila a Coroa; em Proteo tenho conſtante Sceptro: oh deſgraçada Cyrene! A tua felicidade te faz mais infeliz.

Sahe Polibio.

Polib. Chegou o venturoſo dia, em que ſe haõ

haõ de coroar as noſſas eſperanças com o diadema da poſſe; pois ordenou ElRey, que hoje ſe concluaõ os Hymineos dos Principes

Cyren. Mas, Senhor, naõ te lembraõ as palavras de Nereo?

Cyren. Nem tudo o que ſe diz, ſe executa.

Cyren. E ſe o executar?

Polib. E que remedio, ſenaõ obedecer aos fados? Que ſe todos os ſucceſſos ſe premeditaſſem, nenhuma acçaõ extraordinaria ſe intentaria: vamos, que na brevidade conſiſte muita parte da noſſa fortuna.

Cyren. Eſpera., Senhor, que póde ſer, que ſem ſuſtos a conſigamos.

Polib. Dize.

Cyren. Proteo me adora taõ exceſſivamente, que chegou a publicar entre varias expreſſões do ſeu amor, que ainda a naõ ſer eu Princeza, como ſuppoem, me faria eſpoſa ſua, e revalidou com taes juramentos, que me fez perſuadir a ſua realidade.

Polib. Saberá acaſo, que tu es minha filha?

Cyren. Naõ Senhor: e pareciame, que ſe pudeſſe eu ſer de Proteo, e ....

Polib. Calte naõ pronuncies tal, que para iſſo aſſim ſer, dependia do conſentimento delRey, da vontade de Nereo, e do beneplacito

neplacito de Dorida ; quanto mais, que pretexto decoroſo para iſſo poderia haver? Sigamos o premeditado deſignio, que os Deoſes nos ſeraõ propicios. *Vay-ſe.*

Cyren. Já nem eſperanças tenho de ſer feliz, pois vejo fruſtrados todos os meyos, que podiaõ fazerme ditoſa.

Canta Cyrene a Seguinte

ARIA.

Miſera já naõ poſſo
Fugir à crueldade,
Se hum pay me perſuade
Que ſiga o vil deſtino
De hum barbaro furor.
Pareceme, que vejo
Nos braços de Nereo
A morte por trofeo
Do ſeu cruel amor. *Vay-ſe.*

SCE-

SCENA II.

Gabinete adornado de cadeiras, e hum Relogio; e ſabe Mareſia.

Mareſ. SE Dorida me naõ manda para a minha terra, ſou capaz de me enforcar pelas minhas mãos; pois antes quero ſer eu a carraſca de mim meſma, que dar eſſe goſto a Caranguejo: mas ay de mim, que me naõ poſſo ter em pé, que de continuo conſiderar na materia, cayo com vertiges! Ay, ay, que tenho o miolo fofo! Se me naõ ſento, cayo de narizes; que ſeria de mim, ſe naõ fora o balſamo apopletico, que me corrobora o celebro?

Aſſenta-ſe em huma cadeira, que ſubitamente ſe transforma em Caranguejo, em quem ficará aſſentada Mareſia, cuidando, que eſtá na cadeira.

Carang. Já que Mareſia eſtá de aſſento, verey ſe poſſo furreticiamente approveitarme de ſeus culatraes favores, já que taõ atrazado eſtou no ſeu amor.

Mareſ.

Mareſ. Senaõ fora eſte voto de caſtidade, que me dera a mim de caſar?

Carang. Agora, que amor navega vento em popa, verey quanto peza eſte Indiaco planeta.

Mareſ. Se eu tivera a certeza, que Diana ſe naõ havia enfadar, já me caſara rebolindo: mas eu peccadora, como o hey de ſaber? Bem podia Diana, vendo a barafunda, em que me acho, naõ digo cara a cara, mas dizerme ao ouvido o que neſte caſo devo obrar.

Carang. Caſar.

Mareſ. Que ouço! Ditoſa orelha, que tal ouviſte! Logo poſſo ſem offenderte caſar?

Carang. Até rebentar.

Mareſ. Bem viſto iſſo o voto naõ val de nada?

Carang. Nada.

Mareſ. E a promeſſa val de pouco?

Carang. Como hum coco.

Mareſ. Naõ tenho mais, que ouvir: vou-me depreſſa a dar ordem a namorarme para caſar, antes que Diana ſe arrependa.

Quer levantarſe, e a detem Caranguejo.

Carang. Suſpenda.

Mareſ. Quem me agarra?

Carang. A minha garra.

Mareſ.

Mareſ. Es tu Caranguejo? Há mayor inſolencia! Eu aſſentada em ti! Como foy iſto?

Carang. Eu o naõ direy: o que ſey he, que eſtando aſſentado em hum tamborete, vieſte tu, e te ſentaſte nas minhas cadeiras.

Mareſ. Tal eſtava com as vertiges, que naõ reparey donde me aſſentava: e tu porque te naõ deſviaſte?

Carang. Eſtava dormindo, e naõ te ſentí.

Mareſ. Por iſſo eu dizia comigo: valhame Deos, que duro he eſte aſſento!

Carang. Por iſſo eu tambem dizia: valhame amor, que molle he eſta aſſentada! E logo aſſentey comigo fazer diſſo hum aſſento no canhenho de minha memoria.

Mareſ. Ouvirias tambem o que eu ouvi?

Carang. Que ouviſte tu?

Mareſ. Naõ, dize tu primeiro.

Carang. Naõ quero, dize tu.

Mareſ. Eu naõ hey de dizer, ſem tu dizeres.

Carang. Com que eſtamos aqui dize tu, direy eu? O que eu ouvi foy huma voz, ou hum ecco ſuſſurante, que dizia azar, azar.

Mareſ. Caſar, he, que dizia.

Carang. Caſar diria, ainda que eu naõ ouvi mais, do que azar; porém caſar, e azar tudo he o meſmo.

Mareſ.

Mareſ. Ja ſey, que naõ foy fantaſia, nem me enganey no que ouvi.

Carang. Pois que era?

Mareſ. Naõ era nada: que te importa?

Carang. A mim, dous caracoes; nunca tive genio de inqueredor; o que me importa ſaber, he, ſe ainda eſtás com eſtomago de ſer ſacrificada, que o tempo ſe vay acabando, e Venus ja me preguntou: eſta moça caſa, ou naõ caſa? E eu fiz, que a naõ ouvia, por ouvirte o ultimo deſengano; pois que dizes?

Mareſ. Senhor Caranguejo, eu ja eſtou reſoluta a caſar.

Carang. Eu ſempre diſſe, que tu morrias por caſar.

Mareſ. Quero caſar, que hey de fazer?

Carang. Que dizes, minha Mareſia? Dá cá hum abraço em alviçaras deſſa boa nova.

Mareſ. Abraço? Huma balla.

Carang. Que deſaballado rigor!

Mareſ. Quero, que Venus me deva eſſa fineza.

Carang. Ella te agradecerá; porém agora he neceſſario eſcolher marido logo, e já.

Mareſ. Ahi com tanta preſſa! Hey de eſcolher muito a meu vagar.

Carang. Qual vagar? Venus he muy executiva,

tiva, que ſe todas diſſeſſem, ainda naõ eſcolhi marido, com eſſe pretexto nunca caſariaõ: naõ Senhora, eſcolher logo, ou para melhor dizer, naõ eſcolher, ſenaõ fechar os olhos, e caſar, ſeja com quem for.

Mareſ. Iſſo agora he mais apertado.

Carang. Naõ tem remedio.

Mareſ. Com quem hey de caſar, ſenaõ conheço ninguem?

Carang. Lança os olhos por eſta caſa; vê, vê, ſe achas aqui, com quem te empregues.

Mareſ. Aqui, fóra elle, naõ eſtá ninguem.

Carang. Pois caſa com eſſe elle.

Mareſ. Quem? Comtigo!

Carang. Comtigo naõ, comigo.

Mareſ. Pois hey de caſar comigo.

Carang. Naõ, com eu.

Mareſ. Ora iſſo he o que me faltava; antes morrer, que caſar comtigo.

Carang. Pois eu ſou mais feyo, do que a morte?

Mareſ. Sim, que pódes ſer morte da morte.

Carang. Naõ me mortifiques com eſſe elogio funebre.

Mareſ. Era o que me faltava.

Carang. Talvez que te falte, quando me buſcares.

Mareſ. Se for para iſſo, nunca tu appareças.

Can-

Canta Mareſia a ſeguinte

ARIA.

Naõ vem o meu noivo
Como he galantinho ?
Com eſſe fucinho
Queria mulher ?
Que tolo, que ſimples, que necio he voſſê!
Bem ſey naõ mereço
Taõ lindos amores ;
Porém taes favores
Os lanço de mim co-a ponta do pé.

Vay-ſe.

Carang. Ora, Senhores, digaõ o que quizerem; a tal Mareſia, ſenaõ federa, era huma galante mocetona ; porque ainda que me naõ quer, diſſeme quanto quiz.

Sahe Cyrene.

Cyren. Louco, que fazes ahi ?

Carang. Eſtava vendo eſte relogio, que he huma galante peſſa ; e me diſſeraõ, que dava horas por minuetes, que parece gente, que canta.

Cyren. Começa com as tuas loucuras.

Carang.

Carang. Naõ Senhora, agora naõ tenho o relogio deſconcertado; mas eſpere, que elle começa a dar horas.

Canta Proteo o ſeguinte

MINUETE.

Toda a minha alma
Se abraza amante,
E a cada inſtante
Morrendo eſtá.
Mais que os minutos
Saõ meus ardores,
Nos teus rigores
Conta naõ ha.
Mas ay, tyrana,
Se a quem te adora
Foſſe eſta hora
Hora de amar!

Cyren. Iſto he mais, que artificio humano! Confuſa eſtou!

Carang. Eſtou vendo, que ha de vir tempo, em que os relogios comaõ, e caſem, e tenhaõ filhos.

Cyren. Quem me dera, que tornaſſe a repetir eſta ſuaviſſima conſonancia.

Carang.

Carang. O relogio he de repetiçaõ; ſe o quer tornar a ouvir, toque-lhe naquelle ferrinho, e verá.

Cyren. Tu, parece, que ſabes o ſegredo deſte relogio.

Carang. Sim, Senhora, o ſegredo deſte relogio ſó eu, e elle o ſabemos.

Cyren. Pois faze, com que repita.

Carang. Para que? Toque Voſſa Alteza meſmo com o ſeu altiſſimo dedo; que tem mais galantaria a maõ de huma Senhora no moſtrador de hum relogio.

Cyren. Pois eu toco; mas ay de mim! Proteo, como aſſim . . . .

Toca Cyrene no relogio, e eſte ſe transfórma em Proteo.

Proteo. Naõ te admire, Cyrene, que buſque o meu amor artificios, para communicarte, que donde naõ vence a força dos carinhos, vençaõ as ſubtilezas da induſtria. Tu ſabes o quanto te adoro; naõ ignoras o extremo, com que te idolatro; e quantos mais impoſſiveis encontro para poſſuirte, mais incentivos me arraſtaõ para quererte.

Cyren. Principe, o teu amor, ou o teu delirio

rio naõ póde ter recompenſa: naõ ſabes, que eſtou deſtinada eſpoſa de teu irmaõ, e que eſtás eleito conſorte de Dorida: Como poderá huma paixaõ cega vencer tantos impoſſiveis, e difficuldades?

Proteo. Logo ſe as naõ houvera, conſeguiria a tua belleza?

Cyren. Para que, ſe tu amas independente do premio?

Carang. Se dá corda ao relogio, naõ parará hum inſtante. *à part.*

Proteo. Ainda que ame ſem eſperança, naõ deſmereço o premio.

Cyren. Iſſo meſmo he eſperar o premio do merecimento.

Proteo. Naõ, que bem poſſo merecer, ſem eſperar.

Carang. Se eſpero, que iſto ſe acabe, tenho bem que eſperar, *à parte, e vay-ſe.*

Proteo. Só huma ſupplica te faço.

Cyren. E he?

Proteo. Que naõ buſques os braços de teu eſpoſo, que naõ ſeraõ taõ firmes, como os meus.

Sahe Polibio ao baſtidor.

Polib. Que vejo! Cyrene, e Proteo! Obſervarey o que dizem.

Cyren. Naõ ſey ſe me declare com Proteo, que aquella fineza naõ he para deſprezar. *à part.*

Proteo. Que te ſuſpendeo, Cyrene? Imaginas nos obſtaculos, que propuzeſte? Pois ſabe, que tenho no mar poder, e no peito fogo para conſumir a mais forte oppoſiçaõ.

Cyren. Ay, Proteo, quem pudera experimentar a tua conſtancia! Mas temo declararte . . . . .

Polib. Ay de mim, que Cyrene ſe declara!

Proteo. Naõ recees, que deſeſtime a occaſiaõ de poſſuir eſſa ventura, que me negas tyranna.

Cyren. Promettes, Proteo? Ay de mim! Naõ ſey o que digo! Se acaſo ſouberes . . . . . Que enleyo me embarça?

Polib. Eſtou perdido, ſe lhe declara o ſegredo!

Proteo. Que receas? Naõ ſabes o meu amor?

Cyren. Pois, Proteo, já que o teu extremo me ſegura o receyo, ſaberás, que eu . . .

Sahe Polibio.

Polib. Eu lho eſtorvarey. *à part.* Senhora, El-Rey ordena, que venhas já, para que ſe effeitue hoje o Hymineo.

Cyren. Ay de mim!

Proteo.

Proteo. Hoje meſmo?
Polib. He vontade delRey.
Proteo. Naõ póde haver dilaçaõ?
Polib. Nenhuma; vem, Senhora.
Proteo. Eſpera, Polibio, que celeridade he eſſa?
Polib. He obedecer aos imperios do Soberano.
Proteo. Obedece, mas naõ excedas; que iſſo mais parece violencia, que obediencia.
Polib. Mais val o exceſſo em hum vaſſallo, que a deſobediencia em hum filho.
Proteo. Tu me reprehendes, barbaro, foraſteiro? Naõ te lembra, que vieſte de Beocia a mendigar favores em Flegra? Senaõ fora.....
Cyren. Senhor, Polibio nos ſeus annos tem a deſculpa de ſeu exceſſo.
Polib. Senhor, como ElRey manda, que naõ vá ſem a Princeza, todo o exceſſo he louvavel: Senhora, naõ te dilates.
Cyren. Princepe, he força obedecer.
Proteo. Pois vás com effeito ao Hymineo?
Polib. Infallivelmente.
Proteo. Naõ te pregunto a ti; com Cyrene fallo.
Polib. Pois eu por ella reſpondo, que deixar de ir ſerá impoſſivel.
Proteo. E eu tambem por ella reſpondo, que ir naõ póde.

Polib. Eu ſem ella naõ hey de ir.
Proteo. E eu mando, que vás ſem ella.
Polib. Cyrene naõ he Dorida.
Proteo. E eu ſou Proteo, que huma vez empenhado em impedirte, que leves a Cyrene, o naõ has de conſeguir.
Cyren. Princepe, que te perdes! Polibio, que fazes?
Polib. Obedecer a ElRey.
Cyren. Princepe, a Deos; vou ſem alma! *à p.*
Proteo. Eſpera; ay de mim, que a vida, e o coraçaõ me levas! *à part.*
Polib. Venha Voſſa Alteza, que aſſim importa.
Proteo. Pois barbaro inſtrumento de minha morte, roubarey a tua vida, em recompenſa da que me levas.

Puxa Proteo hum punhal contra Polibio, e fere a Cyrene; que ſe mete de permeyo, e cahe deſmayada.

Polib. Que intentas?
Cyren. Suſpende, Senhor: mas ay que me feriſte, e o ſangue..... ay de mim!
Proteo. Que vejo! Cyrene (ay infeliz!) enſanguentada! Ah cruel, que tu foſte a cauſa.....

Polib.

Polib. A tua imprudencia ..... ha tormento igual! Senhora? Cyrene?

Proteo. O ſangue he copioſo; mas eu vivo, e Cyrene deſmayada! Eu me tirarey a vida para caſtigo de meu innocente delicto: morre, infeliz Proteo.

Ao querer ferirſe Proteo, Polibio o detem, tirandolhe o punhal, e fica com elle na maõ.

Polib. Senhor, que fazes? Naõ ſejas homicida de ti meſmo.

Proteo. De que me ſerve a vida, vendo ſem vida a Cyrene?

Polib. Larga o punhal; naõ te mates.

Proteo. Naõ he neceſſario mais inſtrumento para a minha morte, que a minha pena. *Vay-ſe.*

Sahem El Rey, Nereo, Dorida, e Mareſia.

Rey. Que exceſſo he eſte?

Nereo. Ay de mim! Cyrene enſanguentada!

Dorid. Sem alentos Cyrene!

Rey. Que foy iſto, Polibio?

Polib. Quem ſe vio em mayor afflicçaõ! *à part.*

Rey. Emudeces? Naõ reſpondes?

Nereo. Queres mais repoſta, que aquelle punhal, e aquelle ſangue?

Rey

Rey. Retirem a Princeza, e cuide-ſe exactamente na ſua ſaude.

Mareſ. Vamos: coitadinha! Ainda aſſim o ſangue real he vermelho como os outros ſangues. *Leva a Cyrene.*

Rey. Dize, infame, temerario, que eſpirito ſacrilego animou eſſe braço para tanto inſulto?

Nereo. Naõ perguntes, caſtiga ſem dilaçaõ.

Polib. Senhor, que direy? Eſte braço naõ ſe armou contra Cyrene, porque.....

Rey. Pois quem, ſe eſſe punhal te contradiz?

Nereo. Aquella ferida te condemna.

Dorid. E aquelle ſangue te accuſa.

Polib. E eſta vida me falte, ſe eu....

Nereo. Em vaõ negas, quando vemos em ti o punhal, e em Cyrene o golpe.

Polib. Oh Deoſes! Quem ſe vio em mayor conſternaçaõ? Pois ſe crimino a Proteo, ha de prevalecer a ſua defeza, e a minha innocencia perecerá. *à part.*

Rey. Nenhuma deſculpa dás?

Polib. Cyrene o dirá.

Rey. Pois em quanto o naõ diz, levem-no à torre de Palacio, aonde ſe apure o ſeu delicto, e da ſua culpa o caſtigo fique ao arbitrio de Nereo, como parte mais offendida.

Polib.

Polib. Naõ póde haver caſtigo, adonde naõ ha culpa.

Canta Polibio o ſeguinte Recitado, depois do qual cantaõ ElRey, Dorida, Nereo, e o meſmo Polibio a Aria a quatro.

RECITADO.

Naõ me aſſuſta, ò Monarcha, eſſe caſtigo,
Que me intimas irado,
Que o ſangue de Cyrene idolatrado
Derramar naõ procura, quem o eſtima,
Qual outro pay; porém ſe a ſorte impia
Pertende aſſim, que eu morra,
Morrerey ſatisfeito; mas adverte,
Se acaſo a minha vida
A ſua duplicara hoje no throno,
Eu ſeria homicida de mim meſmo,
E já na morte exangue
Lhe ſervirá de purpura o meu ſangue.

ARIA A 4.

Polib. Sem culpa ao ſupplicio
Me leva hum rigor.
Rey. Infame, traidor,
Sem culpa naõ he.

Nereo

Nereo. Naõ he ; porque a culpa
Bem clara ſe vê.
Polib. Teu rogo propicio *Para Dor.*
Senhora interceda
Por eſte infeliz.
Dorid. Naõ poſſo , que a culpa
Deſculpa naõ tem.
Polib. Naõ ha quem acuda
Por eſte infeliz ?
Dor. Rey. Ner. Naõ ha ; porque a culpa
Bem clara ſe vê.
Polib. Que eu morro innocente
Vós Deoſes ſabeis.
Dor. Rey. Ner. Da juſta vingança
O exemplo ſereis.
Polib. Da injuſta vingança
Aos Ceos clamarey.
Dor. Rey. Ner. Os Deoſes fulminem
Hum grave caſtigo ,
Que a hum barbaro dê.

Fim do Segundo Acto.

ACTO

ACTO III.

SCENA I.

Jardim, em que eſtará ſobre huma pilaſtra hum vaſo de amor perfeito, e em outra mais inferior, outro de cravos amarellos; e ſahe ElRey Ponto.

Rey. QUem me aconſelhará em tantos combates de duvidas, quantos aſſaltaõ a eſte afflicto coraçaõ? Deixo as imprudencias dos Principes na deſattençaõ das Princezas, como mal que póde ter remedio; mas a ferida de Cyrene naõ tem cura na minha magoa. Que furor fulminado do cavernoſo Abyſmo impellio o peito de Polibio para tanto exceſſo? Naõ cabe na imaginaçaõ o ſeu atrevimento.

Sahe Cyrene.

Cyren. Senhor, a teus pés . . . . .

Rey. Que exceſſo he eſte, Cyrene? Como te vejo neſte lugar ainda mal convalecida?

Cyren.

Cyren. A ferida naõ foy taõ grave, como ſe imaginou, pois a penas penetrou a regiaõ da cutis; porem, ainda que fora mortal, nem por iſſo deixara de vir a teus pés.

Rey. Que cauſa póde obrigarte a tanto exceſſo?

Cyren. A liberdade de Polibio, por quem Senhor intercedo; e ſe o meu valimento póde merecerte alguma attenção, eſpero da tua benignidade, ſatisfaças ao empenho do meu deſejo.

Rey. Quando eu cuidava, que vinhas a fomentar o ſeu caſtigo, vens interceder pela ſua liberdade?

Cyren. Por iſſo meſmo, porque a vingança naõ cabe em peitos generoſos.

Rey. E que diria o Mundo, vendo impunido hum taõ grave delicto?

Cyren. Melhor he, que o Mundo ignore, que houve atrevimento em hum vaſſallo para crime taõ execrando; que ha caſos às vezes, em que he melhor diſſimular a culpa; que caſtigar o delicto.

Rey. E naõ pódes penetrar o deſignio deſſa temeridade de Polibio, ou que intereſſe buſcava na tua morte?

Cyren. Naõ ſey mais, que pedirte a ſua liberdade.

Rey.

Rey. A Nereo, como parte mais offendida, entreguey a culpa de Polibio; delle depende a ſentença; a elle pódes recorrer. *Vay-ſe.*

Cyren. Ay de mim! Que ſendo Proteo o que me feriſſe, ſeja Polipio o culpado? Mas Polibio, que ſenaõ deſculpou com Proteo, moſtrando a ſua innocencia, ſem duvida que o quer conſervar para o fim de ſeus intentos. Ay amado pay, quantos extremos te devo, pois pela minha fortuna offereces a tua vida! Mas para que neſte oceano de confuſoens ſaiba o norte, que devo ſeguir, lhe enviarey hum aviſo occulto nas flores de hum ramalhete, para que com eſta cautella ſe encubra o meu deſignio. Eſte amor perfeito ſeja o inſtrumento de minha fortuna

Ao tirar hum ramo de amor perfeito, deſapparece a pilaſtra, e o vaſo, ficando em Proteo, em cuja maõ ſe une a de Cyrene, cuidando, que pega na flor.

Ay de mim! Que vejo? Atrevido Proteo, ſoltame a maõ, naõ queiras com os diſfarces de flor encubrir os venenos de Aſpide, que tu naõ es o amor perfeito, que eu buſco. *Can-*

Canta Proteo o ſeguinte Recitado, e Aria.

RECITADO.

Amor perfeito ſou, Cyrene bella,
Que inundado da copia de meu pranto
Ao Empyreo ſe eſtende a minha rama,
Que ſó no Ceo de fogo buſco a chamma,
Como centro feliz de meu incendio;
E ſe aquella ferida,
Beliſſima homicida,
Augmenta teu rigor neſſa impiedade,
Huma caſualidade
(Ay de mim!) deſtruir naõ póde aquella
Doce eſperança, que me promettias;
Mas ſe a innocente culpa, que naõ tenho,
Teus rigores augmenta,
Verás (oh impia ſorte!)
Buſcar na minha dor, a minha morte

ARIA.

Se Amor, ſe a Parca irada
Qualquer tirarme intenta
A vida, que me alenta;
Mais val que eu ſeja, (ó bella)
Triunfo, naõ da morte;
Deſpojo, ſim do amor;

Poi

Pois quando afflicto intento
Buſcar mayor tormento,
Morrendo ſó de amarte,
Será o penar mayor. *Quer irſe.*

Cyren. Eſpera, Proteo, que naõ te crimino, para te caſtigares: bem ſey, que eu meſma me entreguey ao golpe, quando intentavas ferir a Polibio.

Proteo. Tambem ſey, que eu, ainda que innocente, fuy o inſtrumento de teu eclypſe; e ainda que no ſagrado de tua belleza acha immunidade a minha culpa, permite-me, Cyrene, que a ſatisfaça morrendo.

Cyren. Naõ he tempo agora de ouvir finezas; ſabe, que Polibio . . . .

Proteo. Já ſey, que a Polibio ſe imputou o delicto de ferirte, e que prezo eſtá na torre de Palacio.

Cyren. E ſabe, que por te naõ criminar, conſentio mudamente no crime, que ſe lhe impoz: agora Proteo, he eſcuſado lembrarte a obrigaçaõ, em que eſtás de o libertares, como Principe, e como generoſo; que he razaõ te empenhes, em defender huma innocente vida, que pela tua tranquilidade, ſe expoem ao mais funebre cadafalſo. *Proteo.*

Proteo. Supposto seja Polibio o instrumento de minha ruina, na celeridade de teu Hyminêo; com tudo, como te empenhas na sua liberdade, por ella exporey a minha vida; que morrer por ti, ò Cyrene, naõ he novidade no meu amor.

Cyren. Naõ he necessario por ora tocar o ultimo extremo da fineza; vença a industria primeiro, e depois a desesperaçaõ; e só essa acçaõ poderá persuadirme a tua constancia.

Proteo. Pois ainda della duvidas?

Cyren. Sim; pois até o presente naõ experimentey em ti mais, que variedades na tua fórma; deixa pois o mudavel, e sê firme na efficacia de tua fineza.

Proteo. Ainda que tenha por natureza o mudavel, isso he quanto ao exterior, pois todas essas mudanças, saõ demonstrativos de minha firmeza.

Cyren. Pois, Princepe, na liberdade de Polibio a experimentarey.

Proteo. Na liberdade de Polibio o verás.

Ao irem-se, sahem ao encontro Nereo a Cyrene, e Dorida a Proteo.

Dorid. O que ha de ver, Cyrene?

Proteo.

Proteo. Na vida de Polibio o caſtigo de ſua temeridade. *Vay-ſe.*

Nereo. Que intentas experimentar?

Cyren. A tua fineza na liberdade de Polibio, a pezar dos empenhos de Proteo.

Nereo. Ah tyranna, que bem percebo a tua induſtria! *à part.*

Cyren. E aſſim, Nereo, eſpero da tua generoſidade, que libertes a Polibio; que com eſte premio lhe ſatisfaço o ſer ditoſo inſtrumento de eu poſſuir a felicidade de eſpoſa tua, na conducçaõ de Beocia para Flegra.

Nereo. Parece, que algum ſuſto, ou perplexidade, te fez mudar a intençaõ de tua ſupplica. . . . . Ah tyranna! *à part.*

Cyren. A ancia, que tenho de libertar a Polibio, quando me afflige o coraçaõ, naõ me perturba o acordo, para pedirte a ſua liberdade.

Nereo. Para te oſtentares generoſa, baſta ſaberſe, que intercedeſte por Polibio; mas eu como duas vezes offendido, na ſua vida vingarey as minhas offenſas. *Vay-ſe.*

Cyren. Que ſe falte ao reſpeito a huma eſpoſa, e a huma Princeza! Dorida, intercede tambem por Polibio, que talvez ſeja mais venturoſa a tua ſupplica.

Dorid.

Dorid. Pede a Proteo, que naõ deixará de ſatisfazer ao teu empenho, que eu me embarco para Egnido ſem dilaçaõ, pois já conheço a cauſa, donde naſcem os deſvios de Proteo.

Cyren. Donde, Dorida?

Dorid. Donde naõ imaginava, Cyrene. *Vay-ſe.*

Cyren. Ay infeliz, que Proteo me intenta precipitar com ſeus extremos, pois do ſemblante de Nereo, e das palavras de Dorida infiro os zelos, em que ſe abrazaõ! Ah Proteo, já que tu es a cauſa de todos os meus males, ſê algum dia inſtrumento de minha fortuna.

Canta Cyrene a ſeguinte

ARIA.

Fortuna, que inconſtante
Te oſtentas rigoroſa,
Quando ſerey ditoſa?
Quando ſerey feliz?
Suſpende por hum pouco
Teu moto acelerado,
Naõ ſeja ſempre o fado.
Cruel a huma infeliz. *Vay-ſe.*

Sahe

Sahe Mareſia.

Mareſ. Agora me diſſe Dorida, que me preparaſſe, que nos haviamos embarcar para a noſſa terra; iſſo já havia ſer ha mais tempo; e ſem dizer nada a Caranguejo, me hey de deſpedir em Grego, que inda he peyor, que em Latim; e quantos traſtes, e cacaréos tiver, tudo hey de levar comigo. E para ſacrificar a Diana Deoſa dos boſques, levarey eſte craveiro de cravos amarellos, em memoria da deſeſperaçaõ, em que me poz o ſacerdotiſo Caranguejo; e aſſim já o vou levando, ainda que ſeja ao collo:

Ao tomar Mareſia o craveiro nos braços, ſe tranſfórma eſte em a figura de Caranguejo, e diz Mareſia o ſeguinte.

Mareſ. Mas ay! Que diabo he iſto?

Carang. Naõ he diabo; ſou eu meſmo, que ſou endiabrado.

Mareſ. Es tu? Deixa-me negro mofino.

Carang. Mofina es tu, que nenhum favor me dás.

Mareſ. Larga-me, ſenaõ hey de chamar a que delRey.

Carang. E eu hey de chamar a que de Venus.
Mareſ. Tu naõ queres?
Carang. Quero, quero.
Mareſ. Pois toma. *Atira com elle ao chaõ.*
Carang. Só iſſo me pódes dar; mas cahindo a teus pés, naõ quero mayor fortuna.
Mareſ. He muito atrevido: com enganos comigo?
Carang. Deixemos iſſo, Mareſia, que já naõ eſtamos neſtes termos, pois ſó a teus pés proſtrado, poem a boca hum Caranguejo amante; e te pede com lagrimas de ſangue, que ſe has de eſcolher marido, que ſeja eſte pobre mendigo de teus favores, pois niſſo farás huma obra pia; porque ſou hum moço orfaõ ſem pay, nem mãy.
Mareſ. Já naõ ſe me dá de Venus; porque hoje me embarco, e mais Dorida, e nos vamos deſta maldita terra.
Carang. Iſſo he fallar.
Mareſ. Quando o vires, ou quando me naõ vires, entaõ o crerás.
Carang. Naõ poderas ter feito iſſo ha mais tempo, e eſcuſara de andar dando tratos ao juizo, empenhando-me com Venus, pedindo-lhe amoratorias para te eſperar, ficando eu por teu fiador, abonando a tua peſſoa? Iſto tudo tenho obrado a teu reſpeito,

peito, e agora, que ha de ſer de mim?

Mareſ. Cada qual forra a ſua pelle.

Carang. E a minha ha de ficar cativa, para Venus me tirar do coiro a fiança?

Mareſ. Que tenho eu com iſſo?

Carang. He boa eſſa! Naõ Senhora, que eu fiquey por voſſê, que havia de caſar mais dia, menos dia; e agora quer eſcapolir? Nada: mandado de ſegurança no caſo.

Mareſ. Eu naõ vou por minha vontade, que Dorida me leva.

Carang. Pois caſa primeiro, antes que te vás, ainda que ſeja comigo, e vay-te depois muito embora, que iſſo baſta para eu ficar liberto no forro interno.

Mareſ. Qual caſar? Se eu por amor diſſo me vou, e comtigo muito menos.

Carang. Eſſe menos, he que he o mais.

Mareſ. O que poſſo fazer, he deſpedirme de ti: ſe queres, direy, que te fiques embora.

Carang. Eu ſempre ouvi dizer, que quem ſe deſpede, ſe abraça, e ſe me has de abraçar, deſpeçamo-nos já.

Mareſ. Hum abraço Francez naõ ſe nega a ninguem. *Abraça-o.*

Carang. Ora ſeja pela vida, e ſaude do Senhor ſeu pay: abraçada ſeja a tua alma todos os dias da tua vida.

Cantaõ Caranguejo, e Mareſia a ſeguinte

ARIA.

Mareſ. Senhor Caranguejo,
A Deos, que me vou:
Carang. Lá vay o meu bem,
Meu mal me matou.
Mareſ. Naõ chore, barbado,
Voſſê he rapaz?
Carang. Amor he que chora,
Que amor he rapaz.
Mareſ. A Deos, que me vou
Carang. Naõ digas tyranna,
Ambos. A Deos, que me vou.
Mareſ. Oh quanto me cuſta
Deixarte ſem mim!
Carang. Oh quanto me aſſuſta
Ficarme ſem ti!
Ambos. Porém paciencia,
Que na agua do pranto
Amor ſe affogou.

Vay ſe

SCE

SCENA II.

Salla. Sahem Nereo, e Cyrene.

Cyren. HE poſſivel, Nereo, que os rogos de huma eſpoſa naõ tenhaõ valimento na tua attençaõ?

Nereo. Por iſſo meſmo, que para que ſe ſaiba, o quanto eſtimo a minha eſpoſa, hey de moſtrar, o quanto ſey vingar a ſua offenſa.

Cyren. Se eu demitto de mim eſſa offenſa, já te naõ fica acçaõ para a caſtigar.

Nereo. As offenſas da eſpoſa ſaõ reciprocas ao eſpoſo; e ſe da tua parte demittes a injuria, da minha naõ perdoo a offenſa: ò lá, tragaõ aqui a Polibio, para que veja Cyrene no ſeu caſtigo o meu amor.

Cyren. Barbara fineza he eſſa, Nereo: quem vio mayor deſgraça! *à part.*

Sahe Polibio com cadeas, e Guardas.

Polib. A' tua preſença chega o infeliz Polibio, e taõ infeliz, que pela meſma acçaõ, que devera ſer premiado, ſe vê na conſternaçaõ de perder a vida.

Cyren.

Cyren. Mal poſſo conter as lagrimas.

Nereo. Polibio, já ſabes, que ſou o Fiſcal de tua culpa; do caſtigo naõ duvides; porém para que ſeja menos horroroſo o eſpectaculo, quero me digas, qual foy o fim de taõ enorme delicto?

Polib. Que delicto?

Nereo. Ainda te atreves a negar, ou imaginas, que naõ delinquiſte?

Polib. Sim, porque naõ offendi a Cyrene.

Nereo. Naõ intentes negar hum delicto, que naõ tem defeza, que quaſi aos noſſos olhos foy commettido; ſó quero me digas quem te impellio a tanto exceſſo?

Polib. Senhor, eu naõ offendi a Cyrene; ella ſabe a minha innocencia.

Nereo. Pois quem?

Polib. Cyrene o dirá.

Nereo. Cyrene, ſe queres a vida de Polibio, porque naõ declaras o offenſor?

Cyren. Ay infeliz! Que farey entre hum pay, e hum amante? *à part.*

Nereo. Que dizes? Mas nada digas, que o teu ſilencio eloquente me diz, que foy Polibio; que ſenaõ foſſe, quando lhe deſejas a liberdade, accuſarias o delinquente: naõ tenho mais, que averiguar: ſeja Polibio conduzido ao Templo de Aſtréa, aonde no rigor

rigor da juſtiça pagúe com a vida o ſeu delicto.

Chegaõ os guardas a levar a Polibio.

Cyren. Eſperay, que Polibio naõ he o delinquente.

Nereo. Pois quem, Cyrene?

Cyren. Que direy? Oh abyſmo de confuzões! *à part.*

Nereo. Levay a Polibio, que Cyrene o condemna.

Polib. Vamos, que hum reſpeito me crimina. *Vay andando.*

Cyren. Vença ao amor a natureza: ſuſpendey, que eu declaro quem foy o delinquente.

Nereo. Saõ eſcuſados eſſes artificios para ſuſpender a execuçaõ: levem a Polibio, que elle he o delinquente.

Cyren. Naõ he, Nereo; naõ he: eu he, que fuy a delinquente.

Nereo. De que ſorte?

Cyren. Deſta ſorte: como determinava ElRey a brevidade do noſſo Hymineo....

Sahe Proteo com eſpada, e Soldados tambem com ellas, e Caranguejo armado.

Nereo. Que he iſto, Proteo?

Proteo.

Proteo. Libertar a Polibio, para que a ſupplica de Cyrene naõ fique ſem ſatisfaçaõ decente à ſua peſſoa.

Nereo. Pois tu intentas deſpicar as injurias de minha eſpoſa?

Proteo. Naõ: mas as injuria de huma Dama offendida, ſim.

Cyren. Mayor damno ſe vay originando. *à p.*

Polib. Proteo obra como Principe. *à part.*

Carang. Hoje ha de ir tudo com Berzabú.

Nereo. Proteo, enlouqueceſte? Naõ ſabes o perigo, a que te expoens?

Proteo. Já ſey.

Nereo. Pois que intentas, ſe o ſabes?

Proteo. Defender a Polibio.

Nereo. Como?

Proteo. Deſta ſorte. *Brigaõ.*

Carang. Ay que aqui eſtá o homem! Que he iſſo lá?

Nereo. Inſolente Proteo, ſaberey caſtigar a tua temeridade.

Polib. Valha-me o valor de Proteo.

Cyren. Nereo, Proteo, que intentas? Ay de mim! Polibio, retirate.

Polib. Naõ poſſo, que as prizões me embaraçaõ.

Proteo. Polibio, ſegue-me.

Nereo. Naõ em quanto eſta eſpada ſe unir a eſte braço. *Carang.*

Carang. Ah cobardes, hoje ha de ſentir o Mundo as mordeduras deſte Caranguejo.

Sahem ElRey, e Dorida.

Rey. Que inſulto he eſte? Que he iſſo, Principes? ſuſpendey as armas.
Proteo. Fruſtrou-ſe o meu intento. *à part.*
Dorid. Que laſtimoſa tragedia!
Carang. Bom padrinho tiveraõ.
Rey. Nereo, que exceſſo foy eſte?
Nereo. Arrojo de Proteo, que com eſta violencia intentou libertar a Polibio, por ſatisfazer aos empenhos de Cyrene.
Rey. Temerario Proteo, como ſem attençaõ ao decoro deſte Palacio com maõ armada aſſim o profanas?
Carang. Ponto de interrogaçaõ.
Proteo. Senhor, hum precipitado empenho naõ repara em attenções; que a cega paixaõ, que predomina em meu peito, naõ ſabe diſtinguir a purpura, mais que a do ſangue, que intento verter pela liberdade de Polibio.
Rey. Barbaro, louco, imprudente, aſſim me reſpondes? Naõ ſabes, que ſou teu pay, e teu Rey? Levem-no prezo, e junto com Polibio ſeraõ ambos victimas de Aſtréa:

tréa: quem vio mayor inſulto!

Carang. Ponto de admiraçaõ.

Proteo. Mais me vanglorias com eſſe caſtigo, pois quando naõ poſſo defender a Polibio, ao menos me ſervirá de deſculpa o naõ ter vida para libertallo.

Cyren. Eſpirou a minha eſperança, e eu com ella. *à part.*

Dorid. Sem embargo das ingratidões de Proteo por elle ſupplico, Senhor.

Rey. Naõ peças por hum ingrato.

Dorid. Baſta-lhe ter o nome de eſpoſo meu.

Rey. Deixa, Dorida; deixa, que ſe vinguem em hum ſó caſtigo tantas offenſas: ſejaõ levados, como digo, ao Templo da Juſtiça, aonde no ſeu ſangue ſe purifiquem as ſuas culpas.

Polib. Naõ val a minha innocencia contra eſſe rigor?

Cyren. Naõ póde o meu pranto abrandar eſſa dureza?

Proteo. Naõ ſe attende ao meu caracter?

Rey. Naõ póde, naõ val, naõ ſe attende: levay-os. *Vay-ſe.*

Carang. Aquillo he ponto final.

Cyren. Cruel eſpoſo, porque naõ te jactes, que triunfas de minhas lagrimas, naõ has de ter o prazer, de que eu veja a execuçaõ

cuçaõ de tua vingança : pois deſeſperada buſcarey quem me vingue deſta injuria.

Vay-ſe.

Polib. Os Ceos moſtraráõ a minha innocencia.

Vay com os guardas.

Nereo. Vá tambem eſſe tyranno irmaõ perturbador do ſocego de meus ſentidos.

Proteo. Naõ has de ter éſſa jactancia. *à part.*

Dorid. Vê Nereo , que contra hum irmaõ he indigno eſſe procedimento.

Nereo. Se ſouberas , Dorida , o que eu naõ ignoro , naõ intercederas por elle.

Dorid. Quem nunca o ſoubera ! *à part.*

Carang. Saõ boa caſta de irmãos eſtes ! Por elles ſe póde dizer : *quando fratres ſunt boni, ſunt bonifrates.*

Nereo. Em que vos detendes , que o naõ levais ?

Proteo. Na fórma delRey me transformarey. *à part.*

Transforma-ſe Proteo na figura delRey.

Nereo. Levay-o : naõ me obedeceis ?

Soldad. A quem , Senhor ?

Nereo. A Proteo.

Soldad. Proteo naõ eſtá aqui.

Nereo. E eſſe quem he ? Mas que vejo ! Senhor , Voſſa Mageſtade como aqui , e Proteo ? Eſtou confuſo ! Que illuſaõ he eſta ?

Proteo.

Proteo. Se Proteo naõ apparece, buſquem-no, que importa naõ ficar ſem caſtigo. *Vay-ſe.*

Carang. Ficaraõ paſmados: o certo he, que eu, e meu amo, ſomos dous.

Nereo. Dorida, naõ viſte a Proteo ficar entre os guardas, quando ſe auſentou El-Rey?

Dorid. Naõ ha duvida.

Nereo. Pois como Proteo, ſem que o viſſemos, deſappareceu? e ElRey eſtava entre os guardas?

Carang. He que foy preciſo fazer dous pontos na oraçaõ.

Dorid. He caſo maravilhoſo!

Nereo. Que fugiſſe Proteo, ſem que delle pudeſſem os meus zelos vingarſe! O' lá toda eſſa comittiva, que armada veyo com Proteo na ſublevaçaõ, ſeja conduzida ao mais eſcuro carcere.

Carang. Boas noites tenhaõ voſſas mercês.

Nereo. E haja particular vigilancia neſſe criado.

Carang. Sempre obrigado: cá para nós naõ he neceſſario ceremonias. He bem feito! *à p.*

Dorid. Nereo, eſſe criado he louco.

Carang. He verdade; nem tal me lembrava.

Nereo. E como ſabes, que he louco?

Dorid. Pelo ter viſto varias vezes.

Carang.

Carang. Eſſa ainda he melhor! Quem? Prenderme para caſar? Pois deſenganem-ſe, que ainda que me matem, naõ hey de caſar.

Dorid. Com aquella teima anda ſempre.

Nereo. Eſſe por louco, pois o abona Dorida, fique, e leveni os mais.

Levaõ os guardas, os que vieraõ com Proteo.

Carang. De boa eſcapey! Vi a morte diante dos olhos! O certo he, que a vida dos neſcios, e loucos he mayor, que a dos entendidos! *à parte, e vay-ſe.*

Dorid. Nereo, naõ te afflijas com tanto exceſſo, buſcando na tua pena a tua morte, que mais importa a tua vida.

Nereo. Ay Dorida, que o meu ſentimento por inexplicavel he mais ſenſivel!

Dorid. Aprende de meu ſofrimento, pois ſentindo o meſmo mal, que tu padeces, procuro ſuavizallo com o retiro. *Vay-ſe.*

Nereo. Dorida com prudencia me deu a entender os ſeus zelos: ay infeliz, que já com duplicado indicio póde dezaffogar publicamente a minha dor nos zelos de Cyrene! Ah Princeza indigna de taõ ſoberano epitheto! Oh Proteo aleivoſo, digno de eterna infamia nos annaes da memoria! Huma contra as ſoberannias do caracter,

outro

outro contra as leys da lealdade, e da natureza, ſe armarão inſtrumentos de minha magoa no tormento de meu ciume.

Canta Nereo a ſeguinte

ARIA.

Selvatica fera
Da brenha mais toſca
Se encreſpa, ſe enroſca,
Se a cara conſorte
Nos braços encontra
De amante rival.
Se o ruſtico inſtincto
De hum bruto padece,
Deſculpa merece
Huma alma abrazada
Dos zelos no mal.

Vay-ſe.

SCE-

SCENA III.

Templo de Aſtréa, com o ſimulacro da Juſtiça. Sahe Mareſia.

Mareſ. Com eſtas embrulhadas de Palacio anda tudo taõ mexido, e remexido, que eſtou vendo como ſe ha de ſahir deſta mexuda: o que mais ſinto, he dilatarſe o noſſo embarque, por cauſa das traiçõeſ do Senhor Polibio, que ſem alma, nem conſciencia, quiz tirar ſangue, donde o naõ havia; pois hey de regalarme de o ver pernear.

Sahe Caranguejo.

Carang. Aqui ſe pagaõ ellas: vês como o teu peccado te trouxe por teu pé, ao miſerando ſupplicio no Templo de Venus?

Mareſ. Que dizes? Eſte he de Venus o Templo?

Carang. Aſſim dizem os contemplativos.

Mareſ. Pois a Eſtatua de Venus he daquella ſorte!

Carang. Sim Senhora; mas naõ me admira, que naõ conheça a Venus, quem naõ quer caſar.

Mareſ.

Mareſ. Venus com os olhos tapados, mais me parece Cupido, do que Venus.

Carang. He, que a formoſura tem o amor nos olhos.

Mareſ. Mas ſe he mulher, porque traz eſpada?

Carang. Por amor dos virotes, que dá na gente.

Mareſ. E as balanças, que ſignificaõ?

Carang. He para pezar as finezas; mas adverte, que aquellas balanças naõ tem fiel, porque todas a Venus ſaõ falſas.

Mareſ. Ora muito me contas.

Carang. E tu nada me dizes do caſamento?

Mareſ. Verdade he, que já fazia tençaõ de caſar.

Carang. Filha, as tenções livraõ as almas, mas naõ os corpos.

Mareſ. Eu ſim caſara comtigo; porém naõ ſey que te diga.

Carang. Naõ ſey como a Mareſia te naõ faz vomitar tudo, quanto tens no bucho.

Mareſ. Naõ ſey como es; naõ ſey, que te falta, para ſeres de meu goſto!

Carang. Nada me falta, porque o teu rigor me tem acabado.

Mareſ. Acabado ſim, mas naõ perfeito.

Carang. E pluſquam perfeito: ora dize, leve o dia-

o diabo paixões, aonde havias tu achar, quem mais te quizeſſe? Por ti ſendo muito limpo, me fiz hum porco; por ti me fiz cadeira de braços, para ter pé de te poſſuir; e finalmente por ti me amortalhey em hum craveiro de cravos de defuntos, para renaſcer como bicho de ſeda no capulho de teu agrado; e ſe tudo iſto te naõ move, vê de que ſorte me queres, que para tudo ſou de cera.

Canta Caranguejo a ſeguinte

ARIA.

Tomara fazerme
Em mil pedacinhos,
Por ver ſe os carinhos
Te poſſo colher:
Se queres me ver
Gigante, aqui eſtou: *Faz-ſe Gigante.*
Vê lá como ſou
Aſſim tamanhaõ?
Se ques, que me abaixe
Serey hum Anaõ. *Faz-ſe Anaõ.*
Mas naõ, Anaõ naõ,
Que Anaõ he agoiro,
Serey tamanhaõ. *Faz-ſe Gigante.*

Se aſſim naõ te agrado,
Serey deſgraçado,
Mas naõ feanchaõ.

Mareſ. Baſta com tanto deſengonçamento: mas ay, eſpera, deixa-me eſconder naquelle cantinho, que lá vem hum homem correndo a quatro pés, muito afroſſurado com huma faca na maõ. *Eſconde-ſe.*

Carang. Eſpera, aonde te vás eſconder?

Sahe Proteo com hum punhal na maõ.

Proteo. Junto à ara do ſacrificio de Aſtréa, me occultarey, e com eſte punhal matarey o barbaro executor da juſtiça, quando intente tirar a vida a Polibio.

Carang. Ah caſo igual! Senhor, vens-te meter na boca do lobo? Já que te transformaſte em Ponto taõ pontualmente, para eſcapar das garras de Nereo, como lhe queres agora cahir nas unhas? Para que, Senhor?

Proteo. Ou para matar, ou para morrer; que ſe hey de perder a Cyrene, que importa que perca a vida?

Carang. Ainda aſſim, aquillo de viver he bom para a ſaude.

Proteo.

Proteo. E tu como pudeſte eſcapar, acompanhando-me tambem?

Carang. Pelo privilegio de louco, que he muy grande; que ſe eu tivera entendimento, donde eſtaria a eſtas horas?

Proteo. E Cyrene, (ay de mim!) que diz?

Carang. Ella alli vem, e Dorida.

Proteo. Occultarme quero, como diſſe; amor, ſe es Deidade, favorece os meus intentos. *Eſconde-ſe.*

Eſconde-ſe Proteo junto à Eſtatua da Juſtiça; e ſahem Cyrene acelerada, e Dorida detendo-a.

Dorid. Cyrene, que exceſſo he eſte? Naõ attendes ao teu decoro? Onde caminhas precipitada?

Cyren. Dorida, naõ eſtou em mim, que queres que faça huma deſeſperada, huma afflicta, e huma infeliz?

Dorid. Retiremo-nos, antes que ſe horroriſe a viſta com o funeſto eſpectaculo de Polibio, que já caminha para eſte Templo de Aſtréa.

Cyren. A iſſo meſmo he, que venho, naõ por ver a ſua tragedia, mas por impedir a ſua morte.

Dorid. Para que te empenhas em hum impoſſivel, quando Nereo impellido, naõ ſey de que occulto ſentimento, intenta vingarſe na ſua vida? Porém já occupados os porticos de huma immenſa turba, mal nos poderemos retirar.

Tocaõ Tambores.

Carang. Grande trovoada ſe vay armando!

Cyren. Ay que a vida ſe me vay acabando! Nem Proteo apparece para mayor pena minha! Que farey ſó, e afflicto, em tanta multidaõ de pezares?

Sahem ElRey Ponto, Nereo, e depois Polibio com guardas; e ſahe Mareſia donde eſtava eſcondida.

Rey. Com effeito, naõ tem apparecido Proteo?

Nereo. Parece que a terra o tragou, por caſtigo de ſeu delicto.

Rey. Ay Proteo! Quem pudera..... Mas naõ, naõ merece piedade hum filho ingrato.

Nereo. Agora verá Proteo, ſe póde libertar a Polibio, que nas Aras de Aſtréa, hoje ha de ſer victima de ſeu rigor.

Canta Polibio a Aria, e o ſeguinte

RECITADO.

Aſtréa Soberana,
Sagrada filha do brilhante Olimpo,
Como aſſim conſentis, que huma innocencia
Profane teus altares
No impuro ſacrificio,
Que incender hoje intenta huma impiedade?
Mas já ſey, infeliz, que como es cega
Naõ verás da ſentença a iniquidade;
Ouve ao menos os miſeros clamores
Deſta inculpavel vida,
Pois naõ pede a Juſtiça,
Ver no Templo de Aſtréa huma injuſtiça.

ARIA.

Se o recto inſtrumento,
Que vibras ingente
De huma alma innocente
Caſtigo naõ he:
Ao duro ſupplicio
Impávido vou.
Naõ fujo, naõ temo
Da morte os horrores,
Que a rigida eſpada

Em

Em vida inculpada
Já mais penetrou.

Querendo Polibio caminhar para a Eſtatua de Aſtréa, o impede Cyrene.

Cyren. Aonde vás, Polibio? Eſpera.
Polib. Quem me defende?
Cyren. Cyrene te ampara.
Rey. Tu naõ pódes impedir a execuçaõ da juſtiça.
Nereo. Execute-ſe a ſentença.
Carang. Embargos temos. *à part.*
Cyren. Naõ póde executarſe a ſentença; porque ſendo falſa a culpa, naõ póde ſer a pena verdadeira.
Nereo. Se elle a naõ contradiz, que mais evidencia póde haver? Morra Polibio.
Cyren. Polibio eſtá innocente; pois affirmo, que me naõ podia offender.
Rey. Porque?
Cyren. Rompa-ſe o ſilencio por huma vez: *à p.* Porque he meu pay.
Nereo. Rey. Teu pay Polibio? Que dizes?
Polib. Cahio a machina de minha idéa. *à part.*
Cyren. Senhor, meu pay he Polibio, naõ o duvides.
Polib. Naõ ſou pay de Cyrene: naõ dilates, Senho-

Senhora, com eſſe engano o teu Hyminêo; deixa, que eu morra; que pouco preço he huma vida, para comprar hum Reyno.

Rey. Que mais podia excogitar a tua induſtria, para libertar a Polibio?

Nereo. A ſentença ſe execute ſem dilaçaõ.

Cyren. Soberano Monarcha, naõ ſaõ induſtrias da idéa, ſaõ realidades da natureza; Polibio he meu pay.

Rey. Como póde iſſo ſer, ſe tu es filha del-Rey de Beocia?

Cyren. Attende-me, e ſaberás: Naõ ignoras as revoluções, e guerras, que houveraõ em Egypto, aonde Polibio foy cabeça de huma parcialidade; e como eſta ficaſſe ſuperada, ſe retirou a Beocia comigo, e ahi me deixou occulta em a ruſtica, montanha de huma Aldea, para que o furor inimigo naõ triunfaſſe de minha innocencia: paſſou Polibio a Flegra a ſervirte, como ſabes, a quem déſte o caracter de embaixador para Beocia a conduzir a ſua Princeza para eſpoſa de Nereo: chegando Polibio a Beocia, achou ſer falecida aquella Princeza, tambem chamada Cyrene; e diſſimulando o motivo, me trouxe a mim para Nereo; querendo com eſta

eſta induſtria verme coroada Princeza.

Proteo. Se ſerá illuſaõ o que ouço? *à part.*

Cyren. E já que eſte impenſado acaſo deſcobrio eſte engano, a teus pés, Senhor, eu, e Polibio, pedimos perdaõ deſta temeridade, para que hum delicto verdadeiro ſeja indulto de outro, que o naõ he.

Rey. Ha caſo mais extraordinario!

Nereo. Nem alentos tenho para reſpirar.

Dorid. Prodigioſo ſucceſſo!

Mareſ. Quando eu vi, que tinha o ſangue vermelho como o meu, logo duvidey, que foſſe de ſangue Real. *à part.*

Carang. E o que mamou de Altezas à chucha calada! *à part.*

Polib. Deſta ſorte, Senhor, conhecido quem ſou, bem ſe vê, que naõ podia intentar a morte de Cyrene.

Rey. Pois como tinhas o punhal na maõ?

Polib. Porque querendo matarme Proteo, Cyrene commovida do amor de filha, ſe meteu de permeyo, e caſualmente a ferio Proteo; ficando o ſeu punhal por outro ſemelhante incidente na minha maõ.

Rey. Quanto deſſe crime eſtás perdoado; mas naõ ficará ſem caſtigo eſſe, que maquinaſte para coroar a Cyrene. Dize, atrevido, e infame politico, como fabricaſte

caſte taõ pernicioſo engano em ludibrio de minha Coroa, perdendo por tua cauſa Proteo a Patria, e eu a ſua companhia?

Nereo. Deixa, Senhor, que eu vingue eſſa offenſa, pois eu era o alvo de ſeu engano; e aſſim, fementido, barbaro, traidor, em meus braços . . . .

Ao acommetter Nereo a Polibio, ſahe Proteo.

Polib. Naõ ha quem me ſoccorra!

Proteo. Proteo te defenderá; ſuſpende o furor, Nereo.

Cyren. Oh extremoſo amante! *à part.*

Rey. Proteo, es tu, ou he engano da fantaſia, o que vejo!

Nereo. Ainda intentas amparar a hum traidor?

Cyren. Nereo, ſe acaſo aquelle apparente nome de eſpoſa póde conciliar no teu peito algum affecto; rogote, que releves os exceſſos de huma indiſcreta ambiçaõ.

Nereo. Ainda te atreves, fementida, tyranna, a lembrarme o nome de eſpoſa? Por iſſo intentavas com cautellas, que te adoraſſe como bella, e naõ como Princeza? Pois agora, que naõ variey de ſyſtema, naõ ſendo tu quem eu imaginava, deſprezo a tua formoſura, por naõ ſer adornada de Mageſtade.

Carang.

Carang. Eſſo miſmo quiere la mona.

Proteo. Pois na minha eſtimaçaõ tanto val a formoſura de Cyrene, como a mais egregia Princeza; e aſſim, Rey, Pay, e Senhor, a teus pés proſtrado te peço, me dês a Cyrene por eſpoſa, que ſuppoſto naõ ſeja filha delRey de Beocia, o nobre ſangue de Polibio, e a ſua belleza, pódem compenſar hum incidente da fortuna.

Rey. Que dizes, Proteo? Enlouqueceſte acaſo?

Proteo. Se me negas eſta ventura, com eſte punhal me tirarey a vida, pois ſem Cyrene tudo he morrer.

Rey. E a Dorida, como ſe ha de ſatisfazer?

Dorid. A' viſta daquelle extremo de amor, que poſſo eſperar? Logre Cyrene eſſa fortuna.

Rey. Como Dorida conſente no deſejo de Proteo, e Nereo demitte a Cyrene, naõ poſſo difficultar a tua ſupplica: Cyrene he tua, Proteo.

Proteo. Amada Cyrene, na tua belleza conſigo o mayor imperio.

Cyren. E eu no teu amor a mayor fortuna.

Polib. Sempre ſe logrou o meu intento: ditoſa idéa!

Rey.

Rey. Dorida, ſe acaſo quizeres, que Nereo ſeja teu feliz eſpoſo, com eſſa dita ſe alcançará hum completo prazer.

Dorid. Naõ poſſo reſiſtir ao teu preceito.

Nereo. Nem eu deixar de agradecer eſſa benevolencia, quando acho em ti a qualidade, que ſó adoro unida à tua belleza.

Carang. Mareſia, queres tu agora ſacrificarte a caſar comigo por deſcargo de tua conſciencia?

Mareſ. Mais val hum ruim concerto, que huma boa demanda; anda, caſemos, que ao menos em hum marido tenho hum eſcravo.

Carang. Pois entaõ leve o diabo paixões; todos ficaõ acommodados, e ſatisfeitos com as ſuas conſortes, e Proteo mais que nenhum, pois com as ſuas variedades, e mudanças, moſtrou a mayor firmeza nos amores de Cyrene.

Proteo. E já que os Fados proſperaraõ os meus intentos, repita outra vez o alternado acento em feſtivos jubilos.

CORO.

1. *Coro.* Em hora ditoſa
Venha Cyrene.

2. *Co-*

2. *Coro.* Em hora feſtiva
Dorida venha,
1. *Coro.* A ſer de Proteo,
2. *Coro.* A ſer de Nereo,
Ambos. Eſpoſa feliz.
1. *Coro.* Os Prados com flores,
2. *Coro.* Com perlas os mares
Ambos. Os Sceptros eſmaltem
De eterno matiz.

FIM.

PRECIPICIO
DE
FAETONTE,
OPERA,
QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Liſboa, no mez de Janeiro de 1738.

ARGUMENTO.

TAges, irmaõ de Tirreno, Rey de Italia, uſurpa eſte Reyno, o qual pertence a Egeria, Ninfa do Eridano, e filha de Tirreno. Faetonte, filho do Sol, e reputado por filho de hum Paſtor de Theſſalia, vendo o retrato de Egeria, rendido lhe tributa o ſeu amor; e para melhor o dar a conhecer a Egeria, ſahe de Theſſalia, e ſe occupa na Italia em acçõẽs do agrado deſta Ninfa; por cuja cauſa ſahe de Theſſalia o Magico Fiton em ſeguimento de Faetonte, para o deſviar deſte amor, por quanto ainda neſte tempo ignorava Faetonte o ſeu verdadeiro pay, e Fiton lhe receava a ruina, quando o chegaſſe a conhecer. Eſtabelecido Faetonte nos agrados de Egeria, eſta para reſtaurar o Reyno pelas acçõẽs daquelles, que a pertendiaõ, para eſte fim uſa occultamente prometter a maõ de eſpoſa a Mecenas, e a Faetonte, em que conſiſtem os mayo-

res

res lances deſta Hiſtoria. Albano, Principe de Liguria, pertende ſer eſpoſo de Iſmene, filha de Tages. Eſte, quando Faetonte ſe declara filho do Sol, o pertende para eſpoſo de Iſmene, e para o de Egeria a Albano; os quaes fingidamente ſe declaraõ amantes com a ferida dos zelos. Apparece Apollo, e declara a Faetonte por ſeu filho: eſte lhe pede faculdade para gyrar na carroça do Sol. Reſiſte Apollo; porém inſtando Faetonte, lho concede; e eſte depois à viſta de Egeria ſe vê precipitado no Eridano. O mais ſe verá no contexto da Hiſtoria.

INTERLOCUTORES.

Faetonte, *Filho do Sol.*
Albano, *Princepe de Liguria.*
Mecenas.
Tages, *Rey.*
Fiton, *Barbas*, *Magico.*
Chichisbeo, *Criado de Faetonte.*
Egeria, *Primeira Dama*, *ſobrinha de Tages.*
Iſmene, *Segunda Dama*, *filha de Tages.*
Chirinola, *Criada de Egeria.*

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Boſque frondoſo nas Ribeiras do rio Eridano.*
II. *Salla.*
III. *Camera.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Salla.*
II. *Selva.*
III. *Gabinete bem adornado.*
IV. *Templo de Hymenêo.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Camera.*
II. *Salla-*
III. *Boſque, como no principio.*

ACTO.

ACTO I.

SCENA I.

Boſque frondoſo nas Ribeiras do rio Eridano. Em quanto Faetonte canta o ſeguinte Recitado, irá ſahindo Egeria em huma concha tirada por dous Delfins.

RECITADO.

Faet. EGeria peregrina,
Do Sagrado Eridano Ninfa bella,
Deixa o Ceruleo, errante, trono vago,
Em que habitas Deidade;
Que ſe aguas procuras em taes magoas,
Vem a meus olhos, que tambem tem agoas.

Canta o Coro.

Alenta, reſpira,
Galhardo Paſtor,
Pois vês, que a teu rogo
Partido o criſtal
Se abrazaõ as aguas
Em fogo de amor.

Faet. Se da Italia esféra
Tutelar Divindade te appellidas;
Ampara hum peregrino,
Que a teu ſacro Eridano ſacrifica
Outro rio em ſeu pranto: oh quanto temo,
Que unido o ſacrificio à Divindade,
Se inunde o Orbe em liquida impiedade!

CORO.

Alenta, reſpira,
Galhardo Paſtor, &c.

Faet. Outra vez, e mil vezes
Te buſco impaciente,
Por ver ſe o rigoroſo meu deſtino
Nos influxos brilhantes de teus rayos
Acha ſeguro aſylo, e o paſſo errante
De hum animo conſtante
Encaminha propicia, porque vejas,
Que idolatra numéra em vagos gyros
Tantos os votos, quantos os ſuſpiros.

CORO.

Alenta, reſpira,
Galhardo Paſtor, &c.

A eſta ultima clauſula do Coro, deſembarca Egeria, e canta a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Hum peregrino affecto
Me occupa o coraçaõ, quando inquieto;
Nem as aguas do mar, ou meus ſuſpiros,
Surcando em dous mil gyros
Me deixaõ reſpirar, porque em meu peito
Me abraza o cego ardor, de amor perfeito.

ARIA.

Naõ ſey que novo affecto
Sinto no amante peito;
Só ſey, que o ſeu effeito
Me obriga a te adorar.
Do teu doce attractivo
Já ſente o amante peito;
E à vida naõ compete
Goſto mais ſingular.

Eger. Errante peregrino, a cuja viſta commovido o Eridano divide o criſtal de ſuas aguas, para multiplicar a tua fórma nos ſeus eſpelhos; que incognito attractivo occultas em ti, pois até eu, como Deidade

de deſtas aguas; te eſtou amando, ſem ſaber a cauſa, porque te quero?

Faet. Naõ ſey, Egeria, naõ ſey; pergunta aos Aſtros, de cujos influxos ſe originaõ as ſympatias: ſó ſey, que haverá tres dias, que occulto me tens neſte frondoſo boſque, verdes o beliſcos do Eridano, mais como foragido, que como habitante.

Eger. Tambem ſabes, que em todo eſſe tempo, naõ mereceraõ os meus agrados arrancar do profundo ſilencio do teu peito quem es, e a cauſa de tua peregrinaçaõ.

Faet. Naõ ſey mais de mim, que ſer hum Paſtor, com eſpiritos taõ altamente naſcidos, que intentaõ competir com os Deoſes mais brilhantes do Firmamento.

Eger. Como pódem em hum Paſtor caber taõ altos penſamentos?

Faet. Porque a alma, que me anima, ou naõ he deſte corpo, ou eſte corpo naõ he daquella alma.

Eger. Dize-me ao menos teu nome, e a tua Patria?

Faet. Faetonte he o meu nome, e a minha.

Eger. Eſpera: Faetonte te chamas? Ay de mim! *à part.*

Faet. Que tens, Egeria? Aſſuſtou-te o meu nome!

Eger.

Eger. Sim, Faetonte, pois ao ouvillo pronunciar, me ſenti abrazar em hum vivo incendio.

Faet. Em fim, Senhora, para que te obedeça em tudo, Theſſallia he a minha Patria.

Eger. E porque della te apartaſte?

Faet. Ay de mim! Quem pudera declararſe! *à part.*

Eger. Emmudeces?

Faet. Como queres ſe contiveſſe em Theſſalia hum coraçaõ, que naõ cabe em todo o Mundo; pois ſó nas ethereas Regiões terá limite a minha ambiçaõ?

Eger. Agora entendo, Faetonte, que algum propicio numen te conduzio a Italia, para ſeres venturoſo inſtrumento das minhas idéas; pois ſó o teu valor, e a tua ambiçaõ, poderáõ ſuſpender a roda de minha infauſta fortuna.

Faet. Pois em que te dilatas? Propoem, galharda Ninfa, que a teu reſpeito (ſe neceſſario for) roubarey as luzes ao Sol, a Neptuno o tridente, e os rayos a Jupiter, para que com rayos, tridente, e luzes, poſſas triunfar do Sol, do Mar, e do Empyreo.

Eger. Já que a altivez de teus penſamentos me perſuade a minha ventura, ſabe, que

eu

eu ſou a infeliz Egeria, filha de Tirreno, Rey, que foy deſta Regiaõ; o qual deixando-me pupilla debaixo da tutella de Tages, ſeu irmaõ, e meu tio; eſte tyrannamente me tem uſurpado o ſcetro, intentando perpetuar a minha Coroa na ſua deſcendencia, fazendo com que Iſmene ſua filha ſeja herdeira de minha fortuna, caſando-a com Albano ſeu ſobrinho, Principe da Liguria: ah cruel Albano! Ah falſo amante! *à part.*

Faet. Que ſofraõ os Deoſes ſemelhantes injuſtiças!

Eger. Albano, pois, com as armas da Liguguria, intenta ſegurar o throno de Iſmene; e aſſim deſvalida, e ſem amparo, conſinto eſta violencia, eſte attentado, e eſta injuria, até que o teu valor, animado de taõ altos eſpiritos, ſaiba ſegurarme o throno, que me uſurpa huma tyrannia, para que ambos conſigamos, eu a minha Coroa, e tu a minha maõ.

Faet. Pois eu, Egeria, hey de ſer Rey de Italia?

Eger. Cuidey, que perguntavas, ſe havias de ſer meu eſpoſo?

Faet. Sem o caracter de Rey, teu eſpoſo como poderey ſer?

Eger.

Eger. Sim poderias, pela violencia, com que me attrahe o teu nome, e a tua peſſoa; e pois da minha parte eſtá o amor, eſteja da tua a fortuna.

Faet. E para que a tua ſe eſtabaleça, diſcorramos o meyo para a conſeguires.

Eger. Naõ acho outro mais efficaz, que ſeres tu homicida de Iſmene, e eu de Albano, para que de huma vez ſe cortem as eſperanças de reverdecer o laurel nas ſuas cabeças; pois extincta aſſim a eſtirpe real, por força me acclamaraõ Princeza hereditaria.

Faet. Naõ ſeria melhor, que Albano ficaſſe ao arbitrio de minhas iras, e Iſmene ao das tuas, para que na igualdade dos ſexos ficaſſe ſem perigo a reſoluçaõ?

Eger. Naõ; porque ſenaõ ha de preſumir, que huma molher haja de ſer homicida de hum homem; e aſſim no mayor diſfarce ſe encobrirá o mayor veneno: e pois neſta quinta viſinha ao Eridano vive El-Rey, a ella te encaminha, aonde eſpero introduzirte; mas ay Faetonte, naõ ſey ſe me ſaberás correſponder!

Faet. Naõ ſabes, que a infidelidade naõ cabe em meu peito? E ſe me naõ acreditas, ſedeme teſtemunhas vós Padre Eridano, vós ceru-

ceruleas Ninfas, que neſſes pelagos habîtais, de que já mais ſerey infiel a Egeria; e ſe o for, permitti, que ſejaõ as voſſas aguas os fiſcaes do meu delicto.

Eger. Baſta, Faetonte; mas ſó te advirto, que has de ſer o homicida de Iſmene.

Faet. Para que me lembras eſſa circunſtancia?

Eger. Para que naõ aches deſculpa na ſua formoſura.

Faet. A que eu adoro, he objecto taõ peregrino, que naõ admitte hoſpedarſe em meu peito outra qualquer belleza; e aſſim a de Iſmene naõ poderá ſer remora de meu impulſo.

Eger. Naõ me deſvaneças com affectados periodos.

Faet. Que mal entendes aonde ſe dirigem os meus ſuſpiros! *à part.* Mas tambem adverte, que has de ſer homicida de Albano.

Eger. Para que me ratificas, o que eu ſey!

Faet. Naõ ſey o para que; ſó ſey, que Albano he Principe, e poderoſo; e tu deſvalida, e ſem amparo.

Eger. Só no teu braço ſeguro a minha fortuna.

Faet. Pois, Egeria, a emprender.

Eger. Pois, Faetonte, a conſeguir; mas lembrote outra vez, que has de ſer Monarcha

cha de Italia, e que Iſmene he formoſa; cinge a Coroa nos olhos, para que ſejas Cupido da tua ambiçaõ, e naõ do teu amor.

Cantaõ Egeria, e Faetonte a ſeguinte.

ARIA A DUO.

Eger. Se acaſo a formoſura
O golpe te ſuſpende,
Na ſuſpenſaõ attende
A' gloria do reynar.
Faet. A' copia, que idolatro
Tributo extremo tal,
Que ſó no original
Me poſſo retratar.
Eger. Oh peçote naõ ſejas
A tanta fé traidor!
Faet. Oh rogote, que creyas
As veras deſte amor!
Ambos. Que affecto taõ conſtante
Mudavel naõ ſerá.
Eger. Na fé, que me promettes
Socega o meu cuidado
Faet. O meu amor proſtrado
Fiel ſerá comtigo.
Ambos. Pois vê com ſegurança
No bem, que amante ſigo,
A gloria, que terá. *Vay-ſe Egeria.*

Dentr.

Dentr. Por aqui foy; ſegui-o todos.
Faet. Que rumor ſerá eſte? Será conveniente occultarme.

Eſconde-ſe Faetonte, e ſahe Fiton com hum livro na maõ, que ao depois o lançará no chaõ, e ſe deſpe.

Fiton. Aonde achará refugio hum infeliz? Deſpojarme quero deſta recopilada ſciencia, que inutil me naõ ampara; e para que mais disfarçado poſſa eſcapar deſte barbaro furor, ſerá preciſo mudar de trage; e ainda que me prendaõ, dizendo que naõ ſou quem buſcaõ, deixarey ao menos vacilante o ſeu intento: Oh ſciencias, até quando deixareis de ſer perſeguidas!
Dentr. Vamos ao Eridano.
Fiton. Oh tu frondoſo Boſque, ſê propicio refugio de hum deſgraçado, occultando-me em teu verde labyrintho: mas quem eſtá aqui?

Ao hir eſconderſe, encontra-ſe com Faetonte.

Faet. Que vejo! Tu naõ es Fiton?
Fiton. Fatonte, he poſſivel, que te encontro?
Faet. Naõ te deixey em Theſſalia?
Fiton. Sim; mas como ſoube, que precipitadamente vinhas a Italia, a buſcar o original

nal daquella copia, que caſualmente veyo às tuas mãos, foy preciſo ſeguirte, para que te naõ arruinaſſem os teus penſamentos: Oh nunca te eu diſſera, que em Italia habitava eſſa formoſura!

Faet. Pois já, que eſtamos em Italia, porque me naõ declaras, quem he eſſa ſoberana belleza? Para que me occultas o original de taõ bella copia, quando vês, que vagando por eſtas regiões, venho louco amante, a ver ſe encontro o idolo, que adoro em ſombras, e me abraza em chammas?

Fiton. Faetonte, convém à tua conſervaçaõ o ignorares de quem he o retrato, pois tenho alcançado pelas minhas ſciencias Magicas, e Aſtrologicas, que o original deſſa copia ha de ſer a cauſa do teu precipicio; e ſe longe do perigo te recatey o dizerto, agora que eſtás perto do damno, como to poderey declarar?

Faet. Como? Deſta ſorte: arrancando-te do peito o coraçaõ, já que naõ poſſo o ſegredo, que me occultas.

Luta Faetonte com Fiton.

Fiton. Louco mancebo, que fazes?

Dentr. Cercay todos eſſe boſque.

Fiton. Eſpera, naõ queiras, que ambos aqui pere-

pereçamos, pois ſey, que eſta tropa vem para nos prender. Com eſte engano eſtorvarey o ſeu furor. *à part.*

Faet. Deixo-te com vida, para em melhor occaſiaõ ſaber a cauſa de meu precipicio: anda. *Vay-ſe.*

Fiton. Vamos, que por mais que te empenhes, o naõ has de ſaber. *Vay-ſe.*

Sahe Chichisbeo.

Chich. Ora ſou bem aſno! Mas naõ tenho vergonha de o dizer: que venha eu palmilhando deſde Theſſalia até aqui atraz de hum louco, ou de hum Faetonte, que tudo he o meſmo! E o peyor he, que me deſencontrey delle, e ando perdido pelo moço! Que ha de fazer o pobre Chichiſbeo, poſto no centro de Italia, ſem ſaber aqui aonde ſaõ as caſas locandas, e o que mais he ſem quatrini? O que me val he ſer eu Chichisbeo, que terey entrada franca em toda a caſa. Mas que he iſto, que alli eſtá? Ora vejamos: oh, he hum veſtido, que eſtá deſpido: ora ſabia Deos, que já eſte meu eſtava por hum fio: ſe me chegará? Vejamos: bello! juſtamente! Alguma alma algebibiſ-

ſe

ſe compadeceo da minha piranguice. O' lá, temos mais hum livro? Naõ ha duvida, he livro; e he de razaõ que o veja: ora bem dizem, que em Italia naſcem os livros, como naſcem as malvas: vejamos, ſe achamos nelle alguma couſa, pois dizem, que tudo ſe acha nos livros.

Aſſenta-ſe, e começa a foliar o livro.

Abramos, e vejamos o que contém: *Liber aſtrolomagico*: irra! Magico? Paſſa fóra: vejaõ lá, que materia taõ peçonhenta contém o tal livrinho! *Liberame!* Ora ainda aſſim, ſalva a conſciencia, vamos vendo o *Index relum notabilium.* Capitulo primeiro, de *fiſonomia, quod eſt: narigorum confrontatio*: iſto ha de ſer galante. Capitulo ſegundo, de *Nigromantia*; iſto he couſa de negros; negra ſciencia he eſta! Eu naõ quero ver mais, que ſe me vaõ arripiando os cabellos.

Vaõ ſahindo por de trás de Chichisbco Mecenas, e os Soldados.

Mecen. Aquelle ſem duvida he o Nigromantico, que buſcamos; vamos demanſo, e levemo-lo prezo, com o roſto tapado, para que nos naõ offenda com algum encanto.

Chich.

Chich. E o diabinho me eſtá dizendo, que torne outra vês a abrir o livro; fóra tentaçaõ; naõ ſey ſe conſinta nella?

Chegaõ os Soldados, tapaõ o roſto a Chichisbeo, e o vaõ levando.

Mecen. Levem-no depreſſa.
Chich. Eu o diſſera! *Fugite*, encantadores, que me quereis? Naõ me fecheis os olhos, que ainda naõ eſtou para morrer.
Mecen. Calle-ſe ahi; levem tambem eſſe livro.
Chich. Deſta ninguem ſe livra.
Mecen. Vamos, vamos.
Chich. Para onde? Para o Inferno?
Mecen. Lá o verá.
Chich. Lá o verey, ſe me deſtaparem os olhos. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Salla. Sahe Albano.

Alban. QUando, ò bella Aurora, has de amanhecer riſonha, e alegre a hum extremoſo amante, para que nas delicias de Iſmene ſe acabem as minhas

nhas eſperanças? Mas que diria Egeria da minha ingratidaõ? Razaõ tem; fuy-lhe ingrato; mas como podia naõ ſer, ſe amor, e ambiçaõ venceraõ a minha conſtancia, ſe he que era conſtancia, conſtancia que ſe mudou?

Sahe Egeria.

Eger. Dizem-me, Albano, que a maõ de Iſmene te ſublima hoje ao throno de Italia; e aſſim como mais intereſſada nos teus triunfos venhó a darte os parabens de tanta fortuna.

Alban. Que has de reſponder, ingrato coraçaõ? *à part.*

Eger. Quem já poderá reſiſtir a teu poder? Se aos dominios de Liguria unes as provincias do Eridano, que inimigo te poderá reſiſtir? Como ſeraõ copioſos os teus exercitos! Trata de erigir templos à tua fortuna, e altares à tua bella eſpoſa, por naõ ſeres ingrato; porque a ingratidaõ, ò Albano, he huma mancha, que desluſtra o peito mais ſoberano.

Alban. Bem entendo a Egeria; vou-me ſem reſponder-lhe. *à part.* *Quer irſe.*

Eger. Que he iſſo? Te vás ſem reſponder-

me? Já te deſvanece o futuro dominio? Repara ao menos, que para o reſpeito, ainda que ſou deſvalida, ſou filha de Tirreno, Monarcha, que foy deſta Regiaõ.

Alban. Egeria, em mim naõ he deſattençaõ eſte retiro; he compadecerme da tua deſgraça.

Eger. Bem o moſtras, fomentando a minha ruina, por enthronizar huma tyranna: dize, ingrato, naõ prometteſtes defender a minha juſtiça, ou ao menos fazerme Princeza de Liguria?

Alban. Aſſim he; mas naõ ſey ſe te diga, que . . . . .

Eger. Que has de dizer, ingrato? Sabe, que já naõ neceſſito dos teus favores, pois a piedade de Amphitrite me fez Ninfa do Eridano, aonde eſpero triunfar de hum tyranno, que me uſurpa a Coroa, e de hum falſo amante, que cruel me offende.

Alban. Pois, Egeria, ſe já como Deidade te vás immortalizando, naõ neceſſitarás de meus auxilios.

Eger. Mas tu neceſſitarás de minhas piedades.

Alban. Eu de tuas piedades? De que ſorte?

Sahe ElRey Tages.

Rey. Albano, aqui ſe me aviſa, que Fiton, aquelle celebre Magico de Theſſalia, ſe acha neſta Provincia; dey ordem, que mo trouxeſſem de qualquer parte donde eſteja, para que delle ſaiba os occultos ſegredos, que importaõ à minha Coroa; para que aſſim com mais ſocego poſſa completar o teu Hymenêo.

Alban. O teu preceito, Senhor, he a minha vontade.

Eger. Permittaõ os Deoſes fazer propicias as tuas idéas.

Rey. Sim faraõ, pois os tenho gratos com repetidas victimas.

Eger. A melhor victima he ſacrificar a razaõ nas aras da Juſtiça.

Rey. Naõ entendo.

Eger. Pois para que me entendas, me explicarey melhor: Bem ſabes, invicto Tages, que naſci hereditaria Princeza de Italia, como unica filha de Tirreno, que foy Monarcha deſta meſma Italia; tu Senhor me tens uſurpado o Reyno, com o pretexto de ſeres irmaõ de meu pay; couſa que nenhum direito o permitte.

Rey. Egeria, eu eſtou bem informado, que

como irmaõ de Tirreno devo preferirte, pois tenho a qualidade de varaõ ; e outra vez naõ tornes a proporme ſemelhante idéa ; que diſputar com os Reys he crime de leſa Mageſtade.

Eger. Eſſe he o privilegio da razaõ, que póde entrar no mais iniquo Tribunal.

Rey. Eſtá bem.

Sahe Mecenas com Chichisbeo, e Soldados.

Chich. Ora , Senhores , baſta já de cabra cega. *Deſcobrem-na.*

Mecen. Eſte que vês , Senhor , he o Nigromantico Fiton , que junto às margens do Eridano o achámos , e ſegundo as confrontações do traje Theſſalico , e eſte livro de Magica com caracteres Gregos, que na maõ tem , me perſuade ſer o proprio , que buſcamos.

Chich. Iſto ſem duvida he algum Palacio encantado ! Eſta gente ſerá couſa fingida ! Vejaõ lá o livrinho de que caſta he ! *à p.*

Rey. Fitón , vem a meus braços ; naõ temas , que em Italia terás melhor fortuna, que na Grecia.

Chich. Aſſim ſou eu aſno , que lhe reſponda ; bem ſey , que tudo iſto he apparente. *à p.*

Rey.

Rey. Naõ reſpondes?
Alban. Adverte, que he ElRey.
Chich. Sim, Rey por encantamento, que he o meſmo que couſa nenhuma. *à part.*
Rey. Se naõ reſpondes, te mandarey juſtiçar.
Chich. Toda via, a Magica deve ſer negra: eu lhe reſpondo; porque aos Reys ainda em ſombras ſe lhe deve reſpeito. *à part.*
Rey. Que dizes, Fiton?
Chich. Senhor, que naõ ſou Fiton; ſou hum pobre Chichisbeo, criado de outro pobre, mais pobre do que eu; pois tem obrigaçaõ de ſuſtentarſe a ſi, e a mim.
Rey. Naõ te encubras, que ſe por algum delicto te auſentaſte de Theſſalia, aqui te naõ pódem offender as ſuas leys; e pois tenho a fortuna de poſſuirte em meu Reyno, te eſpero honrar, como merece a tua ſabedoria.
Chich. Que ſabedoria, Senhor? Eu ſou hum idiota: Voſſa Mageſtade naõ me quer entender? Pois acha, que ſe eu fora Magico, *quà* Magico, que me havia deixar prender?
Mecen. Da ſorte, que te prendi, naõ podias uſar das tuas Magicas.
Chich. Poderia adivinhar, e naõ eſtar naquelle ſitio.

Mecen.

Mecen. A Magica naõ adivinha o futuro.

Chich. Mas podia adivinhar iſto, que me ſuccede de preſente.

Alban. Sempre foy proprio dos homens doutos negarem o que ſabem.

Rey. He o mayor homem do Mundo!

Chich. O certo he, que o ponto eſtá em dizerem, que hum homem he ſabio, que à força o ha de ſer, ainda que ſeja hum padaço d'aſno. *à part.*

Rey. Fiton, tem entendido, que eſtou baſtantemente capacitado de quem es; e aſſim ſaberás, que ha tres noites, que em ſonhos ſe me repreſenta, que hum mancebo, filho do Sol, habita occulto em Italia; tomara me declaraſſes, aonde eſtá, para que como filho de Apollo lhe conſagre os cultos, que ſe lhe devem.

Eger. Filho do Sol! Quem ſerá? *à part.*

Chich. Iſſo eſtá muito bem; mas ſe eu naõ ſou adivinhaõ, como poſſo dizer, aonde eſtá eſſe ſenhor filho do Sol? E demais, Senhor, que tenho para mim, que iſſo foy ſonho.

Rey. Ainda aſſim, he taõ repetida eſta viſaõ, que me perſuade naõ ſer erro da fantaſia.

Chich. Pois, Senhor, naõ he erro craſſiſſimo enten-

entender, que o Sol tem filho? Bem ſey, que pela regra do *Sal*, *Sol*, *ac mugil*, que o Sol he maſculino, e nem por iſſo ſe ſegue, que tenha filho; porque *Muſa*, *muſæ*, he feminino, e com tudo as Muſas ſaõ caſtas: *ergo* &c. naõ ſey, ſe me explico?

Rey. Já iſſo he teima: tem entendido, que mo has de dizer, aliás ſe acabará com a tua vida a tua ſciencia. *Vay-ſe.*

Alban. Homem, vê lá em que te metes; trata de fazer a vontade a ElRey. *Vay-ſe.*

Chich. Ha ſemelhante entaladura! Querer Sua Mageſtade à força, que eu ſeja feiticeiro! E dado caſo, que o fora, eu por ventura ſou cá a roda dos engeitados, para ſaber dos filhos alheyos? Ah Senhor, Voſſa Senhoria deſengane a ElRey, que eu diſto de Magica naõ ſey por onde ella corre.

Mecen. Fiton, acho, que eſſa repetida negaçaõ he já imprudencia; todos ſabemos, quem es; e pois a ſorte te conduzio a eſte Paiz, a tua ſciencia ha de ſer o meyo da noſſa tranquilidade; porque Egeria, eſta Princeza, que vês, vive eſpoliada do throno de ſeu pay pelas violencias delRey, que intenta enthronizar a filha, caſando-a com

com Albano Principe de Liguria ; mas iſto he eſcuſado dizerto , pois tu como Magico o naõ has de ignorar.

Chich. Naõ me diga nada , entaõ verá ſe eu ſey alguma couſa.

Eger. Que intentas ; Mecenas ?

Mecen. Comunicar a Fiton os noſſos intentos, para que poſſamos triunfar , ainda que ſeja magicamente.

Eger. E tens a certeza , que todos os Magicos ſaõ fieis , e leaes ?

Mecen. Naõ ; mas como elles tudo alcançaõ pela ſua ſciencia , naõ ignorará o pacto, que temos celebrado , de reſtituirte o throno de teu pay com a fortuna de ſer eu teu eſpoſo.

Eger. Pois , Fiton , ſe a tua ſciencia tudo alcança , peço-te , que a empenhes toda, para que conſiga a Coroa , que me uſurpa a ambiçaõ delRey meu tio : favorece os intentos de Mecenas ; pois conſeguindo a fortuna , que eſpero , te prometto ſer agradecida. *Vay-ſe.*

Chich. Senhor Mecenas , com quem eſteve fallando agora aquella Senhora Egeria , que por nome naõ perca ?

Mecen. Comtigo.

Chich. Comigo ? He boa teima ! Pois acha Voſſa

Voſſa Senhoria, que ſe eu pudera dar Coroas, que as naõ tomara para mim, por naõ eſtar às ordens de ninguem!

Mecen. Deixa loucuras: bem vês o empenho, em que eſtou de coroar a Egeria; patrocina os meus deſignios, que do ſeu bom exito pende toda a minha fortuna; pois te confeſſo, Fiton, que ardo em hum vivo incendio de amor, e cego intento emprender por Egeria as mayores difficuldades.

Chich. Ahi vay parar tudo: já me a mim admirava, que o trampoſo do rapaz naõ havia meter a ſua colherada!

Canta Mecenas a ſeguinte

ARIA.

Naquella Deidade
Galharda, que viſte,
Conſiſte
De minha ventura
A gloria feliz.
Se a ſorte me nega
Fortuna taõ bella,
Sem ella
Serey deſgraçado,
Serey infeliz.

Vay-ſe Chich.

Chich. Iſto já vay de foz em fóra ; eu entendo , que iſto he realidade pura , e naõ Magica ſonhada ; e o peyor he , que eu ſou o que faço na oraçaõ , e cuidaõ , que ſou Magico ! Em negra hora apanhey o tal veſtido , e o tal livrinho ! Mas ainda aſſim , devo muito a todos , pois hum me deſcobre o ſeu peito ; outro me vomita o ſeu bucho ; e eu com tanta couſa eſtou para rebentar.

Sahem Faetonte , e Fiton.

Faet. Ainda naõ creyo , que me veja habitar em Palacios : quanto me agradaõ eſtes marmores ! Quanto me recreya eſta magnificencia ! Parece , que neſtas altas torres habitaõ os meus penſamentos ; neſtes edificios ſe elevaõ os meus eſpiritos ! Eſtes porfidos ſaõ polidos eſpelhos de minha ambiçaõ ; eſtas columnas talvez ſe erigiraõ , para nellas ſe collocarem os meus triunfos !

Fiton. Naõ gaſtes o tempo em aerios penſamentos , quando ſabes , que es filho de hum Paſtor.

Faet. Tambem Apollo foy Paſtor de Admeto : nada me injurias com iſſo.

Fiton.

Fiton. Oh quem pudera declararte quem es! Reprime eſſe genio; naõ buſques eſſa copia, torno-te a recomendar; pois mal ſabes a ruina, que te eſpera, Faetonte.

Chich. Faetonte diſſe? Ay que alli eſtá meu amo! Pois por vida minha, que me hey de magicar com elle.

Faet. Já que me naõ queres dizer o que te pergunto, recorrerey a outro Magico, que me diſſe agora Egeria habitava em Palacio, e elle me informará, quem he o adorado enigma, que adoro: mas aquelle he, ſeguindo os ſinaes, que me deu Egeria.

Chich. Elle comigo.

Faet. O' tu ſabio portento da Nigromancia, compadece-te de hum peregrino, que inflammado de amor, procura o original de huma copia, que . . . .

Chich. Que achaſte em Theſſalia; que te diſſeraõ eſtava em Italia; que vens em cata della; naõ he iſto, Faetonte?

Faet. Que ouço! Nada ignora: Fiton, que te parece?

Fiton. Quaſi que me confundo.

Faet. Pois dizeme: de quem he eſte retrato? *Moſtra o retrato.*

Chich. *Videamas*; queres que to diga? Mas

ao

ao depois talvez, que te arrependas.

Fiton. Naõ lho digas, ſe achas, que lhe póde ſucceder algum damno.

Faet. Deixa-me, cruel; que damno póde cauſar a formoſura?

Chich. Que damno? Muito grande; porque ha formoſuras damnadas: olha, huma mulher formoſa por força ha de ſer preſumida; da preſumpçaõ ſegue-ſe o ſer tolla; da tollice o fazer aſneiras; das aſneiras o dar couces; quem dá couces, tem mataduras: com que, Senhor, quem albardar huma formoſura, ha de aturar o ſer raivoſa, zeloſa, comichoſa, pedinchona, deſvanecida, e deſenvolta; pois ſe tiver accidentes da madre, ainda ſaõ outros quinhentos.

Faet. Se tudo iſſo ſaõ effeitos da formoſura, nada temo, tendo taõ ſoberana cauſa; dizeme, naõ me tenhas ſuſpenſo.

Chich. Com effeito queres, que te diga, de quem he o retrato?

Faet. Dize.

Chich. Ao depois naõ te arrependas.

Faet. Dize, que me naõ hey de arrepender; de quem he?

Chich. He de huma mulher.

Faet. Mas que mulher he eſſa, e aonde eſtá!

Chich.

Chich. Eſtá pintada em cobre, naõ a vê?
Faet. Iſſo he a pintura.
Chich. Sim, a pintura; pois que pergunta voſſa merce?
Faet. De quem he o retrato?
Chich. Parece-me, que he de Apelles, ou eu me enganarey.
Faet. Já me deſeſperas; dizeme, e deſenganame já, qual he o original deſte retrato?
Chich. Iſſo he outra couſa: já me retrato; e para lho dizer com mais certeza, deixeme ver nos meus alfarrabios.

Foliando Chichisbeo o livro, canta a ſeguinte

ARIA.

Vagos eſpiritos
Do negro Cocyto,
Reſpondey-me já
Por magica, megica, migica,
Quem he de Faetonte
A bella Fregona
Seu pay, ſeu avó,
Quem he, quem ſerá?
Que a furia ſómente
Do abyſmo fervente
De huma mulher
Saber poderá.

Fitno.

Fiton. Senhor, agora reparo, aquelle he o meu livro, e o meu veſtido: eſte homem deve ſer algum velhaco.

Faet. Aſſim me parece; já ſey, que es hum fingido ignorante.

Chich. Sabes mais do que eu.

Fiton. Quem te deu eſſe livro?

Chich. Ninguem, porque o achey.

Faet. Pois como, inſolente, me pertendias enganar?

Chich. Venha cá; taõ louquinho eſtá, que me naõ conhece? Naõ vè, que ſou Chichisbeo?

Faet. Agora reparo: Chichisbeo, he poſſivel, que te vejo?

Chich. O verme he o menos, que iſſo fará quem naõ for cego: o acharme feito Magico he o mais.

Faet. Como he iſſo? Conta me.

Chich. Depois que de Theſſalia partimos atrás do original daquelle maldito retrato, chegamos a Italia, quando em duas palhetadas, embrenhando-ſe voſſa merce pelos boſques do Eridano, o perdi de viſta, ſem que a foroa da diligencia o podeſſe deſencovar: neſta ſofrogicidade andava, quando, palavras naõ eraõ ditas, porque eu naõ dizia palavra; eis-que acho eſte veſtido,

do, e eſte livro; eis-que apenas eu o abri; eis-que me prendem, e me appreſentaõ a ElRey em peſſoa, affirmando, que eu era Fiton, aquelle Magico de Theſſalia, que eu nunca vi; e por mais que me deſempulhey, naõ foy poſſivel tirarlhe dos caſcos, que eu era Fiton.

Fiton. Mais ſeguro eſtou agora disfarçado em Chichisbeo. *à part.*

Faet. Já que tens eſſa fortuna, vay vivendo com o tempo.

Chich. Iſſo ſim; mas ſe me pedirem, que faça alguma magica, como ha de ſer, ſe eu ſou deſazado para iſto de pactos?

Fiton. Naõ tenha medo diſſo, que fará quanto quizer.

Chich. Ah Senhor, quem he eſte lapuz, que tambem ſe quer meter em reſtea magica?

Faet. He hum criado, que tomey na tua falta.

Chich. Pois voſſê me ſegura, que hey de fazer magicas?

Fiton. Pareceme que ſim; que quem tem eſſe livro, faz quanto quer.

Chich. Com tudo iſſo naõ he poſſivel adivinhar, quem he hum filho do Sol, que em Italia habita; e diz ElRey, que lho hey de dizer, porque elle o ſonhou, e que ſenaõ,

ſenaõ, me ha de ſeparar a alma do corpo.

Faet. Filho do Sol?

Fiton. Como ſe altera Faetonte! *à part.*

Faet. Chichisbeo, em todo o caſo tu has de dizer a ElRey, que eu ſou o filho do Sol, para com eſſe pretexto completar as minhas idéas.

Fiton. Ay de mim, que Faetonte procura a ſua ruina! *à part.*

Chich. E ſe depois apparecer o verdadeiro filho do Sol, e me apanharem na mentira?

Faet. Nunca tal ſuccederá, porque naõ ha filho do Sol; e ſe o ha, ſerey eu, pelo elevado eſpirito, que me anima.

Chich. Se voſſa merce tivera os cabellos louros, ainda, ainda.

Fiton. Que intentas? Naõ ſabes, que he ſacrilegio appropriarte ati a dignidade de filho do Sol, e que Apollo irritado póde caſtigarte, e a quem para iſſo concorrer?

Chich. He verdade, que eu ſou o concurrente: naõ temos nada feito.

Faet. Deixame, infame eſtorvo de minhas felicidades: que tens tu, que me arruine? Homem dize, que eu ſou o filho do Sol.

Chich. Se es hum filho das ervas, como queres ſer filho do Sol?

Faet.

Faet. Adverte, que niſſo te faço hum grande favor; porque tu, ou has de dizer quem he o filho do Sol, ou te haõ de matar?

Chich. Eſſa razaõ coucluhiome: voſſa merce he o filho do Sol, e tenho dito: *Conſtituo te filium Solis.*

Fiton. Oh violento poder dos fados! Quem póde reſiſtir a teus imperios? *à part.*

Faet. Naõ ſabes, quanto eſtimo eſta occaſiaõ, para que aſſim poſſa frequentar ſem perigo eſte Palacio, e ſervir aos deſignios de Egeria, huma Princeza . . . .

Chich. Sim Senhor, huma Princeza, filha de quem Deos tem, eſporiada do throno, naõ he aſſim?

Faet. Muito ſabes.

Chich. Naõ vê, que ſou Magico? Pois ainda ſey mais.

Faet. Dize.

Chich. Naõ poſſo, que eſtá *ſub ſigillo magicali.*

Faet. Nada me importa ſaber mais, que o bello original deſte retrato, pois quanto intento, he para ver ſe deſcubro eſte encanto de amor.

Canta Faetonte a ſeguinte

ARIA.

Nas pupilas de meus olhos
O meu bem hey de buſcar,
E verey ſe poſſo achar
Entre a copia de meu pranto
Deſta copia o exemplar.
Se te encontro, objecto amado,
Acharás neſta alma amante
Hum morrer a cada inſtante,
Hum viver por te adorar. *Vay-ſe.*

Fiton. Vay-te, errado mancebo, que algu
dia te pezará do engano, que intentas fa
bricar. *à par*

Chich. O' voſſe?

Fiton. Que diz?

Chich. Naõ diga a ninguem, que eu ſou Ma
gico, entendeo-me?

Fiton. Bem entendo; mas eu farey, com qu
te tenhaõ por Magico, exercitando n
tua peſſoa varios encantos, para que f
quem na certeza, de que es o Fiton
que buſcaõ, e eu livre de chegar às mãc
delRey. *Vay-ſe*

Sa

Sahe Chirinola.

Chirin. Venho pé antepé a ver eſte Magico, que tem alvoroçado todo eſte Palacio, e he couſa, que nunca vi em minha vida.

Chich. Que eſtará eſpreitando aquella moça? O' menina, procura alguma couſa?

Chirin. Vinha a ver hum Magico, que eſtá em Palacio.

Chich. E para que!

Chirin. Só por ver como he a cara de hum feiticeiro.

Chich. He como eſta, que voſſa merce eſtá vendo.

Chirin. Pois voſſa merce meſmo he o feiticeiro?

Chich. Para ſervir ao diabo, e a voſſa merce, que tudo he hum.

Chirin. Ay, chegue-ſe para lá, que ſe me arrepiaõ os cabellos!

Chich. De que te aſſuſtas? Que cuidas tu, que he ſer Magico!

Chirin. Com licença de voſſa merce, dizem que he gente, que falla com o diabo.

Chich. Eſſes ſaõ outros; que eu cá naõ fallo com o diabo, o diabo he que falla comigo.

Chirin. Iſſo tudo vem a ſer o meſmo.

Chich. E a ti que ſe te dá diſſo? Tomaras tu, que hum Magico deſſes te amaſſe, entaõ verias; naõ digo nada.

Chirin. Deos me livre!

Chich. Queres tu, que eu ſeja teu Chichisbeo? Zombaria fóra.

Chirin. Para que? Naõ jure, que bem lho creyo.

Chich. Hey de ſerte o mais fino Chichisbeo, que ha de haver em toda a Italia.

Chirin. Vá-ſe dahi, que he hum feiticeiro.

Chich. Feiticeira es tu, que me tens enfeiticado.

Chirin. Só de huma ſorte me poderá render.

Chich. Como?

Chirin. Renunciando o pacto, e depondo a Magica.

Chich. Se niſſo conſiſte, já renuncio, naõ ſó o pacto, mas tudo o que te poſſa dar pena; pois ſó quero, que voe o meu amor à eſféra dos teus olhos.

Chirin. Eſtamos juſtos; porém veja lá o que faz: agora o apurarey. *à part.* Ora dize, como me chamo eu?

Chich. Se eu já naõ ſou feiticeiro, como poſſo adivinhar o teu nome? Eſtá galante a Chirinola!

Chirin. Naõ temos nada feito; vá-ſe dahi, que ainda he, quem de antes era.

Chich. Porque?

Chirin. Diſſelhe, que me adivinhaſſe o nome, e mo eſcarrou na bochecha.

Chich. Eu o teu nome? De que ſorte?

Chirin. Naõ diſſe Chirinola? Que mais havia de dizer?

Chich. Pois tu te chamas Chirinola?

Chirin. Sim Senhor, faça-ſe de novas.

Chich. O' Chirinola, em chirinola me torne eu, ſe eu ſabia, que tu te chamavas Chirinola.

Chirin. Pois para que diſſe Chirinola?

Chich. Nunca ſe vio hum *lapſus nominis*? Se havia de dizer charamella, diſſe chirinola.

Chirin. Ora admitto a deſculpa, mas naõ lhe ſucceda outra.

Chich. Qual outra? Eu quero mais encanto, que eſſa belleza, nem mais adivinhar, que os teus penſamentos, nem mais pacto, que eſſe Cyſne de Venus, de cujas azas formou Cupido as ſuas, de cujas pennas armou as ſettas para ferir, e para voar? Teu Chichisbeo hey de ſer, e ſe o naõ for, naõ ſeja embora.

Chirin. Veja lá o que diz, olhe bem para mim.

Chich. Tenho dito.

Imme-

Immediatamente lhe creſce o nariz a Chichisbeo com diſformidade.

Chirin. Ahi que nariz! Iſto atura-ſe? Ha homem mais mentiroſo?

Chich. Que fiz eu? Que nariz? Explicate, naõ falles pelos narizes.

Chirin. Como queres, que te creya, ſe ao meſmo tempo, que dizes naõ has de ſer Magico, ſacas por hum nariz tamanho como hoje, e a manhãa?

Chich. He verdade! Creſceo-me o nariz! Ha caſo igual! Oh Chirinola, eſte naõ he o meu nariz, e niſto pódes aſſentar.

Chirin. Vá-ſe dahi, embuſteiro, Magico, feiticeiro.

Chich. Filha do meu coraçaõ, eu eſtou innocente; verdade he, que me rebentou eſte nariz à flor da cara, mas eu naõ concorri para iſſo.

Chirin. Naõ? Fuy eu?

Chich. Vê tu naõ ſeja iſto algum leycenſo,

Chirin. He nariz em nariz.

Chich. Tu tens razaõ; he forte penca!

Chirin. Arre lá! Com nariz mais da marca? Iſſo naõ ſe atura: ande, vá-ſe, antes que lhe chegue aos narizes.

Canta Chirinola a ſeguinte

ARIA.

Se quer adorarme,
Da Magica fuja;
Se quer deſprezarme,
Fará o que quizer,
Que he muito ſenhor
Do ſenhor ſeu nariz.
Bem ſabe naõ goſto
De feitiçarias,
Que ſaõ rapazias,
Que eſtallaõ num trás,
E eſtaõ por hum triz. *Vay-ſe.*

Chich. Vio-ſe nariz mais intrometido, do que eſte meu! E que por amor delle vá Chirinola ventando por ahi fóra! Iſto deve ſer contagio do tal livrinho: arre com tal nariz! Mas aonde eſtá elle? *Eſconde-ſe-lhe o nariz.* Sumio-ſe? Sem duvida foy o nariz atrás de Chirinola a pedirlhe bom quartel; mas eu vou a pedirlhe as alviçaras: ò Chirinola, eſpera, que ja eſtou deſnarigado. *Vay-ſe.*

SCE-

SCENA III.

Camera, em que havera hum bofete, e ſobre eſte huma véla acceſa; e haverá mais huma cadeira. Sabe Iſmene, e Albano, e eſte naõ paſſará do baſtidor.

Iſmen. BAſta até aqui, Albano.
Alban. Limitada eſféra para tanto Sol.
Iſmen. He eſtylo do decoro, e da politica pôr limites à entrada dos eſpoſos, aonde habitaõ as eſpoſas; e aſſim já ſabes, que aqui naõ pódes eſtar, e he preciſo retirarte.
Alban. Poderia, ſe o noſſo Hymenêo voara mais accelerado.
Iſmen. Naõ baſta a certeza da poſſe, para ſuaviſar o martyrio da eſperança?
Alban. Naõ, Iſmene, que toda a poſſe he duvidoſa, que tem a eſperança por fiadora.
Iſmen. Quando eu, e ElRey a abonamos, ſeguro pódes eſtar.
Alban. Pois, Senhora, já que naõ tenho licença para me dilatar, neſte papel verás a cauſa de meu tormento.

Vay-

Vay-ſe Albano, dando hum papel a Iſmene, e eſta aſſenta-ſe a lello, e ſahe ao baſtidor Egeria, e Faetonte com hum punhal na maõ, e Iſmene eſtará de ſorte, que lhe naõ veja o roſto.

Eger. Chegou o tempo da noſſa vingança; alli tens a Iſmene; a occaſiaõ he opportuna, eſgrime o valeroſo braço, pois, para te coroares, neceſſitas da purpura daquelle ſangue. *Vay-ſe.*

Faet. Eſtou immovel, pois parece eſpecie de cobardia matar huma mulher.

Iſmen. Enigmas me parecem as cifras de Albano; quero repetillas para as comprehender melhor.

Faet. Mas em que reparo, ſe muitas vezes a tyrannia he o primeiro degráo para ſobir ao throno?

Iſmen. Senhora, (diz Albano aqui) eſte exceſſo delRey em procurar o filho do Sol me perſuade, que achando-o, quererá darlhe a gloria de teu eſpoſo, para divinizar com hum filho de Apollo a ſua deſcendencia. Quem ſerá eſte filho do Sol?

Faet. Naõ pareça a dilaçaõ cobardia; triunfe Egeria.

Iſmen. Diz mais: E temo, Senhora, que eſte filho

filho do Sol, uſurpando-me a fortuna de teu Hymenêo, ſeja inſtrumento da minha morte, tirando-me a vida.

Faet. Morre, infeliz . . . . *Sahe.*

Ao hir levantar o braço para ferir a Iſmene, a vê, e ſe ſuſpende, e ella ſe levanta.

Iſmen. Ay de mim! Como, traidor, aſſim . . . .

Faet. Que he o que vejo! Naõ he eſte o bello original da copia, qne adoro? Immovel eſtou! *Deixa cahir o punhal.*

Iſmen. O' lá, acudi, que hum traidor . . . .

Faet. Suſpende a voz, Iſmene; naõ digas traidor, amante ſim.

Iſmen. Com hum punhal . . . . .

Faet. Achou a occulta cauſa de ſeu incendio.

Iſmen. Intenta tirarme a vida.

Faet. Sem ella eſtou, vendo taõ infeliz acaſo; pois te affirmo, que te naõ podia offender.

Iſmen. Mas intentavas matarme?

Faet. Sim; mas tanto que te vi, me ſuſpendeo o braço o affecto, com que te adoro.

Iſmen. Tu adorarme? Queres com huma offenſa apadrinhar hum delicto? Acudi todos, antes que o traidor ſe auſente.

Faet.

Faet. Senhora, que intentas?
Dentr. Accudamos ao quarto da Princeza.
Faet. Ay de mim, que he infallivel a minha ruina! Bem o diſſe Fiton; aonde me eſconderey? *Quer eſconderſe.*
Iſmen. Eſpera, traidor, que te naõ has de auſentar; que tambem tenho valor, para te ſuſpender.

Iſmene pega em Faetonte, e eſte intenta, lutando, tirarſe das mãos della.

Faet. Naõ me ſejas duas vezes homicida, deixa-me ao menos auſentar.
Iſmen. Sem caſtigo naõ has de ficar.
Faet. Oh quem diſſera, que me abraçe Iſmene, e que eu fuja de ſeus braços! Deixame, Iſmene.
Dentr. Aqui ſaõ as vozes.
Faet. Naõ ha mais remedio, que apagar a luz. *Apaga a luz.*
Iſmen. Que fazes?
Faet. Fugir de ti, para buſcarte outra vez. *Vay-ſe.*

Sahem Albano, Egeria, e hum criado com luz.

Alban. Que tens, Iſmene? Quem te motiva a dar vozes?

Eger.

Eger. Que te ſuccedeo? Ay de mim, que ſe fruſtrou o meu intento! *à part.*

Iſmen. Encontraſte acaſo hum traidor, que barbara, e aleivoſamente me quiz tirar a vida?

Alban. Quem ſeria o atrevido, que concebeo taõ horrivel penſamento?

Eger. Ainda naõ creyo, que eſtás com vida.

Alban. E para onde fogio?

Iſmen. Naõ ſey, porque apagou a luz, para com as ſombras ſe encobrir melhor; buſca-o, Albano, que o traidor naõ poderá eſtar longe, e caſtiga a ſua temeridade.

Eger. Ay infeliz Faetonte! *à part.*

Alban. Eu vou a buſcallo; verás como vingo a tua offenſa.

Eger. Aonde vás, ingrato? Tanta fineza te merece Iſmene, para expores a tua vida à deſeſperaçaõ de hum infiel agreſſor.

Alban. Naõ ſabes, que ſou amante, e eſpoſo? Deixa-me, Egeria.

Iſmen. Vay, naõ te dilates.

Eger. E a ſua vida?

Iſmen. Os Deoſes a defenderáõ.

Eger. Para que he buſcar remedios extraordinarios, quando ſem eſſe recurſo o podemos evitar? Aſſim darey tempo, para que fuja Faetonte. *à part.*

Albãn.

Alban. Que tens com a minha vida? Naõ me detenhas.

Eger. A palavra, que me deſte de ſer meu eſpoſo.

Alban. Palavra de eſpoſo?

Eger. Sim.

Alban. Iſmene, Egeria delira; eu vou caſtigar ao traidor.

Iſmen. Eſpera, averiguemos iſſo; que as offenſas da alma devem preferir às do corpo.

Alban. Vê, que o traidor ſe póde auſentar; e para que vejas, que Egeria ſe allucina, verás na minha fineza convencido o ſeu engano.

Canta Albano o ſeguinte Recitado, e depois com Egeria, e Iſmene a Aria a 3.

RECITADO.

Donde te eſconderás de meus furores,
Fementido traidor? Mas naõ te occultes,
Que ainda que te ſepultes
Nas concavas cavernas deſſe abyſmo,
E em triſte parocyſmo
Entre as ſombras do Averno te diſfarces,
Lá meſmo encontrarás o teu caſtigo,
O' perfido inimigo,

Por

Por naõ creres com barbara impiedade
Ser incapaz da morte a Divindade.

ARIA A 3.

Alban. Na minha vingança,
Iſmene, verás
Meu fino querer.
Eger. Eſpera, ſuſpende,
Cruel, que a mudança
Me chega a offender.
Iſmen. Valente, caſtiga
A maõ, que meu ſangue
Intenta verter.
Eger. Firmeza } te peço.
Iſmen. Vingança }
Alban. Firmeza, e vingança
Eger. Firmeza } em meu peito.
Iſmen. Vingança }
Todos. Sómente acharás.
Alban. De amor inflammado,
Iſmen. De ardor abrazada,
Eger. De horror congelada,
Todos. Minha alma verás.

Fim do primeiro Acto.

ACTO II.

SCENA I.

Salla. Sahe Albano.

Alban. NAõ he poſſivel apparecer o traidor, ſem que tenha omittido o meu cuidado toda a diligencia, como poderia entrar eſte inimigo, e ſahir, ſem ſer viſto de ninguem.

Sahe Chichisbeo.

Chich. Donde eſtará eſte Faetonte, que naõ he poſſivel atinar com elle? Eis-aqui para quando hum homem havia ſer feiticeiro.

Alban. Fiton?

Chich. Que manda Voſſa Alteza muito ſerenada?

Alban. Que me declares, quem foy o traidor, que quiz offender a Iſmene eſta noite; e já neſte diamante te anticipo o premio de tua ſciencia. *Dá-lhe hum annel.*

Chich. Aceito o Diamante, porque me ſerve cá para certa couſa de minha ſciencia deſfeito

feito em vinagre; pois que diz Voſſa Alteza?

Alban. Saber quem foy o traidor de Iſmene, que a quiz matar eſta noite.

Chich. A que horas?

Alban. Seriaõ dez.

Chich. Fazia luar, ou eſcuro?

Alban. Naõ reparey.

Chich. Nem eu, mas ſem eſſa circunſtancia paſſaremos; e digame mais, o traidor chegou a ferir a Iſmene?

Alban. Naõ; porque acodi a defendella.

Chich. Pois ſaiba Voſſa Alteza, que a naõ matou, e que viva eſtá; quer ſaber mais alguma couſa?

Alban. Quem he o traidor, he que me importa ſaber, e aonde eſtá.

Chich. Sabe Voſſa Alteza, por onde elle hiria?

Alban. Se eu o ſoubera, naõ to perguntara.

Chich. Pois tambem eu lho naõ perguntara, ſe o ſoubera.

Alban. A ti nada te he occulto, pois no volume dos aſtros, lês todos os ſucceſſos do Mundo.

Chich. Iſſo aſſim he; mas he com occulos.

Alban. Naõ me entretenhas com frivolas deſculpas; eu eſtou empenhado a que me digas o que te pergunto, quando naõ aqui ficarás ſepultado.

Chich.

hich. Naõ me ameace, que por mal ainda he peyor: olhe, Senhor, ſe quer ſaber quem he o traidor, vá ao boſque do Eridano, e o primeiro homem, que ahi encontrar, eſſe he; porém ſegredo no caſo; porque eu cá naõ ſou homem de mexericos.

lban. Pois, Fiton, ſe acho certo, o que me dizes, ainda ſerá mayor o meu agradecimento. *Vay-ſe.*

hich. Vay-te cos diabos; pois ſó por me ver livre daquella ſanguixuga, lhe diſſe, que eſtava no Eridano: naõ me lembrou dizerlhe, que eſtava nos quintos Infernos, por ver ſe o hia lá buſcar.

Sahem ElRey, e Mecenas.

Rey. Fiton?

Chich. Avie-ſe: outra impurraçaõ temos. *à part.*

Rey. A tua ſciencia neſta occaſiaõ ſó me póde livrar de hum empenho. Quem foy o que a Iſmene . . . . .

Chich. Quiz matar eſta noite, ſeriaõ dez horas? Já diſſe a Albano, que foſſe ao Eridano, que lá o acharia.

Rey. Prodigioſo homem! Vem cá, Fiton, ſe eras taõ inſigne Magico, para que mo negavas?

Chich. Por naõ ter applauſos ; pois ſou taõ inimigo de rompantes laudatorios , que por iſſo fogi de Theſſalia.

Mecen. Até niſſo moſtra , que he verdadeiro Sabio.

Rey. E como eſtamos do filho do Sol ?

Chich. Já o tenho quaſi deſcoberto até o peſcoço ; falta-me ſó verlhe a cara , para o conhecer.

Rey. Pois quem te impede o ſeu total conhecimento ?

Chich. Os vapores craſſos da terra , que eſtaõ eſcurecendo o brilhante dos aſtros ; mas a pezar de tudo hey de trazello aqui pelos cabellos , ſobpena de enforcar os livros.

Mecen. Senhor , lembro a Voſſa Mageſtade , que Albano pertendeo algum dia a Egeria eſpoſa, e naõ ſey , ſe o traidor ſeria .....

Rey. Cala-te , Mecenas : bem te percebo : Albano he Principe ; e quando o naõ foſſe, mais intereſſe acharia em Iſmene , que em Egeria. *Vay-ſe.*

Mecen. ElRey muito confia em Albano ; e as minhas idéas muito ſe retardaõ na execuçaõ , por naõ achar a opportunidade , que deſejo ; ay Egeria , que a tua infelicidade me ſuſpende o arrojo , e me eſconde a occaſiaõ ! Mas ſó tu , ò Fiton , compadecendo-te

cendo-te do meu amor, pódes remediar o meu empenho; que me reſpondes, Fiton? Fiton, naõ ouves? Arrebatado em extaſis eſtá! Fiton?

Chich. Naõ me deixará, Senhor Mecenas, que eſtava agora ideando aquillo, que Voſſa Senhoria me recomendou àcerca da Senhora Egeria, e o tinha já quaſi concluido, ſe me naõ chama?

Mecen. Até niſſo ſou infeliz; mas baſtame para alentar a minha eſperança, ſaber, que te naõ eſqueces da minha pertençaõ; mas ſó te digo, que deſejara, que Albano cahiſſe do valimento, por naõ conſeguir o Hymenêo, que pertende, e unir mayor poder a meu contrario.

Chich. Tudo bem ſe fará.

Sahe Chirinola ao baſtidor, e Mecenas a vê.

Chirin. Graças a Deos, que já achey eſte Mecenas! Tomara fallarlhe ſó por ſó, ſem que me viſſe o meu Chichisbeo; cé.

Mecen. Que me quererá aquella criada? Fiton, retirate, que importa ficar ſó; depois fallaremos.

Chich. Tambem ſenaõ fallarmos importa pouco; mas eu quero eſpreitar, o que iſto he. *à parte.* *Eſconde-ſe.*

Mecen. Que ha de novo, Chirinola?

Chirin. Egeria te aviſa, que Albano, e Iſmene ſe achaõ divertindo em huma caçada, nas ribeiras do Eridano; que obſerves os ſeus movimentos, que póde ſer aches alguma occaſiaõ para o intento.

Mecen. Dizelhe, que a repoſta he a obediencia, com que executo os ſeus preceitos. *Vay-ſe.*

Chich. Temos a Chirinola feita alcoviteira!

Chirin. Eu naõ ſey, quando ſe aquietaráõ eſtes Senhores.

Chich. Quando naõ houverem alcoviteiras. *Sahe.*

Chirin. Falle claro, e naõ me dê remoques.

Chich. Ora naõ fiava de ti, que tiveſſes taõ baixo officio, ſendo tu a primeira terceira, que eu vi taõ deſtemperada neſſa materia!

Chirin. E quem to diſſe?

Chich. He boa pergunta eſſa! A hum Magico naõ ſe pergunta, quem lho diſſe.

Chirin. Perdoe, que cuidava, que já naõ era Magico.

Chich. Ay, que me naõ lembrava da promeſſa, que te fiz! Eſtou zombando, eu naõ ſey nada.

Chirin. Logo naõ ſou alcoviteira?

Chich. Qual alcoviteira?

Chirin.

Chirin. Bem ſe conhece o remendo, que naõ he do meſmo panno.

Chich. Ah Chirinola, ſabe Deos as linhas, com que cada hum ſe coze: deixemos galantarias amatorias, e fallemos em couſas ſizudas.

Chirin. Pois que ha de novo?

Chich. O meu amor.

Chirin. Pois iſſo já naõ he velho?

Chich. Naõ vês, que os velhos ſaõ duas vezes meninos?

Chirin. Pois que quer o menino?

Chich. Quer nanar.

Chirin. Pois buſque quem o emballe.

Chich. Sempre me andas emballando com eſſe rigor! Naõ vês, que ſou teu Chichisbeo, a quem ſe devem os carinhos de *jure*, e porta franca os agrados?

Chirin. Ainda mais carinhos, ainda mais agrados, dos que lhe eu faço?

Chich. Iſſo ſim; mas . . . . .

Chirin. Mas que? Diga: mas que?

Chich. A mim me tinhaõ dito, (muito ſe mente neſte Mundo!) que os Chichisbeos abraçavaõ as ſuas Chichisboas; que eraõ duas almas n'um corpo; o que hum queria, outro queria; que a fé amante era inviolavel; a aſſiſtencia continua; o cuidado fre-

frequente ; e que eſtavaõ olhando hum para o outro ſempre ſem peſtanejar, e no cabo nada diſto acho em Italia: que ſerá?

Chirin. Eſtás muito alheyo no caſo.

Chich. A'gora, eu eſtou muito bem certo nas leys do Chichisbeato.

Chirin. Nada ſabe, ſenaõ ter atrevidos penſamentos; naõ ſabe, que hum Chichisbeo ha de querer com taõ caſto amor, que naõ ha de paſſar os limites da politica?

Chich. Filha, iſſo de amor Platonico he couſa ideada, que naõ exiſte *in rerum natura*; he huma capa, que ſe deita ſobre os olhos de Cupido, para o cegar mais, e para cegar tambem aos circunſtantes; e naõ me puxes tu pela lingua, que eu direy o que ſinto neſſa materia.

Chirin. Seja o que for; iſto he o que cá ſe uſa.

Chich. Vamos com a moda, que do mal o menos.

Chirin. Iſſo me parece bem.

Chich. Pois ouve, e verás ſe ſou Chichisbeo de verdade.

Canta Chichisbeo a ſeguinte

ARIA.

Cara mia, cara, cara
Per te il mio cor tra fitto
Smarrito, ſbigurrito
Il dardo ſenti d' amor.
Moriró, má qual Fenice
Che nel fuoco ſuo felice
Piu bella revive allor. *Vay-ſe.*

Chirin. He o mais galante Chichisbeo, que tenho viſto! *Vay-ſe.*

SCENA II.

Selva. Sahe Egeria, e Faetonte.

Eger. QUanto, Faetonte, ſinto ſe mallograſſe taõ bem premeditada acçaõ!

Faet. Bem vês, Egeria, como obedeço aos teus preceitos, e como deſempenho a minha palavra; falta cumprires da tua parte com a morte de Albano.

Eger. Ainda naõ falta o tempo: cuidemos primeiro em ſalvar a tua vida, pois he cer-

certo, que de Iſmene foſte viſto, e ſe fazem diligencias para te prenderem; e aſſim ſerá preciſo, que ſeja outra vez eſte boſque do Eridano verde aſylo de tua peſſoa.

Faet. Ay de mim, que mais ſinto o cruel deſterro, que perder a propria vida, pois quizera que Iſmene me viſſe mil vezes traidor!

Eger. Para que he taõ inutil acçaõ?

Faet. Para executar a minha fineza nos continuos ſacrificios à tua formoſura.

Eger. Muito te devo.

Dentr. Ao boſque, à ſelva, tó, tó.

Eger. Mas alli vem Iſmene; poem em execuçaõ o teu intento, que eu me retiro, e occulta neſte arvoredo, eſtarey obſervando o teu valor: (aſſim fingirey, que o vejo, para que ſe alente na execuçaõ, *à p.* que huma couſa he deſejar a morte, e outra vella executar. *Vay-ſe.*

Faet. Eſpera, Egeria; mas ay de mim! Quem ſe vio em mayor conſternaçaõ! Eſperar Egeria pela morte de Iſmene, Iſmene aquelle ſoberano idolo de amor, cuja copia adorey primeiro, que o ſeu original! Verme Egeria agreſſor, e ver eu a Iſmene amante! Oh que intrincado labyrintho de

de amor ! Mas ella já vem chegando, e eu para ſatisfazer a ambos os empenhos, fingirey, que me deſencontro, e no em tanto gozaráõ os olhos por entre eſtas ramas o bello Sol, que me abraza. *Eſconde-ſe.*

Sahem Iſmene com arco, e ſettas, e alguns monteiros.

Iſmen. Alli ſe moveraõ ramos, ſem duvida que alli ſe embrenhou a féra: Eſpera, veloz jeroglifico do vento, que eu com eſta ſetta te ſuſpenderey a fuga.

Atira huma ſetta, e dá em Faetonte, e cahe atraveſſado com ella aos pés de Iſmene.

Faet. Ay de mim, tyranna, que me mataſte!
Iſmen. Que vejo! Ay infeliz, que cuidey eras a féra, que vinha ſeguindo! Levantate, homem, que as minhas piedades faraõ menos horrivel a tragedia deſte acaſo. *Levanta-o.*
Faet. Com taõ feliz remedio ſerá ditoſa a minha morte: perdoe Egeria, que a occaſiaõ naõ permitte attenções. *à parte.*
Iſmen. Aonde foy a ferida?
Faet. No peito.
Iſmen. E he penetrante?

Faet.

Faet. Chegou-me ao coraçaõ.

Iſmen. Ao coraçaõ ? Se aſſim fora naõ eſtarias com vida.

Faet. Eſſe he o privilegio do teu golpe, que immortaliza a meſma morte.

Iſmen. Agora vejo, que eſtás mortal, pois que deliras; levay eſte homem, e de ſua ferida o remedio correrá por minha conta.

Quer Iſmene hirſe, e Faetonte a detem, e canta a ſeguinte

ARIA.

Deixa, que eu morra
Deſta ferida,
Que he melhor vida
Morrer por ti
Se me deſejas
Da morte iſento,
Naõ te retires;
Pois ſó me alento
Com verte aqui. *Cahe.*

Iſmen. Levay, levay eſſe homem, que me horroriſa ver tanto ſangue. *Vay-ſe.*

Sahem

Sahem por huma parte Albano, e da outra logo depois Mecenas, Fiton, e Chichisbeo.

Alban. Eſperay: que homem he eſſe? Quem o ferio?

Monteir. Iſmene com huma ſetta.

Alban. Sem duvida, que eſte he o traidor, que quiz matar a Iſmene, pois he o primeiro homem, que encontro nos boſques do Eridano, como me diſſe Fiton; e pelo conhecer Iſmene, valeroſa ſe quiz vingar pelas ſuas mãos.

Faet. Ay de mim! Eſpera, naõ te vás, tyranna roubadora de minha vida, pois com a minha morte naõ extingues o ardor, em que me abrazo. *Levantando-ſe.*

Alban. Ainda fulminas vinganças, infame, traidor? Mas ſe ſemivivo te deixou a piedade de Iſmene, a minha vingança te acabará de huma vez.

Puxa por hum punhal; e ſahem Mecenas, Fiton, e Chichisbeo.

Faet. Ainda que exangue me vês, ſabe, que tenho eſpiritos, para ſuppeditar o teu arrojo: larga o punhal, e vem a meus braços.

Chich.

Chich. Em grande perigo eſtá Faetonte ! O engano me valha. Suſpende o braço, ſacrilego Albano : Mecenas, eſte he o filho do Sol, por quem tanto ſuſpira El-Rey.

Mecen. Que dizes ?

Alban. Eſte naõ he o filho do Sol, he o traidor de Iſmene, e nelle quero completar o reſto da vingança, que deixou Iſmene principiada.

Chich. Ora naõ o ſaberey eu ? E ſenaõ pergunte-lhe, e verá o que elle diz.

Faet. Deixa, Fiton, pois lhe val a ſua ignorancia, para que Apollo, como a ſacrilego, o naõ caſtigue com ſeus rayos.

Fiton. Naõ ha mais remedio, que obedecer aos fados, para que naõ perca Faetonte a vida ; e para mayor evidencia de que elle he o filho do Sol, fará Apollo, que ſe movaõ eſtas arvores, mudando o ſitio, em que habitaõ.

Movem-ſe as arvores de huma parte para a outra.

Todos. Prodigioſo ſucceſſo !

Faet. Grande Magico he Fiton ! *à part.*

Chich. Se eu ſoubera fazer diſto, dava duas figas na inveja. *à part.*

Mecen. Que mais evidencia queremos ? Vem, venerado filho do Sol, a ennobrecer eſta regiaõ. *Alban.*

Alban. Fiton, Senhor, he o culpado no meu exceſſo, pois me diſſe, que o primeiro homem, que encontraſſe nos boſques do Eridano, que eſſe era o traidor, que quiz matar a Iſmene; e como foſte o primeiro, que encontrey, e o verte ferido por Iſmene me perſuadi, que eras o traidor; e aſſim deſculpa o meu atrevimento; pois ſó Fiton por enganarme merece o caſtigo.

Chich. Naõ nego, que eu diſſe, que o primeiro homem, que encontraſſes, era o traidor; porém Faetonte, (que aſſim ſe chama eſte Senhor filho do Sol) naõ he ſemideos: logo naõ o enganey.

Faet. E o ferirme Iſmene foy huma caſualidade.

Mecen. Vamos, Senhores, naõ dilatemos o dar a ElRey eſte prazer: vem, eſclarecido Faetonte. *Vay-ſe.*

Faet. Bom principio levaõ os meus intentos. *Vay-ſe.*

Alban. Vou ſem alma, pois temo neſte filho do Sol o eclypſe do meu amor. *Vay-ſe.*

Fiton. Oh quanto em vaõ pertende a prudencia humana ſuſpender o movimento das eſtrellas! *Vay-ſe.*

Chich. Ora vejaõ as couſas deſte Mundo como ſaõ, pois eu ſendo hum aſno em peſſoa,

peſſoa, eſtou feito ſatrapa em carne; e Faetonte ſendo hum ninguem, lá vay a ſer venerado como filho do Sol! Se iſto naõ parar em alguma deſtampaçaõ, temos vida para cem annos.

Sahe Egeria.

Eger. Cuidadoſa venho, ſem ſaber, ſe Faetonte executaria o intento; mas alli eſtá Fiton, elle me informará: Fiton, vem a tirarme de huma duvida.

Chich. Naõ poſſo, Senhora, que anda tudo revolto com o novo ſucceſſo, que agora aconteceo. *Vay-ſe.*

Eger. Que ſucceſſo? Eſpera: mais confuſa eſtou! Mas quem duvida, que ſerá a morte de Iſmene? Porém que vejo! Alviceras, coraçaõ; todo eſte prado eſtá inundado de ſangue, naõ póde haver mais ſeguro indicio; pois haver ſangue no lugar, aonde deixey a Faetonte, e Iſmene, dizer-me Fiton accelerado, que andava tudo revolto com hum novo ſucceſſo, que póde ſer, ſenaõ o que imagino? Oh valeroſo Faetonte! Oh extremoſo amante! Só o teu valor me podia coroar de triunfos.

Sahe

Sahe Chirinola.

Chirin. Senhora, que ſerá iſto? Todo eſte prado cheyo de ſangue, e alli encontrar a Albano pallido, como ſobreſaltado, e Mecenas, que levavaõ hum homem como prezo?

Eger. Viſte, que homem era?

Chirin. Naõ o pude diſtinguir, por hir cercado de muita gente.

Eger. Ay de mim, que ſerá Faetonte! Sem duvida, que morta Iſmene, naõ poderia eſcapar!

Chirin. Pois, Senhora, que ſeria iſto?

Eger. Huma felicidade, e huma deſgraça ao meſmo tempo; aquelle, que viſte hir prezo, era (ay de mim!) o mais extremoſo amante, que me adorava: chegando a tanto a ſua fineza, que chegou a dar a morte a Iſmene, cujo ſangue he eſte, que matiza eſte prado.

Chirin. Ora já ſe acabaraõ os teus cuidados à cuſta do ſangue alheyo.

Eger. As armas da juſtiça ſaõ muy poderoſas.

Chirin. Agora, Senhora, que te vês ſem oppoſiçaõ no throno, lembrate da minha lealdade.

Eger. Ainda naõ creyo eſta fortuna: oh ambiçaõ

biçaõ de reynar, a quanto obrigas! Oh cego amor, a quanto te deliberas!

Canta Egeria a ſeguinte

ARIA.

Verdes louros do Eridano,
Só aſſim no ſolio uſano.
Deſſe ſangue matizados
Vós me haveis de coroar.
Mas ò tu ditoſo amante,
Que por mim penando vás,
A teu peito fiel conſtante
Eu prometto libertar. *Vay-ſe.*

SCENA III.

Gabinete bem adornado. Sahem Faetonte, e Chichisbeo.

Chich. ORa Senhor filho do Sol, ſeja-lhe muito parabem a voſſa ſemideidade, pois que ſe vê palaciego, venerado dos grandes, adorado dos pequenos, e appetecido das Damas; agora peçolhe, que já que o Senhor ſeu pay he o productor

ductor do ouro de vinte, e quatro quilates, que reparta comigo dos ſeus mineraes; quando naõ, hey de pollo no olho da rua, como quem he.

Faet. Bem ſey, Chichisbeo, que eſſa epiquéa, com que me fallas, he huma rigoroſa critica de meu naſcimento; mas ſe o naſcer nobre, he acaſo da fortuna, com o meu valor, e a tua induſtria emmendarey eſſe acaſo.

Chich. E como eſtás da ferida?

Faet. Quaſi ſaõ à força de activos remedios.

Chich. E quem te ferio?

Faet. Iſmene caſualmente com huma ſetta, que para hum bruto a deſpedio do arco.

Chich. Andar, nunca errou o tiro.

Faet. E mais ſentira, ſe o errara.

Chich. Naõ entendo eſſa filoſofia.

Faet. Porque Iſmene he o bello original daquella copia, que de Theſſalia me trouxe em frenetico delirio.

Chich. Iſmene meſma?

Faet. Iſmene; porque aquella belleza ſó de hum animo Real poderia ſer adorno.

Chich. Caro te cuſtou o achalla, pois zombando, zombando, te hia cuſtando a vida.

Faet. Tambem o naõ achalla me cuſtaria o meſmo.

Chich. Que pertendes agora depois de filiado na caſa do Sol?

Faet. Eſcuzada pergunta, quando ſabes os extremos, que fiz por Iſmene, quando pintada; pois quem taõ finamente adorou as ſuas ſombras, como deixará de idolatrar o claro de ſuas luzes?

Chich. Eu o creyo; mas com tudo naõ falta quem diga, que huma mulher he melhor pintada, que viva; pois o pincel he como o ſolimaõ, que mata os defeitos.

Faet. Em Iſmene tudo ſaõ perfeiçõeſ.

Chich. Com que Egeria já lá vay cos diabos?

Faet. Naõ tem que ſe offender Egeria, pois primeiro adorey a Iſmene.

Chich. Na verdade, que ſe ſouberas, o que ha na materia, entre Egeria, e Mecenas, que ha mais tempo, que a havias ter repudiado.

Faet. Contame, para que poſſa cohoneſtar o meu deſvio.

Chich. Senhor, eu naõ ſou de mexericos; neſſa certeza ſaiba voſſa merce, que Egeria fez a Mecenas eſcrito de caſamento, ou couſa que o valha, e ſe lhe mete na cabeça, que ha de pôr a Egeria no throno; e naõ deixaõ de ter ſeus colloquios amatorios.

Faet.

Faet. Quem to diſſe?

Chich. Eu, que o ouvi com eſtes olhos; e pertenderaõ, que eu déſſe algum ſoccorro magico na materia; com que, Senhor, iſto anda muy ſollapado, e combalido; faze o teu negocio, gema quem gemer; já eſtás feito filho do Sol, e como tal pódes caſar, aonde puzeres o dedo meminho.

Faet. Naõ ſabes, quanto eſtimo eſſa falſidade de Egeria, para que ſem eſcrupulos da conſtancia poſſa livremente pertender a Iſmene?

Chich. Sim Senhor, Iſmene, e mais Iſmene, que o mais he carvaõ de ſacaria.

Sahe Iſmene.

Iſmen. Cuidadoſa da tua ſaude, venho expreſſarte o quanto eſtimarey a tua melhora, para que no alivio da queixa ſe mitigue o pezar de ſer eu a cauſa da tua moleſtia.

Faet. De melhor vontade recebera os parabens da ferida, que os da melhora; pois morrendo aos golpes da tua ſetta, acharias no ſacrificio da minha vida os cultos de quem te adora como Deidade. Oh quan-

tas vezes, Iſmene, abomino a arte, que inventou antidotos para curarme; pois quizera no mortal da ferida immortalizar a minha fineza!

Iſmen. Bem inſtruido eſtás nas liſonjas da Corte; mas como eſſes affectos ſaõ mais effeitos do entendimento, que da vontade, te agradaráõ mais os elogios, que a correſpondencia; e pois ſatisfeita vou, vendote convalecido, permitte-me, que me retire. *Quer irſe.*

Faet. Naõ te vás, ſem que primeiro te informe de outra enfermidade mayor, que padeço; que ſe piedoſa te oſtentas com os males do corpo, ſerá razaõ, que propicia te encontre no mal, que minha alma padece.

Chich. Aquelle mal d'alma, como couſa occulta ſó a mim me pertencia dizello, a quem toca revelar os ſegredos animaes; porém diga o Senhor Faetonte, que em fim mais ſabe o tollo no ſeu, que o diſcreto no alheyo.

Faet. Haverá hum anno, formoſa Iſmene, que te vi, ou para melhor dizer, que ceguey de te ver; e aſſim como o Iman procura o ferro, o Eliotropio o Sol, e o fogo o ar, aſſim deſde Theſſalia, aonde te admi-

admirey, a procurarte veyo o meu affecto duas vezes peregrino; deixo de encarecerte os deſvélos, os cuidados, e os ſuſpiros, que me motivaſte, por te naõ horrorizar a tragedia do meu tormento.

Iſmen. Se nunca fuy a Theſſalia, como nella me podias ver?

Faet. Neſte retrato. *Moſtra o retrato.*

Chich. Eu ſou muito boa teſtemunha, e mais por final, que o vio em jejum, e logo ficou naõ ſey como.

Iſmen. E de que ſorte veyo a teu poder?

Faet. Achando-o nas ribeiras do mar, entre os fragmentos de hum naufragio.

Chich. Ah Senhor, peça perdaõ a Sua Alteza de achar o ſeu retrato na praya, que naõ he lugar decente.

Iſmen. Ay de mim, que eſte he o meu retrato, que ſe enviou ao Principe de Rhodes, que infeliz naufragou com elle, vindo-me receber por eſpoſa! *à part.*

Faet. Te enternece ver o teu retrato, ou de ouvir os meus ſuſpiros?

Iſmen. De ambas as couſas: o retrato pelo ver ſem dono, e os teus ſuſpiros por inuteis.

Faet. Se eu poſſuo o retrato, como naõ tem dono?

Chich.

Chich. Iſſo aſſim he pela regra do *uſu capiam*, e de ſerem inuteis os ſeus ſuſpiros, tambem pudera dizer alguma couſa pelo direito de terceiro; porém acho, que Voſſa Alteza naõ ha de deſprezar hum filho do Sol legitimo, que ſó por ter por avó de ſeus filhos ao olho do Sol, podera dar os olhos da cara.

Iſmen. Para que tanto te empenhas por Faetonte?

Chich. Porque a Apollo ſeu pay devo o que ſey, por ſer o Meſtre em artes Magicas, e Aſtrologicas.

Iſmen. Faetonte, tarde chegaraõ aos meus ouvidos os teus ſuſpiros; pois já ſou de Albano.

Faet. Para que me deſenganas, cruel? Deixa ao menos manterſe a minha eſperança na vaidade de que poſſo merecer os teus agrados.

Chich. Ahi vem ElRey.

Iſmen. Eſtimo por atalhar os ſeus diſcurſos. *à p.*

Sahe ElRey.

Rey. Ditoſa Italia! Ditoſo Monarca, que tem fortuna de poſſuir o filho do Sol nos ambitos do ſeu dominio! Permitte pois, que

que proſtrado á teus pés conſagre a teu reſpeito repetidas veneraçõeſ. *Faz que ajoelha.*

Faet. Senhor, Voſſa Mageſtade naõ deve eſtar deſſa ſorte; os meus braços ſeraõ o throno, donde melhor ſe colloque a tua ſoberania.

Rey. Galhardo aſpecto! Vês, Fiton, que o que ſonhey naõ foy erro da fantaſia?

Chich. He, que Voſſa Mageſtade ſabe mais dormindo, que acordado.

Rey. Mas ſempre te agradeço o ſeres tu o ditoſo inſtrumento do bem, que poſſuo.

Chich. Pois na verdade, que bem me cuſtou a dar com elle.

Rey. Reſta agora, que me deſcubras o agreſſor de Iſmene.

Chich. *Paulatim*, naõ vay a eſtafar.

Rey. Supponho, Faetonte, que já terás relevado a Iſmene a caſualidade de ferirte no boſque; e para que com huma acçaõ ſatisfaça a dous empenhos, vem comigo ao templo de Hymenêo, donde depois de ſacrificar a Apollo, grato ao beneficio de permittir habite comigo hum filho ſeu, aſſiſtirás aos deſpoſorios de Iſmene com Albano, para que com teu influxo ſeja ſempre fauſto, ſempre ditoſo o ſeu Hymenêo.

Faet.

Faet. Que ouço? Ay infeliz! *à part.*
Chich. Lá vay quanto Martha fiou! *à part.*
Rey. Vem, Faetonte.
Faet. Senhor .... Iſmene .... o Hymenêo .... poderia .... porque .... Naõ ſey o que digo. *à part.*
Rey. Que tens? Que te perturba?
Chich. Naõ repare Voſſa Mageſtade, que todos os filhos do Sol maſtigaõ as palavras, e engolem os conceitos: quer dizer, que ſe podia dilatar o caſamento; porque ainda ſe acha mal convalecido, e lhe tremem as pernas, que naõ póde dar huma paſſada.
Rey. Pertô fica o templo; pois convem naõ dilatar, antes que outro traidor impulſo intente malograr as minhas idéas. Vem Senhor. *Vay-ſe.*
Faet. He preciſo obedecer: Iſmene, lembra-te de mim. *Vay-ſe.*
Chich. Ande, Senhor, que honra, e proveito naõ cabe n'um ſacco. *Vay-ſe.*
Iſmen. Que tarde vieſte, filho do Sol, outra vez torno a dizer, e que accelerado voas Hymenêo de Albano! A preſſa de hum, e a tardança de outro, ſaõ hoje os incentivos da minha magoa.

Sahe

Sahem Egeria, e Chirinola, de ſorte, que naõ vejaõ a Iſmene.

Chirin. Senhora, recolhamo-nos depreſſa ao teu quarto, para que ſenaõ ſuſpeite em nós alguma traiçaõ; quando Faetonte, confeſſe o delicto, daremos a noſſa quartada, dizendo, que eſtivemos em caſa.

Eger. Pois anda, que até naõ ſaber de Faetonte, naõ ſoſſegará o meu coraçaõ; e pois já o Ceo me vingou deſta tyranna, de ſeu ſangue eſmaltarey a minha Coroa; mas que he o que vejo? Ay de mim!

Vê a Iſmene.

Chirin. O que? O que, Senhora? He verdade! A que delRey, naõ fuy eu; naõ fuy eu, Iſmene.

Eger. O alento me falta; Iſmene, naõ crimines a minha innocencia, porque Faetonte .... mas ay de mim! *Deſmaya-ſe.*

Iſmen. Que he iſto? Que perturbaçaõ he eſta? Egeria, torna em ti; dize tu, que foy iſto? *Para Chirinola.*

Chirin. Tomara-me deſmayar; mas naõ poſſo.

Iſmen. Ha confuſaõ ſemelhante! De que te aſſombras? Sou alguma fantaſma?

Chirin. Eſpere, que já vou perdendo o medo; pois Voſſa Alteza he meſmo V. Alteza?

Iſmen.

Iſmen. Pois quem hey de ſer!
Chirin. Deixe-me apalpar.
Iſmen. Para que?
Chirin. Com que Voſſa Alteza naõ morreo?
Iſmen. Naõ me vês?
Chirin. Bem vejo; mas naõ ſey, ſe he alguma couſa do outro Mundo.
Iſmen. Deixa deſpropoſitos, acudamos a Egeria: Egeria? Egeria?
Eger. Perdoa-me, Iſmene, que eu fuy...
Chirin. Ay, que ſe declara! Senhora, Senhora, que naõ he morta a Senhora Iſmene, naõ a matou o javalí na caça, como diſſeraõ; naõ tenha ſuſto.
Eger. Ay de mim! Que horrivel fantazia!
Levanta-ſe.
Iſmen. Que foy iſto, Egeria? Que enigma he eſte?
Chirin. He o que eu diſſe, Senhora, pois nos affirmaraõ, que hum javalí deſpedaçara a Voſſa Alteza, que Jupiter guarde, e por final nos moſtraraõ o ſangue; nós eſpavoridas, inventando outra vez a moda do arripiado, viemos correndo a bom correr, para talhar hum par de choradeiras; quando de repente a vimos a Voſſa Alteza; e como ſomos medroſas, cuidámos, que era huma cadavera.

Eger.

Eger. Bem remediou: *à part.* Iſmene, dá-me hum abraço, que a tua morte muito me tem cuſtado; e porque o ſuſto ainda me occupa muita parte dos ſentidos, permitte, que me retire. *Vay-ſe.*

Chirin. Arrelá com a mentirinha, que nos hia dando na cabeça! *Vay-ſe.*

Iſmen. Que enigmas ſeraõ eſtes! Egeria aſſuſtada; imaginar-me defunta; pedindo-me perdaõ, e que a naõ crimine? Naõ ſey o que conjecture! Mas ay infeliz, que aquelles ſuſtos, e aquellas palavras, ainda que mal explicadas, dizem muito! Oh ſede de reynar, quam impia, e ſacrilega he a tua ambiçaõ! Que maquinas naõ inventas! Que tyrannias naõ executas!

Canta Iſmene a ſeguinte

ARIA.

Ditoſa Paſtorinha,
Que alegre em verde prado,
Só cuida no ſeu gado
Ao ſom da melodía,
Que inſpira a rude frauta
Do amante ſeu Paſtor.

Poli-

Politicas naõ uſa,
Nem maximas inventa,
Ufana ſe contenta
Das flores, que tributa
A' fé de hum caſto amor. *Vay-ſe.*

SCENA IV.

Templo de Hymenêo, em cujo ſimulacro ſe vera huma têa incendida. Sahem Chichisbeo, e Chirinola.

Chich. ANda depreſſa, ſe queres ver o noivado, antes que ſe intupa o templo de gente.

Chirin. Ha de ter muito que ver, pois dizem, que o filho do Sol tambem aſſiſte muito bizarro.

Chich. Poem-te ahi, e dahi te naõ bulas.

Chirin. Sim Senhor, mas a mim me conſta, que voſſe ainda he hum refinado Magico, e que anda adivinhando o feito, e o por fazer.

Chich. Se eu eſtivera mais de vagar, eu te diſſera por onde o gato vay às filhozes.

Chirin. Eu bem ſey por onde vay.

Chich. Por onde?

Chirin.

Chirin. Pela trapeira.

Chich. Pela tripeira has de dizer, pois tudo quanto faço he por amor da tripa: ah Chirinola, que bella occaſiaõ para nos caſarmos! Olha, naõ te faz coſſegas ver alli o Deos dos caſamentos com a ſua luminaria ateada na chaminé de Cupido, em cujo fogo ſalvage ſe abrazaõ os miſeraveis do jugo amatorio? Dize, naõ tenhas vergonha.

Chirin. Voſſe tem a culpa, de naõ ter o que deſeja, pois ſenaõ fora feiticeiro, caſaramos agora.

Chich. Ainda crês, que ſou deſſes?

Chirin. Eu ſou alguma tolla? Naõ vês, que quem o demo toma, ſempre lhe fica hum geito?

Chich. Eu naõ ſey, que geito hey de dar a iſto? Se lhe declaro a tratada, perde-ſe Faetonte; ſe me callo, perco a Chirinola, e eſta occaſiaõ, que ainda he mais calva, que Chirinola. *à part.*

Chirin. Que diz? Ficou paſmado?

Chich. Bem ſey, que quem quer bem, diz do que ſabe, dá do que tem; mas tu has de guardar hum ſegredo daquelles de maço, e mona, e entaõ ſaberás couſas, ainda que ſonhadas, nunca viſtas.

Chirin.

Chirin. Iſſo corre por minha conta; pois que he?

Chich. He hum ſegredo.

Chirin. Dize-o.

Chich. Naõ to poſſo dizer, pois ſó eu o ſey, e mais certa peſſoa; e ſe tu o ſouberes, já naõ he ſegredo; porque paſſando de dous, acabou-ſe o ſegredo.

Chirin. Pois dize-mo, ſem ſer em ſegredo.

Chich. Entaõ que fineza te faço eu, em dizer huma couſa, que naõ he de ſegredo?

Chirin. Pois de que ſorte o hey de ſaber?

Chich. De nenhuma, pois naõ ſabendo tu o ſegredo, vens a ſaber, que ha ſegredo, que he o que te baſta.

Chirin. Vá-ſe dahi; voſſe he o que ſe prea de amante? Voſſe he Chichisbeo? He huma balla.

Canta Chirinola a ſeguinte

ARIA.

Senaõ fias de mim o ſegredo,
Eu do teu amor me naõ quero fiar;
Que ſenaõ póde dar confiança,
Em quem deſconfia ſeu peito moſtrar.

Fia

Fia, pois, ſenaõ queres que deſconfie
Do pouco que fias de mim te fiar;
Porque na fiança daquelle ſegredo
Fiada confio os extremos de amar.

hich. Aballemos daqui, que para eſte lugar vem correndo muita gente.

Retiraõ-ſe a hum lado.

Sahem Faetonte, e Fiton.

aet. Fiton, ſabe que eu eſtou quaſi deſeſperado. Albano, e Iſmene hoje ſe deſpoſaõ; e eu ſe tal chego a ver, morrerey infallivelmente; e ſe por evitar os meus precipicios tanto me recataſte dizer, que era de Iſmene aquelle retrato; agora, que o ſey, e que o naõ ſer minha me ha de cuſtar a vida, remedea a minha magoa no infallivel de minha morte. *Vay-ſe.*

iton. Dos dous males o menor ſe ha de eleger; e pois dizem, que o ſabio domina os aſtros, verey ſe poſſo enmendar com hum precipicio outro precipicio. *à part.*

ich. Anda ca tu, que ainda naõ tens nome neſta Hiſtoria; como te chamaõ?

ton. Chichisbeo.

ich. Chichisbeo ſou eu deſta menina.

Fiton.

Fiton. Pois eu o ſou de meu amo.

Chich. E elle que te queria, que te eſteve fallando com braços, olhos, e nariz, muy afroſſurado?

Fiton. Voſſa merce como he Magico naõ neceſſita que lho diga.

Chich. Eu já diſſo naõ ſey nada, que eſta menina me deu anacardina, para ſó me lembrar della.

Chirin. Aquillo he galantaria.

Chich. Naõ he; que fallo em meus cinco ſentidos.

Chirin. Eſtás colhido.

Chich. Naõ eſtou colhido

Chirin. Eſtás; pois ſe dizes, que te dey anacardina, como ainda tens todos os cinco ſentidos; que ſe aſſim fora, havias perder hum delles?

Fiton. Tem razaõ.

Chich. Mas faltalhe a juſtiça, porque eu por meus peccados tinha ſeis ſentidos, naõ menos; os cinco já ſe ſabe.

Chirin. E o outro qual he?

Chich. He o que tenho em ti.

Chirin. Mas qual delles perdeſte por amor de mim?

Chich. Perdi o ver; mas tu es tal, que naõ fazes carreira a cego.

Fiton

Fiton. Menina, o Senhor Fiton ſe eſtá disfarçando, que elle he Magico como ninguem.

Chich. Magico ſerá elle, e ſenaõ fora .... mas elles lá vem, tu me pagarás.

Vaõ ſahindo ElRey, Faetonte, Mecenas, Iſmene, e Albano, coroados de flores.

Canta o Coro.

Na tea luzente
Do ſacro Hymenêo
Se accenda brilhante
O rayo flamnante
Do filho do Sol.

Rey. Aquella ardente tea, que illumina o ſacro Hymenêo, ſeja immortalizada com as luzes de Apollo, para que ſempre clara a minha deſcendencia conſiga perpetua duraçaõ a pezar dos eſtragos do tempo.

Alban. Propicio amor, já pozeſte limite a minhas eſperanças.

Faet. Já me vay faltando a paciencia, para tolerar eſte violento rigor do fado. *à part.*

Iſmen. Faetonte naõ aparta os olhos de mim. *à p.*

Chich. Olha, aprende bem, Chirinola, as ceremo-

nias matrimoniaes, para quando chegar á noſſa occaſiáõ.

Rey. Iſmene, reconhece a Albano Principe de Liguria por teu eſpoſo, e naquella Sagrada tea de Hymenêo, que em brilhante pyra ao Ceo ſe dirige, abraza o teu coraçaõ no reverente amor conjugal, a quem proſperem os Deoſes, e felicitem os fados.

Iſmen. Sem uſo do alvedrio me conduz a eſte templo o teu preceito, como victima de Hymenêo.

Faet. Vay-ſe concluindo a minha vida; mas eu morrerey mais nobremente. *à p. para Fiton.*

Fiton. Eſpera, naõ te ſobreſaltes.

Chich. Caſamento no meyo da galhofa nunca tal vi!

Alban. Princeza, já que a ſorte me deſtinou taõ alta fortuna, firma com a tua maõ o decreto do propicio fado, que reverente a receberey com ambas para mayor ſegurança da minha felicidade.

Quer dar a maõ.

Faet. Eſpera, ay de mim!

Fiton. Repara, e vê. *Apaga-ſe a luz do Hymenêo.*

Alban. Que dizes, Faetonte?

Faet. Que vejas a luz de Hymenêo, que ao dares a maõ a Iſmene, ſe extinguio.

Rey.

Rey. Infauſto preſagio! Suſpenda-ſe o Hymenêo, pois a ſua Deidade, occultando a luz, nos aviſa de alguma fatal ruina.

Faet. He caſo nunca viſto!

Mecen. E nelle ſe encerra prodigio grande.

Alban. Se Hymenêo occultou a chamma, he porque ſobrava a de meu amor, em cuja preſença naõ podia luzir a ſua, bem como as eſtrellas à viſta do Sol; e aſſim permitte, Senhor, que deſprezado ſeja, que imaginas preſagio, ſe effeitue o noſſo Hymenêo.

Rey. Sofiſticos fundamentos naõ pódem prevalecer a taõ extraordinario acontecimento, até que Fiton nos declare a cauſa de extinguirſe aquella luz.

Faet. Diga Fiton.

Chich. Sou chamado a conſelho.

Alban. Da tua ſentença pende a minha vida. *à part. para Chichisbeo.*

Rey. Dize, Fiton, porque motivo ſe apagaria aquella luz?

Chich. Porque ſe acabou a torcida.

Faet. Reſponde ſerio, e vê lá o que fazes. *à part. para Chichisbeo.*

Alban. Fiton com aquella galantaria vem a dizer, que foy caſualidade, e naõ myſteriofa a extinçaõ daquella luz.

Chich. Tal naõ digo, e eu naõ ſou taõ eſcuro, que neceſſite de pay velho para commentarme: reſpondi aſſim; porque naõ quero dizer, que o Deos Apollo pay das luzes naõ leva a bem eſte matrimonio, e a razaõ diſto eu a direy a Sua Mageſtade ſó por ſó no ſeu gabinete.

Iſmen. Ha enleyo ſemelhante!

Faet. Viva a minha eſperança. *à part.*

Rey. Vês, Albano, que naõ foy ſem myſterio? E pois devemos obedecer, ainda ao minimo aceno dos Deoſes, já naõ póde Iſmene ſer tua, pois que Hymenêo eſconde a luz, para ſepultar em ſombras o teu deſejo.

Canta Albano a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Oh infeliz, oh triſte ſem alivio,
Miſero amante, como ſem Iſmene
Vivirey? Morrerey ao duro golpe
Da ſentença cruel, que me ſepára
Aquella alma ſublime deſte corpo,
Cuja uniaõ amor ligou conſtante:
Oh Jupiter piedoſo, deſſa eſféra
O triſulco furor de teu incendio

Con-

Contra hum peito infeliz fulmina ingente,
Que para provocar os teus furores
Incentivo naõ ha mais adequado,
Que naſcer infeliz hum deſgraçado.

ARIA.

Irado, e languente,
Frenetico, e amante,
O' injuſta Deidade,
Da tua impiedade
A Jove ſupremo
Me quero queixar.
Se a luz me uſurpaſte
Do ſacro Hymenêo,
Cruel te enganaſte;
Que em chamma mais pura
Minha alma conſtante
Se ſente abrazar. *Vay-ſe.*

Chich. Parece, que lhe ardeo a jeropiga! *à part.*

Rey. Deoſes ſoberanos, em que póde offendervos o Hymenêo de Albano, para que me priveis da gloria deſte dia? Mas quem póde comprehender as voſſas altas diſpoſiçõeſ! Vem, Faetonte, a ſacrificar, como diſſe, a Apollo teu pay, naõ ſó para gratificar a tua vinda; mas tambem para applacar

applacar a ſua indignaçaõ, repetindo o meſ
mo Coro, para que a lembrança da cul
pa ſeja incentivo da piedade.

CORO.

Na tea luzente
Do ſacro Hymenêo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sol.

Fim do ſegundo Acto.

ACTO

ACTO III.

SCENA I.

Camera. Sahem Faetonte, e Fiton-

Faet. VEm, Fiton, a meus braços, pois à tua ſciencia devo a vida, que reſpiro; que ſenaõ extinguias aquella luz em Hymenêo, em cinzas me reduziria a ſua chamma.

Fiton. Faetonte, agora, que de todo tens ſuperado o violento furor dos fados, e te vês neſta proſperidade iſento do grande damno, que te eſperava, te declararey, o que tantas vezes recuzey dizerte. Sabe, que tu es na realidade o verdadeiro filho do Sol, e de Climene, aquella infauſta belleza, que expoſta aos rigores de Diana entre os montes habita como féra.

Faet. Ay de mim! Que ſempre has de ſer cruel para comigo? Pois ao meſmo tempo confundes a delicia de hum prazer, com o rigor de hum pezar!

Fiton. E aſſim releva-me o naõ haverte communicado ha mais tempo eſte ſegredo; porque como eſtava decretado dos fados,

que

que a ſaberes tu quem eras, eſſa ſciencia havia de ſer o teu precipicio por cauſa de huma formoſura; por iſſo te occultey eſte deſengano; porém agora que ſupponho triunfas de ſeus decretos, razaõ he que triunfes tambem do meu ſilencio.

Faet. Puderas dizermo em tempo, que mais to agradeceſſe; mas ſempre eſtimo ſaber cujo filho ſou, ſe bem nada me dizes de novo, pois a altivez de meus penſamentos naõ poderia ter menos progenitor: eu te relevo o roubo, que me fizeſte do tempo, que ignorey a gloria de me jactar filho do Sol.

Fiton. Era preciſo obedecer ao influxo dos aſtros.

Faet. Naõ creas neſſas quiméras: de meus ſucceſſos pódes colligir o quam errada he a judiciaria eſpeculaçaõ das eſtrellas, cuja ſciencia tanto veneras: mas retirate, que ahi vem Egeria.

Fiton. Eu te obedeço. *Vay-ſe.*

Sahe Egeria.

Eger. Para que, Faetonte, me occultavas quem eras? Bem me parecia a mim, que o teu brioſo alento tinha mais ſoberana origem.

Faet.

Faet. Quiz occultarte quem era, para que o amor preferiſſe ao reſpeito na tua inclinaçaõ.

Eger. Se eſſa brilhante Deidade, quaſi immortaliza a vida; que temes, que naõ acabas de executar a morte de Iſmene, pois já por duas vezes deixaſte burlada a minha expectativa?

Faet. Como ſey, que Mecenas tem a meſma incumbencia, já naõ poderey executar os teus deſignios.

Eger. Verdade he, que Mecenas compadecido da minha deſgraça intentou reſtituirme ao throno de meus pays; mas naõ ſey, em que te poſſa offender a ſua piedade.

Faet. Em ſer piedade; pois he certo, que eſta ſó reſide em hum coraçaõ puramente fino.

Eger. Se da ſua parte eſtá o amor; da minha eſtará a conſtancia, com que te adoro; porém cuido, Faetonte, que eſſe affectado ciume ſe origina de algum motivo occulto.

Faet. Occulto motivo he; pois ſe eu diſſera, que tambem reſervas a vida de Albano, naõ ſey para que fim, talvez naõ acharas affectado o meu ciume.

Eger.

Eger. Para que vejas, que naõ eſtimo a vida de Albano, mudemos de ſyſtema, como ao principio pertendias: ſê tu homicida de Albano, que eu ó ſerey de Iſmene, para que na igualdade dos ſexos fique ſem perigo a reſoluçaõ; e deſſa ſorte, nem a formoſura de Iſmene te ſuſpenderá o golpe, nem a vida de Albano a zelos te incitará.

Faet. Para cabal ſatisfaçaõ de meus zelos tu meſma has de ſer homicida de Albano, aliás entenderey, que a piedade te retira o braço, e o amor te ſuſpende o golpe.

Eger. O meſmo poſſo eu dizer de Iſmene, para comtigo.

Faet. Para deſvanecer eſſa ſoſpeita, baſta intentar o golpe duas vezes ainda que de nenhuma ſe conſeguiſſe: e aſſim naõ tens que te eximir, que Albano fica ao arbitrio de tuas iras: aſſim ſegurarey a vida de Iſmene. *à part.*

Sahem ElRey, e Chichisbeo.

Rey. Baſta, que eſſa fov a cauſa, porque ſe extinguio a luz do Hymenêo?

Chich. Sim Senhor, que he vontade de Apollo, que ſeu filho Faetonte ſeja genro de

Voſſa

Voſſa Mageſtade, e a Senhora Iſmene nora, e Voſſa Mageſtade ſogro de Faetonte, e eſte marido da dita Senhora.

Rey. Faetonte, como o obedecer aos Deoſes he primaria obrigaçaõ de hum Monarcha, mal poderey reſiſtir aos mudos preceitos de Apollo teu pay; pois he ſua vontade, que Iſmene ſeja tua eſpoſa, e naõ de Albano, por cuja cauſa uſurpou a luz no ſeu Hymenêo.

Chich. Do que naõ ha a menor duvida, *attento ſecreto magicali.* *àpart.*

Eger. Ay infeliz, que ouço!

Faet. Ay feliz, que ouvi!

Rey. E pois tu, como filho de Apollo, eſtás mais obrigado a obedecerlhe, entendo te ſugeitarás ao ſeu imperio: Bem conheço que em Iſmene faltaõ meritos, para ſer eſpoſa de hum filho do Sol; porém huma cega obediencia naõ repara em qualidades.

Chich. Pois que lhe ha de fazer, ſe he vontade do Senhor ſeu pay? Feche os olhos, e diga, que ſim, que no aceitar vay o ganho. *à part. para Faet.*

Rey. Que dizes, Faetonte?

Faet. Que hey de reſponder, ouvindo-me Egeria? *à part.*

Rey.

Rey. Emmudeces?

Chich. He vergonhoſo em lhe fallando em caſar: diga, Senhor, que ſe as bellezas ſaõ Deidades, Iſmene em nada o deſmerece.

Eger. Muito me aggrava Faetonte naquelle ſilencio. *à part.*

Faet. Bem ſey, que a formoſura de Iſmene he digna do meſmo Jupiter, pois Europa, Danae, e Leda, naõ tiveraõ mais bellas perfeições: porém . . . . Ha deſgraça ſemelhante! *à part.*

Chich. Porém, que? Que diabo? Eſtá balbucente? A culpa tenho eu. *à part.*

Rey. Que reſolves, Faetonte?

Chich. Senhor, naõ tem que reſolver; porque elle neſta materia naõ tem voto: eu ſou o que hey de dar a reſoluçaõ; e aſſim digo a Voſſa Mageſtade, que elle quer, e requer, que ſe faça logo, e já o caſamento; e eu, que entro a fazer o requerimento, certo he, que tenho muita razaõ para o ſaber.

Rey. Aſſim o entendo, e da boa indole de Faetonte outra couſa ſe naõ podia eſperar; e para que ſatisfaça à pertençaõ de Egeria, ſuppondo que tem algum dominio à herança deſta Monarchia; quero, que caſe com Albano, pois com o Principado

cipado de Liguria, fica (ainda que naõ em tudo) em parte ſatisfeita a ſua queixa.

Eger. Ainda que Voſſa Mageſtade pudera repartir os dominios de Liguria, naõ poderá contraſtar o alvedrio de Albano, que adorando a Iſmene, o conſidero agora ſobre amante, zeloſo.

Rey. Quando o naõ vença a razaõ, o convencerá a violencia; vem, Fiton, que importa communicarte materias de importancia. *Vay-ſe.*

Chich. Valha-me Deos! Tomara ſer privado de ſer privado. *Vay-ſe.*

Faet. Egeria, a que mais póde aſpirar o teu deſejo? Já conſeguiſte o Hymenêo de Albano: ſerás Princeza de Liguria, e com as armas de teu eſpoſo poderás reſtaurar a tua Coroa.

Eger. Sendo tu o Monarcha, e auxiliado dos rayos de Apollo, que exercito te reſiſtirá? Pois para ficar vencido baſta ter por contrario ao Sol.

Faet. Se aſſim foſſe, eu me deixara vencer, ſó para que tu triunfaſſes.

Canta Faetonte a ſeguinte

ARIA.

Serêa encantadora
Affaga o navegante,
Que intrepido, e nadante
Fogindo do ſeu canto
Intenta triunfar.
Repara, que a belleza
Contém tal armonia,
Que em doce melodia
Obriga a naufragar. *Vay-ſe.*

Eger. Que affectadas finezas! Ah tyranno amante, que o teu genio ambicioſamente elevado te fará eſquecer do meu amor.

Sahe Albano.

Alban. Quem me dera ſaber, o que terá revelado Fiton àcerca da extinçaõ daquella luz de meu infeliz Hymenêo? Pois pendente o coraçaõ da ſua reposta, nem bem vivo, nem bem morto eſtá.

Eger. Vês, Albano, como os Deoſes caſtigaõ a hum perjuro, a hum falſo, e a hum traidor amante!

Alban.

Alban. Ignoro o que dizes.

Eger. Pois ſabe, para que o naõ ignores: Declarou Fiton, que a extinçaõ daquella luz era hum mudo imperio de Apollo, inſinuando ſer ſua vontade, que Faetonte ſe deſpozaſſe com Iſmene; no que El-Rey conveyo por naõ deſobedecer à inſinuaçaõ de hum Deos.

Alban. Immortal devo de ſer, pois naõ rendo a vida a golpe taõ cruel.

Eger. Se ſoubera, que havia de ſer taõ penoſa para ti eſta noticia, naõ ta déra; e aſſim eſcuſarey de dizerte, que infallivelmente Faetonte ſe deſpoſa com Iſmene, e que tu ficas excluido da gloria de poſſuir ſua belleza.

Alban. Vençaõ os acertos da prudencia as violencias de hum pezar. *à part.* Naõ ſabes, Egeria, o quanto eſtimo eſſa mudança de meu Hymenêo, para que deſenganado das inconſtancias da fortuna, em que até agora naufraguey, poſſa tomar o norte, que perdi: A teus pés, Egeria, ſe poſtra a minha culpa; naõ quero accumular deſculpas ao delicto, por naõ difficultar o perdaõ. *Ajoelha.*

Eger. Que fazes, Albano?

Alban. Revalidar o primeiro voto, que conſagrey

ſagrey nas aras de teu amor.

Eger. Ainda que pudera vingarme de teu aleivoſo proceder, quero ſer extremoſa comtigo; pois ſe naõ houvera ingratidões, naõ haveriaõ finezas. Aſſim convem para os meus intentos. *à part.*

Alban. Pois, Egeria, ſe a tua piedade me ampara, eu te prometto prepararte o throno, atropellando todas as difficuldades. Morra Faetonte.

Dentr. Viva Faetonte.

Eger. Morra Faetonte, e tambem Iſmene.

Dentr. Viva Iſmene.

Eger. Que encontrados eccos reſpondem às noſſas idéas!

Dentr. Viva Faetonte, viva Iſmene.

Sahe Chirinola.

Chirin. Senhora, que eſtá tudo alvoroçado com danças, córos, e bailes, applaudindo o novo eſpoſo de Iſmene, que dizem he hum filho do Sol, que eu por final vi junto com Iſmene, taõ reſplandecente, que era huma couſa nunca viſta. Ay Senhora, eſpere para o ver, que elle para cá vinha caminhando.

Eger. Por iſſo meſmo irey mais depreſſa: Oh cruel

cruel pezar, naõ ſejas uſurpador de minha vida, em quanto a fortuna me naõ facilita o meyo da vingança! *Vay-ſe.*

Thirin. Vamos, vamos Senhora, depreſſa. *Vay-ſe.*

Alban. Haverá homem mais infeliz? Para que injuſtas Deidades, vos empenhaſtes a fazerme ditoſo, ſe depois que me elevey ao auge de tanta ventura, me havieis de deſpenhar do bem, que cheguey a poſſuir? Mas tu, ò cruel Monarcha, ſe me uſurpaſte a ventura com a eſpoſa injuſtamente, eu juſtamente te arrancarey com o Sceptro a ambiçaõ; porque a juſtiça de Egeria me dará armas para triunfar da tua crueldade.

Sahe Iſmene.

Iſmen. Confuſa, e vacilante no proceloſo mar de tantas variedades até me falta norte para navegar, ſegura na perigoſa carreira de taõ inopinados ſucceſſos; mas quem eſtá aqui?

Alban. Quem ha de ſer? He huma ſombra de Albano, que ſe vê já privado de toda a luz, depois que perdeo o Sol de tua formoſura.

Iſmen. Pois ſe es ſombra, como naõ deſap-

pareces? Que com os reſplendores do Sol fogem as ſombras.

Alban. Já ſey, tyranna, que como Ave do Sol te queres eternizar nas luzes; mas naõ he razaõ, que religioſamente negues o teu coraçaõ a Cupido, para fazer delle ſacrificio a Apollo.

Iſmen. Que queres, Albano, que te reſponda, ſe hum pay, hum Monarcha, e huma Divindade ſaõ triplicados vinculos, que me prendem o alvedrio? Suppoem, que nunca me viſte; ſupoem-me a mais cruel, a mais tyranna féra das hircanas brenhas, para que troques em odio, o que foy amor.

Alban. Amor, que foy, ſempre he; pois naõ tem mais que hum tempo, e por iſſo ſe pinta menino.

Sahe Faetonte.

Faet. Galharda Iſmene, naõ póde chegar a mais o exceſſo, a que ſe ſublima a minha fortuna, do que a verme coroado com as verdes ramas da eſperança de poſſuirte.

Alban. Ha tormento mais cruel! Sem duvida, Faetonte, que ainda te naõ poſſo encarecer, o quanto te venera toda a Italia.

Faet.

Faet. Já ſey, Albano; porém adverte, Iſmene, que menos eſtimo naſcer filho do Sol, que renaſcer na esfera de teus braços.

Alban. Se nos meus dominios te poſſuira, verias arder toda a Liguria em mayores demonſtrações de prazer.

Faet. Eu o reconheço. Bem quizera, Iſmene, moſtrarte, que aquella ſetta, com que me atraveſſaſte o peito, te deu amor para ferirme, cuja cicatriz ſerá o mais vivo ſigillo, que eterno acredite a efficacia de meu querer.

Alban. Eu deſeſpero; porém, Faetonte, para reconheceres o meu affecto . . . . .

Faet. Deixa-me, Albano, que eſtás importuno.

Alban. Pois calate, Faetonte, que eſtás inſupportavel.

Faet. Se te peza de ouvirme, retira-te, e deixame ſignificar à minha bella Iſmene os extremos, com que a idollatro.

Alban. Nem poſſo deixarte, nem poſſo ouvirte; bem ſey, que hum ſupremo Numen te deſtinou eſta fortuna; mas naõ ignoras, que adorey a Iſmene com attenções de eſpoſo, e que o ciume he hum monſtro inſofrivel.

Faet. Pois, Albano, que remedio, ſenaõ ſacrificar a vontade ao imperio dos Deoſes? Bem ſey, que te ſobraõ motivos para a tua magoa; porém ſentirás agora o meſmo mal, que eu padeci.

Alban. O meſmo naõ; que ſe o padeceſte, foy em tempo, que naõ tinhas alcançado os favores de Iſmene; e mal póde ſer o ſentimento, que hoje me penaliza, igual à afflicçaõ, que te arraſtava antes de favorecido; que entaõ ſentias como zeloſo pertendente, e eu padeço hoje, como zeloſo deſeſperado.

Faet. Se deſeſperaſte, já te naõ fica mais, que eſperar.

Alban. Enganas-te, Faetonte, que ainda me fica a eſperança de ſaber o meu valor caſtigar a cauſa da minha deſeſperaçaõ.

Faet. Pois tu tens ouſadia, para te oppor a hum filho do Sol?

Alban. Ainda contra o meſmo Sol ſe ha de animar a minha arrogante temeridade; porque a cegueira, com que os zelos me alucinaõ, me naõ dá lugar para ver as impoſſibilidades, que emprendo.

Faet. Barbaro, verás no poder de meu braço o caſtigo, que merece a tua ouſadia arrogante. *Empunhaõ as eſpadas.*

Iſme-

Iſmen. Que intentas, Faetonte? Albano, que fazes?

Alban. Perder a vida; que ſe em te perder fico ſem alma, bem he, que quem tyrannamente me uſurpa a alma, ſeja violento verdugo, que me tire a vida.

Iſmen. Acudaõ todos, que ſe mataõ.

Dentr. No quarto da Princeza he a pendencia.

Sahem ElRey, e Soldados.

Rey. Albano, Faetonte, que atrevimento he eſte? Aſſim ſe ultraja o meu decoro? Suſpendey o furor da voſſa indignaçaõ.

Faet. Senhor, Albano me provocou de ſorte, que com precipitada arrogancia cheguey a profanar a immunidade de Palacio, ſem attender . . . . .

Rey. Pois tu, Albano, ſem attençaõ ao meu reſpeito, ſem temor das minhas iras, tiveſte ouſadia, para romper em taõ inopinado inſulto?

Alban. Huma paixaõ cega naõ póde attender a reſpeitos, quando ſó reſpeita o deſaffogo, que intenta conſeguir na vingança; e aſſim . . . . . .

Rey. Naõ pertendas córar com apparentes deſculpas o teu delicto, que nenhuma ſatisfaçaõ

tisfaçaõ póde condecorar a taõ grande culpa. Perdoe Albano, que primeiro eſtá a ancioſa ambiçaõ, com que intento divinizar a minha regia eſtirpe. *à part.*

Alban. Naõ imagines, tyranno Monarcha, que pertendo accumular deſculpas à temeridade, em que me empenhey; que o meu intento ſó ſe encaminha a ſignificarte a razaõ, que tenho, para caſtigar as ſem razões, com que me uſurpas a vida, na eſpoſa, que me negas.

Rey. Pois tu, Albano empenhas-te, contrariando irreligioſamente os divinos decretos?

Alban. Sim; que decretos injuſtos, nem ſaõ divinos, nem decretos; porque nenhum decreto ſem juſtiça póde violentar a liberdade dos alvedrios. E ſe eu adoro a Iſmene com taõ fino extremo, que ſendo em nós duas as vontades, he unico o querer, como me queres tu perſuadir, que os Deoſes pertendem conſtranger duas vontades, as quaes reciprocamente unio o amor?

Canta Albano o ſeguinte

RECITADO.

Se me negas o bem, que fino adoro,
Aonde recorrerey,
Senaõ ao forte valor, que ha em meu peito?
Se nelle mais perfeito
Tenho o rencor ſeguro, e o caſtigo:
Porque vingue dos zelos a violencia,
Que eſte falſo traidor, eſte inimigo
Origina em minha alma,
Levando-me com barbara indecencia
Em Iſmene Divina a cara vida?
Sinta pois, (ay de mim!) minha vingança,
Quem a vida me uſurpa em tal mudança.

ARIA A 4.

Alban. Os Deoſes naõ pódem
Dous finos affectos,
Que amor vinculou,
Já mais ſeparar.
Rey. Se os Deoſes o querem,
Quem o ha de eſtorvar?
Alban. Amor, que os unio,
Que os quer conſervar.

Faet. Amor he mudavel,
Tal naõ póde obrar.
Alban. Que dizes, Iſmene,
A tanto pezar?
Iſmen. A tantos decretos
Naõ poſſo faltar.
Alban. Se a vida me falta
Na tua mudança,
Que poſſo eſperar?
Alban. Se eſtou } padecendo
Todos. Sofrer }
Do fado a violencia
Dos zelos o mal.
Alban. Do injuſto decreto,
Rey. Da iniqua ſentença,
Iſmen. Da minha eſquivança,
Faet. Da tua mudança,
Todos. Aos Ceos pedirey,
Soccorro, clemencia
Em mal taõ fatal. *Vaõ-ſe.*

SCE-

SCENA II.

Salla. Sahe Chirinola.

Chirin. VAlhame amor, e a Deoſa da curioſidade, (ſe he que ha curioſidade nos Deoſes!) Que tenha eu paciencia, para ſupportar ha tanto tempo hum appetite diſto, a que chamaõ querer ſaber o que ſe paſſa, e que paſſe ſem fazer aquellas extraordinarias diligencias, que todas coſtumamos, para ſacar aſſim do bucho a Fiton eſte ſegredo, que tanto me occulta! Tomara já apanhallo, que o hey de fazer vomitar logo pá pé tudo quanto ſabe.

Sahe Chichisbeo.

Chich. He boa eſta! Eſtá Faetonte por amor de mim enthronizado, logrando de aſſento os agrados de Iſmene, e eu por amor delle eſtou de aza cahida nos favores de Chirinola! He deſgraça naõ poder voar a minha eſperança a eſfera de ſua aceitaçaõ!

Chirin. Elle cá vem: darey ſatisfaçaõ à minha curioſidade.

Chich.

Chich. Faetonte, como digo, eſtá aſſando caſtanhas no aſſador da correſpondencia; e eu eſtou ſoffrendo os eſtouros nas brazas dos deſprezos: eſtou ardendo!

Chirin. Senhor Fiton?

Chich. Senhora Chirinola!

Chirin. Voſſa merce deve andar muy occupado com a fadiga da ſua privança; pois já ha tanto tempo, que me privou da ſua viſta?

Chich. Grandes ſaõ os negocios, que eu, e ElRey temos por hora entre mãos; porém nunca eſtes ſeraõ baſtantes, para eu dar de maõ à lambuge dos teus favores; e para que vejas, que naõ he a privança, a que me faz eſquecer de ti, já naõ quero ſer privado delRey, mas ſó teu, minha Chirinola.

Chirin. Meu porque?

Chich. Porque na minha eſtimaçaõ es a mais celebre privada, para hum privado.

Chirin. Guarde-ſe para lá, que naõ crevo palavras liſongeiras: naõ venha zombar da gente.

Chich. Se eu amo de veras, como poſſo fallar zombando?

Chirin. Pois ſe ama de veras, digame por onde andou, que ha tanto tempo, que me naõ

naõ vê? He Chichisbeo, e falta às condiçõeſ da Chichisbetice?

Chich. Naõ foy por minha culpa.

Chirin. Pois de quem?

Chich. De ElRey, que andamos conſultando varios negocios pertencentes às razõeſ de eſtado.

Chirin. Eſtado de que?

Chich. Eſtado de Iſmene; naõ ſabes, que já ſe naõ deſpoſa com Albano?

Chirin. Pois com quem?

Chich. Com Faetonte; ſobre iſſo he que eu empenhey a efficacia da minha ſciencia; e ainda que me ſuou o topete, li no volume dos aſtros, que ella havia de ſer ſua; porque a extinçaõ da têa de Hymenêo naõ foy por lhe roerem os ratos a torcida, ou por lhe chuparem os morcegos o azeite.

Chirin. Pois que foy?

Chich. Foy huma muda inſinuaçaõ, com que a Delfico Planeta quiz moſtrar, que o Senhor Faetonte havia de ſer o legitimo marido da Senhora Iſmene, e a Senhora Iſmene a legitima mulher do Senhor Faetonte; mas com tal pacto, e condiçaõ, que Sua Mageſtade havia de dar o Reyno, para legitimar eſte matrimonio.

Chirin.

Chirin. Com que voſſa merce foy, o que decifrou eſſe enigma?

Chich. Eu fuy o legitimo decifrante, porque nas cifras deſſe ceruleo globo li as juſtas cauſas, que havia, para aſſim ſe diſpor; e tambem vejo as baſtardas deſculpas, com que tu engeitas o meu amor, e me tens feito andar com a cabeça à roda, conſiderando na cauſa dos teus repudios.

Chirin. Qual amor, nem que alforjes de lãa preta? Eu naõ quero nada com Magicos.

Sahe Mecenas ao baſtidor.

Mecen. Que naõ poſſa eu alcançar de Fiton alguma inſinuaçaõ, que facilitando os meus deſignios ſegure as eſperanças de poſſuir com Egeria o Sceptro, que pertendo! Mas elle aqui eſtá com Chirinola: eſperarey, que ſe vá. *Fica ao baſtidor.*

Chirin. Naõ quero nada com feiticeiros.

Sahe Iſmene ao baſtidor.

Iſmen. Aonde acharâ huma deſgraçada alivio às ſuas afflições? Mas aqui eſtá Chirinola com Fiton: eu me retiro. *Fica ao baſtidor.*

Chich. Chirinola, eu naõ ſou feiticeiro.

Chirin.

Chirin. Porque?
Chich. Porque naõ ſou Magico.
Chirin. Senaõ he Magico, como decifrou tanto enigma?
Chich. Ahi he que eſtá enigmatica a minha deſventura.
Chirin. Declare-ſe.
Chich. Naõ poſſo.
Chirin. Porque?
Chich. Porque he ſegredo, e temo . . . .
Chirin. Que teme?
Chich. Que dês com a lingua nos dentes, e me tirem as ganas de comer.
Chirin. Naõ me falle por entredentes, que eu naõ entendo equivocos.
Chich. Eu vomitolhe o ſegredo aos bocadinhos, que já naõ poſſo aturar a purga dos deſprezos. *à part.*
Chirin. Naõ quer abrir a boca para fallar? Pois feche os olhos, para nunca mais me ver.
Chich. Eſpera, Chirinola; naõ vires as coſtas à minha eſperança, deixa navegar a náo de meu carinho no mar da tua correſpondencia, que eu prometto deſcarregar na falúa de teus ouvidos a commiſſaõ deſte ſegredo, ainda que beba o ſalgado trago da morte.
Chirin. Pois dize meu rico Fiton, que eu te pro-

prometo dar hum bom refreſco, e ſegurar o teu amor com as amarras de meus braços.

Chich. Quem naõ dará à coſta no mar daquelles braços! A Deos ſegredo, boa viagem, que enjoado nas ondas dos favores vomito as tripas. Pois alto, Chichisbeo, deſembucha, e padeça quem padecer; que primeiro eſtá o ſalvamento do teu amor, do que o bom ſucceſſo de Faetonte: *In æquali periculo debet quis ſibi prius conſulere.*

Chirin. Que diz, Senhor Fiton?

Chich. Eu naõ ſou Fiton, Chirinola, ſou ſemicriado daquelle que ſe quer fazer ſemideos: Naõ ſou Magico, filha; porque nunca adivinhey mais, que os teus penſamentos.

Iſmen. Ay Albano, que naõ foraõ ſem cauſa as tuas deſconfianças!

Mecen. Póde haver mais eſtranho ſucceſſo!

Chirin. Para que diſſeſte, que era filho do Sol?

Chich. Para que ElRey me naõ tiraſſe a vida, que ateimou em dizer, que havia deſcobrir o filho do Sol.

Mecen. Naõ ouço mais; vou dar parte a ElRey, para que caſtigue eſte inſulto.

Chirin. Para que diſſeſte da extinçaõ da luz de Hymenêo?

Chich.

Chich. Porque Faetonte quiz, que atiçaſſe a ElRey, para ſenaõ apagar a luz da ſua eſperança; pois tambem queria accender no caſamento da Senhora Iſmene a ſua luz.

Chirin. Faetonte naõ ama a Egeria?

Chich. Foy antes de ver a Iſmene, que ao depois ficou Egeria a perder de viſta.

Chirin. E quem he eſte Faetonte?

Chich. He hum Paſtor aſſim chamado, filho de hum homem, que nunca ouvi nomear, e de huma mulher, que habita entre as féras de Diana.

Chirin. Vay-te embora, que es hum refinado Magico.

Chich. Ó' Filha, ſe me naõ crês, aqui com toda a ſolemnidade o jurarey.

Cantaõ Chichisbeo, e Chirinola a ſeguinte

ARIA A DUO.

Chich. Se cuidas, que poſſo
Da Magica uſar,
Te enganas menina,
Que eu diſſo naõ ſey.

Chirin. Naõ creyo eſſe engano.

Chich. Bem me pódes crer.

Chirin.

Chirin. Sabendo outra couſa,
Iſſo naõ farey.
Chich. Eu fallo verdade.
Chirin. Naõ falla, inſolente,
Voſſe mente.
Chich. Naõ minto, naõ, naõ.
Chirin. Pois jure.
Chich. Eu juro,
Ambos. E trejuro
Que leve o diabo,
Quem Magico he.
Chirin. Se juras, já ſey . . . .
Chich. Pois crê, que jurey
Ambos. Naõ ſer feiticeiro,
Quem naõ adivinha,
Bem claro ſe vê. *Vay-ſe Chichisbeo*

Sahe Iſmene.

Iſmen. Eſpera, Chirinola, que tu has de ſer o ditoſo inſtrumento das minhas felicidades.
Chirin. Eu, Senhora? De que ſorte?

Sahe Albano ao baſtidor.

Alban. Aonde achará hum infeliz refrigerio, para lenitivo do mal; que o penaliza, ſe

para qualquer parte, que caminha, corre para o maltratar, com accelerados paſſos, a ſua deſgraça? Mas aqui eſtá Iſmene! Ah ingrata! Retirome, que naõ quero ver taõ cara a cara a cauſa das minhas afflicções.

Iſmen. Naõ negues; já ſey, que naõ he Fiton, he Chichisbeo.

Chirin. Meus peccados! Lá vay o ſegredo cos diabos! Pois Voſſa Alteza meſmo ouvio tudo da meſma ſorte? Ay deſgraçada de mim!

Iſmen. Tudo ouvi.

Chirin. Ora digame, Senhora: e que Faetonte naõ era filho do Sol?

Alban. Que ouço! Alma reſpira, que já naõ he difficultoſa a tua felicidade.

Iſmen. Tambem ouvi iſſo, naõ ha duvida.

Chirin. Senhora, veja por ſua vida, ſe ouvio, que eu naõ quero ficar em má conta com Chichisbeo?

Iſmen. Dize, que eu te empenho a minha Real palavra, para apadrinhar a Chichiſbeo.

Chirin. Aſſim fov, Senhora, mas veja naõ me engane, que ſe o naõ ouvio, eu naõ quero faltar ao ſegredo; porque ainda que rapariga, naõ ſou cá de mexericos, iſſo naõ.

Iſmen. Deſcanſa: Tu has de dar a ElRey eſta noticia, e a Albano, para que com taõ feliz annuncio alente a ſua amoroſa pertençaõ.

Sahe Albano.

Alban. Albano, Senhora, já a teus pés com reverente acatamento quer gratificar a felicidade de ſe ver favorecido na tua lembrança.

Iſmen. Vay, Chirinola, noticiar a ElRey eſte deſengano.

Chirin. Uy Senhora, Voſſa Alteza naõ ſabe, que Chichisbeo me recomendou tanto o ſegredo? E entaõ que conta poſſo eu dar de mim, ſe o ſouber ElRey, e todo o Mundo? Oh curioſidade, em que afflições me meteſte! *Vay-ſe.*

Iſmen. Vay, e naõ te dilates: Ay Albano, e que pouco conheces o jubilo, que em meu peito amante cauſou eſte feliz deſengano!

Alban. Eu o reconheço; pois ſempre na balança de minha eſtimaçaõ ſoube contrapezar os requintes, a que ſe ſublimaraõ os quilates de teu fino amor; por iſſo ſenti com taõ vehemente deſgoſto o duro golpe, que com injuſta violencia quiz cortar

tar o eſtreito vinculo, com que Cupido nos unio os corações; mas agora, que me conſidero outra vez unido ao bem, de quem me ſuppunha ſeparado, com continuos agradecimentos correſponderey a taõ ſucceſſivos favores.

Iſmen. Na minha firmeza acharás eterna a lealdade, com que conſtante te adorey.

Alban. Nella eterniza amor a gloria de ſuas felicidades.

Canta Albano a ſeguinte

ARIA.

Iſmene querida,
Meu bello portento,
Naõ mudes de intento;
Pois magoa ſeria,
Que chegue a morrer,
Quem morre de amor.
Na tua lembrança
Só viva a memoria
Da celebre gloria,
Que cauſa hum favor. *Vay-ſe.*

Iſmen. Que he iſto, que por mim paſſa? Albano por hum caſual acidente ficou ſen-

tindo o duro golpe de minha apparente mudança ; Faetonte com cauteloſos enganos pertendia ſeparar os eſtreitos vinculos, com que amor nos enlaçou os affectos, ao meſmo tempo, que com reciprocas finezas ſe correſponde com Egeria ! Oh queira amor naõ ſejaõ mayores os fingimentos de Faetonte, para eu naõ ter mais impoſſibilidades, que vencer no Hymenêo de Albano !

Sahe Faetonte.

Faet. Que tens, adorada Iſmene ? Se Albano te occaſionou algum motivo de ſentimento, fazeme participante da queixa, que logo com a ſua morte verás ſatisfeita a tua pena.

Iſmen. As minhas penas, Faetonte, naſcem das penas que me dás ; naõ voes taõ alto, que logo a minha deſgraça abaterá as azas, com que ligeira corre, para difficultar as minhas felicidades.

Faet. Naõ te entendo, Iſmene.

Iſmen. Pois bem me entendo, Faetonte ; e torno-te a advertir, que o muito voar naõ he meyo efficaz para ſobir ; mas motivo infallivel, para hum ambicioſo ſe abater. *Vay-ſe.*

Faet.

Faet. Ay de mim, que as palavras de Iſmene infundiraõ em meu timido coraçaõ, naõ ſey que occulto veneno, que me parece naõ cabe já dentro em meu peito, e quer de mim ſahir, por naõ ſe achar bem comigo! Mas eu em Iſmene apurarey as confuſões deſte enigma; eſpera, Iſmene.

Sahe Egeria.

Eger. Que ha de eſperar, falſo, traidor amante? Que eſquecido ao juramento, que fizeſte, de defender a minha cauſa, ſem cauſa, nem motivo, que poſſa condecorar a tua infelicidade, buſcas a Iſmene, para me offender ingrato.

Faet. Deixa-me, Egeria; ſe a deſgraça cuidadoſa te ſegue, para que me perſegues tu taõ diligente, ſenaõ motivo ás tuas infelicidades?

Eger. Já te deixo, infame; já fujo da tua viſta, fementido; porque naõ quero ver nas fortunas de Iſmene a occaſiaõ da minha morte: e aſſim como Ninfa do Eridano vou já inundar a copia de ſuas criſtalinas aguas, com as correntes de minhas enternecidas lagrimas, até que o Ceo, compadecido da minha deſventura, e juſticeiro

ticeiro à tua infidelidade, vingue com teu precipicio a minha queixa. *Vay-ſe.*

Faet. Valha-me o Ceo! Iſto he ſonho, ou realidade! Iſmene advertindome, que a ambiçaõ de ſobir he tropeço para me deſpenhar; e Egeria culpando-me de perjuro, pedindo ao Ceo juſtiça! Juſtos Deoſes, que vaticinios ſaõ eſtes, que amedrentaõ eſte timido coraçaõ! He verdade que eu prometti a Egeria defender a ſua cauſa, para cingir a Coroa; mas foy ſem ſaber, que havia de compriar a Purpura à cuſta do ſangue de Iſmene: pois mal poderia tirar à vida ao original, quem primeiro entregou à copia toda a alma. Ay Iſmene, que tu es a motora das minhas deſventuras! Porque ſe ſigo a cauſa de Egeria, preciſome a tirarte a vida, e na preciſaõ da tua vida fico ſem alma: Se deixo a Egeria, para te ſeguir, tenho contra mim a perſeguiçaõ dos Deoſes; pois incorro na culpa de perjuro; mas ay de mim, que ahi vem Iſmene com ElRey! Retirome, por naõ ver a huma ingrata.

Retira-ſe ao baſtidor.

Sahem ElRey, Iſmene, Albano, Mecenas, e Chirinola.

Rey. Pois Faetonte he hum pobre Paſtor, e naõ filho do Sol?

Faet. Ay de mim! Que ouço? Eſtou ſem alma!

Alban. Aſſim o confeſſa Chichisbeo, compadecido do noſſo engano.

Faet. Ah infiel Fiton, que tu me precipitaſte!

Mecen. e *Iſmen.* Eu o ouvi dizer a Chirinola.

Chirin. Agora entro eu: queira Jupiter, que eu o diga deſorte, que ſempre fique em ſegredo, por naõ faltar a Chichisbeo.

Rey. Chirinola, deſengana-nos: Quem te diſſe, que Chichisbeo era Faetonte?

Chirin. Senhor, eu ſó o poſſo dizer em ſegredo: Se Voſſa Mageſtade promette naõ revelar nada, eu entaõ direy, que he hum Paſtor, e por final, que ſua mãy, he outra Paſtora, que guarda as féras de huma Dona Diana, que he Senhora dos boſques.

Rey. Oh como andey accelerado em admittir a Faetonte por filho do Sol, e em crer as fingidas inſinuações do Magico! Perdoa, Albano, a injuſta repugnancia do teu Hymenêo; mas como ſabes, que a extin-

extinçaõ da luz me deu apparentes motivos, para ſuppor era inſinuaçaõ dos Deoſes a demora das nupcias, entendo, que me ſobraõ fundamentos para a minha deſculpa; e para que a alegria da poſſe ſuavize o deſgoſto da deſeſperaçaõ, já Iſmene ſerá tua feliz eſpoſa a pezar dos fingimentos do enganoſo Fiton, e falſo Faetonte.

Faet. Ay de mim infeliz! Eſte ſim, que he o meu mayor precipicio!

Alban. Senhor mal póde ſer culpa, o que naõ foy advertencia, pois padecemos todos o meſmo engano.

Chirin. Voſſa Mageſtade naõ diga nada a ninguem; peçolhe pela vida da Senhora Iſmene; e para que o naõ diga, ha de me prometter huma couſa.

Rey. Que he?

Chirin. Que naõ ha de fazer mal a Chichisbeo, porque elle naõ teve culpa neſtas arengas, como ſabe ſua Alteza.

Rey. Naõ merece perdaõ taõ grande culpa; ambos padeceráõ o rigor de minhas iras.

Chirin. Senhora, lá ſe avenha, ha me de fazer boa a palavra, que me deu.

Iſmen. Senhor, eu prometti a Chirinola a vida de Chichisbeo, ſe ella confeſſaſſe; e aſſim . . . .

Rey.

Rey. Baſta, Princeza; eu lhe perdo-o, pois tu o apadrinhas.

Alban. Pois Senhor, ſe eu qual Arabica Fenix das cinzas do eſquecimento renaſço para ter nova vida na eſfera de tua lembrança; peçote, que naõ caſtigues a Faetonte; porque quero antes, que morra aos golpes de huma furioſa deſeſperaçaõ, do que vello perder a vida aos fios de hum cutello; e aſſim . . . . .

Rey. Bem eſtá: fique muito embora padecendo as violencias de huma morte ſucceſſiva nas mãos da deſeſperaçaõ; porque a loucura, que o incitou a taõ inopinado inſulto, fica incapaz de todo o mais caſtigo: vamos, Albano.

Alban. Obediente te ſigo. . .

Vaõ-ſe todos com ElRey. . . .

Chirin. Ainda que naõ guardey o ſegredo, tenho ſegura a vida de Chichisbeo, que hè o que mais importa.

Faet. Immortal devo ſer, pois naõ perco a vida, no dia, em que perco a Iſmene! Iſmene, eſpera.

Iſmen. Que queres, Faetonte?

Faet. Que te lembres de minha amoroſa conſtancia, para que aſſim mitigue com a conſideraçaõ de lembrado o duro golpe

de

de desfavorecido ; porque hum amor ...

Iſmen. Que dizes , Faetonte ? Ainda a tua louca temeridade preſiſte no meſmo delirio ? Adverte , que ſe permitti eſſas affectuoſas expreſſões , quando te conſiderey filho do Sol , agora que conheço ſeres hum humilde Paſtor , te naõ poſſo conceder o meſmo indulto ; vay-te , que em Egeria acharás propicia a fortuna , para veres premiado o teu amor. *Faz que ſe vay.*

Faet. Senhora . . . .

Iſmen. Naõ mais , Faetonte.

Faet. Adverte . . . .

Iſmen. Naõ ha , que advertir.

Faet. Que eu ſempre . . . .

Iſmen. Naõ quero ouvirte.

Faet. Rendido . . . . .

Iſmen. Naõ paſſes adiante.

Faet. Te dediquey o meu amor.

Iſmen. Deixa-me , Faetonte.

Faet. Como te poſſo deixar , ſe ſempre deſvelada te buſca a minha fé ?

Iſmen. Chirinola , chama quem prenda eſte louco.

Chirin. Eu vou , Senhora. *Vay-ſe.*

Faet. Louco ſim ; mas he porque delirante o meu cuidado enferma de adorarte ; e que pouco correſpondes , Iſmene , aos delirios

lirios deſte fino amor!

Iſmen. Vay-te, Faetonte; naõ queiras, que a minha indignaçaõ te precipite.

Faet. Que mais precipicio, que o da minha eſperança, cahindo do ceo deſſa belleza, para o abyſmo da minha deſeſperaçaõ? Ay Iſmene, que me tyrannizas a alma! E para que vejas, que deſeſtimo a vida, vou buſcar a minha morte; que ſe morro por ti, quando te adoro; quando te perco, bem he, que perca a vida. *Vay-ſe.*

Iſmen. (Fortuna, pois eſtamos ſós, reſponde às queixas de huma infeliz. (Se he que a huma infeliz ouvio as ſuas queixas a fortuna.) Se querias, que admittiſſe a Faetonte, porque naõ anticipaſte a occaſiaõ de vello, para lhe dar a primazia na correſpondencia! Pois ſe ſó Albano logra as primicias de meu amor, para que me perſegues com as oppoſições de Faetonte! Oh, ſuſpende a roda de tuas inconſtancias, para que eu ſegure as firmezas de minhas felicidades!

Can-

Canta Iſmene a ſeguinte

ARIA.

Fortuna, que inconſtante
Te oſtentas rigoroſa,
Quando ſerey ditoſa?
Quando ſerey feliz?
Suſpende por hum pouco
Teu moto accelerado,
Naõ ſeja ſempre o fado
Cruel a huma infeliz. *Vay-ſe.*

SCENA III.

Boſque, como ao principio. Sahem Faetonte, e Fiton.

Dentr. GUardem do louco, guardem do loueo.

Faet. Vês, infiel Fiton, que já eſtou feito alvo da irriſaõ popular?

Fiton. E qual he a cauſa, que move tal ludibrio?

Faet. A tua infidelidade; pois diſſeſte naõ era eu filho do Sol; e ſe pela tua aleivoſia chego a tal opprobrio, com a tua morte darey

darey ſatisfaçaõ às minhas iras.

Puxa por hum punhal.

Fiton. Faetonte, naõ te precipites, que eſtás enganado: (primeiro eſtá, que tudo, a minha vida) como podia eu negar, o que já tantas vezes confeſſey? Tu es o verdadeiro filho do Sol; e para que te deſenganes, chama a Apollo teu pay, que elle reſponderá benigno às tuas vozes.

Faet. Inuteis conſidero todas as porfias; que as vozes de hum infeliz, nem ainda o vento as ouve; mas ſe a diligencia he progenitora da fortuna, naõ quero malograr as fortunas por omiſſaõ da diligencia.

Canta Faetonte o ſeguinte

RECITADO.

O' tu luzida antorcha,
Que neſſa etherea Salla predominas
A brilhante caterva
De todos os Planetas,
Ouve os eccos, as vozes, os clamores
De hum miſero infeliz, a quem a ſorte
Dá na vida o rigor da meſma ſorte.

Salla Imperial do Sol, em que apparecerá Apollo, que deſcerá em huma nuvem, a qual terá na parte eſquerda outro aſſento para Faetonte, e cantaõ ambos alternativamente o ſeguinte

RECITADO.

Apol. Quem he, que ternamente
Remette ao Deos Apollo a ſua queixa?
Faet. Faetonte te buſca, ò Deos luzente,
Para que a tua piedade
Lhe dê honra, nobreza, e Mageſtade:
Hum humilde Paſtor todos me chamaõ,
E aſſim ſaber pertendo,
Qual he minha nobreza; pois preſumo,
Que a ſer filho do Sol, naõ permittira
Ver com tanta ignominia ultrajado
O regio eſplendor, que tenho herdado.
Apol. Suſpende, Faetonte, eſſa chyméra
Da tua fantazia;
Do Sol herdas os rayos, com que brilhas:
E ſe queres deſterrar eſſe temor,
Pelo Lago Averno aqui te juro
De te facilitar todo o ſeguro.
Faet. Se me dás faculdade,
Apol. Para tudo ta dou.
Faet. O que te peço

Me

Me leves ao Celeſte Firmamento,
E do carro flammante,
Em que gyras o Orbe,
Me entregues o dominio.

Apol. Impoſſivel
Será de conſeguir.

Faet. Porque?

Apol. Porque temo o teu perigo.

Faet. Naõ temas, naõ recees.

Apol. Conſidera.

Faet. Nada conſidero.

Apol. Adverte, Faetonte.

Faet. Naõ ha, que advertir;
Deſſe carro flammante
Hey de governar hoje a luz brilhante,
Para que toda a esfera Orbicular
Conheça a fidalguia,
Que me alenta, ennobrece, e ſabe honrar.

Apol. Nada valem comtigo os meus temores!

Faet. Inuteis ſaõ, e ſem fruto eſſa porfia,
Que quem do Sol herdou os reſplendores
As luzes do meſmo Sol ſabe ſeguir,
Qual Aguia Imperatriz, que eſſa luz pura
Segue ſem temor, o buſca com ventura,
E ſe nas mãos do deſprezo hey de acabar,
Melhor ſerá, que morra
Honrado, e ennobrecido,
Como filho do Sol reconhecido.

Apol.

Apol. Vença, pois, hoje a induſtria
A violencia dos fados,
Que inſtruido primeiro
Gyrará com ventura
Eſſe globo Celeſte.
Faet. Que reſpondes, Apollo!
Apol. Sóbe comigo, e vem ao Firmamento
Deſſa Celeſte esfera,
Aonde cumprirás o teu intento.
Faet. Já goſtoſo te ſigo,
Pois já nobreza tenho.
Apol. Nobreza terás.
Amb. E indo Comigo. Comigo.
Com pompa luzida
Se ha hoje de ver
No claro farol
A gloria ſubida,
Com que reſplandece
O filho do Sol.

Sóbe Faetonte elevado de huma columna até ſe ſentar na nuvem. Vaõ-ſe, e deſapparece a Salla, ficando em boſque como ao principio.

Fiton. Oh queira Jupiter ache Faetonte a fortuna proſpera, para ſuperar o rigor dos fados; mas como temo, que a remontada eminencia, a que a ſua ambicioſa cegueira

gueira o eleva, ſeja a meſma, que o leve cauteloſa para o mais eminente deſpenho! Mas aqui vem Chichisbeo: retiro-me, para obſervar os ſeus movimentos.

Sahe Chichisbeo.

Chich. Dou eu a Deos a quem tem entendimento, que de hum deſtes logo ſe fia fazer tudo com muito ſizo, como fez o meu amigo Faetonte, que para moſtrar, que naõ era de todo tollo, poz o corpo em arrecadaçaõ, e deixou a minha vida por hum fio.

Fiton. Naõ foras tu neſcio. *à part.*

Chich. Foy o caſo: Vio Faetonte o caldo entornado, e que fez? Deu às palanganas, deixando o perrexil de Chichisbeo para pratinho do deſenfado das iras delRey, que a eſtas horas ſupponho, que ſe come de raiva, por engolir a lograçaõ da minha Magica: e tem muita razaõ, que naõ he eſte bocado taõ ſaboroſo, que ſe poſſa tragar.

Fiton. Por tua culpa ſe vê Faetonte propinquo ao mayor precipicio. *à part.*

Chich. Ainda aſſim, era bem feito, que ElRey me pozeſſe as mãos, e a boa vonta-

de, que eu tive a culpa de todos eſtes enredos; que ſe me naõ metera a deſcobrir o filho do Sol, naõ veria agora poſta ao Sol a minha mentira.

Sahe Chirinola.

Chirin. Por mais, que corra, e que diſcorra, naõ poſſo encontrar a Chichisbeo, para lhe intimar a ſua ventura, na fortuna, que teve na benignidade delRey; mas ay, que elle aqui eſtá! Deſcanſa coraçaõ: Chichisbeo?

Chich. Ainda me tu appareces, falſa Chirinola? Dize-me, embuſteira, tanto pejo te fez hum ſegredo, que no meſmo inſtante, em que o concebeſte, o vomitaſte nas bochechas delRey?

Fiton. Em boa ſecretaria o meteo, para ſe naõ revelar.

Chirin. E que havia eu de fazer, ſe Iſmene tudo ouvio?

Chich. Negar a troxe moxe.

Chirin. E que fazia com iſſo?

Chich. Pôr o caſo em duvida, porque o caſo negado nunca he bem provado; e em quanto ſe averiguava a verdade, tinha eu tempo de pôr o vulto na guardaroupa

da

dá ſegurança, e por tua culpa eſtou agora em termos de o veres pendurado no cabide da forca.

Chirin. Naõ temas tal, que Iſmene pedio a tua vida a ElRey.

Chich. Viſto iſſo naõ morro deſta tratada!

Chirin. Trata tu de te livrar de outra, que deſta eſtá livre a tua vida.

Chich. Vivas muitos annos: ſempre agradecido ao livramento da ſoltura, que me naõ podiaõ fazer bom cabello as ligaduras da morte.

Fiton. Vaſo máo nunca quebra.

Chich. Ora dizeme; Chirinola, que ſe diz em Palacio de Faetonte? Iſmene ſentio naõ ſer filho do Sol?

Chirin. Iſmene de nenhuma ſorte; antes parece, que o eſtimou.

Chich. E Egeria, que diz à tyrannia, com que a deſprezou?

Chirin. De Egeria naõ ſey nada; ſó ſey, que impaciente ſe auſentou para as aguas do Eridano, aonde habita como Ninfa.

Chich. Hiria tomar banhos de paciencia, para refrigerio do calor da deſeſperaçaõ, em que a pozeraõ as chammas dos zelos; mas tem tu maõ, que ſe me naõ engana a viſta, ella anda paſſeando a pé enxuto

as aguas de Eridano: cheguemos nós para lá pé ante pé, para peſcarmos alguma couſa do que ella diz.

Deſcobre-ſe a marinha, e apparece Egeria no carro como ao principio, e canta a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

O' Deoſes ſoberanos, ſe ſois juſtos,
Como aſſim permittis injuſtamente,
Que hum traidor, fementido,
Falſo, e perjuro amante
Hum affecto conſtante
Deſpreze, ſem temor de voſſas iras?
Deixando-me ultrajada,
Afflicta, e impaciente,
Dos zelos padecendo o activo ardor
Sem alivio, ſem remedio a tanta dor?

ARIA.

Nas chammas dos zelos
Minha alma abrazada,
Com furia ardente,
Impaciente,
Delirante,

De

De hum falſo amante
Aos Deoſes ſupremos
Se chega a queixar.
Com juſta violencia
Vingança, caſtigo,
Contra eſte inimigo
Os Ceos me haõ de dar.

Chich. Chega-te para ella, e apáralhe os ſopapos: aquillo he deſeſperaçaõ refinada.

Apparece Faetonte na alto em hum reſplandecente carro.

Eger. Para quando, ò Deoſes ſoberanos, guardais a voſſa indignaçaõ, ſe a hum falſo amante, que tanto burlou as minhas eſperanças, deixais iſento de caſtigos? Jupiter ſupremo, para quando ſaõ os rayos, ſenaõ abrazais hum peito fementido, que taõ tibio correſpondeo aos incendios de hum fino amor? Oh venhaõ as voſſas vinganças, para que o Mundo, conhecendo o caſtigo, reconheça a equidade da voſſa juſtiça.

Faet. Agora que em luminoſo carro (como ſubſtituto de meu pay Apollo) alento os Planetas com rayos, e revolvo a Celeſtial eſfera

esfera com gyros, quero gyrar a esfera Terreſte, encaminhando o meu brilhante curſo às caudaloſas correntes do *Eridano*, para que Iſmene ſe affombre em hum epilogo de luzes, já que me ſubmergio em hum pelago de deſprezos. Verá Tages, e verá toda a Italia enthronizado em ſolio de reſplendores o meſmo, a quem confundio com abyſmos de humildades.

Fiton. Já Faetonte ſe vê no radiante carro do Sol: queira Jupiter, que as minhas ſciencias ſejaõ fabuloſas.

Faet. Já diviſo a Regiaõ de Italia; já diviſo as criſtalinas enchentes do undoſo Eridano; pois que faço, que naõ encaminho os meus gyros aos ſeus criſtaes, para retratar nelles a grandioſa pompa de meus luzimentos? Mas ay de mim, que os brutos enfurecidos correm ſem governo! Mas que muito ſe diſcorrem guiados da minha infelicidade! *Ruido dentro.*

Dentr. Deoſes, piedade! Jupiter, ſoccorro!

Outros. Que me queimo! Que me abraſo!

Outros. Clemencia, Deoſes! Favor, Jupiter!

Sahirãõ todos.

Fiton. Ay infeliz Faetonte, que naõ foraõ ſem fun-

fundamento as minhas cautelas!

Faet. Inuteis ſaõ todas as porfias: ay Egeria, que os Deoſes conjurados contra mim, querem que pague com meu precipicio a culpa, que commetti, faltando ao juramento, que te dey!

Paſſa hum rayo, atraveſſando o carro, e cahe Faetonte nos braços de Egeria.

Eger. Ay de mim infeliz! Mas que vejo! Naõ es tu o fementido Faetonte, a quem os Deoſes, compadecidos da minha injuria, precipitaõ juſticeiros para caſtigo da tua infidelidade? Olhay, ſe as aguas do Eridano naõ foraõ as que te erigiraõ decente tumulo, para ſepultar a tua ingratidaõ; as correntes de meu pranto ſejaõ as que purifiquem as manchas de tua inconſtancia, para que ſe patenteem os realces da tua firmeza; Mas ay! Ay que já entregou nas mãos da morte os ultimos eſpiritos, para deixar de todo ſem alentos a minha eſperança!

Todos. Horroroſo caſtigo!

Rey. Qual ſerá a cauſa de tanta conſternaçaõ?

Fiton. He tempo de romper as priſões ao ſilencio,

lencio, que perdido Faetonte já naõ ha mais que perder. *à part.* *Sahe.*
Eu ſou, invicto Tages, o infeliz Fiton, que ſeguindo a Faetonte vivi disfarçado no teu Reyno com o nome de Chichisbeo.

Chich. O meu nome feito capa de velhacos! Senaõ fora ElRey . . . .

Fiton. Porque a minha ſolicita diligencia quiz triunfar da tua porfiada vigilancia; pois a ſaber Faetonte quem era, eſta meſma ſciencia lhe havia de ſervir de mayor ruina por cauſa de huma formoſura. E como agora ſe faz preciſa a narraçaõ deſte taõ inopinado caſo, naõ poſſo occultarte quem ſou, nem deixar de manifeſtarte o infortunio de Faetonte.

Chich. Ouçamos, que iſto ha de ſer galante.

Fiton. Sabe, que eſte me quiz tirar a vida (reſentido das ignominias com que ſe vio ultrajado de ti, e de todos de teu Reyno) ſe lhe naõ certificaſſe o illuſtre brazaõ de ſua ſoberana origem: e como elle he o verdadeiro filho do Sol, e como tal ſempre das minhas ſciencias reſpeitado, intentey, para deſviar o golpe, que à minha vida ameaçava a ultima ruina, expor a ſua ao rigor dos fados.

Chich. E fez muito bem, que primeiro eſtaõ dentes,

dentes, que parentes: *Charitas bene ordinata incipit aſe ipſo.*

Fiton. E aſſim lhe inſinuey o modo, com que havia de invocar a Apollo ſeu pay: eſte deſceo a recebello com pompa mageſtoſa, e com a meſma mageſtade o conduzio à Celeſte esfera, para governar o carro do Sol, do qual cahio deſpenhado para os braços de Egeria.

Chich. O certo he, que zombando ſe dizem as verdades.

Rey. Naõ foraõ illuſões, mas verdades, as que ſonhey.

Fiton. Eſta, Senhor, foy a cauſa, que me incitou a viver disfarçado no teu Reyno; eſte o infortunio do infeliz Faetonte, que de nenhuma ſorte puderaõ as minhas ſciencias evitar: antes me parece, que todos os principios, que intentey para reparo do precipicio, foraõ meyos infalliveis com que lhe accelerey o deſpenho.

Chich. Iſſo foy o meſmo, que errar os principios de meyo, a meyo por todos os principios.

Todos. Eſtranho caſo!

Chich. He caſo, que em nenhum caſo ſe póde caſar com outros caſos.

Rey. Temo, Fiton, que Apollo reſentido do injuſto

injuſto deſprezo, com que ultrajey a Faetonte, com injuſta indignaçaõ empregue em mim o poder de ſuas iras.

Fiton. Apollo, Senhor, bem conhece, que ignoravas quem era Faetonte; e como o caſtigo preſuppoem advertencia de culpa, naõ havendo em ti advertencia de culpa, deſculpa tens para te iſentares do caſtigo.

De repente deſce Apollo em huma nuvem.

RECITADO.

Sabey, que Apollo ſou o Deos flammante,
Que na eſfera brilhante
Deſſe Celeſte globo,
Com luzida influencia
A todos os Planetas illumino.
A Faetonte dou por filho caro
De ſemideos a gloria ſempre excelſa,
Nova vida cobrando,
Para que reſuſcite
Novo amante de Egeria.
Iſmene ſerá de Albano eſpoſa:
E em doce Hymenêo todos unidos,
Iſmene na Liguria com Albano,
Faetonte na Italia, e Eridano,
Reynaráõ; porque fique deſta ſorte

Ege-

Egeria ſatisfeita;
Pois com pompa luzida
No ſeu Reyno ſe vê reſtituida.

Todos. Prodigioſo ſucceſſo!

Sahem Faetonte, e Egeria do mar.

Chich. E mais prodigioſo para Faetonte, pois para cá vem com bom ſucceſſo.

Rey. Naõ poſſo contrariar preceitos taõ juſtos, mayormente quando reconheço a juſtiça de Egeria na ſucceſſaõ deſta Monarchia.

Chich. Iſſo he fazer da neceſſidade virtude.

Faet. Feliz mil vezes, quem reſuſcitando vive para conſagrar nas aras de tua belleza huma nova vida, e taõ nova, que ſe aquella por naõ viver comtigo me conduzio às mãos da morte; eſta me encaminha para a vida, pois vivo já de morrer por ti.

Eger. Da morte dos deſprezos paſſou o meu amor para a vida dos favores.

Chich. Iſſo he paſſar da morte para a vida, como quem paſſa da vida para a morte.

Iſmen. Albano, ſe como Princeza fuy alvo de teus favores; agora naõ permittas, que eu ſeja objecto dos teus deſprezos.

Alban.

Alban. Enganas-te, Iſmene; naõ ha mayor imperio, que o da tua belleza, da qual ſempre vaſſallo ſe confeſſa o meu amor.

Chich. Chirinola, já vês, que enforquey os livros da Magica: acorda-te de mim.

Chirin. Eu ſempre ſonhey em te querer: Tua ſou.

Chich. Pois entaõ que fazes? Dá cá eſſa maõ de papel, que quero imprimir nella as cifras da minha affeiçaõ.

Mecen. Perdida Egeria, com o amor voou a eſperança de reynar.

Chich. Senhor Mecenas, contente-ſe voſſa merce neſtes caſamentos com o ſeu nome, que melhor ſe ha de caſar com o officio de padrinho.

Rey. Eſclarecido Faetonte, relevame os deſprezos paſſados; pois bem ſabes foraõ dominados de huma indiſcreta ignorancia.

Faet. Antes os devo eſtimar, por ſerem venturoſos motores de minhas felicidades: e já que do abyſmo da humildade, em que me conſiderey abatido, me acho agora enthronizado na gloria de filho de Apollo; repita o Coro com meliſluas conſonancias, publicando a mageſtade ſuprema, a que me elevou a foruna nos reſpeitos, que conſigo como filho do Sol.

CO-

CORO.

Na têa luzente
Do ſacro Hymenêo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sol.

FIM DO SEGUNDO TOMO.

PROTESTAÇÃO DO COLLECTOR.

AS palavras *Deoſes*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, *e Soberania*, ſe devem ſómente entender no ſentido Poetico, e naõ de nenhuma outra maneira; porque ſómente ſe uſa dellas neſtas Obras, como neceſſarias para adorno da compoſiçaõ Dragmatica, e expreſſaõ dos Epiſodios Comicos, e naõ com intençaõ de offender em couſa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem, como obediente filho, me ſugeito em tudo, o que ella determina.

IN-

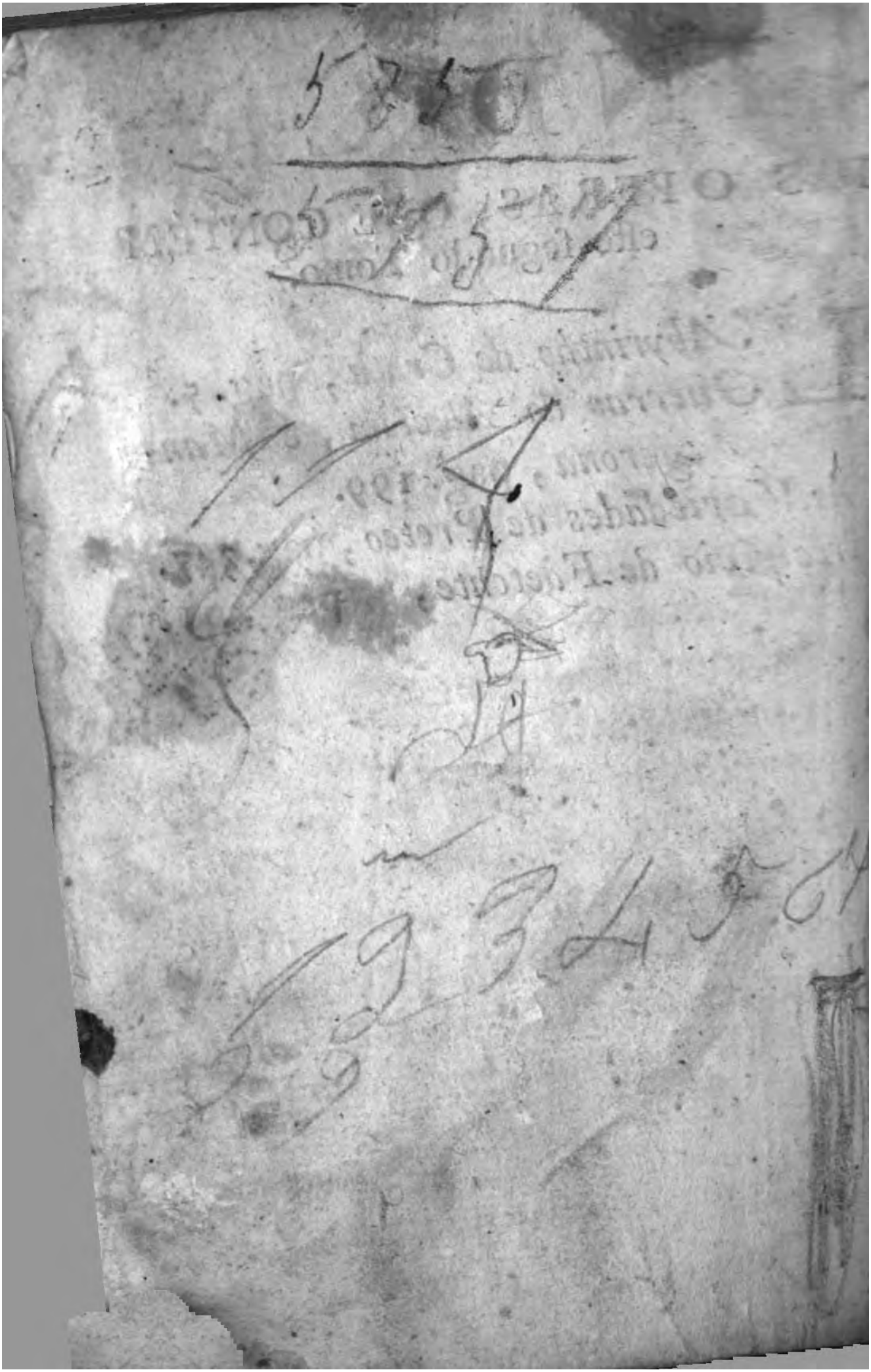
INDICE

DAS OPERAS, QUE CONTÉM este ſegundo Tomo.

Labyrintho de Creta, pag. 5.
Guerras do Alecrim, e Mangerona, pag. 199.
As Variedades de Proteo, pag. 347.
Precipicio de Faetonte, pag. 461.

Y ** Z

Z 0



Vet Port II. A. 22